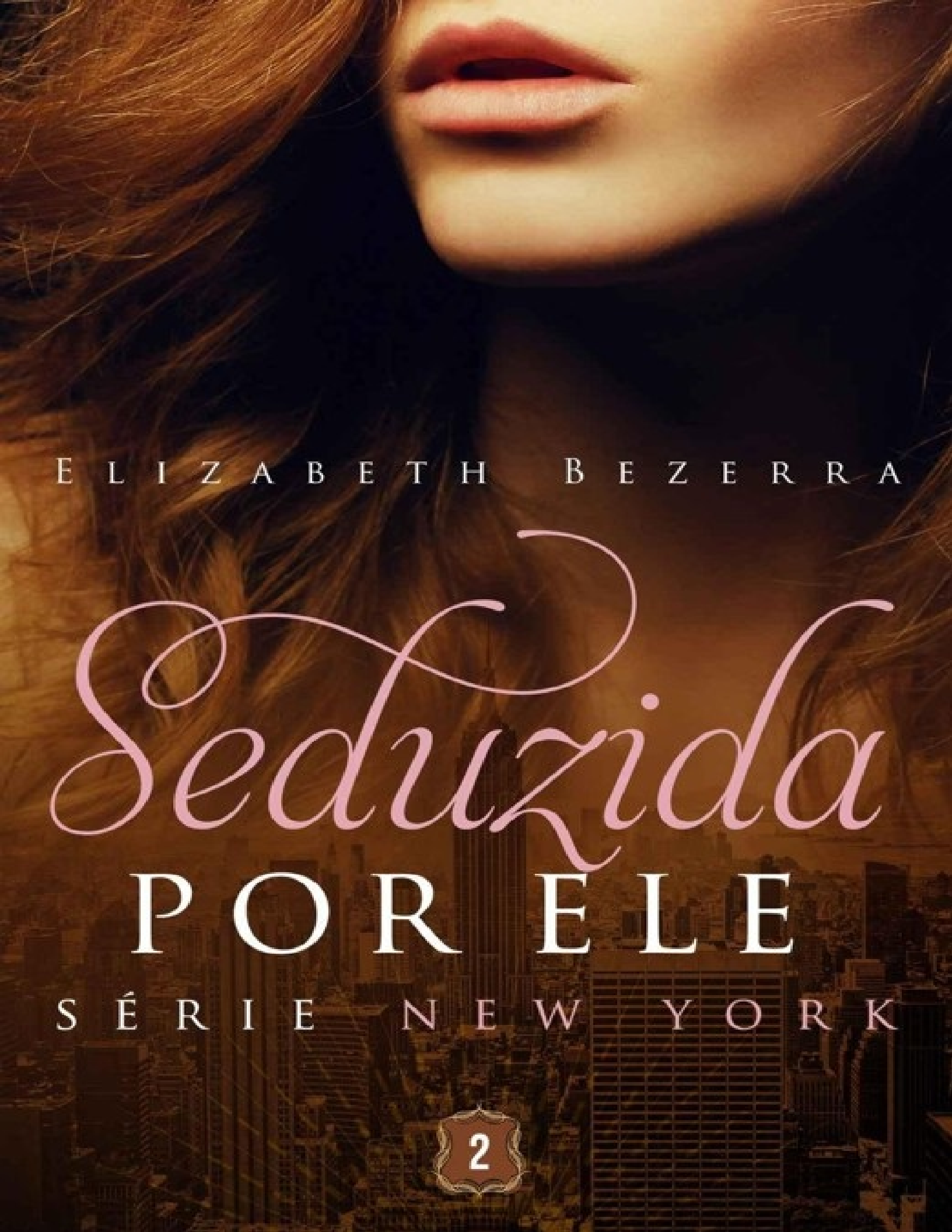

ELIZABETH BEZERRA
Seduzida
POR ELE
SÉRIE NEW YORK
2

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

SEDUZIDA POR ELE

Série New York

Livro 2

SEDUZIDA POR ELE

Elizabeth Bezerra

Copyright © Seduzida Por Ele 2014

TÍTULO ORIGINAL
Seduzida Por Ele
CAPA
Marina Avila

Revisão
Adriana Melo
Diagramação
Editora Bezz

[2014]
Todos os direitos dessa edição reservados à
Editora Bezz
www.editorabezz.com

Edição Digital

Todos os direitos reservados.
É proibida a cópia ou distribuição de qualquer parte desta obra sem consentimento da autora.

Sumário

Agradecimentos
Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Prólogo
Autora

Agradecimentos

Gostaria de dedicar este livro, primeiramente, a Deus, à minha prima Amanda, dessa vez eu lembrei de você *chatolina*.
À minha revisora, amiga, parceira, mentora e luz na minha vida, Adriana Melo. Obrigada amiga, pelas noites sem dormir em frente ao computador, por todo o apoio e fé que deposita em mim todos os dias, mesmo quando eu chego a fraquejar. Obrigada por ouvir-me sempre que eu preciso e por sempre ter uma palavra de incentivo.
À Edlaine Melo que sempre é uma coisa fofa comigo. Adoro as montagens de fotos que você faz.
Às queridas Sheila Moraes, Alda Andrade, Kilakia Sorraria, Ana Claus, May Baixo, Andréa Ribeiro e a todas as meninas do grupo no facebook, infelizmente, novamente não é possível citar todas, mas obrigada pela força e carinho.
Simone, não poderia faltar você. Sempre me conduzindo a perfeição. Palavras seriam insuficientes para expressar minha gratidão. Saiba que está em um lugar muito especial em meu coração. Obrigada por tudo.

"O universo sempre ajuda à lutarmos por nossos sonhos. Porque são nossos sonhos, e só nós sabemos o quanto nos custa sonhá-los…"
Paulo Coelho

Prólogo

A sensação que eu tenho é que estou presa. Como em um daqueles pesadelos terríveis que me assolaram por toda a minha vida. O tipo de pesadelo que você grita, chora e corre sem direção. Onde ninguém é capaz de me ouvir ou ajudar. Um sonho terrível que faz todos os meus ossos gelarem e quando acordo, estou suando frio. Só que eu não estou dormindo, para meu desespero, estou bem acordada!

As pessoas falam sem parar a minha volta, mas não ouço nada! Quero que todos saiam daqui, que desapareçam. Assim como essa dor. Que instalou-se em meu peito como se estivesse enraizada, dando voltas e voltas como linhas emaranhadas, fazendo com que eu me contorça. Eu já conheci o sofrimento antes. Como todo mundo eu já tive perdas, todos nós temos, mas nada compara-se a esse buraco e imenso vazio em meu peito.

Vi o homem que amo sair por aquela porta há alguns minutos, dilacerado, tanto quanto eu. Eu desejei gritar e implorar para que ele voltasse, mas não tive forças. Eu vi a *dor* e o *desespero* em seu olhar. O mais terrível de tudo isso é que foi provocado por mim, ambos causamos mal um ao outro, essa constatação dilacera a minha alma. Tudo isso porque não consegui lidar com o passado que me atormentou por tanto tempo. Por não ser corajosa o suficiente para lutar por quem amo. O passado foi mais forte e venceu. Lançou sobre mim seu machado inclemente, destroçando para sempre o meu coração.

— Saiam daqui, por favor! — grito — Saiam todos!

Desejo ficar sozinha, desejo voltar a ser cega e acima de tudo, desejo que ele volte. Disseram-me que voltar a enxergar seria bom. Não é! Voltaria mil vezes à escuridão ao meu antigo mundo para que ele voltasse a ser o que era, *perfeito*.

— Jenny! — Paige toca meu braço.

— Vão embora — sussurro — Apenas vão... Saiam!

— Jenny você está bem? — A voz de Liam soa próxima a mim — Há algum desconforto em seus olhos?

— Fisicamente? — sussurro —Pois minha alma está dilacerada! Você não entende!

Por um breve momento o silêncio domina o ambiente. Ele não me traz paz.

— Vamos pessoal, deixem que ela descanse — ordena Liam, apesar dos protestos — Eu volto depois.

Fecho meus olhos e parece que as lágrimas são intermináveis e abundantes.

Não importa o quanto você pense que sofreu na vida, sempre há espaço para mais dor.

O quarto fica vazio, não os vejo sair, mas meus instintos ainda aguçados me alertam que estou sozinha como tanto quis. Minha única companhia é a dor em meu peito.

Luz e treva duelam dentro de mim. E não sei qual delas irá vencer. Como posso olhar para os olhos dele sem me deparar com passado, sem que toda a raiva que existe em mim seja direcionada a ele? Por um longo tempo eu odiei o dono daquele olhar, odiei a mim mesma, odiei tudo o que representa. O medo e os olhos negros implacáveis me assombraram por anos, perseguindo-me em minha escuridão. Foram minhas únicas companhias. O ódio me fez sobreviver e agora o amor me faz morrer lentamente. Quem poderia imaginar tal contradição.

Capítulo 1

Os segundos se transformam em minutos que se transformam em horas, intermináveis. Enfermeiras entram e saem, me tocam, medicam, trazem comida, levam-na intocada, protestam e reclamam. Eu não me importo.

A única coisa que consigo fazer é pensar em como minha vida está um caos. Um sentimento frio passa por todo meu corpo enquanto imagino minha vida sem ele e um vazio ainda maior se é possível domina-me.

Olho para janela e vejo com olhos um pouco embaçados o dia nublado lá fora. Um pequeno céu azul surge apesar das nuvens escuras tentando encobri-lo. Talvez eu fosse como esse céu e precise apenas encontrar um caminho entre as nuvens. Quem sabe exista azul depois do cinza.

— Jenny!

Viro-me para olhar para porta, Paige está parada entre o vão e a entrada. Sua mão apoiada no peito enquanto em seu rosto há uma expressão angustiada.

— Neil sofreu um acidente.

Quatro palavras e uma frase. O suficiente para mudar minha vida completamente. O mundo parou de existir e nada mais importa. O cinza parece ficar negro.

— Acho que ele morreu!

Eu olho para mulher à minha frente, mulher que por muito tempo eu só conheci a voz. Sua expressão angustiada diz que as coisas não estão nada bem. Meu coração salta no peito ao ouvir suas palavras. Seguro firme a borda da cama e sinto meu corpo tremer. Estou caindo, meu mundo está se partindo novamente e não consigo ver o chão diante de mim.

— O que você disse? — sussurro, quase inaudível — O que está dizendo Paige?

Pela reação dela creio que percebeu que essa não foi a maneira correta em me dar uma notícia como essa.

— O carro dele bateu em outro carro em um cruzamento perto daqui — Seu choro é contido — Oh... Jenny ele está horrível.

Vejo suas mãos irem até seu rosto enquanto grossas lágrimas dessem por ele. Sinto um gosto salgado nos lábios e percebo que são minhas próprias lágrimas silenciosas.

— Não! — meus joelhos cedem e caio — A dor em meu peito agora é mais intensa e aguda que antes — Não!

Todas as outras coisas perderam a importância como mágica. Os traumas, as

feridas, até mesmo o ódio que alimentei por Nathan durante tanto tempo, agora nada significam. Cada batida de meu coração grita por Neil. E a cada batida meu coração doí mais.

As nuvens já não vão a lugar algum, o sol não voltará a aparecer. Deixei que ele partisse com a esperança de que ele fosse voltar um dia, mas não irá. Eu o perdi e nem ao menos pude dizer o quanto o amo. Minha vida jamais foi tão obscura como agora.

Desprezo-me por deixá-lo partir daquela maneira. Agora como todas as pessoas tolas, tive que perder para aprender saber o verdadeiro significado de amar. E tudo que me restará é um coração partido. A dor me faz sentir como se minha alma estivesse sendo arrancada de meu corpo. A ideia de que nunca vou sentir seu toque, cheiro, lábios, e ouvir o som da sua voz e que nunca mais serei o motivo de seus sorrisos, apunhalam meu peito e isso é devastador.

— Você o viu? — Meu choro é compulsivo agora — Você o viu morto?

Quantas vezes eu tenho que andar por essa estrada? Haverá algum dia em tudo não seja apenas magoa e dor? Chegará o dia em que eu não terei mais lágrimas a derramar?

— Eu o vi chegar agora a pouco — diz ela secando os olhos — Não tenho certeza se está morto. Acho que me expressei mal. Mas ele parecia morto, está horrível e...

Enquanto Paige se atropela em suas palavras uma chama de esperança começa nascer dentro de mim. Uma pequena chama, mas que tento me agarrar a ela com todas as forças que ainda me restam. Neil não está morto, não pode estar. Escuto essa voz ecoando em minha cabeça. Que me ordena a ter fé. Eu preciso acreditar nisso e eu quero acreditar.

— Oh Jenny desculpe. — Paige se une a mim no chão, enquanto choro e rio ao mesmo tempo — Eu e minha boca grande.

— Neil não está morto. Sei que não está.

Essa certeza dentro de mim é cada vez mais forte. Sinto uma vontade louca de sair gritando pelos corredores do hospital. Como se a vida tivesse me dado uma nova chance de recomeçar e vou lutar com todas as forças para merecê-la.

Levanto-me o mais rápido que minhas pernas trêmulas permitem e trago Paige comigo.

— Vamos!

— Espere — puxou-me de volta — Já pode sair do quarto?

Umedeço os lábios enquanto pondero. Ninguém havia me prevenido para que não saísse e mesmo que houvesse essa restrição eu não seguiria. Estou cansada de ficar parada e deixar que as coisas simplesmente aconteçam a minha volta. Preciso de alguma informação, se não, eu enlouquecerei.

— Creio que sim — respondo. — Vamos procurar o Liam.

— E vai sair assim? — diz ela me encarando atônita — De camisola?

— Que importância isso tem agora Paige? — nunca me importei com roupas não é agora que vou começar — Estamos em um hospital e não em uma festa. Eu poderia estar nua que isso não faria a menor diferença para mim.

Lembro-me quando Neil saiu apressado e descalço pelos corredores do hospital em seu aniversário. Foram tantas as vezes que me demonstrou seu amor e eu apenas joguei tudo isso fora, sem olhar para trás.

— Mas...

Deixo-a falando sozinha e saio apressada. A claridade é muito forte e sinto-me tonta por alguns segundos. As paredes parecem girar a minha volta. Sinto-me perdida e deslocada em meio essa imensidão branca, entre as pessoas que vem e vão pelo imenso corredor, tudo é muito novo e confuso para mim.

Apoio-me contra a parede fria, enquanto espero minha vista se normalizar. Estou congelada, minha única vontade é encontrá-lo.

— Jenny você está bem?

— Ajude-me Paige — digo, angustiada.

— Venha — segura minhas mãos geladas — Acho que sei onde podemos encontrá-lo.

Enquanto andamos percebo os olhares curiosos em nossa direção. Devem considerar-me louca. Passamos por uma porta de vidro e vejo minha imagem refletida nela. Gemo ao olhar meus cabelos emaranhados e a camisola hospitalar. O conjunto dá-me um aspecto de uma garota saída de um filme de horror. Então, deve ser completamente natural os olhares especulativos.

— A emergência fica do outro lado. Acho que podem dar alguma informação — Paige me conduz como fazia quando eu ainda era cega. Alguns hábitos são difíceis de mudar e ainda não nos adaptamos a isso.

Paramos no balcão de recepção enquanto eu aguardo-a solicitar informações de forma insistente. Nesse momento vejo Liam saindo de uma sala e corro até ele.

— O que faz aqui Jenny? — está surpreso e irritado com minha aparição.

— Eu sei que tudo isso é culpa é minha — sussurro, com imensa vontade de chorar — Mas eu preciso saber como o Neil está.

— Não me refiro a isso — parece frustrado — Estamos em um hospital Jenny. Há vários riscos de infecção e contaminação, você tirou os curativos essa manhã.

Eu não havia pensado sobre isso. Na verdade, não pensei em nada a não ser encontrar Neil e ter a certeza de que ficará bem.

— Isso não importa. Você o viu? Como está?

Seus olhos fixam-se em mim. Parece indeciso no que vai me dizer, como se procurasse as palavras certas para não me magoar, mas não as encontrasse. Isso não é bom. Apesar de ter o peito cheio de esperança as coisas não parecem muito otimistas. Isso faz meu coração apertar no peito.

— Pode me dizer a verdade Liam — murmuro.

— Ainda não sei Jenny. Neil foi enviado para o centro cirúrgico. O acidente foi grave. Ele estava sem o sinto de segurança e foi lançado contra a porta. Há um grande corte na cabeça e quebrou uma perna.

Minha mão salta a garganta ao imaginar a cena. Lembranças terríveis vêm em minha cabeça de forma esmagadora. Um acidente de carro havia mudado a minha vida e outro acidente poderia marcá-la para sempre. A vida não pode ser tão cruel duas vezes da mesma maneira, poderia? Não posso e não vou aceitar isso.

— Mas ele está vivo não é? — pergunto, angustiada — Vai ficar tudo bem?

— Não saberei até que o médico saia — diz ele frustrado — Vou ser sincero. A situação não era boa quando chegou. Parece que houve traumatismo craniano, não se sabe ainda qual a gravidade.

— A culpa é minha — choro desolada — Se não o tivesse mandado embora...

— Não tem que se sentir culpada Jenny — suspira Liam — Vocês realmente precisam fazer algo com relação a isso, talvez procurar a ajuda de um médico e verificar esses traumas. Ficar se culpando por tudo não leva a nada, apenas para mais mágoas e desentendimentos.

Ele está certo sobre isso. Deveria ter procurado um médico há muito tempo. Neil já havia comentado que tinha feito terapia para aprender a lidar com Sophia e seu passado. Isso explica o fato de ser mais equilibrado e sensato do que eu. Pelo menos até ter me conhecido. Eu fiz o que nem Sophia e Nathan fizeram juntos. Baguncei sua mente e destruí seu coração. Foram inúmeras as vezes que pediu que não esquecesse o quanto me amava como um presságio e quando mais precisou de mim havia lhe virado as costas. Se ele estivesse sentindo metade da minha dor quando entrou naquele carro tem muita sorte de ainda estar vivo.

— Por favor, Liam diga que ele vai ficar bem! — imploro — Farei qualquer coisa. Salve-o!

— Ajudaria muito se voltasse para o seu quarto.

— Eu prefiro ficar aqui e esperar por notícias.

— Liam tem razão Jenny — Paige se aproxima de mim e segura meu braço — Lembra quando você foi operada. Neil parecia um leão enjaulado, isso não ajudou muito, ajudou? Não há nada que possa fazer agora.

— Mas eu não estava morrendo Paige! — insisto.

— Nem o Neil — argumenta Liam — Se quer mesmo ajudá-lo volte para o

quarto. Eu não posso lidar com vocês dois ao mesmo tempo. Prometo que vou mantê-la informada. Agora preciso avisar aos pais dele e encontrar uma forma de contar a Anne.

Anne? Havia me esquecido completamente dela. Como posso ser tão egoísta? Há uma garotinha inocente que poderia perder o pai que idolatra. O que seria de Anne?

— Está bem — murmuro — Não deixe de me avisar.

As horas se arrastam amargamente enquanto aguardo em desespero. O quarto parece me sufocar a cada minuto que passa. Há mais de uma hora que não tenho notícia alguma. Liam apareceu apenas uma vez para avisar que os pais de Neil estão a caminho do hospital e que ele ainda se encontra na sala de cirurgia.

Ele sofreu um trauma grave e estão operando-o para reduzir a pressão intracraniana. Pelo que disse estão realizando pequenos orifícios no cérebro para liberar uma hemorragia interna. Ainda não se sabe se terá algum dano permanente e irreparável, mas que é comum em casos como esse. Os danos mais comuns são convulsões, paralisias e alterações de personalidade. Também há riscos de outros distúrbios como problemas de concentração, dores de cabeça ou tontura, que podem sumir rapidamente ou durar por anos. Esse tipo de lesão pode ou não ter consequências graves, mas não há como avaliar até que ele acorde. Rezo fervorosamente para que nada parecido com o que aconteceu comigo ocorra a ele.

≈≈≈

Uma enfermeira entra no quarto com o almoço, sopa de legumes, suco de maça e salada de frutas como sobremesa. Não tenho fome, nem ânimo para comer. No entanto, Kevin que já havia voltado, Paige e a enfermeira insistem para que eu coma pelo menos um pouco. Como sei que preciso estar forte para quando Neil acordar provo um pouco de cada coisa.

Tento manter a fé a cada segundo de espera, mas confesso que está cada vez mais difícil. Por minha culpa ele poderá ter alguma lesão irreversível, isso se sobreviver. E se não andasse ou falasse novamente? Se nunca mais acordar? São tantas as possibilidades que me levam as vias do desespero. Nunca poderei me perdoar por qualquer coisa que venha acontecer a ele.

— Agora sei como você se sentia Kevin — pronuncio com a voz trêmula — É terrível saber que destruímos a vida de alguém que amamos.

— Não diga isso Jenny — abraça-me e choro em seu peito — Nada disso foi culpa sua. Vamos ter fé.

— Desculpe ter sido tão dura com você! — soluço.

— Nunca foi dura comigo. Foram minhas escolhas e com elas vieram as

consequências.

— Não posso perdê-lo — choro intensamente.

— Você não vai. Eu prometo.

Suas mãos massageiam minhas costas tentando me tranquilizar. Aos poucos o meu choro desesperado viram suspiros e não sei quantos minutos depois, adormeço.

Eu sonho. O rosto não é o mesmo que me aterrorizava quando estava cega, mas o que eu vi essa manhã, embora sejam iguais, o calor em seus olhos e o sorriso sincero me mostram o quanto são diferentes. Como fui cega em não me dar conta disso.

Nesse sonho estamos sentados em um banco. Há um belo jardim repleto de rosas brancas. Ele me sorri com carinho e coloca uma flor em meu cabelo. Seus olhos me encaram novamente e eu vejo tristeza em seu olhar. Neil se levanta e caminha para longe de mim. Quero gritar para que volte. Ele para e me olha com tristeza.

Eu te amo — sussurra ele com tristeza e parte.

Quero me levantar e correr até ele. Não consigo me movimentar, parece que estou colada ao banco. Levo as mãos aos lábios e eles parecem selados.

— Não! Não vá!

Algo sacode meus ombros, sinto que estou sendo puxada. Eu não quero ir, preciso encontrá-lo. Há muitas rosas, não consigo vê-lo...

— Jenny acorde! – ouço uma voz ao fundo — Acorde querida!

Abro os olhos novamente e por alguns segundos me sinto desorientada. Onde estão as rosas? Onde está o Neil e onde eu estou?

— Teve outro daqueles pesadelos? – Paige alisa meus cabelos.

Balanço a cabeça em negativa. Agora já consciente de onde estou e de tudo o que aconteceu.

— Sonhei com ele — encaro-a com tristeza — Mas eu não tive medo Paige. Não era o Nathan era o Neil. Eu queria ficar com ele, mas ele partiu.

— Claro que era o Neil — Ela me sorri — Liam esteve aqui há alguns minutos.

— Por que não me acordou? — salto da cama com pressa — Por quanto tempo eu dormi?

— Apenas por duas horas — murmura — Liam pediu que a deixasse dormir um pouco mais. Disse-me para avisar que a cirurgia já terminou.

— Como Neil está? — pergunto, ansiosa — Preciso vê-lo.

— Calma Jenny! Neil está na UTI e ainda não pode receber visitas. Aparentemente tudo ocorreu bem, ainda temos que esperar que acorde, mas não há risco de morte.

Respiro aliviada, ainda terei que esperar algum tempo para poder ficar perto dele novamente, mas só fato de saber que está fora de perigo me tranquiliza.

— Eu quero falar com Liam — O pedido soa como uma suplica.

— Ele já foi embora — diz Paige — Pretende voltar à noite. A mãe de Neil também esteve aqui no quarto, mas já foi. Foram contar a Anne o que aconteceu. Lilian parecia muito angustiada.

A mãe de Neil esteve em meu quarto? Se antes não gostava de mim agora com certeza me odeia. Por minha causa quase perdeu o único filho. E Anne? Também me odiará se algo acontecer ao pai? Agora vejo que não prejudiquei apenas o homem que amo, mas todas as pessoas a sua volta e essa certeza me entristece amargamente.

— Ela disse alguma coisa? — pergunto, angustiada.

— Não — Paige balança os ombros — Apenas perguntou como você estava. Foi embora em seguida.

Isso me soa estranho. O que a mãe de Neil queria comigo? Por que veio me ver? Terei que esperar para ter todas as perguntas respondidas e espero que eu esteja preparada para o que vier.

— Onde está o Kevin?

— Saiu para comer.

— Aposto que você ainda não comeu nada, não é?

— Comi alguma coisa.

Ela está mentindo. Aposto que ficou ao meu lado o tempo todo. Não sei o que fiz para ter uma amiga tão dedicada como Paige e ter um homem que me ama como Neil, mas eu juro que daqui para frente eu vou merecer toda confiança e amor que eles me dedicam.

— Vá para casa Paige, descanse um pouco.

— Eu...

Antes que ela possa continuar eu protesto.

— Prometo que ficarei bem — insisto — Kevin pode tomar conta de mim.

Embora ela esteja muito receosa em me deixar, acaba concordando. Promete que estará aqui amanhã bem cedo. Eu não tenho dúvidas disso, tenho muita sorte em estar rodeada de pessoas que me amam e apoiam em momentos tão difíceis como esse.

Não há muito que fazer em um quarto de hospital. Então procuro olhar em volta e observar cada detalhe. Estive tão perdida em todas as emoções das últimas horas que só agora me dou conta do milagre que estou vivendo.

Eu posso ver! Cada objeto, cada cor, cada forma. Não preciso lembrar ou tentar imaginar como são. Eu as vejo agora. Fecho os olhos por um segundo e abro-os rapidamente. Nunca mais estarei condenada a escuridão.

Há uma TV fixa a parede em frente à cama. Quantas vezes ouvi seu som e desejei ver as cenas que passavam nela. Como uma criança, pulo da cama e vou até a mesinha, pego o controle remoto e ligo a TV. Está em um canal de culinária, o canal seguinte é um canal infantil. Deixo ali mesmo, sempre gostei de desenho animado.

Fico deliciada com as cenas que vejo. Talvez por alguns segundos eu possa me distrair e aplacar a angustia em meu peito ou vou enlouquecer.

— Já acordou? — Kevin entra no quarto alguns minutos depois — Como está?

— Ainda passa o Pica Pau — suspiro ignorando sua pergunta. Se tiver que responder voltarei a chorar desenfreadamente — Lembra como eu adorava o Pica Pau?

— Não tem como esquecer — resmunga ele — Não nos deixava assistir mais nada além disso.

Parece que eu não havia mudado muito. Sorrio com melancolia. Sempre fui uma criança terrível e cheia de vontades, parece que a maturidade não mudou isso.

— Obrigada — estico minha mão para ele — Você tem seus próprios dilemas para resolver e eu trago mais alguns.

— Eu que agradeço. Vou agradecer todos os dias por ter me aceito novamente em sua vida. Sabe, há algo que preciso lhe contar.

Faço uma oração interna para que não seja outra tragédia. Eu já tive notícias ruins o suficiente para um só dia.

— Você não foi o único motivo para eu querer estar limpo.

— Não?

— Não — Kevin senta ao meu lado na cama — Eu conheci uma garota. Nós nos apaixonamos e ela ficou grávida.

— Meu Deus! Eu tenho um sobrinho?

— Eu não sei. Ela também era dependente de drogas. Disse-me que ia parar por causa do bebê e queria que eu fizesse o mesmo. Eu não acreditei nisso na época, achei que estava querendo me forçar a ficar com ela.

— Kevin.. — comecei a protestar — Era seu filho. Onde eles estão agora?

— Em qualquer lugar. Nem sei se ela está viva ou se cumpriu o que falou. Já presenciei tantas mulheres grávidas manterem o vício até o fim da gestação.

E prejudicam o feto terrivelmente. Desejo que a jovem tenha tido forças e cumprido a promessa pelo bem de seu bebê e que essa criança tenha mais sorte que Anne.

— Eu vou encontrá-los Jenny. Nem que passe a vida procurando-os.

— Faça isso. Quero ter meu sobrinho em meus braços um dia.

— Pode ser uma menina — sorri encabulado.

— O que você prefere?

— Que esteja bem e feliz. O sexo não importa.

Abraço-o com carinho e ficamos ali vendo TV sem realmente prestar atenção em alguma coisa. Cada um preso em seus pensamentos. Com esperanças de que possamos corrigir nossos erros e que a vida nos dê outra chance para recomeçar.

Jantamos e recordamos nossa infância. O tempo todo ele tenta me distrair de alguma forma. No entanto, várias vezes me pego olhando para porta à espera de notícias.

≈≈≈

À noite chega e nos distraímos com um seriado na televisão. É uma série policial que por alguns minutos nos deixa entretidos. Após terminar, Kevin navega pelos canais em busca de algo que o agrade. Ele ainda está concentrado nisso quando Liam aparece no quarto.

Pulo da cama completamente angustiada. Eu olho para ele ansiosa. A inquietude perfurando meu estômago como ferro quente.

— Como ele está? Posso vê-lo agora?

— Seu estado é seguro. Pode vê-lo amanhã e apenas por alguns minutos.

Balanço a cabeça concordando e respiro aliviada. Venho esperando por essa notícia o dia todo.

— Obrigada Liam.

— Como você está? – examina meus olhos — Algum desconforto, dor ou ardência? Não deveria ficar vendo TV Jenny.

— Para seu acompanhante — suspira, frustrado. – Alguma enfermeira deveria ter avisado. Vou conversar com elas sobre isso.

— Não, elas não viram, na verdade nem prestei muita atenção eu juro.

— Tem que ser mais cuidadosa Jenny. A vida foi generosa com você, não estrague isso. O que aconteceu a você foi um milagre. Valorize!

Eu mereço o sermão. Não posso colocar em risco algo por que lutamos tanto. Algo que Neil desejou comigo com tanto ardor.

— Farei isso, serei mais cuidadosa. Eu prometo.

— Passe o colírio sempre que sentir ardência nos olhos. E descanse a vista o máximo que puder. Não queremos mais complicações aqui. Certo?

— Certo doutor — brinco com ele.

— Fazendo piadas? — ri e acaricia meu cabelo — Isso é bom.

Não digo nada apenas aceno e retribuo o sorriso.

— Até amanhã querida — diz ele, antes de sair.

Despeço-me dele, tento dormir como ele me aconselhou. Algo que se tornou

difícil por causa da imensa ansiedade que tenho. Sinto a cama vazia e fria ao mesmo tempo. Olho para cama ao lado onde Neil passou os últimos dias. Kevin dorme tranquilamente.

Na última noite Neil estivera na minha cama comigo, beijando-me, abraçando e me levando ao paraíso. Antes que possa me conter, lágrimas inundam meus olhos e deslizam pelo meu rosto como cascata. Aperto a mão contra o peito na tentativa de conter a dor profunda que sinto ali. Entre um cochilo e outro me pego pensando em Neil e em como será encontrá-lo novamente.

Por volta das seis da manhã desisto de ficar na cama e vou para o banheiro. Tomo banho, lavo os cabelos e visto um vestido bege de algodão que havia em minha pequena mala. Já estou cansada da roupa hospitalar. Além disso, Liam disse que em dois dias me dará alta, então, tanto faz.

— Bom dia Jenny — cumprimenta Paige com sorriso caloroso.

— Você madrugou.

— Eu disse que viria cedo. Como está?

— Bem na medida do possível.

— Já teve alta? — pergunta ela, indicando o vestido.

— Não, mas já estava cansada daquela roupa.

— Alguma novidade?

— Liam disse que posso ver o Neil hoje, por alguns minutos.

— Isso é ótimo.

Tomamos café juntas enquanto esperamos Liam aparecer. Kevin acorda em seguida e insisto para que vá para casa. Neil o havia instalado em um flat no centro da cidade. Emociono-me ao lembrar como ele sempre pensa em tudo e como é generoso comigo.

— Como andam as coisas com Richard? — pergunto, assim que Kevin sai.

Paige desvia os olhos dos meus e fixa-o na janela a sua frente.

— Não andam — suspira ela — Não sei como as coisas chegaram a esse ponto. Como chegamos a nos odiar.

— Você ainda é apaixonada por ele, não é? Por que não diz?

— As coisas são mais complicadas do que pensa — murmura ela, seca —As acusações que me fez, ainda martelam em meu peito.

— Não faça como eu Paige. Não espere perder para perceber o quanto ainda ama-o.

— Não se perde aquilo que nunca teve — sussurra ela — Não quero falar sobre isso.

Eu não insisto, não tenho esse direito. Estarei pronta para ouvir quando ela quiser se abrir. Tenho certeza que há muito amor entre eles dois, nunca vi casal mais apaixonado. O que havia começado como uma brincadeira se transformou

em algo profundo e Paige se arrependerá pelo resto da vida se desistir disso.

Mudamos de assunto e conversarmos coisas triviais enquanto espero impacientemente que Liam venha me buscar. Tenho vontade de sair do quarto e ir sozinha até a UTI, mas ao mesmo tempo tenho medo. Resolvo agir de forma coerente e madura, minhas ações intempestivas já causaram muitos danos até aqui, talvez alguns irreparáveis.

Por volta das oito horas, e eu já ao ponto de enlouquecer vejo Liam entrar no quarto.

— Vamos?

— Sim.

Seguimos pelos corredores praticamente vazios, exceto por algumas enfermeiras e médicos que passavam por nós eventualmente. Passamos novamente pela porta de vidro e logo estamos em uma área restrita. Paramos em frente a uma porta. Uma placa indica que estamos na sala de UTI. Liam me entrega um avental e uma máscara.

— Tem que usar isso — orienta.

Ajuda-me a vestir e entramos no quarto em seguida. Meus olhos vagueiam por suas feições pálidas: queixo quadrado marcado por algumas escoriações, a curva dos lábios cheios com um pequeno corte, linha reta do nariz aparentemente intacto, maças do rosto roxeadas. E o que mais me chocou, foi ver sua cabeça em volta de uma enorme faixa. Seus lindos cabelos haviam desaparecido em um lado da cabeça.

— Neil! — choro silenciosamente para não perturbá-lo mais.

Ver o homem que amo sempre cheio de vida e mandão em um estado tão frágil me destrói completamente.

— Volte para mim — sussurro através da máscara — Por favor, querido, volte.

Seguro sua mão entre as minhas. Olho para o pé erguido e engessado. Eu rezo para que seja o único dano.

— Eu te amo.

Sinto uma mão apertar meu ombro.

— Temos que ir agora. Consegui apenas cinco minutos.

— Só mais um pouquinho Liam — imploro.

Ele olha para porta como se esperasse que a qualquer momento alguém apareça e nos arraste dali.

— Dois minutos.

Pouco tempo para quem anseia pela eternidade. Lembro-me das palavras de Neil na manhã anterior. A eternidade seria tempo muito curto, agora entendo a veracidade de suas palavras. Curvo-me e beijo sua mão macia. As lágrimas

descem abundantes pelo meu rosto.

— Eu voltarei — sussurro — Prometo.

Saímos do quarto e minha vontade é de voltar e ficar perto dele até que abra os olhos.

— Ele ficará bem não é?

— Neil é um homem forte. Ama muito você e Anne. Acho que é um incentivo muito grande — é perceptível a tristeza em seu olhar — Se tivesse visto como ficou.

— Oh, Liam... — levo minhas mãos ao rosto tentando aplacar o choro — O que eu fiz?

— Desculpe Jenny, não deveria ter falado sobre isso. Queria apenas que soubesse como ele a ama e o quanto sofreu com a separação. Sinto muito — murmura ele — Vamos. Você ainda tem que fazer alguns exames antes que possa lhe dar alta.

— Eu não posso ficar aqui?

— Eu sei quais são as suas intenções — Liam sorri — Mas precisa sair um pouco daqui, descobrir o mundo lá fora. Isso lhe fará bem.

A única coisa que me fará bem e ver o Neil acordado e dizer que me perdoa. O mundo sem ele não me interessa mais. Será tão vazio e negro como era quando estava cega.

— Nunca vi pessoas tão parecidas — continua Liam, enquanto me guia de volta ao quarto — Tão teimosos.

Eu não concordo. Há uma grande contradição nisso. Neil é carinhoso, bondoso e protetor. Tudo o que eu não sou. Ou fui.

— Vou ser o padrinho desse casamento. Não aceito desculpas. Ou quem sabe de um dos milhares de filhos que terão.

Emociono-me com sua tentativa de me animar. Suas palavras renovam as minhas esperanças e me dão forças.

Capítulo 2

Acompanho Liam até seu consultório. Ele me explica todos os cuidados que preciso ter ao receber alta do hospital, receita-me o colírio para os olhos que precisarei usar por algum tempo.

— Siga tudo o que disse passo a passo e não terá com que se preocupar. Amanhã já estará de alta.

A notícia seria maravilhosa se nas últimas 48 horas meu mundo não tivesse desabado sobre minha cabeça. Por que sempre que eu conquisto alguma coisa tenho que abrir mão de outra? Se para enxergar eu tivesse que perdê-lo seria um preço alto demais. Afinal já havia aprendido a viver nas sombras, no entanto, não sei como poderei viver sem Neil ao meu lado.

— Quando poderei vê-lo de novo?

— Eu vou consultar o médico dele e informarei a você.

— Você me disse à tarde — protesto — Quando ele irá acordar?

— Foi uma cirurgia longa e complicada Jenny. Neil ainda está sob o efeito pós-anestésico. Além disso, é seu corpo que irá determinar a hora certa para isso. Temos que esperar.

— Gostaria de ficar com ele — murmuro.

— Você deve ter paciência — suspira ele — Não há mais nada a fazer no momento.

— Irá me avisar assim que ele acordar?

— Sim.

Tento me convencer a ficar calma.

— Como está a Anne? — A essa altura a criança já deve estar a par do que aconteceu. Fico imaginando como estará lidando com tudo isso.

— Ainda não a vi, mas creio que deva estar abalada.

— Gostaria de vê-la. Ela ama muito o pai.

Meus olhos se enchem de lágrimas ao imaginar o quanto a garotinha deve estar sofrendo, sozinha.

— Lilian está na casa de Neil com ela. Assim que for possível, Anne terá autorização para vê-lo. Talvez amanhã quando você sair do hospital possa ir até lá visitá-la. Sei que ela gosta muito de você.

— Eu farei isso.

Lembro-me da última vez que a mãe de Neil esteve naquela casa, não havia sido muito amistosa comigo. Sem a presença dele nem posso imaginar como reagirá. E mesmo tendo receio de como vou ser tratada ou recebida, preciso ver a

Anne, ficamos muito próximas uma da outra e imagino o quanto sofre nesse momento. Pelo menos eu ainda posso vê-lo, mesmo que por alguns minutos. Não deve ser fácil para ela saber que o pai está doente e ainda sem poder visitá-lo.

Quanto à Lilian? Será que Liam sabe alguma coisa sobre a visita em meu quarto?

— Lilian esteve em meu quarto ontem? Você sabe algo sobre isso?

A surpresa em seu rosto me diz que não.

— Sinto muito, mas eu não faço ideia.

— O que ela sabe sobre o acidente? Sabe que a culpa foi minha?

— A culpa não foi sua Jenny — murmura ele — Aceite isso e pare de se torturar. Quanto à Lilian, nós não conversamos muito sobre o assunto. Ela falou com o médico responsável, mas eu não acho que ele entrou em detalhes pessoais, apenas nós sabemos as circunstancias em torno disso.

Fico um pouco aliviada. Não que eu goste de mentir sobre o acidente, mas ter a mãe de Neil contra mim nesse momento ou fazendo acusações não é algo que posso lidar agora. Além disso, temos que proporcionar um ambiente tranquilo para quando ele estiver consciente, precisará de todo apoio e paz ao redor dele.

≈≈≈

Volto para quarto sem ânimo algum. De alguma forma, ficar no hospital me dá a sensação de que estou próxima a Neil. Ir embora no dia seguinte me dá a sensação de abandono.

— Más notícias? — pergunta Paige ao ver a tristeza em meu rosto.

— Terei alta amanhã.

— Isso não é uma coisa boa?

— Gostaria de ficar aqui — murmuro — Perto dele.

— Mas poderá vê-lo não é?

— Não é a mesma coisa — sinto uma dor aguda no peito.

— E como ele está?

— Ainda está inconsciente. Temos que esperar que ele acorde. Vou visitá-lo à tarde.

Passamos o restante da manhã conversando sobre o meu passado, o acidente e meu futuro daqui para frente. Mesmo que tudo pareça trágico ele está vivo e isso é que importa.

≈≈≈

À tarde volto ao quarto de Neil para outra visita. É uma alegria e tortura para mim ao mesmo tempo. Alegria, que por pelo menos, por alguns minutos, posso

ficar perto dele; segurar suas mãos, sentir seu calor e conversar com ele, mesmo que pareça não me ouvir. Até mesmo cantei suas músicas preferidas. Sinto uma imensa tortura por ter que partir e ter que esperar horas para poder vê-lo novamente quando meu desejo é ficar ao lado dele sempre.

Estou saindo do quarto quando vejo uma mulher parar à minha frente.

— O que faz aqui? Como tem coragem de aparecer aqui?

Reconheço a voz. Quando eu era cega meus outros sentidos como tato e audição eram mais aguçados que o normal e quase nunca me esqueço de uma voz.

— Vim visitar o Neil — respondo a mãe dele.

— Que eu saiba, só é permitido à visita de familiares — diz acidamente. – Você não é da família!

Encaro a mulher loira, elegante e bonita a minha frente. Sua hostilidade é perceptível.

— Sra. Durant eu...

— Lilian, você sabe que Jenny é noiva de Neil e tem o direito de estar aqui — diz Liam ao se aproximar de nós.

— Noiva? — diz, torcendo o nariz — Não estava sabendo disso. Onde está o anel de noivado?

Seus olhos vão direto para minha mão direita como se para comprovar o que diz.

— Neil pretendia entregar assim que Jenny saísse do hospital, eu vi o anel — Liam responde por mim — Mas as circunstancias não permitiram.

— Só que ele não deu. Talvez tenha caído em si e mudado de ideia — diz ela, arrogantemente — Não sai de minha cabeça que isso é culpa dela.

— Eu sinto muito Sra. Durant — sussurro — Eu não queria...

— Não diga absurdos Lilian! — reage Liam, com raiva — Foi um acidente.

— Sophia me disse... — ela titubeia nas palavras, seu olhar irado em direção a mim — Alguma coisa você fez e eu vou descobrir. Enquanto isso, eu quero que fique longe de meu filho.

Sophia novamente? Quando essa mulher iria entender que Neil não a ama e não a quer. Quantas vezes ela se colocará em nosso caminho?

— Sinto muito por tudo o que aconteceu — respiro fundo — Eu não sei o que Sophia disse, mas não vou sair de perto dele. Não até que acorde e ele mesmo me peça isso.

Seus olhos me encaram com indignação seguido de frieza.

— Você não era cega? — olha-me com desconfiança — Ou era apenas uma artimanha.

— Por Deus Lilian! —protesta Liam — Eu mesmo fiz a cirurgia de Jenny.

— Graças ao Neil, fui operada e voltei a enxergar há pouco tempo — respondo emocionada. Nunca poderei me esquecer disso e cansar em agradecer. Se não fosse o amor dele e a fé que depositou em mim todos os dias, ainda estaria vivendo nas sombras.

— Não pense que me engana. Sei muito bem o que sua irmã fez ao meu filho Nathan. Não fará o mesmo com Neil. Eu não vou permitir isso.

Observo-a entrar no quarto como um furacão, suas últimas palavras me deixaram atordoada. O que Samantha tem a ver com isso? O que ela quis dizer?

Tenho vontade de entrar e dizer umas boas verdades a ela. Fora Nathan que abusou e prejudicou minha irmã ao ponto dela dar cabo a própria vida. Ele era o vilão da história e não Samantha. Por causa dele eu desprezei a pessoa mais importante da minha vida e por causa dele quase o perdi. Então, se há algum culpado é o Nathan, que mesmo morto nos atinge com suas crueldades.

— Não ligue para Lilian — Liam tenta me tranquilizar — Embora não pareça, também está muito abalada.

— Ela não pode me impedir de vê-lo, não é?

— Jenny, por vários dias todos nesse hospital viram como Neil é apaixonado por você. Além disso, você é noiva dele, tem o direito de estar aqui. Não vou permitir que a mãe dele a impeça de vê-lo.

— Obrigada — murmuro, aliviada.

— Vamos.

Volto para quarto e narro a Paige tudo o que aconteceu há alguns minutos. Como esperado ela fica furiosa com Lilian e Sophia.

— Deve ser por isso que veio aqui ontem. Provavelmente queria tirar satisfação. Agora, o que aquela bruxa da Sophia pode ter falado?

— Eu não faço a mínima ideia. No entanto, uma coisa me deixou muito intrigada... Lilian me disse algo sobre Samantha e Nathan.

— O quê?

— Algo sobre ela ter feito mal a ele.

— Isso é ridículo. Pelo que você me contou foi o contrário.

— Não sei Paige — respondo, confusa — Ela parecia realmente acreditar no que dizia. Além disso, Kevin e eu nunca conversamos sobre isso, não contamos a mais ninguém, nem aos nossos pais. Eu tinha coisas piores para me preocupar naquela época, além do meu sentimento de culpa. Talvez ela realmente não saiba.

— De qualquer forma o filho dela não era um santo — resmunga Paige — Não há como negar isso.

— Agora tudo faz sentindo — falo comigo mesma — Quando ela visitou o Neil naquele dia disse-me que eu causaria sofrimento a ele. O mesmo disse

Sophia aquela vez no restaurante. Somente agora as pontas soltas se encaixam.

Corro até o espelho no banheiro. Não havia notado, mas Samantha... Nós sempre fomos muito parecidas. Se não fosse a diferença de idade poderíamos nos passar como gêmeas.

— Elas me reconheceram — encaro Paige através do espelho — Conheciam Samantha.

Tudo parece muito confuso. O que eu não sei? De uma coisa tenho certeza, Samantha havia sido a vítima e irei provar isso custe o que custar.

≈≈≈

Um pouco mais tarde Paige recebe um telefonema e sai apressada. Promete voltar assim que puder para passar a última noite no hospital comigo.

Assim que ela vai embora volto a ficar perdida em minhas conjecturas, andando de um lado a outro pelo quarto enquanto aguardo Kevin voltar. Com certeza ele terá as respostas. Não posso deixar que a imagem de Samantha seja maculada pelas mentiras de Nathan e Sophia. Isso eu não vou permitir.

— Que bom que chegou — digo a Kevin assim que ele entra.

— O que aconteceu?

— O que houve entre Nathan e Samantha? — disparo.

— Jenny, não vamos falar sobre isso agora — ele parece angustiado — Você sabe o que houve.

— Sim, mas a mãe do Neil parece ter uma ideia diferente da nossa. Eu sei o que eu vi naquele dia. Vi o desespero de Sam e como ficou depois daquilo. Não é certo que seja vista como a vilã da história.

— Certo — murmura ele — Sente-se.

Faço o que ele diz, sinto-me nervosa em ter que remoer o passado e tudo o que ele representa para nós, mas é um mal necessário.

— Lembra-se que papai às vezes nos levava para a mansão Durant para ajudá-lo com o jardim? Você não, ainda era muito pequena — relembra Kevin — Foi assim que Sam e eu conhecemos o Nathan. Na verdade, ele virou meu amigo por causa dela. No início eu não percebi isso. Só queria andar com a turma dele. Ir a festas. Embora ele não me deixasse participar de algumas, nunca entendi isso. Então acreditei que se Samantha namorasse-o me deixaria entrar definitivamente para seu círculo de amigos.

— Sam tinha medo do Nathan. Ela me disse muitas vezes — digo com raiva — Como pôde jogá-la nos braços dele?

Lembro de uma vez, quando voltei da escola e a encontrei chorando no quarto que dividíamos. Após muita insistência me contou que Nathan a tinha beijado a força e nunca mais voltaria aquela casa.

— Eu pensei que ela estivesse fazendo charme. Então eu não liguei. Já tinha visto uma foto dele nas coisas dela, só depois descobri que era o Neil.

— Neil... — eu sussurro, confusa.

— Sam tinha uma paixonite por ele. Talvez seja isso o que a mãe dele quis dizer — continua ele — Quando Samantha morreu, Nathan parecia bem deprimido. Quase sombrio, então, mostrei a foto que tinha encontrado nas coisas dela. Disse que ela o amava apesar do que fez. Nathan ficou furioso e me contou que não era ele na foto, mas sim o Neil.

Isso é novidade para mim. Por que Neil não havia me contado isso? Quantos segredos ainda há entre nós dois? Será que ele também a amava? Será que o tempo todo ele a via em mim? Eu sou apenas uma substituta de alguém que ele amou?

— Não sei o que Nathan pode ter inventado sobre Sam — Kevin interrompe meus pensamentos — Você não perguntou a ela?

— Não tive oportunidade, Lilian saiu antes disso.

— Esse é um assunto delicado. Pelo que Neil me disse, os pais dele não sabem o que aconteceu ou como aconteceu e se Sophia está metida nisso...

— As coisas ficam cada vez mais confusas para mim. Temos que esperar que Neil acorde para esclarecermos as coisas — murmuro. — Estou cansada.

— Por que não se deita um pouco? — sugere Kevin.

Deito na cama com as pernas trêmulas. Nada faz sentido. Dúvidas e inseguranças se instalando em meu peito. Embora tente relaxar eu não consigo. O medo e desconfiança me sufocam. Por que Neil havia escondido aquilo sobre Samantha? *Por que?*

Volto ao seu quarto para visita noturna e as perguntas sem resposta queimam em minha garganta. Neil e Samantha? Respiro fundo para conter a dor quase física ao tentar imaginar isso. Por seu amor eu poderia lidar com todos os meus traumas do passado, apesar de ainda me machucarem muito, mas eu não conseguirei lidar em ser apenas uma substituta de um fantasma. Pior do que isso, da minha própria irmã.

— Neil, acorde e me diga que é apenas um engano estúpido — sussurro com lágrimas nos olhos, enquanto seguro sua mão — Por favor.

Observo seu rosto perfeito e tranquilo. Não tenho dúvidas por que Sam havia se apaixonado por ele. E conhecendo Sam como conhecia, não ficaria surpresa por Neil a amá-la também. Minha irmã além de linda era uma pessoa incrível, doce e afetuosa.

Ondas de dor invadem meu peito com força total. Rezo silenciosamente para que seja apenas mais um engano.

≈≈≈

Na tarde seguinte, recebo alta e antes de sair faço todos me prometerem que irão me avisar se Neil acordar antes que eu retorne.

Antes de irmos para casa peço a Paige que me leve até a casa dele para visitar Anne. Como imaginei, Lilian não permitiu que entrasse. Embora queira fazer o mesmo no hospital, sempre o visito quando ela não está presente. É obvio que isso é uma represália.

Os seguranças parecem confusos por não terem permissão em me deixar entrar, mas como são ordens não há nada que possam fazer.

— Velha nojenta! — grita Paige, através do interfone — Quando Neil souber sobre isso você vai ver.

— Vamos embora Paige — olho para casa através do imenso portão — Não há o que fazer aqui.

— Tenho vontade de matar essa mulher e todas essas senhoras nojentas que acham que dinheiro é tudo na vida — diz ela, irritada — Preferem viver de aparências e fazer os próprios filhos que dizem amar tanto sofrerem ás custas disso.

Ela não está se referindo apenas a Lilian, mas também a mãe de Richard. Pelo que me disse a mulher é a pessoa mais esnobe e egoísta do mundo. Chegou até a oferecer dinheiro para que Paige se afastasse do filho dela.

— Eu sinto por Anne — choro — Ela está sofrendo muito.

Estamos a caminho da rua quando ouço uma voz atrás de mim.

— Espere senhorita Jenny!

— Dylan? — encaro o homem moreno e musculoso atrás do portão.

— Sim. A senhorita já está enxergando?

Ele parece indeciso. Estou com os óculos escuros que Liam ordenou que usasse por alguns dias para evitar a claridade excessiva. Então não tem certeza se já enxergo ou não.

— Sim. Os óculos são apenas uma proteção contra a luz.

— Que bom. Tenho certeza que o senhor Durant ficou muito feliz. É uma pena o que aconteceu com ele não é? — murmura ele, com pesar — Mas ele é um homem forte e logo sairá dessa.

— Eu tenho certeza que sim.

Vejo-o olhar para casa atrás dele. Seu olhar é de desgosto.

— Sabe, pego a garotinha na escola todos os dias às três. Anne chora muito e sente falta do Sr. Durant.

— Por que à avó não deixa que fique em casa? — Paige pergunta irritada — Pelo menos por esses dias?

— Eu não sei. Ela diz que não pode lidar com uma criança, o marido doente e ainda visitar o filho. De qualquer forma, se quiser posso buscá-la antes de pegar

Anne na escola. Assim poderá vê-la.

— Eu não sei — estou receosa — Não quero causar problemas a você.

— O máximo que ela pode fazer é me substituir. Sou um funcionário da empresa de segurança de Peter e não dela.

— Se você acha que não há problema — digo sorrindo.

— Anne ficará feliz. Tem me perguntado sobre a senhorita.

Fico feliz com a notícia.

Combinamos sobre o encontro no dia seguinte e nos despedimos. Não quero ficar por mais tempo e correr o risco de que Lilian o mande embora por desobedecer a suas ordens ao vir falar comigo.

Vamos para nosso apartamento em seguida. Ainda parece irreal poder enxergar. Então, todas as coisas e pessoas ao meu redor parecem novidades para mim. O apartamento é bem aconchegante, bonito e acolhedor. É fantástico ver todas as coisas e lugares que só imaginava e sentia com os dedos. As lembranças de todos os momentos que passei com Neil ali me fazem chorar. Posso sentir a presença dele em cada canto da casa.

≈≈≈

Volto para hospital à noite e me informam que Neil abriu os olhos por poucos minutos, ficando inconsciente em seguida.

— Isso é normal — diz o médico responsável pela recuperação de Neil, um senhor de cabelos grisalhos e muito simpático.

— Eu posso passar a noite aqui com ele doutor Barkley?

— Infelizmente não. Pode ficar na sala de espera, mas aconselho que vá para casa e descanse — sorri colocando a mão em meu ombro — O pior já passou senhorita. Tranquilize-se.

No dia seguinte, chego ao hospital em torno das sete horas. Encontro Liam me esperando na porta da UTI. Me diz que Neil está acordado e que foi removido para outro quarto. Meu coração está em êxtase e apavorado ao mesmo tempo.

— Como ele está?

— Um pouco desorientado. Na verdade... — Liam faz uma pausa como se buscasse as palavras certas.

— O que foi Liam? O que há de errado com ele?

— Aparentemente nada. Olha... — faz uma pausa — Acho que se ele olhar para você por alguns minutos tudo ficará bem.

O que Liam quer dizer com isso? O que está acontecendo com Neil? Por que ele precisa me ver para ficar bem? Será que ainda imagina que eu o odeio?

Desejo sair correndo pelo hospital até o quarto dele. De abraçá-lo e dizer o quanto o amo. Que tudo havia ficado no passado e que é lá que tudo deve permanecer. Preciso afastar toda a tristeza que vi em seu olhar quando o mandei embora.

— Jenny? — Liam segura meu braço assim que ficamos em frente à porta — Tenha paciência, ok?

— Liam você está me assustando — murmuro, angustiada — O que está acontecendo?

— Você ama-o não é?

— Que pergunta absurda. Claro que sim.

Que tipo de pergunta ridícula era aquela? Tudo bem que eu havia agido de forma estúpida e irracional, mas está claro para qualquer um que Neil é minha vida. Não é o momento de falar sobre isso, então me calo. Eu quero saber o que está acontecendo. Será que ele havia ficado com alguma sequela irreversível? Por isso a pergunta dele? Se Liam acha que iria abandoná-lo por isso, está muito enganado. Cuidarei de Neil com todo amor e carinho que recebi dele durante todo esse tempo. Nada mudará meus sentimentos por ele. Se Nathan e tudo que havia feito não conseguiu, nada mais poderá. Afinal, por anos fui deficiente visual, ninguém mais do que eu, compreende isso. Não vou amá-lo menos.

— Era o que eu precisava ouvir.

Respiro fundo e entro no quarto. Ele está recostado na cama, o olhar compenetrado através da janela. Presumo que esteja perdido em seus pensamentos. Seria eu a causadora do vinco em sua testa?

O som de bipe ecoa no quarto. É do equipamento que monitora seus batimentos cardíacos. Em sua mão esquerda há um tubo intravenoso para soro e medicação. Sua perna esquerda engessada está apoiada em um travesseiro.

— Neil?

Seus olhos vêm de encontro a mim. Meu coração para por alguns segundos. O mundo ao redor de nós some por alguns segundos. Ele me olhava, mas parecia não me ver. Sinto um frio na espinha.

— Neil? — gemo, tentando controlar o desespero — Querido?

Os olhos negros me encaram fixamente, sua expressão é tão ou mais angustiada que a minha. Ele me estuda com cuidado.

— Conheço você? — pergunta, fechando os olhos em seguida — Desculpe-me, mas eu não me lembro. Não me lembro de nada.

As palavras parecem como facadas cravando meu peito. De todas as coisas que poderiam acontecer essa é a mais assustadora. *Ele não se lembra de mim*.

É como se tudo que nós vivemos e tudo o que sentimos deixasse de existir. Sinto-me tonta, as palavras dele girando em minha cabeça.

Conheço você? Desculpe-me, mas eu não me lembro... Conheço você? Não me lembro.... De nada. Não me lembro... Não me lembro de nada

Tento respirar normalmente de alguma maneira, preciso encontrar uma forma de sair desse pesadelo em que me encontro.

— Jennifer! — insisto — Não se lembra de mim?

— Não! — balança a cabeça na tentativa frustrada de encontrar algo em sua memória. Vejo raiva, medo e frustração em seu rosto.

— Tudo bem Neil — Liam aproxima-se dele — É melhor não forçar nada. Eu só pensei que quando visse a Jenny...

— Eu não consigo lembrar! — geme Neil e leva a mão a cabeça como se tentasse aplacar a dor — Minha cabeça dói.

— É natural que isso aconteça. Você teve um traumatismo craniano. Com o tempo tudo voltará ao normal, fique calmo. Descanse um pouco.

Eu posso lidar com sua raiva, magoa ou indiferença, mas o vazio que vejo em seu olhar... Não consigo pensar em algo mais doloroso que isso. A dor e pânico me sufocam.

— Vamos deixá-lo descansar um pouco Jenny — diz Liam segurando meus braços. – Vamos.

— Tudo bem — sussurro num fio de voz. Pareço mais tranquila do que realmente estou — Eu volto depois.

Nenhuma resposta.

Saímos do quarto e deixo que toda emoção que sufoca meu peito venha à tona. Liam me segura em seus braços me consolando.

— Não se lembra de mim. – As palavras saem com uma explosão de lágrimas sofridas — Não lembra...

— Shiii... — ele me embala — Tudo vai ficar bem querida. Apenas dê tempo a ele.

— Mas se ele nunca se lembrar? — pergunto, imensamente apavorada — Se o perdi para sempre?

— Então o faça se apaixonar novamente. Ele pode ter esquecido aqui — pousa uma mão em minha cabeça — Mas não aqui — e outra em meu coração

Esse é o pior de todos os castigos. Neil não se lembra de mim por causa do acidente ou realmente eu nunca existi para ele? Minha presença nunca foi forte o bastante para fazê-lo esquecer de Samantha?

Sinto o chão liso desaparecer sob meus pés, algo me puxa para baixo e não sinto mais a superfície.

— Jenny! — ouço uma voz ao fundo. O negro manto me encobre.

Capítulo 3

Abro meus os olhos ainda sensíveis e tento enxergar através da claridade do quarto. Estou meio desorientada, as lembranças disparam em minha mente como flashes. Uma dor violenta rasga meu peito quase sufocando-me. Sinto um frio gélido na pele e um gosto metálico na boca. Olho em volta e vejo que estou em um quarto similar onde estive nos últimos dias.

— Jenny? — Paige segura minha mão — Como se sente?

Parece que essa é a única coisa que ouço nos últimos dias. Como se sente?

As palavras não saem de minha boca, estão presas ao nó em minha garganta.

— Neil ele... — começo com voz entrecortada. Meus olhos se enchem de lágrimas mal contidas — Ele não me ama mais.

Choro desesperada.

— Jennifer Linton Connor! — Paige me encara com raiva — Saia dessa cama imediatamente e pare de agir como vítima. Você pode ficar ai e se lamentar para sempre ou pode lutar pelo homem que você ama. Escolha logo, pois há uma fila de mulheres lá fora disposta a fazer isso por você!

As palavras libertam-me da agonia que me encontro e dou conta que tem razão. Paige tem razão, não posso passar a vida me lamentado. É hora de arregaçar as mangas e ir à luta. Eu o afastei de mim e nos coloquei nessa situação deprimente. Em algum lugar do seu coração ele irá se lembrar de mim. Tenho certeza.

— Você está certa — seco as lágrimas insistentes.

Todas as pessoas deveriam ter uma amiga como Paige, que apoie, mas que nos traz para realidade quando precisamos. Então, tenho duas escolhas; luto ou choro. Eu escolho lutar.

— Graças a Deus! — ela sorri — Garota você me assustou e muito.

— Não sei o que seria de mim sem você Paige.

— E eu não sei? — ela ri — Você é a pessoa não cega mais cega que já vi no mundo.

Apesar da ironia de suas palavras ela tem toda razão. O pior cego é o que não quer ver. Não é o que dizem? Neil sempre demonstrou seu amor e agora está na hora de eu fazer o mesmo.

— Sinto em dizer Jenny, mas este hospital não é um SPA — Liam entra no quarto sorrindo — Nem bem saiu e já voltou.

— O que aconteceu? — pergunto, ansiosa — Vou ter que ficar aqui?

Liam coloca uma espécie de caneta com luz em meus olhos enquanto me

examina. São raras ás vezes que fico doente e nunca havia desmaiado na vida.

— Não é nada grave. Apenas está sob uma forte tensão — explica Liam — Seu corpo não aguentou tanta pressão e você apagou. Se estiver se sentindo bem agora, poderá ir para casa se me prometer que irá descasar.

— Eu prometo — afirmo — Posso falar com Neil?

— Ele foi sedado e está dormindo — diz Liam, cautelosamente — Não está nada feliz por não recuperar a memória. Vá para casa e volte amanhã, está bem?

Eu tenho vontade de gritar com ele. Eu não quero ir para casa e fingir que descanso quando o que mais quero é ficar aqui com Neil.

— Mas Liam...

— Isso é uma ordem Jenny! Além do mais, só serão permitidas visitas amanhã de manhã.

≈≈≈

Meia hora depois eu saio do hospital ainda contrariada. Paige me obriga a ir para cama assim que entramos em casa. Quero voltar ao hospital, mas Paige não permite. Passou o resto do dia sendo meu cão de guarda. Para minha surpresa estou tão exausta, que algumas horas depois eu desabo na cama e só acordo no dia seguinte.

— Nossa, você está de arrasar — Paige assovia quando entro na cozinha — Se o Neil já não estivesse apaixonado ficaria agora.

— Levando em conta que ele não se lembra, dá no mesmo. Estou bem? — pergunto dando um rodopio. Estou usando um vestido verde tubinho sem mangas. Escolhi a cor por representar sorte e esperança. Hoje eu preciso de toda a sorte do mundo.

— Espere! — Paige sai correndo da cozinha em direção ao quarto — Falta um detalhe.

Minutos depois ela volta com um estojo preto.

— Feche os olhos — pede ela.

Fico parada enquanto Paige inicia a maquiagem.

— Agora está perfeita.

— Tem certeza Paige? — resmungo — Vou a um hospital e não a uma festa.

Com uma cara de ofendida ela me entrega um espelho. Estava pronta para ir para o banheiro e lavar o rosto quando a imagem refletida nele me surpreende. A maquiagem está linda e discreta, nas pálpebras há uma sombra rosa clara e meus cílios parecem mais longos e volumosos e um batom cor da boca complementa a obra prima.

— Está perfeito — sorrio — Obrigada Paige. Você tem talento com isso. Confesso que antes quando me maquiava eu sentia muito medo.

— Julgando livro pela capa amiga? — resmunga — Puxa vida é reconfortante saber que confiava em mim.

— Desculpe — abraço-a com carinho. — Agora se quer ir ao hospital comigo sugiro que se apresse.

— Hum.. — ela entorna um copo de suco que havia deixado em cima do balcão da cozinha — Estou pronta. Não vai tomar café?

— Como algo por lá.

Pegamos nossos casacos no suporte e saímos. Parece que o inverno será rigoroso esse ano e estou ansiosa com a possibilidade de voltar a ver neve. Quando criança adorava fazer bonecos de neve.

O horário de visita é à partir das oito horas, então ainda teremos que esperar alguns minutos. Esperava encontrar Liam aqui, mas pelo que uma enfermeira nos disse, hoje não é seu dia de plantão.

Vinte minutos depois outra enfermeira nos autoriza a entrar. Orientou que evitássemos cansar o paciente. Sinto minhas pernas tremerem ao parar em frente à porta.

— Relaxe — diz Paige, atrás de mim. Suas mãos seguram meus ombros — Talvez ele já tenha se lembrado de tudo.

— Talvez — respiro fundo e entro.

Olho para o homem a minha frente e meu coração salta. Deus, como ele é lindo! Rosto marcante, olhos escuros, penetrantes e misteriosos. Boca bem desenhada. Lembro-me de como é sentir esses lábios contra os meus ou pelo meu corpo e um rubor queima meu rosto.

É impressionante como já não me lembra o homem de meus pesadelos. É o mesmo rosto e ao mesmo tempo muito diferente, não sei como explicar isso. Como se Nathan tivesse um aspecto diabólico e Neil se parece mais como um anjo. Não que seus traços sejam delicados, pelo contrário, a definição correta seria um anjo vingador.

— Oi — sussurro para ele.

Oi? Tudo o que tenho para falar é oi? Encaro Paige e a vejo revirar os olhos do meu jeito patético.

— Olá — diz ele, sem desviar os olhos de mim — Você é... ?

— Jenny — murmuro frustrada — Estive aqui ontem.

— Eu me lembro, mas ainda não sei quem é? — enruga a testa como se buscasse por respostas no fundo de sua mente — Quero dizer... O que significa para mim? É uma amiga?

— Sua noiva — responde Paige por mim — Eu sou a amiga.

Os olhos questionadores caem sobre mim. Seu olhar desliza pelo meu corpo novamente. Um formigamento toma conta de mim. Mordo os lábios para abafar

um gemido e noto quando ele fecha as mãos em punho. Sinto uma alegria invadir meu peito, com ou sem memória seu corpo reage ao meu tanto quanto eu a ele. Isso é inegável.

— Você é minha noiva? — pergunta ele, com a voz rouca.

— Sim.

Aproximo de sua cama determinada. Talvez não fosse tão difícil fazê-lo lembrar. Só precisaríamos de um pouco de paciência, amor e tempo. Seu corpo não consegue negar o que a mente bloqueia. Seguro suas mãos entre as minhas, uma eletricidade passa por elas. Ele percebeu isso. Levo sua mão até meus lábios e beijo seus dedos com carinho.

— Tente se lembrar — sussurro.

Vejo seus olhos faiscarem e fecharem por alguns segundos.

— Sinto muito — puxa a mão, e solta um gemido frustrado — Não consigo.

A dor e desapontamento queimam meu peito. Tento me recompor para que ele não perceba.

— Não se preocupe. Haverá tempo para isso. Tenho certeza que em breve tudo voltará ao normal.

O olhar dele estreitou ao ouvir o que disse. Pela expressão em seu rosto também está frustrado e confuso. Ele parece muito sozinho e perdido nesse momento. *Pobre menino.*

— Deve estar sendo difícil para você...

— Você nem pode imaginar o quanto — sussurra ele, entre dentes — Quero ficar sozinho.

Inclino-me para frente ao ouvir suas palavras frias. Enquanto estou ali, petrificada, sinto que todos os meus sonhos e esperanças vão se esvaindo. Se ele não me quer aqui não há nada que eu possa fazer.

— Quer que eu vá embora? — pergunto estupidamente, sentido aquele conhecido nó sufocando minha garganta.

— Eu.. — hesita ele por alguns segundos — Sim. Preciso refletir sobre tudo isso.

— Se é.. — tropeço em minhas palavras enquanto lágrimas ameaçam saltar de meus olhos — Se é o que quer.

Caminho em direção à porta a passos lentos e vacilantes.

— Espere!

Ouço sua voz angustiada atrás de mim. Viro-me e me deparo com seu olhar angustiado, tanto quanto o meu. Sua expressão é desoladora, então em seguida diz algo que me desarma.

— Você irá voltar não é?

O nó em minha garganta se desfaz.

— Claro — sorrio – Posso voltar à tarde se quiser.

Ele assente.

Saio apressadamente antes que faça uma loucura, como ficar de joelhos em frente a ele e implorar para que se lembre. Tenho que ser paciente e galgar cada passo. Deve ser apavorante acordar sem saber quem é ou quem são as pessoas ao seu redor. De certa forma ele deve se sentir como um cego sem direção e o entendo mais do que ninguém.

— Caramba, a coisa está feia mesmo.

— Não vou desistir Paige. Só precisamos de tempo.

— Assim que se fala — sorri para mim — Estou gostando dessa Jenny corajosa e determinada.

Nós duas rimos e voltamos para casa animadas com esse fio de esperança, que Neil nos proporcionou.

≈≈≈

Às duas e meia Dylan para em frente ao meu apartamento e vamos em direção à escola de Anne. Estou feliz em reencontrá-la, embora ainda não saiba o que dizer a ela.

— É melhor esperar aqui senhorita — orienta Dylan.

— Está bem.

Permaneço sentada observando a escola. Dylan cumprimenta a professora e pega uma mochila. Em seguida uma menina dos cabelos negros caminha cabisbaixa ao lado dele. É a primeira vez que a encontro depois de voltar a enxergar, não se parece em nada com a menina alegre que me visitou há alguns dias.

Dylan coloca sua mochila no banco da frente e abre a porta para que Anne entre. Sempre de cabeça baixa, ainda não me viu sentada no banco de trás.

— Oi Anne — cumprimento-a com alegria.

— Jenny? — Seus olhos se arregalam ao me ver dentro do carro — Jenny!

Os braços voam em volta de meu pescoço em apenas alguns segundos.

— Papai.. — Seu choro corta meu coração. Não consigo segurar a emoção e choramos juntas.

— Calma querida — sussurro em seus cabelos — Vai ficar tudo bem.

— Meu pai vai morrer? — pergunta ela ainda soluçando.

— Não! Quem disse isso Anne?

Não acredito que Lilian pudesse ter feito isso. Apesar de todo relacionamento complicado com Neil ela ama Anne.

— Meu amigo da escola, o Thomas. Disse que o tio dele sofreu um acidente o ano passado e que depois ele morreu.

Sinto-me aliviada com a resposta e com vontade dar uns puxões de orelha nesse garoto.

— Isso não vai acontecer querida — enxugo as lágrimas em seu rosto — Seu pai não vai morrer.

— Você jura?

Cruzo os dedos e levo aos lábios.

— Eu juro.

— Por que eu não posso vê-lo então? — choraminga Anne.

— Por que está se recuperando no hospital e lá não é lugar para crianças.

— Mas eu fui ao hospital ver você.

Bem como eu posso me sair dessa? Anne é muito esperta, não é fácil esconder as coisas dela. Sinto-me frustrada com isso. Neil com certeza teria uma resposta apropriada para o momento.

— No meu caso foi diferente Anne.

— Eu sinto falta dele — seus olhos voltam ficar marejados.

— Prometo que em breve você poderá vê-lo.

— Eu queria visitar você, mas vovó não deixa — se queixa ela — Disse que não a veria de novo. Por que ela não me deixa ficar com você? Não gosta mais de mim Jenny?

Não sou uma pessoa violenta, mas desejo esganar Lilian nesse momento.

— Sua avó está enganada — murmuro, fazendo carinho em seu rosto para afastar as lágrimas — Acabei de sair do hospital e talvez ela pense que preciso de descanso.

Ao contrário de Lilian não pretendo levantar a bandeira da discórdia envenenando-a contra ela. Anne adora os avós e não vou me colocar entre eles.

— Lembra que estive no hospital? — sorrio.

— Ohh — seus lábios se abrem num O perfeito, enquanto seus olhos se arregalam — Você já pode ver?

— Sim, eu posso.

Seu rosto fica triste novamente.

— Gostaria de poder ser normal também. Como você.

— Desculpe! — levo à mão a boca e arregalo os olhos em sinal de espanto — Não tinha notado esses seus olhos grandes e essas suas antenas de extraterrestre.

Por um momento ela ri mostrando a janelinha entre os dentes.

— Minha mãe disse que nunca terei um namorado quando crescer — suspira — Eu não me importo, os meninos são idiotas mesmo.

Como Sophia pode ser tão cruel com Anne? Sua própria filha? Que tipo de mãe é essa? Até mesmo animais cuidam e protegem seus filhotes.

— Sophia não sabe o que diz — tento controlar a ira dentro de mim — Eu era

cega e seu pai se apaixonou por mim.

— Mas agora você não é.

— Anne... — começo com calma — Quando for maior e os garotos não parecerem tão idiotas. Encontrará alguém que a ame pelo que você é. E pelo que tem aqui dentro.

Coloco a mão em seu peito onde fica o coração.

— Isso será a única coisa a importar.

Após isso, conversamos animadamente durante todo o caminho. As maldades de Sophia e intrigas de Lilian esquecidas. Dylan me deixa em frente ao hospital primeiro. Até tentei persuadi-lo a me deixar em algum ponto de táxi próximo, mas ele se recusou, alegando que se Neil descobrisse ele ficaria encrencado. Não o corrigi lembrando que ele está sem memória. Anne ainda não sabe, e sei que Lilian ficará furiosa se contar a ela. Também não tenho certeza se é o momento certo para isso. Pode ser que a memória volte a qualquer momento. Essa é a minha esperança.

Prometo a Anne que a verei na segunda-feira e que não deve contar a avó sobre nosso encontro. Ela ficou um pouco confusa, mas eufórica com nosso segredo.

Antes de ir para o quarto de Neil pergunto pelo médico na recepção. Uma enfermeira me informa onde é seu consultório. Bato na porta e aguardo que dê autorização para eu entrar. Ele me recebe com sorriso e me indica uma cadeira à sua frente.

— Em que posso ajudá-la?

— Doutor, amnésia de Neil é permanente? — resolvo ir direto ao assunto.

— Infelizmente não tenho essa resposta — diz ele, com pesar — O cérebro humano é muito complexo. Fizemos alguns exames essa manhã e não encontramos nenhuma razão neurológica para a amnésia.

— Então há chances de que se lembre?

— Também há possibilidade que isso nunca aconteça. Pode ficar assim por dias ou anos. Como pode se recuperar em algumas horas. O que ele precisa fazer é manter a calma. Voltar para casa e ficar entre as pessoas que ama. Isso o ajudará a se recuperar mais rápido.

— Quando ele terá alta?

— Em uma semana se tudo correr bem.

Agradeço por suas explicações e vou para o quarto. Está quase no fim do horário de visitas e quero aproveitar o máximo que puder.

— Jenny! — ouço uma voz atrás de mim.

— Liam, não sabia que estaria aqui. Está de plantão?

— Não. Vim para visitar o Neil — diz ele — Está indo embora?

— Não, estive conversando com o médico.

— Ainda está sem memória?

— Sim — respondo, com nó na garganta.

Não vou chorar ordeno a mim mesma. Jurei que serei forte.

Entramos no elevador e Liam seleciona o nono andar. Ficamos em silêncio enquanto ele sobe.

— Sabe, isso às vezes acontece — diz ele, assim que saímos em direção ao quarto — Logo ele se lembrará.

— Eu rezo para que sim.

Uma enfermeira resmunga que já havia terminado o horário de visitas, mas porque Liam é um dos médicos do hospital abriria uma exceção, desde que ficássemos apenas por alguns minutos.

≈≈≈

Encontro-o um pouco sonolento e desorientado. Liam explica que está sob os efeitos de remédios que são fortes.

Seguro a mão dele entre as minhas.

— Você veio — murmura ele, quase inaudível — Sabia que viria, mas ela me disse que não.

Quem disse isso a ele? Com certeza Lilian.

— Estou aqui – sussurro — Como prometi.

— Senti sua falta — volta a fechar os olhos e vejo um pequeno sorriso curvar seus lábios antes de se entregar ao sono.

A chama da esperança volta a brilhar em mim. Não foram as palavras do homem que visitei de amanhã. Aquelas tinham sido palavras do meu Neil. O mesmo de antes do acidente.

Velo seu sono tranquilo por alguns minutos até que Liam me alerta que temos que sair.

— Ele se referia a Lilian não é? — pergunto com raiva.

— Acho que sim. Pode ser uma enfermeira também. Veja bem, está sob efeitos de remédios, está confuso.

— Eu não acho — murmuro contrariada — Também disse a Anne que não a veria mais. Por que ela faz isso Liam? Por que me odeia tanto?

— Gostaria de ter as respostas — suspira ele — Infelizmente não as tenho Jenny.

— Lilian não vai me afastar deles dois — digo, determinada.

— Não vamos permitir isso. Quer é uma carona para casa?

— Sim. Obrigada.

Liam é um dos amigos mais divertido de Neil, passou o caminho todo me contando coisas engraçadas sobre eles.

Chego em casa e encontro o apartamento vazio. Concluo que Paige deve ter ido se encontrar com Richard. Não sei o que acontece, mas há grande tensão entre eles. Sempre que ele ligava e ela atendia o telefone, eles acabam brigando.

Ligo para Kevin e convido-o para jantar comigo já que parece que Paige passará a noite fora. Enquanto comemos conversamos sobre a jovem que ele ama e seu filho.

— Por que não pede ao Peter que o ajude com isso? — sugiro enquanto cuidamos da louça após o jantar.

— Eu não sei — balança os ombros — Acho que os serviços dele devem ser caros.

Eu gostaria de poder ajudá-lo quanto a isso. Mas no momento estou sem emprego e praticamente vivo às custas de Paige. Agora que já não estou cega perderei a auxílio que recebia. Isso me lembra de que preciso de um emprego urgente. Mas o que eu farei? A única coisa que sei é cantar. Depois do que Sophia fez no restaurante, não posso voltar para lá.

— Eu posso conversar com ele — murmuro — Peter é um amigo formidável, talvez ele possa ajudar e veremos como pagá-lo depois.

— Jenny, eu não tenho um emprego e não posso pagar ainda. E com minha ficha não será fácil encontrar um emprego decente. Minha sorte é que o flat em que estou morando foi pago por seis meses. Tenho que pensar no que farei depois disso, mesmo que Neil recupere a memória, não vou passar a vida nas costas dele.

— Pode ficar aqui se quiser. Tenho certeza que Paige não se importará.

— E dormir no sofá, além de tirar a privacidade de vocês? — diz ele, contrariado — Não. Está na hora de caminhar com minhas próprias pernas.

— Somos irmãos — insisto — Estou aqui para ajudá-lo.

— Eu agradeço e muito. Mas já tem problemas demais.

— Só não quero que se sinta sozinho...

— Jenny, se o medo é que eu volte para as drogas ou aquela vida destrutiva, fique tranquila — murmura ele, agarra meus braços obrigando-me a encará-lo — Isso não vai acontecer. Eu a amo e não vou magoá-la novamente, independente do que aconteça. Em último caso pedirei ajuda a você, tudo bem? Por enquanto, preciso me reerguer sozinho.

—Está bem — abraço-o forte —Saiba que eu o amo e sempre estarei aqui.

Ficamos abraçados em silêncio por alguns minutos. Falarei com Peter assim que possível, mesmo contra a vontade dele. Há outras vidas em jogo e a teimosa da família sou eu.

— Eu ia visitar o Neil, mas como ele está sem memória acho que não devo — murmura ele.

— O médico disse que o quanto mais normal for à vida dele, melhor será a recuperação.

— Tem certeza? Não quero deixá-lo desconfortável.

— Será bom ver os amigos.

No dia seguinte visito-o pela manhã. Encontro Lilian no quarto que não disfarça o desgosto em me ver ali. No entanto, em vez de fazer algum escândalo, ignorou minha presença falando com ele e fingido que eu não estava no quarto. Sei que ele percebeu a tensão entre nós duas.

Uma enfermeira retorna para fazer a medicação e nos avisa que o horário de visita havia terminado. Despeço-me dele com beijo no rosto e saio.

— Pensei que havia deixado claro que não a quero aqui — Lilian agarra meu braço assim que saímos.

— E eu pensei que havia deixado claro que não me afastaria dele — livro-me de suas garras e encaro-a.

— Não pense que me engana com essa cara de anjo. Você quer dinheiro?

— Claro que não!

— Pois tire essa ideia estapafúrdia de se casar com meu filho.

Ela sai rígida como uma rainha. A raiva ferve dentro de mim. Quem essa mulher pensa que é?

≈≈≈

Volto para casa muito irritada e com ímpetos de matá-la. Cuido da limpeza do apartamento para me distrair ou acabaria fazendo algo impensado como procurá-la e dizer algumas verdades.

À tarde, para meu desgosto, eu chego novamente atrasada para a visita. Apesar de ser sábado, um acidente na rodovia havia causado grande congestionamento.

Caminho rapidamente pelo corredor, antes que eu entre no quarto vejo uma mulher loira e muito bonita sair. Seus cabelos são longos e usa um vestido preto curto e sexy demais para um ambiente hospitalar.

— Olha se não é a ceguinha? — Seu olhar é de desprezo na direção a mim.

Passará mil anos e jamais esquecerei dessa voz.

— O que faz aqui Sophia?

— Isso não é da sua conta — dá as costas para mim.

O que ela faz aqui? Terá feito algo contra Neil? O pânico me domina.

— Se você fez mal a ele de alguma forma — vou até ela e torço seu braço

com força para que me encare. Apesar de ser mais alta que eu, minha raiva supera seu tamanho — Eu juro que acabo com você!

— Solte-me — diz ela, puxando o braço — Não ouse me tocar novamente. Fiquei sabendo que já não está cega, mas não me intimida. Tudo o que disse a você no restaurante continua de pé. Neil e Anne pagarão por sua insistência.

— Veremos! — sibilo com raiva — Não se atreva a voltar aqui. Não vou permitir que o magoe novamente.

— Quem irá me impedir? — responde, com um riso de escarnio — Você?

— Se for preciso, sim.

— Isso eu quero ver — afasta-se de mim, os passos ecoando pelo corredor.

Se ela quer guerra é o que vai ter. Respiro fundo, estou tremendo. Minhas pernas estão bambas e minhas mãos estão trêmulas. Abro a porta e me deparo com um olhar acusador.

— Então sou casado e tenho uma filha? Pode me explicar como estamos noivos?

Puta merda! O que essa louca havia inventado dessa vez?

Capítulo 4

Não, não! Isso não é verdade! Não consigo acreditar que isto está acontecendo comigo. Meus ombros enrijecem devido à tensão sobre eles, enquanto meu coração dispara num galope alucinante.

Mantenha a calma. Mantenha a calma, digo mentalmente, afinal ele não se lembra de como Sophia é perigosa igual a uma cascavel, rastejando a procura de um novo bote.

— Não é o que você pensa — mantenho meu olhar no dele — Estão divorciados. Não acredite nas mentiras de Sophia.

As dúvidas giram em seu rosto expressivo.

— Então não sou casado e não abandonei minha família *por você*?

As últimas palavras foram proferidas com desprezo e magoaram-me. Por um instante fecho os olhos e tento clarear os meus pensamentos. Consigo imaginar o que Sophia havia dito a ele, tenho certeza que quis transformar nossa relação em algo sujo e imoral. Não vou permitir isso. Jamais teria permitido que Neil se aproximasse de mim se o casamento deles não estivesse fracassado, na verdade, nunca tiveram um casamento de verdade.

— Há muito tempo não são um casal como ela disse. E Sophia nunca ligou para Anne. Ou será que ela não falou sobre isso?

— Ela esteve doente. Foi o que me disse — murmura ele — Talvez eu devesse ter sido mais paciente com ela.

Fecho os olhos e respiro fundo algumas vezes. Tenho vontade de gritar de frustração e raiva. Sophia havia encarnado muito bem o papel de vítima e colocando-me como uma destruidora de lares.

Agora, como posso dizer toda verdade a ele sem que fique abalado? Nesse momento eu percebo o quanto deve ter sido doloroso para Neil ter o meu passado sufocando o peito e o medo de que o rejeitasse ao saber a verdade. Como posso revelar algo que talvez possa destruí-lo? Embora queira contar sobre todas as maldades de Sophia e seu passado conturbado, não sei se está preparado para ouvir.

— Você foi a pessoa mais paciente do mundo Neil — digo, revelando apenas o que é preciso — Todas ás vezes que ela saiu da clínica, você a perdoou, mas ela nunca deu valor e nunca se importou com Anne. Sempre voltava para a mesma vida destrutiva e egoísta sem dar a mínima importância com quem decepcionava ou feria.

Aproximo-me de sua cama, seguro seu braço enquanto encaro-o com

determinação. Não dizem que os olhos são o espelho da alma? Ele terá que ver toda a verdade refletida,

— Acredite em mim! — sussurro, segurando seu rosto — Nós nos amamos. Sempre nos amaremos. Eu amo você!

Para surpresa dele uno nossos lábios, inicialmente em um beijo casto, mas com toda emoção que consigo transmitir. Sinto sua mão em meu pescoço aprofundando o beijo. Por um momento, nós dois permanecemos assim saboreando esse desejo pulsante. Nossos corpos têm fome um do outro. Solto um gemido desesperado. Como é possível querer tanto alguém ao ponto de doer?

Então, me lembro de onde estamos e de tudo o que ele havia passado e o quanto ainda está frágil. Afasto-me e vejo a paixão desenfreada refletida em seus olhos negros como uma noite sem estrelas. Sou capaz de reconhecer o desejo, é o mesmo que arde em mim.

— Você pode acreditar no que Sophia diz ou pode confiar no que sente por mim — tomo seu rosto viril entre as minhas mãos e obrigo-o a fitar-me — Apenas ouça o que diz seu coração e terá suas respostas.

Selo essas palavras com um beijo suave e parto. Ele precisa de tempo para refletir entre o que sente e o que quer acreditar. Desejo ardentemente que ele escolha confiar em seus sentimentos. Em nós.

≈≈≈

Chego à minha casa, livro-me do casaco pesado e esfrego minhas mãos uma contra outra em busca de calor. A chuva fina de fim de tarde típica de Nova York deixou meus cabelos úmidos e emaranhados.

— Eu tenho algo para dizer — encontro Paige eufórica na sala, esperando por mim.

— O que? — sorrio, diante de sua empolgação.

— Estou noiva!

— De novo? — provoco-a.

Paige me mostra a língua e estende a mão para que eu veja um lindo anel em seu dedo. É diferente do que ela usava antes, esse é mais delicado.

— Dessa vez é de verdade. Isso parece estranho?

— Sempre soube que acabariam juntos. Não acho estranho — abraço-a forte.

— Estou em pânico.

— O quê? Paige Fisher está em pânico?

— Jenny, eu estou apavorada. Ele é tudo o que eu não sou — ela começa a pontuar com os dedos; lindo, elegante, inteligente e rico. O que pode ter visto em alguém como eu?

— Talvez uma mulher linda, carinhosa, corajosa, sincera e inteligente? —

digo, rindo — E eu a proíbo de falar mal da minha melhor amiga.

— Eu o amo tanto! — Paige joga-se em meus braços e rodopiamos juntas — Eu vou me casar!

Estou muito feliz por ela. Depois de todas as decepções que teve na vida merece toda felicidade do mundo. Além de ser uma amiga extraordinária é a pessoa mais corajosa e doce que já conheci.

Após o jantar e toda euforia em torno do casamento, conto o que havia acontecido no hospital. Sobre a visita de Sophia e suas intrigas contra mim.

— Não acredito que aquela cadela fez isso.

— Penso que conta com a amnésia de Neil para reconquistá-lo — murmuro.

— Mas você não vai deixar não é? Aliás, deve ir imediatamente para o hospital e colocar juízo na cabeça daquele homem.

— O que ele precisa é de espaço Paige.

— Então vai desistir e deixar o caminho livre para aquela vaca? — encara-me, abismada — Jenny, é a coisa mais absurda que já ouvi de você e olha já ouvi muita coisa.

— Idiota! — rebato e mostro a língua para ela — Eu não disse isso. Apenas não vou usar as mesmas armas que ela.

Sinto meu rosto corar ao lembrar-me do beijo que trocamos no hospital.

— Eu o beijei hoje — confesso envergonhada — E ele correspondeu.

— Uau — murmura ela — Garota, você não perde tempo.

— Pode ser que a mente dele não se lembre de mim, mas o corpo diz outra coisa — digo confiante — Neil fará a coisa certa.

No dia seguinte, vou para o hospital completamente nervosa e ansiosa. Para o meu desapontamento a mãe dele está no quarto, de novo. Como da outra vez resolve me ignorar. Eu não ligo. Sento-me em uma cadeira perto da cama e observo-os enquanto conversam. Embora ele ouça o que a mãe diz, os olhos estão fixos em mim o tempo todo. Como se me examinasse. Sinto minhas mãos formigarem e meu corpo queimar ante seu olhar penetrante e insistente.

— O médico me disse que posso trazer Anne hoje à tarde se estiver tudo bem para você — Lilian continua indiferente ao clima eletrizante entre nós.

— Quem é Anne? — Seus olhos se desviam de mim e encaram-na com confusão.

— Sua filha Neil — responde ela, irritada — Não é possível que não se lembre dela?

Noto-o ficar pálido instantaneamente. Vejo sua dor. Como ela pode ser tão insensível?

— Lilian, ele ainda está se recuperando. Só precisa de um pouco mais de

tempo.

— Não acho que pedi sua opinião — sibila.

Fecho os olhos e respiro fundo. Conto até três, minha vontade é dizer o que penso sobre ela. Que é uma pessoa fria e egoísta, uma pessoa sem coração. Que como uma boa mãe deveria estar dando apoio a ele e não causando mais tensão. O que há com essas duas mulheres? Por um lado Sophia que usa Anne como moeda de troca, por outro está Lilian que não é capaz de um único gesto de carinho e amor. Ainda mais em um momento como esse.

— Tudo bem — protesta ele, chateado — Lilian tem razão, tenho que me esforçar mais. Pode trazê-la. Só espero que ela não se decepcione.

— Anne ama você — aproximo-me dele e seguro sua mão. A insegurança estampada em seu rosto — Nada disso vai importar para ela. Deseja apenas que você fique bem e volte logo para casa.

Seus dedos apertam os meus com firmeza. Permanecemos assim presos um ao outro e todo o mundo exterior desapareceu diante de nós.

A chama em seu olhar, a mesma do dia anterior. Nossos corpos ardem. Seus dedos acariciam a palma a minha mão delicadamente. O calor gerado pelo seu toque espalha-se pelo meu com uma rapidez assustadora. Temos gana um do outro. Anseio de nos entregar ao desejo que queima nossa pele. Aqui e agora.

Não importa onde estamos, sempre que nossas peles se tocam a paixão nasce entre nós como uma necessidade física. Sempre foi assim, desde o primeiro dia.

Escuto ao longe um pigarrear insistente e me dou conta de que estivemos perdidos no tempo. Não sei exatamente quanto tempo permanecemos em nosso próprio mundo particular, quando Lilian havia saído do quarto. Tudo o que me importa é a ligação que existe entre nós.

— Está na hora da medicação — informa a enfermeira, com sorriso bobo nos lábios — Acho que a hora da visita terminou.

Tento me afastar, mas os dedos dele ainda seguram os meus.

— Você voltará?

Meu coração salta de alegria com a pergunta. Fico tocada que o meu sempre orgulhoso, determinado, vibrante anjo, pareça tão perdido, tão vulnerável e que queira minha presença mais do que quer admitir.

— Eu volto mais tarde — respondo, carinhosamente. Ele sorri para mim e seu olhar de menino perdido havia desaparecido. O olhar sedutor está de volta.

Saio flutuando pelos corredores como uma pré-adolescente em seu primeiro encontro pós baile, e voltaria apenas para outra visita. É impressionante o que o amor faz às pessoas. Deixa-nos com um sorriso abobalhado no rosto e faz com que vejamos o mundo em cor de rosa. Ou é apenas comigo que isso acontece?

Vou a um shopping próximo dali com intenção de passar o tempo, não quero

voltar para casa e arriscar ficar presa no trânsito novamente. Além disso, Paige não estará lá e eu não quero passar as próximas horas sozinha em casa. Ando de uma loja a outra admirando as vitrines de roupas e tecnologia. Há tantas coisas novas e interessantes que as horas passam sem que eu perceba.

Paro em uma rede de fast-food e faço um lanche rápido. Vejo mais à frente uma grande livraria e sinto um desejo absurdo de conhecê-la. Apesar de ter aprendido libras, nunca tive muito tempo ou vontade de ler. Mesmo existindo aplicativos para livros em áudio sempre achei um gasto desnecessário. Talvez na realidade, estivesse amarga demais para isso.

Hoje, no entanto, sinto-me imensamente feliz. Observo alguns títulos através da vitrine por alguns minutos. Um em particular me chama atenção. Retiro meus óculos de proteção para observar melhor. Caminho distraidamente ao lado da vitrine quando me esbarro em uma parede de músculos em frente a mim.

— Droga! — ouço uma voz grave.

Um homem está ajoelhado recolhendo uma pilha de livros que eu havia derrubado em nossa batida.

— Desculpe senhor — digo envergonhada, me atrapalho ao tentar ajudá-lo — Eu estava distraída.

Seu rosto é angelical em contraste com o corpo musculoso. Os olhos são azuis e perspicazes. O sorriso simpático faz com que fique mais calma.

— Não se preocupe senhorita — ele sorri — Também estava distraído com essa pilha de livros. Acho que deveria ter aceito as sacolas que a vendedora me ofereceu.

— Acho que sim. Se quiser posso buscar para você. É o mínimo que posso fazer.

— Não tem porque se incomodar — diz ele — Além disso, deve estar ocupada com suas compras.

— Não é incomodo algum. Eu quase destruí seus livros — respondo — E estava apenas olhando. Nem sei se iria comprar algo. Há tantas opções que fico perdida. Não sei se vou pelo clássico que já conheço ou me arrisco em uma nova história.

— Eu adoro ler — ele sorri, constrangido — Mas isso é óbvio. Eu posso ajudá-la se quiser.

Eu gostaria mesmo de um bom livro. Principalmente agora que Neil está hospitalizado. As noites têm sido longas demais longe dele. Só que não sei se posso forçar a vista ainda. Se mal posso ver TV, que dirá os livros.

— Que horas são? — mudo de assunto, ele fica confuso com minha pergunta.

— Três horas.

— Bem, eu tenho que voltar para o hospital em quarenta minutos.

— Algum parente hospitalizado?

— Meu noivo.

Noivo? Bem tecnicamente sim. Afinal Neil iria me fazer o pedido se eu não tivesse sido tão idiota. Então sim, ele é meu noivo, pelo menos para mim.

— Claro. Uma jovem tão linda não estaria sozinha — sorri e me estende a mão por entre os livros — A propósito, meu nome é Konrad Bauer.

— Jennifer Connor — cumprimento, segurando sua mão. Está um pouco fria. Um pequeno arrepio passa pelo meu corpo.

Ficamos por cerca de trinta minutos dentro da livraria conversando sobre vários temas. Por fim, saio com dois romances clássicos, mas que ainda não li, vou guardá-los para quando puder.

Konrad insistiu muito para que fosse tomar um café com ele, o que recusei, claro, não achei apropriado. Além disso, ele me olha de um jeito estranho. Talvez seja loucura minha, ainda não sei ler as pessoas. E mesmo ele sendo muito atencioso eu não sei, há algo nele que me intrigou. Tive a impressão que seu sorriso não alcança os olhos. Como não sou do tipo que julga as pessoas precipitadamente, acredito que seja mesmo uma impressão errada. Após me despedir dele, volto para hospital.

Encontro Anne sentada na sala de espera e ao me ver corre para os meus braços. Lilian como sempre me direciona um olhar ácido. Contudo, comporto-me como tenho feito durante todos esses dias, ignoro-a.

— Eu vou poder ver o meu pai agora Jenny? — pergunta Anne, em sua típica alegria infantil — Ainda está mal da cabeça?

Posso imaginar de onde esse mal da cabeça tenha vindo. Isso me enfurece. Será que Lilian não poderia falar do acontecido com um pouco mais de delicadeza e tato?

— Ele está apenas um pouco confuso e cansado — aliso seus cabelos com carinho — Em breve ele estará melhor e se lembrará de nós.

— Não minta para criança — Lilian me encara com olhar mordaz — Sabe muito bem que isso não irá acontecer.

Anne se agarra à minha cintura e me aperta forte diante das palavras duras da avó.

— O médico disse que há grandes chances de recuperar a memória e é nisso que eu acredito — murmuro.

Antes que possamos iniciar uma discussão acalorada, uma enfermeira sai e nos avisa que podemos entrar. Seguro a mão de Anne e entramos no quarto juntas. Neil está sentado em uma cadeira de rodas perto de uma janela. Seu sorriso é doce e acolhedor.

— Papai! — grita ela, soltando minha mão e correndo para seus braços.

— Oi Terremoto — sorri largamente para ela — Vá com calma!

Tanto eu como Lilian o encaramos estupefatas. Ainda sem conseguirmos acreditar no que ouvimos.

— Neil você se lembrou de Anne? — pergunto emocionada.

Seu rosto antes sorridente agora se fecha em uma expressão angustiada.

— Não. Sinto muito pequena — Anne se afasta dele e senta em uma cadeira próxima a nós.

— Mas você a chamou de Terremoto — murmuro.

— Foi apenas um apelido carinhoso. Ela parecia um quando entrou aqui.

— Não! — vou até ele e fico de joelhos, jogo minha sacola no chão e olho dentro de seus olhos — Você chamava Anne assim. Não vê? Isso é um sinal. Tudo vai ficar bem.

Para minha surpresa, Neil faz uma coisa inexplicável. Puxa-me para junto dele e me beija. Une seus lábios aos meus com exigência e com a mesma exigência eu o tomo. Ele me puxa e eu me entrego com total facilidade. Apesar da ferocidade do beijo suas mãos são gentis em meus cabelos, numa carícia quase imperceptível.

— Acho que aqui não é local para isso — A voz de Lilian soa atrás de nós.

Neil separa nossos lábios com um gemido de pesar e eu encosto minha cabeça em seu peito. Inspiro fundo e saboreio seu cheiro inebriante. Nós dois estivemos à beira de perder o controle. Como um simples beijo é capaz de fazer com que me renda completamente? E pelas batidas aceleradas em seu peito sei que o desejo corre acelerado em suas veias com uma urgência incontrolável.

— Sinto muito — ouço-o sussurrar. Seus dedos acariciam o meu braço, as palavras foram dirigidas a mim e não a mãe.

Afasto-me da cadeira, não porque sinto vergonha, mas pelo fato de que se continuar tão próxima a ele, não poderei responder por meus atos.

Estamos em um grande problema, o desejo que temos um pelo outro está cada vez mais palpável. Jesus, esse homem é pura dinamite e estou louca para voltar para seus braços. Está hospitalizado, com a cabeça e perna enfaixada e mesmo assim consegue fazer com que me derreta toda.

Ainda trêmula encaro Lilian que me lança olhares acusadores e uma Anne sorrindo com o dedo na boca.

— Francamente isso é lamentável Neil — resmunga Lilian — Estamos em um hospital e há uma criança aqui.

— Eu não ligo vovó — Anne nos entrega — Eles faziam isso o tempo todo.

A garotinha sorri inocente sem se dar conta de que suas palavras descrevem mais do que realmente acontecia. Sim, trocamos muitos beijos perto dela, mas sempre eram mais contidos. Hoje foi como fogos de artifício.

— Aposto que sim — ouço Neil dizer com um sorriso torto no rosto.

A tarde passou tranquila e às duas horas de visita seguinte foram maravilhosas. Anne fez questão de contar tudo o que havia acontecido a ela durante esses dias em que ele ficou ausente. Neil pacientemente ouvia tudo e se mostrava interessado em cada detalhe.

Anne e Lilian foram embora há alguns minutos com a promessa de que a menina voltaria no dia seguinte.

Estamos sozinhos no quarto e um silêncio atordoante domina o ambiente. Meu desejo de ir até ele e me entregar de corpo e alma é insuportável. Eu o amo, desejo e preciso dele mais do que o ar que eu respiro.

— Eu tenho que ir — minha voz soa rouca.

— Fique um pouco mais — ele sussurra.

— Não acho que permitirão.

Covarde! Digo a mim mesma. Eu realmente preciso fugir dali ou faria papel de tola diante de todo o hospital. Por que não há maneira de refrear o desejo de ser possuída por ele. Apesar de odiar admitir isso Lilian está certa, este não é o local e nem momento propício a isso.

— Eu volto à noite — prometo. É o máximo que posso fazer no momento.

— Fique! Não vou atacá-la novamente — sorri, encabulado.

— Você não vai — dou lhe um sorriso sedutor — Mas não posso dizer o mesmo.

Com rosto em chamas e seu olhar abismado guardado na memória, saio do quarto em direção aos corredores, como diabo foge da cruz.

À noite estamos um pouco mais calmos, acho que devido aos medicamentos dele. E embora o desejo ainda esteja presente, nos concentramos em conversar. Eu conto como foi nosso primeiro encontro e de como o achei arrogante e autoritário no início.

≈≈≈

O dia seguinte foi mais calmo e divertido. Lilian havia deixado Anne conosco e voltado para casa. A afinidade entre Anne e Neil é tocante. Para ela é como se nada tivesse mudado e Neil faz com que se sinta feliz e amada.

Na segunda-feira o médico aparece no quarto e diz que no dia seguinte irão retirar a faixa e realizar os últimos exames, e que se tudo estiver como previsto ele poderá ir para casa.

Estou sentada aguardando ansiosamente pelo retorno de Neil e do médico. Minhas mãos estão frias devido à tensão, embora o quarto esteja quente e confortável, destoando com o clima absurdamente frio lá fora.

Apesar da minha apreensão, sinto-me feliz. Em breve Neil estará em casa.

Tenho fé que conseguirá recuperar a memória logo. Voltaremos a viver e nos amar como antes. A cada dia estamos mais próximos e mais ansiosos um do outro. Minhas noites não tem sido fáceis e creio que as dele não tem sido diferente.

A porta é aberta tirando-me dos meus devaneios. O médico entra, seguido por Neil em sua cadeira de rodas, conduzida por uma enfermeira. Sua cabeça completamente raspada e sem a faixa. Os vários pontos na cabeça me fazem desejar beijar cada um, como uma mãe faz quando a criança se machuca, como se meus lábios pudessem levar toda a dor.

Mesmo assim ele está mais lindo que nunca.

— Como vai querida? — Liam aparece atrás dele e me cumprimenta com um abraço e um beijo empolgado no rosto.

— Estou bem — respondo sorrindo.

Volto a olhar para Neil ainda com sorriso em meu rosto e noto sua expressão carrancuda. Fico apreensiva. Será que o médico havia falado algo que o deixou nesse estado? Antes que eu possa perguntar, Lilian entra no quarto como um furacão.

— Desculpem a demora, mas o trânsito nessa cidade estava péssimo como sempre — Ignora-me e cumprimenta Liam. Em seguida dirige-se ao médico — Então doutor? O senhor dará alta ao meu filho hoje?

— Amanhã — ele sorri, gentil. Alheio a tensão no quarto — Como disse antes, não encontramos nenhum dano neurológico que possa explicar essa perda de memória. Exceto pela perna quebrada e alguns cuidados que ainda deve ter, Neil está ótimo.

Essa resposta me deixa extremamente aliviada. Se não há nada com sua saúde além da perna quebra e a amnésia por que ele está tão irritado? Na verdade, sua expressão havia mudado depois que Liam entrou no quarto? Estaria com ciúmes do amigo? Essa ideia me parece tão absurda que imediatamente a coloco de lado. Afinal, Liam não havia feito nada, apenas me cumprimentou com um beijo no rosto. Com certeza seu mal humor deve-se a amnésia.

— Poderá voltar para casa e continuar a vida normalmente, mas precisará de repouso e de alguém que o auxilie. Não pode perder os horários da medicação e evitar movimentar a perna.

— Então terei que levá-lo para minha casa — Lilian sorri — Já tenho uma enfermeira que cuida do meu marido, tenho certeza que não se incomodará em me ajudar.

— Em Atlantic City? — pergunto, estridente. É longe demais de mim.

Pelo sorriso vitorioso no rosto de Lilian percebo que é exatamente isso que ela quer. Afastá-lo de mim de uma vez por todas. Longe dos olhos, longe do

coração.

Sinto meu coração se apertar com a ideia de que não vou poder vê-lo e por tempo indeterminado. Estou a ponto de cair em lágrimas quando o médico se pronuncia.

— Sra. Durant, acho que o melhor é que seu filho volte para casa dele, em seu ambiente. Com suas coisas e pessoas familiares a ele. Isso ajudará a exercitar a memória. Cada detalhe é importante.

Ponto para o médico! Se eu já não tivesse encontrado o homem da minha vida esse seria o momento em que o convidaria para jantar à luz de velas.

— Doutor, eu não posso cuidar do meu marido doente e de meu filho ao mesmo tempo, além disso, não posso ficar tanto tempo longe de casa.

— Bem nesse caso...

— Dr. Bakley, qualquer pessoa pode cuidar dele? — pergunto, ansiosa — Ou tem que ser alguém especializado?

— Senhorita, qualquer pessoa responsável que cuide de sua alimentação e medicação estará apta a isso. Não daria alta se precisasse de tratamento especificado.

— Então eu posso fazer isso? — pergunto, esperançosa.

— Claro que sim — sorri — Se estiver disposta.

— Não acho que ela seja a pessoa ideal para isso. A mesma acabou de sair do hospital — retruca Lilian — Em minha casa além de mim, terá uma enfermeira a sua disposição.

—Bem... — diz o médico, me encarando como se me examinasse — Não sabia sobre isso, me parece tão bem.

— Jenny fez uma cirurgia de reversão à cegueira — informa Liam — Não há nada que a impeça a cuidar de Neil.

— Isso é uma ótima notícia minha jovem — murmura o médico — Você é uma garota de sorte.

—Ainda acho isso imprudente — insiste Lilian.

— O doutor disse que Neil deve ficar na casa dele, Lilian — digo irritada. Não há maneira dessa mulher levá-lo para longe de mim. Não vou permitir. Não vou mesmo —Além disso, há Anne, a escola, não pode mudar a vida dela assim.

— Por que não param de falar como se eu não estivesse aqui? — murmura Neil com raiva —Acho que eu devo decidir o que quero.

— E o que você quer? — Lilian encara-o com um desdém irritante.

— Vou para minha casa, e se Jennifer está disposta a cuidar de mim, tudo bem — responde entre dentes.

Oh, oh! Jennifer e não Jenny como todos me chamam. Só agora percebo que assim como me chama por Jennifer ele não trata Lilian como mamãe. Agradeço

aos céus mentalmente. Sem que ele perceba, pouco a pouco dá sinais de que sua falta de memória não é permanente.

—Você não tem condições de decidir isso — diz Lilian, furiosa.

— Sra. Durant a amnésia não faz dele um incapaz — protesta o médico.

— Eu já decidi — rebate Neil — Vou para minha casa!

— Está bem. Faça como quiser! Depois não diga que não o avisei.

Lilian sai do quarto pisando firme. Com certeza esperava que Neil cedesse as suas vontades. Graças a Deus ele não fez.

— Deveríamos comemorar essa notícia boa. Um jantar e uma balada —Liam balança o corpo para amenizar a tensão. – Dançar baby.

— Pelo visto não notou que ainda não posso fazer isso — diz Neil, carrancudo.

— Desculpe cara, mas eu não convidei você — diz Liam piscando para mim — Não é mesmo princesa?

Não há como não se contagiar com sua alegria e espontaneidade, então eu sorrio de volta. Agora noto que Liam é um homem muito bonito. Não tanto quanto Neil, mas bonito e cheio de charme. Sua noiva é uma mulher de muita sorte.

— O que penso, é que Jennifer tem coisas mais importantes do que tentar entreter você — diz Neil, com rispidez — Por que não vai embora?

Ciúmes! Puta merda! Ele realmente está com ciúmes de Liam. É só o que me faltava.

O resto da manhã foi marcado pela tensão. Se Liam percebeu a irritabilidade de Neil disfarçou muito bem. Eu por outro lado, me sinto pisando em cacos de vidro. Não quero levantar a questão com ele e provocar uma briga. Neil poderia se irritar e decidir ir para casa da mãe e isso para mim está fora de cogitação. Então, passo a manhã toda enfrentando seus olhares acusadores.

Volto para casa para fazer as malas e avisar Paige que irei para casa de Neil no dia seguinte. Estou eufórica e com medo ao mesmo tempo. Embora tenha dormido em seu flat várias noites e ele em nosso apartamento, nunca passei a noite em sua casa. Agora estou indo morar com ele, isso me assusta um pouco. Como será vivermos diariamente sob o mesmo teto?

— Então ele desafiou a mãe dele na frente de todo mundo? — Paige pergunta deliciada — Mesmo sem memória ele é um homem de fibra.

— Quase morri quando ela disse que o levaria para Atlantic City — murmuro —Aquela mulher é terrível. A única coisa com que se importava era afastá-lo de mim.

— Nós duas temos muita sorte mesmo não é? — revira os olhos — Os

melhores homens do mundo e as piores sogras.

— Nada é perfeito nessa vida — coloco a última peça de roupa na mala.

— O Richard é.

— É mesmo? — provoco-a — Alguns dias atrás alguém me disse que o odiava.

— Aquela era uma garota estúpida — diz rindo.

Paige me ajuda a fechar a mala e me abraça em seguida.

— Vou sentir sua falta — suspira fundo —Esse apartamento irá ficar tão vazio sem você.

— Não seja falsa Paige — brinco — Você já nem fica mais aqui desde que ficou noiva.

— Tudo culpa de Richard — abana-se, de forma engraçada — Aquele homem é insaciável.

Meu rosto fica corado. Paige é despojada para tudo inclusive para falar de sexo. Não que eu seja pudica, pelo contrário, mas falar sobre isso não é algo que me deixa confortável. Prefiro viver as emoções entre quatro paredes.

Fizemos um jantar especial para nos despedir, na verdade, eu fiz já que suas habilidades na cozinha são nulas. Conversamos sobre como nossas vidas haviam mudado radicalmente em quase um ano. Eu uma garota cega, solitária que cantava em um clube. Paige dançarina de pole dance também marcada por diversas magoas e decepções. Encontramos ao mesmo tempo os homens de nossas vidas e para nosso espanto descobrimos que eram amigos. A probabilidade de isso acontecer novamente é zero.

≈≈≈

No dia seguinte Neil e eu estamos dentro do carro conduzido por Dylan a caminho de casa. Aparentemente ele ainda está irritado comigo e Liam. Não abriu a boca desde que saímos do hospital.

— O que Liam é seu? — pergunta inesperadamente.

— Pergunta errada — respondo zangada — O que ele é seu?

Ambos ficamos olhando para frente sem querer encarar o outro. Ele porque está fodidamente enciumado e eu porque estou ficando irritada pela injustiça sobre o ocorrido.

—Ele gosta de você?

— Neil... — começo, tentando manter a calma — Liam é um dos seus melhores amigos e meu médico! Além disso, está noivo de uma mulher lindíssima.

— Pois ele não deveria dar em cima da mulher dos outros, estando noivo de outra — sibila, voltando a encarar o movimento na rua enquanto o carro desliza

pelo trânsito lento.

Mulher dos outros? Então ele me considera sua mulher? Se não estivesse tão irritada com esse cabeça dura eu daria piruetas na rua de tanta felicidade.

— Não credito que está dizendo isso — respondo, calmamente.

—Eu sei o que eu vi!

—Ah é? E o que você viu?

—Ele beijando você — diz ele, como se tivesse nos flagrado sem roupa.

— Ele me beijou no rosto Neil — dou risada de sua acusação absurda. Sempre ouvi dizer que o ciúme faz as pessoas verem o que não existe, mas ele tinha elevado isso à estratosfera.

A mão voa até meu pescoço. Seus olhos estão fixos nos meus e vejo a chama do desejo estampados nele.

—Aprenda uma coisa sobre mim Jennifer — sussurra ele, entre meus lábios — Eu não divido o que é meu!

Os lábios tomam os meus em uma fúria alucinante. Nossas línguas duelam uma contra a outra, enquanto suas mãos passeiam pelo meu corpo sob o vestido de algodão. Sua boca suga meus lábios deixando-me embriagada. Tudo perde a importância, somente seus lábios e seu corpo colado ao meu me interessam. Gemo baixinho, incapaz de falar ou fazer qualquer outra coisa. Beijo-o com sofreguidão. Neil puxa-me para mais perto dele, alisa minhas coxas desnudas pelo vestido levantado e conduz minha perna até as dele. Um gemido rouco e frustrado ecoa de seus lábios. Abro os olhos e noto sua testa franzida.

A perna! Havia me esquecido completamente da perna machucada. Afasto-me com cuidado para não machucá-lo ainda mais.

— Desculpe — digo numa voz enrouquecida.

— Não foi culpa sua — suspira, frustrado — Temos que fazer algo sobre isso.

Tenho plena ciência de que *isso* que ele se refere não diz respeito a sua perna, mas a esse desejo incontrolável que cresce entre nós dois a cada dia. Agora morando na mesma casa então.

— Onde vou ficar? — pergunto só me dando conta agora de que não conversamos sobre isso. Devido às circunstancias não sei exatamente como ele deseja seguir daqui para frente.

— No meu quarto — sussurra Neil, com um sorriso sedutor — Em minha cama.

As palavras me deixam em estado de êxtase. Meu corpo pega fogo com o olhar sensual sobre mim. Estou completamente, ensandecida, viciada e perdida por esse homem.

Capítulo 5

Chegamos à sua casa e essa eletricidade entre nós continua pulsando em volta de nós. Suas palavras ainda ecoando em minha cabeça como um mantra.

Meu quarto, minha cama.

Pareço uma virgem prestes a ter sua primeira noite de amor. E isso nem ao menos será possível, mas eu estou delirando em expectativa. O que há de errado comigo? O homem acabou de sair do hospital e a última coisa que precisa é de uma mulher louca obcecada por sexo. Isso também é algo que vem me surpreendendo a cada dia. Antes dele nunca fui muito ligada a sexo. Aliás, minhas únicas experiências haviam sido com Brian há quase dois anos.

Brian um inquilino do prédio onde vivia no Bronx, é um bruto e egoísta. Nunca entendeu minha necessidade de ter que tocar e sentir as coisas e pessoas a minha volta. Então, após várias tentativas de sua parte e muitas frustrações da minha, tomei coragem e coloquei fim a relação. Sexo com ele nunca foi bom, estava sempre preocupado com seu próprio prazer do que proporcionar isso a sua companheira. Para ele estava fazendo um favor em ficar com uma garota cega a qual nenhum outro homem se interessaria. Por muito tempo acreditei nisso. E como com ele, prazer era praticamente nulo, acabei desistindo da relação. Algo que ele não havia aceitado muito bem. Acusava-me de ser fria e sem sentimentos. Se não fosse Paige e Paul me apoiando e protegendo de seus assédios e agressões constantes, eu não quero nem imaginar o que teria acontecido comigo. Provavelmente faria parte da estatística de mulheres presas a homens violentos devido ao medo que sentiam deles.

Depois de Brian nunca quis ter outro relacionamento. E o fato de ser cega, na maioria das vezes assustava os homens que sempre se afastavam quando se davam conta da minha deficiência física. Eles eram idiotas o suficiente para não perceberem que eu era totalmente independente, mas o medo em ter que lidar com uma situação como aquela sempre falou mais alto.

Claro, havia os homens que frequentavam o clube, mas aqueles em sua maioria estavam apenas interessados em sexo barato. Entre eles sempre havia um ou outro que acreditavam que conseguiriam tirar proveito de uma jovem aparentemente indefesa e, muitos deles haviam aprendido da forma mais dolorosa que de inocente e indefesa eu não tinha nada. Graças a Paul que é professor de artes marciais e defesa pessoal, Paige e eu aprendemos a nos defender muito bem.

— Chegamos Sr. Durant — Dylan informa assim que atravessamos os

portões da mansão. Ele sai rapidamente e ajusta a cadeira de rodas.

Ajudo Neil a sair do carro apesar de seus protestos mal humorados. Entendo seu sentimento de impotência diante da situação. Não deve ser fácil para um homem como ele que sempre foi dono de si mesmo ser dependente dos cuidados de outras pessoas.

Uma mulher baixinha de uniforme e cabelos grisalhos nos espera em frente à porta.

— Olá senhorita Connor — ela sorri para mim — Sr. Durant é bom tê-lo em casa novamente.

Os olhos da mulher estão discretamente marejados e as palavras são sinceras.

— Obrigado — responde Neil.

— Olá. Você deve ser a Sra Jackson — cumprimento, reconhecendo sua voz amável.

— Sim Srta. Connor. Estou muito feliz que tenha dado tudo certo em sua cirurgia. Mas entrem vou preparar algo para vocês degustarem.

A simpática mulher se afasta para que eu entre. Pela primeira vez poderei ver como é a casa por dentro, e pelo que vi do lado de fora parece lindíssima.

Entramos e não fiquei decepcionada com o que vi. A sala é maior que todo o apartamento que dividia com Paige, há quatro poltronas e um jogo de sofá de couro branco, mesa de vidro, lareira e no teto há um lustre de cristais em forma de gotas. Em um dos cantos da sala há uma escultura de Vênus de Milo e alguns quadros pelas paredes. Há uma ampla janela com cortinas de seda azuis e brancas. Um arco dá acesso a uma escada em curva que leva para o segundo andar e ao lado da escada há um elevador negro e redondo. Tudo é muito elegante e sofisticado.

— Nossa! Essa casa é muito linda — respiro fundo, antes de olhar para ele — Alguma coisa parece familiar?

— Não — responde Neil frustrado — Nada.

Aperto seus ombros com carinho. Quero que saiba que sei o quanto está sendo difícil para ele e que ajudarei em todo o processo.

— Vai dar tudo certo — sorrio, carinhosamente.

Empurro a cadeira de rodas em direção ao elevador que ele havia instalado para comodidade de Anne e que neste momento o ajudará a se locomover pela casa, já que as escadas poderia ser um grande problema com manuseio da cadeira de rodas.

Antes de chegarmos ao elevador uma mulher elegante desce as escadas. Carrega uma pequena maleta e encara-me com olhar mordaz.

— Então você veio mesmo? — Lilian cospe as palavras em minha direção.

— Bom dia Sra. Durant — opto pela boa educação. Essa mulher não

conseguirá travar uma guerra contra mim.

— Já estou indo embora — ignora meu cumprimento e vai em direção a Neil — Ligue se precisar de alguma coisa.

Lilian caminha elegantemente até a saída. Embora eu tenha antipatia por aquela mulher e mesmo que o sentimento seja recíproco, não posso deixar de admirar sua elegância e altivez.

— Obrigada mãe — Neil responde, sem se dar conta do significado de suas palavras — Faça uma boa viagem.

Nós duas ficamos estáticas por alguns segundos, pelo que ele havia me contado, há muito tempo ele não se dirige a ela assim. Desde criança ele passou a se referir a ela apenas pelo nome. Observo pelo branco do nó em seus dedos que as palavras dele afetaram-na profundamente. Isso me causa certa empatia. Talvez ela não fosse tão indiferente como quer demonstrar. Afinal, não é porque não gosta de mim que nutri os mesmos sentimentos pelo filho.

— Eu ligo para saber como as coisas progridem — observo-a voltar a sua pose indiferente e sair em seguida, sem ao menos olhar para trás.

— Pelo visto não somos muito próximos — diz ele com pesar.

Suas palavras entristecem –me. Pensar que durante muitos anos ele foi um menino e homem perdido, sozinho e solitário faz com que sinta vontade de prendê-lo em meus braços e acalentá-lo para sempre.

— Acho que está apenas um pouco aborrecida por não ir para Atlantic City com ela, só isso — respondo.

Não há porque preocupá-lo com histórias amargas sobre seu relacionamento com a mãe. Ele já terá que voltar a lidar com isso quando recuperar a memória.

— Vamos lá — conduzo a cadeira de rodas até o elevador — Vou instalá-lo no quarto e fazer a medicação. Já está quase na hora.

— E suas coisas?

— Pedi que Dylan trouxesse ontem — murmuro — Só não sei onde estão.

— Cerifique-se de que tenham colocado em meu quarto — diz ele, num tom imperativo — Preciso de cuidados constantes.

Cuidados constantes? Posso muito bem imaginar os tipos de cuidados a qual ele se refere. Sinto minhas bochechas arderem novamente. Dispo-me rapidamente do casaco que havia me esquecido de tirar quando entrei. Sinto calor.

A porta abre e nós entramos, acomodo a cadeira próxima à parede e fico de costas para ele, aperto o botão subir e aguardamos em silêncio. Evito seu olhar, se Neil me encarar nesse momento saberá todos os pensamentos eróticos que invadem minha mente. Isso está ficando difícil.

Fecho os olhos. Estou angustiada. Já ouvi falar algo sobre pessoas viciadas

em sexo e sempre achei tal termo ridículo, mas nesse momento começo a reavaliar meus conceitos. Ou estou completamente viciada nele, ou acho que estou ficando maluca. Sinto dedos deslizando de meus joelhos até minhas coxas, fico molhada imediatamente.

— Já fez sexo em um elevador Srta. Connor? — murmura ele em uma voz rouca.

— Não... — gemo fechando os olhos.

Suas mãos deslizam por minhas pernas em um vai e vem sensual. Minha respiração acelera e sinto meus joelhos vacilarem.

— Neil... — começo tentando soar coerente — Você está tornando as coisas difíceis.

O elevador já havia parado, mas continuamos ali enquanto me deixo ser levada pela sensação das mãos dele sobre minha pele. Seus dedos longos e quentes acariciando-me, subindo e descendo pelas minhas coxas até o ponto que pulsa desesperadamente implorando por seu toque.

— Por que eu deveria? — diz ele, roucamente — Não me lembro de você ter facilitado nada para mim.

Sua outra mão puxa-me para mais perto dele. Seus lábios pressionam minhas nádegas sob o vestido. Meus joelhos sedem e caio sentada em seu colo.

Um gemido alto me faz saltar de seu colo imediatamente.

— Droga de perna! — urra ele, com frustração — Maldição!

Merda! Merda! Merda! Eu havia me esquecido de sua perna engessada. Tenho vontade de me estapear por minha atitude imprudente. O que estou fazendo? Estou aqui para cuidar dele e não para causar mais danos.

— Machuquei você? — pergunto, preocupada — Onde doí?

— Além de meu ego? — ri e geme ao mesmo tempo.

— Droga Neil... — começo falar, agora muito irritada — Tem que ser mais cuidadoso!

— Eu...? — sua expressão é atônita — Você está me provocando o tempo todo e eu tenho que ser cuidadoso?

— Eu não fiz isso!

— Não? — diz, com olhar zangado, pontuando cada acusação — Beijos ardentes no hospital. Carícias quentes dentro do carro. E agora fica se exibindo nesse vestido ridiculamente curto. Mulher, eu sou um homem e tenho sangue nas veias!

Dito isso ele sai conduzindo a cadeira de rodas furiosamente. Entre envergonhada, atônita e ainda muito excitada, me pergunto se realmente venho fazendo isso.

Sim, eu fiz!

Aguardo alguns minutos para que minha respiração se normalize e sigo em direção à porta onde ele entrou. Percebo que estamos em um quarto masculino.

— É o seu quarto? — pergunto, olhando em volta.

O quarto tem um closet espelhado, uma cama Califórnia King Size com um acolchoado volumoso preto e branco. Há uma enorme TV em um suporte na parede. Uma porta de vidro negra dá acesso ao que creio ser um banheiro.

Neil vai até o closet, abre-o e verifica a infinita quantidade de ternos, camisetas e gravatas que há ali. Vai para uma terceira porta e eu vejo minhas roupas perfeitamente arrumas e distribuídas.

— Acho que são suas roupas — murmura ele — Ao menos que eu tenha o hábito de me vestir com roupas femininas.

— A Sra. Jacson deve ter providenciado isso.

Deus! Ainda me parece inacreditável que estou na casa dele e em seu quarto.

— Está com fome?

— Não — responde-me ainda de mal humor. Sei que pessoas doentes tendem a ser mais ranzinzas e sensíveis. Por isso, ignoro sua cara de bravo e vou para o banheiro. Verifico se todos os remédios receitados estão ali. Pego os comprimidos e volto para o quarto. Coloco os recipientes em cima da mesa de cabeceira. Sinto seu olhar sobre mim o tempo todo.

— Por que não se deita um pouco? — digo, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha — Lembre-se que o médico disse repouso total.

Neil balança os ombros com indiferença. Ajudo-o a se deitar e tento ignorar o efeito que sua loção pós-barba causa em mim. Coloco um travesseio em suas costas e outro em sua perna engessada para que fique confortável.

— Sua perna ainda doí? — pergunto, preocupada.

— Não muito.

Separo o medicamento e entrego a ele com um copo d’água.

— Vou até a cozinha para ver o que a Sra. Jackson preparou — viro-me em direção a porta.

— Jennifer!

— Sim?

— Desculpe — as palavras ditas num tom carinhoso.

— Não se preocupe — murmuro.

Saio do quarto e vou para cozinha. Encontro a Sra. Jackson ocupada mexendo em algo dentro do forno. Pelo cheiro, acredito que esteja fazendo carne assada.

— Sra. Jacson — chamo sua atenção. A mulher dá um pulo e leva a mão ao peito — Desculpe, não quis assustá-la.

— Tudo bem, eu estava distraída.

— Eu vim buscar o almoço de Neil.

— Claro. Já está pronto. Conforme foi orientado — ela sorri — Só vou preparar uma bandeja.

Sento-me na bancada e observo enquanto ela trabalha. A cozinha é tão bonita e equipada como todo o resto da casa.

— Srta. Connor.. — ela começa a falar de forma envergonha — Eu quis muito deixar que entrasse naquele dia em que esteve aqui, mas a Sra. Durant deu ordens para que...

— Não se preocupe Sra. Jackson — interrompo-a — Sei muito bem o que aconteceu. Que só estava cumprindo ordens. E pode me chamar de Jenny.

— Então me chame de Geórgia — ela sorri.

Conversamos por alguns minutos. Já gostava da Sra. Jackson antes e agora sinto que podemos ser grandes amigas. Ambas somos pessoas simples e despreocupadas.

Meia hora depois subo com a bandeja de comida. Encontro Neil distraído com a televisão. Almoçamos juntos e assistimos a um filme clássico. Antes que o filme termine noto-o dormindo profundamente. Cubro-o com cuidado e saio para conhecer a casa. Encontro um escritório com computador e impressora. Seguindo o corredor o quarto de Anne e mais dois quartos de hóspedes. Desço as escadas, passo pela sala que já conheço, vou por outro corredor em direção aos fundos da casa.

Há uma grande piscina coberta, passo por ela e vou em direção ao jardim. Lembro-me dos momentos que passei com Neil ali. Quando tudo que tínhamos era certeza de um futuro feliz. Sinto meus olhos marejarem ao me lembrar de todas as coisas que poderiam ter nos destruído e nos separado.

Volto para casa, estou sem casaco e o frio é congelante. De acordo com a meteorologia teremos neve mais cedo esse ano.

— Jenny! — Anne corre até mim assim que adentro a sala. Ainda está em seu uniforme escolar e mochila.

— Oi querida. Como foi a escola hoje?

— Foi legal. Eu disse ao Thomas que meu pai viria para casa, que não ia morrer e que ele era um idiota.

— Anne... — começo a repreendê-la — Embora ele possa parecer um idiota não é educado que fale isso. Amanhã irá pedir desculpas a ele, ok?

— Mas Jenny...

— Nem mais nem menos. Seu pai não gostaria que se comportasse assim.

— Eu sei — ela faz bico para mim — Você fala igualzinho a ele. Também me diz para não chamar Thomas de idiota.

— Você gostaria que ele a chamasse assim?

— Não.

— Além disso, não devemos fazer às pessoas o que não queremos que façam conosco.

— Está bem — choraminga — Desculpe.

— Tudo bem — acaricio seus cabelos e abraço-a com carinho.

— Papai já está aqui? — encara-me com olhar ansioso.

— Está no quarto dormindo.

— Posso vê-lo?

— Pode sim. Só não faça barulho. Ele precisa descansar um pouco.

Vamos juntas para quarto e ficamos um pouco ao lado de sua cama. As duas de mãos dadas velando seu sono. As duas mulheres que mais ama-o e que ele ama também, mesmo que não se lembrando disso. É certo que Lilian também ocupa um lugar em sua vida, mas não o mesmo lugar comparado a Anne e eu. Talvez um dia, se ela quisesse poderia ocupar o espaço em seu coração destinado a ela.

Vou com Anne para seu quarto e à ajudo com dever de casa. Nós duas passamos o resto da tarde juntas. Volto para quarto de Neil para uma nova medicação e encontro-o brigando com a cadeira de rodas.

— Deixe que o ajude — corro até ele.

— Preciso ir ao banheiro — informa ele, constrangido.

Ajudo-o a se acomodar na cadeira e guio-a até a porta. Deixo que tenha privacidade, mas fico ao redor caso ele sinta algum tipo de vertigem. O médico havia me alertado que isso poderia acontecer, e que sempre deveria ter alguém por perto e atento.

Por volta das sete horas preparo um banho na imensa banheira, envolvo sua perna engessada em um protetor.

— Posso fazer isso sozinho — Neil resmunga, quando começo ajudar a tirar suas roupas. Senta-se na borda da banheira para se apoiar.

— Neil, eu já vi você sem roupa — falo envergonhada.

Na verdade ver eu não havia visto, mas eu toquei cada centímetro de seu corpo o que dá quase no mesmo, não é?

Não. A quem estou querendo enganar. Minha boca saliva só com a possibilidade de ver seu corpo musculoso e perfeito pela primeira vez.

— Você já viu é? — seu sorriso é sexy e provocador — Pensei que fosse cega na época.

— Visão pelo tato — respondo, mexendo os dedos — Dá no mesmo.

— Você quer me ver sem roupa?

Ele começa a despir a camisa. Seus olhos grudados em mim como um tigre observando à presa. Posso dizer que estou a ponto de babar bem na frente dele. Eu vi alguns homens bonitos desde que voltei a enxergar, mas nenhum deles

mexe comigo como Neil faz.

— Pode me ajudar com a calça — sussurra ele roucamente ao jogar a camisa no chão exibindo o peito amplo e abdômen definido.

Engulo em seco e vou até ele. Meus cabelos estão soltos e o acariciam conforme me abaixo para ajudá-lo a se livrar das calças. Ouço-o gemer ao sentir meus cabelos em sua pele. Meus dedos o tocam ao desliar a peça pelo seu corpo. Minha respiração está acelerada.

Céus, se todas as vezes que ele for tomar banho for esse martírio, desconfio que fique presa em uma camisa de força em bem pouco tempo. Após me livrar da calça, fico ajoelhada observando seu membro visivelmente excitado a minha frente. Fico admirada que todo aquele monumento tivesse se encaixado perfeitamente dentro de mim. Minhas mãos coçam com desejo de tocá-lo.

— Inferno Jennifer — sussurra Neil, com olhar angustiado — Continue me olhando assim e juro que não sei o que farei.

—Posso tocá-lo? —sussurro, sem desviar os olhos de seu pênis rijo.

— Caralho! —geme ele.

Como se tivesse vida própria, minhas mãos vão até seu membro enrijecido de excitação. Toco-o com delicadeza, deslizo meus dedos da base até a ponta. Acaricio com cuidado, desejo prová-lo. Deslizo a cueca por suas pernas e vejo seu pênis saltar imponente.

— Jennifer... — ele geme alto ao sentir minha mão sobre a pele nua. A cabeça levemente inclinada para trás enquanto ele agarra meus cabelos de forma possessiva.

Sem pensar duas vezes mergulho minha boca em seu membro pulsante. Eu preciso disso. Ele precisa. Deslizei minha língua por toda extensão a base do pênis, provando, sugando a cada investida. Seus dedos trêmulos puxam meus cabelos com mais força e isso me leva as alturas.

— Porra bebê! — ouço seus gemidos alucinados — Está me deixando louco.

Incentivada por suas palavras engulho mais profundo que posso conseguir, até vias as lágrimas. Minha língua e mãos percorrendo a cada parte de sua anatomia, algumas vezes tocando seus testículos o que o deixava cada vez mais enlouquecido.

— Jennifer eu não posso aguentar por muito tempo — sussurra ele, rangendo os dentes.

Quem disse que eu quero isso? Preciso vê-lo perder o controle comigo. Que ele enlouqueça de prazer, por minha causa. Em meio a suas palavras invisto com mais ferocidade. Chupando, lambendo, deslizando por ele com toda necessidade que há em mim. Em seguida sinto seu membro pulsar, se

contrair. Jatos quentes inundam minha boca e garganta, enquanto ele mergulha em um prazer absoluto.

— Inferno Jennifer — murmura ele, colocando-me de pé puxando-me para seus braços — Você ainda irá me enlouquecer.

Apoio sua cabeça entre meus seios enquanto procuramos nos acalmar.

Se há alguns meses atrás me dissessem que ficaria de joelhos em um banheiro fazendo sexo oral de forma tão desinibida, eu teria rido de tal absurdo. Mas nesse momento me sinto feliz e realizada. Ver como o rosto dele se contorce em meio ao orgasmo deixa-me louca. Jamais imaginei que dar prazer à outra pessoa fosse tão bom quanto receber.

— É minha vez agora — Neil sussurra, apertando meus seios. Abocanha um mamilo e suga-o com força. Gemo alto e deslizo a mãos por sua cabeça raspada. Os cabelos estão um pouco mais crescidos, mas ainda sinto falta da massa de cabelos que sempre amei agarrar e puxar. Desço minha mão até seu pescoço e puxo-o para mais perto de mim. Sempre tentando evitar tocar sua perna engessada.

As mãos dele deslizam pelas laterais de meu corpo. Neil agarra a barra do vestido e passa-o por minha cabeça. Agradeço aos céus por ter colocado um novo conjunto de lingerie essa manhã. Seus dedos vagueiam pela renda branca delicada.

— Linda! — livra-se do fecho do sutiã e desliza pelos meus braços — Sabe o quanto eu sonhei em vê-la assim? Nua em meus braços — sussurra, roucamente, sua voz mole como se estivesse bêbado em meio ao desejo.

Balanço a cabeça em negativa e fecho os olhos ao sentir sua boca em meus seios agora livres para seu toque. Uma urgência crescente em minha pélvis está me deixando atordoada. Os dedos dele passeiam pelo meu corpo enfraquecendo o que resta de meu controle.

— Neil... — gemo em seus braços.

Observo-o deslizar para o chão e sentar com cuidado, as costas apoiadas contra banheira. Suas mãos habilidosas livram-me da calcinha e a joga longe. Posiciona suas pernas entre as minhas e puxa-me para ele. Fico de joelhos entre sua cintura, meu sexo roçando o dele em uma caricia atordoante. Neil inclina a cabeça, passando sua boca e sua língua, primeiro em um seio, depois no outro.

Entorpecida e cheia de desejo, curvo-me dando maior acesso a ele. Ele olha-me de cima a baixo, em seu olhar um desejo explícito.

— Eu posso estar sem memória... — começou ele, com voz enrouquecida e emocionada — Mas tenho certeza que nunca desejei uma mulher

como desejo você.

Beija-me com paixão e eu posso sentir as lágrimas de emoção deslizando pelo meu rosto. Nesse momento tenho certeza que jamais vou amar outra pessoa como eu o amo.

Entrego-me ao beijo enquanto sua mão desliza por meu seio, ventre até encontrar meu monte úmido. Os dedos penetram-me arrancando suspiros desesperados de minha garganta. Excitada, agarro os ombros dele. Neil segura minha cintura e escorrega meu corpo de encontro ao seu membro novamente rijo e pronto para o amor. Com os olhos fixos nos meus, me penetra. Juntos, um só, em busca de prazer.

Fecho os olhos e o sinto me preenchendo completamente. Institivamente eu começo a me movimentar e deslizar sobre seu pênis. Subindo e descendo, primeiro devagar e depois mais rápido e fundo. Cada investida mais profunda e prazerosa que a outra. Sinto-me cair em um precipício de emoções. Fecho os olhos e as sensações dele dentro de mim, invadindo-me, preenchendo-me é cada vez mais forte. Cada movimento parece me levar cada vez mais alto.

— Abra os olhos — ordena ele — Quero que olhe para mim.

Faço o que ele me pede e vejo seu rosto contorcido e mergulhado em prazer tanto quanto eu. Sinto-o investir profundamente, tenho vontade de fechar os olhos devido ao prazer que me consome, mas mantenho-os conectados aos seus. Mergulho em sua profundidade negra e vejo suas pupilas se dilatarem em meio ao prazer.

— Jennifer... — ele geme meu nome.

Mantemos um ritmo acelerado agora. Minhas unhas cravam em seus ombros e juntos nós escalamos a montanha de prazer, alcançamos o mais alto pico e mergulhamos nos espasmos de um orgasmo alucinante. E uma hora depois, saímos da banheira sorrindo e nos acariciando como dois adolescentes.

— Está doendo? — pergunto ao vê-lo gemer quando se sentou na cadeira de rodas.

— Não. Apenas uma caibra. Tem certeza que preciso usar isso? — aponta para cadeira de rodas — Poderia usar muletas.

— Ainda não pode. O médico disse que pode ter vertigens por alguns dias. E acho que não devíamos ter feito isso — murmuro envergonhada, referindo-me a nossa aventura sexual — Foi arriscado.

— Eu estou bem. Você está bem. E eu não me arrependo de nada — diz ele com olhar divertido — Sabe há quanto tempo eu venho refreando meu desejo por você?

— Não mais do que eu — sussurro, beijando seus lábios — Vamos nos vestir e descer para o jantar.

— Eu não tenho fome — responde ele, segurando minha mão e beijando meu pulso — Não de comida.

— Comporte-se — dou um pequeno tapa em seu ombro e vou para o quarto desfilando minha beleza nua. Ouço um assovio as minhas costas e começo a rir.

O jantar seguiu tranquilamente. Anne falou o tempo todo enquanto nós dois nos provocávamos por debaixo da mesa. Após o jantar, sentamos na sala para ver os programas infantis favoritos de Anne. Como é o dia de folga da babá, eu mesma ajudei-a se vestir e a coloquei na cama. Voltamos para o quarto em seguida. Apesar de minha preocupação com sua saúde fizemos amor novamente, dessa vez em um ritmo gentil e suave, mas não menos prazerosa e intensa.

≈≈≈

Não! Ouço um grito ecoar pelo quarto. Sento-me e acendo a luz do abajur rapidamente.

— Não, Nathan... — geme ele, se contorcendo — Sophia!

— Neil? — tento imobilizar sua perna machucada enquanto ele se debate — Acorde querido. Não faça isso!

Ele se contorce ainda mais forte.

— Neil! Por favor!

Estou angustiada e em pânico com a cena que se desenrola diante de mim. Sacudo-o levemente tentando tirá-lo do pesadelo que o atormenta. Seus olhos abrem e me encaram com fúria.

— Saia daqui! — A ira em sua voz faz meus ossos congelarem — Sai!

Capítulo 6

Salto da cama, meu coração está batendo forte, todos os músculos do meu corpo estão em alerta. O que está acontecendo? Por que está me tratando assim após uma noite de amor maravilhosa? Corro até o interruptor e acendo a luz. O clarão cega-me por alguns segundos. Ainda não me habituei à luz excessiva e a claridade no quarto machucam meus olhos ainda sensíveis. Forço minhas vistas e encontro o olhar transtornado em minha direção.

— Neil...? — chamo, receosa — Sou eu, Jennifer.

Seu olhar é confuso, vagueando de um lugar a outro do quarto, procurando se orientar.

— Jennifer? — murmura, aflito — O que aconteceu?

— Você estava tendo um pesadelo.

Seu rosto está coberto de dor e angústia.

— Eu machuquei você? — diz ele, comprimindo os lábios.

Balanço a cabeça em negativa. Aproximo-me da cama sem saber como agir. Suas palavras e ação anterior haviam me assustado muitíssimo. A raiva que vi em seu olhar era como adagas afiadas vindas em minha direção, rasgando-me o peito.

— Com o que você sonhou?

Mesmo sabendo a resposta eu preciso de uma confirmação. Pelos nomes que proferiu durante o sonho turbulento, tenho certeza que foi algo relacionado ao passado. Algo sobre Nathan e Sophie.

— Não sei se foi um sonho ou lembranças — diz, angustiado — Parecia tudo muito real.

Toco seu braço com carinho, sinto um aperto no peito ao vê-lo se retrair ao meu toque.

— Conte-me como foi — insisto, afastando-me um pouco dele. Entendo que ele precise de um pouco de espaço, mas isso me magoa, droga — Não há nada em seu passado que eu já não saiba, Neil.

Meu coração se contrai ao me dar conta que, existe sim uma parte que eu ainda não sei. A parte que envolve Samantha e seu relacionamento com ele. E já nem tenho certeza se eu quero saber. Acho que não suportarei descobrir que foram amantes ou que talvez ainda a ame. É melhor deixar o passado onde está, esquecido.

— Você não sabe — interrompe meus pensamentos — Não poderia amar um homem assim — fecha os olhos — Se souber sobre isso... Se for verdade, eu acho que me desprezaria.

— Já passamos por isso Neil. Segredos nos colocaram nessa situação e segredos podem nos separar novamente.

— Quem é Nathan? — encara-me confuso — Era eu no sonho, mas ao mesmo tempo não era, como se fossem dois de mim. E Sophie estava lá também. Essa casa, aquela mulher chorando...

— Foi uma lembrança ruim. Nathan é... — começo, cautelosa — Na verdade foi seu irmão gêmeo. Ele está morto agora. Vou contar como tudo aconteceu. É uma longa história...

Respiro fundo. Essa não é uma conversa fácil. Não sei se ele já está preparado para enfrentar o passado. Começo contando como foi sua infância ao lado do irmão egoísta e cruel. Seu relacionamento complicado com os pais, conto como tudo havia acontecido exatamente como ele havia me explicado antes. Incluindo meu acidente, a morte de Samantha e todas as partes obscuras que haviam naquela história, marcada por tragédias, dores e desentendimentos.

Neil me ouve com atenção e desolamento. Percebo que sente repudia do que ouve dele mesmo.

— Você não me odeia? — Neil sussurra para mim — Depois de tudo? Mesmo quando olha para mim e o vê?

— Você e Nathan são completamente diferentes. Eu amo você! — enfatizo. De seus lábios escapa um suspiro de alívio.

— Vem aqui — estica suas mãos em minha direção.

O beijo que se seguiu foi cheio de emoção e intensidade, coroando o que sentimos.

— Amo-o mais que minha própria vida — murmuro colando minha testa a dele — Só fui idiota por não ter compreendido antes. Não vou mentir e dizer que o passado ainda não me machuca — murmuro — Mas quando o olho, eu vejo você, vejo apenas amor. Com Nathan só havia maldade e crueldade pura.

Uma lágrima solitária corre por meu rosto. Ele me aperta firmemente entre seus braços. É onde eu quero estar, nesse paraíso em que me sinto protegida e amada, com a certeza de que nada pode me atingir e magoar novamente.

— Sobre a Samantha... — começo de forma cautelosa — Você a amava?

Ouço-o inalar profundamente, suas mãos alisam meus cabelos com ternura. Abraço-me mais forte. Estou prestes a encarar o único medo que ainda me ronda.

— Ainda não posso dar uma resposta — murmura ele — Não lembro-me de nada sobre Samantha. Mas se eu a amei, já não amo mais.

A questão ainda martela em minha cabeça, mas decido ignorá-la. Não me lançarei nesse precipício de julgamentos errados e suposições.

— O que eu sei é que amo você — continua me embalando em seu peito — Isso é tudo o que importa.

Ele une seus lábios aos meus. O medo em meu coração se dissipou e me perco em seus braços.

≈≈≈

Na manhã seguinte acordo com beijos suaves em meu pescoço. Um braço musculoso me prende ao seu corpo, enquanto uma mão alisa meus cabelos. Neil ama meus cabelos e adoro quando os acaricia, seja com gentileza ou no calor da paixão.

— Bom dia — viro-me para ele e beijo seus lábios tentadores.

— Bom dia — sorri, entre os meus lábios — Um ótimo dia.

Estamos nus, pele contra pele e um desejo que nos incendeia. Com cuidado para não atingir sua perna, subo em cima dele. Neil segura minha cintura e ergue-me pelos quadris fazendo-me roçar seu membro duro. E quando ele me penetra, sinto-me completa. Abro os olhos para admirar o rosto forte dominado pela paixão. Começo a mover os quadris devagar a princípio, vou aumentando o ritmo até me sentir prestes a explodir. Impulsionada pelo ato de amor contraio os músculos vaginais ao redor do membro dele, intensificando ainda mais a sensação de prazer.

— Oh... — geme ele, ensandecido. Desejando que eu mergulhe junto a ele nessa explosão de sensações — Jenny! Céus bebê.

Neil coloca seu polegar em meu clitóris e massageia-o delicadamente, contorço-me e convulsiono com seu toque. O tempo, o universo e tudo ao redor perdem a importância. Eu voo cada vez mais alto e juntos atingimos um orgasmo que nos faz estremecer.

Passaram-se segundos ou minutos e a sensação que tenho é que durou uma eternidade. O bip do celular me avisa que está na hora da medicação. Tento me levantar da cama languidamente, meu corpo ainda trêmulo.

— Ei, aonde vai? — sua mão agarra meu pulso e puxa-me de volta me impedindo de sair.

— Hora da sua medicação — beijo-o nos lábios novamente — Eu já volto. Temos muito tempo pela frente.

Vou para o banheiro ainda com um sorriso no rosto. Tenho vontade de dançar e cantar tamanha felicidade que sinto. Verifico os frascos de remédios e horários de cada um.

Ouço vozes vindas do quarto. E percebendo que ainda estou nua, visto um

roupão e volto para quarto. Encontro Anne sentada na cama, em seu uniforme escolar. Ela está rindo de algo que Neil havia falado.

— Aqui — olho para os dois, e em seguida entrego o remédio e um copo com água a ele. — Do que estão rindo?

Observo os dois trocarem olhares cúmplices e a menina volta a sorrir.

— É segredo — Anne coloca um dedo na boca — Uma surpresa.

— Humm... — faço cara de magoada — Por que eu acho que não vou gostar disso?

— Não! Você vai amar Jenny — murmura ela, preocupada — Papai vai...

Neil a abraça e coloca a mão em seus lábios impedindo-a de continuar a falar.

— Papai não vai fazer nada — interrompe ele, fingindo-se de zangado — Não seja estraga prazeres, Anne.

Olho para os dois, ainda sorrindo. Não há mais nada que eu precise nesse mundo. Tenho ao meu lado as pessoas que mais amo na vida. Esse é meu ideal de uma família perfeita e feliz.

— Não sei quanto a vocês dois — dou de ombros — Mas estou morrendo de fome.

— Eu quero panquecas — Anne pula da cama — Papai sempre fazia panquecas para mim. Você sabe fazer panquecas, Jenny?

— Não como as do Neil, eu acho — digo, sorrindo — Por que não desce e pede para Sra. Jackson ir preparando as coisas. Desceremos em seguida.

— Tá bom — Anne para na porta e me encara por alguns segundos — Você vai me levar para escola hoje? Meu pai não pode.

Ela indica a perna engessada, meu coração se contrai ao pedido inocente.

— Você quer?

— Sim. Meu pai fazia isso — murmura — Minha vó nunca podia ir.

— Então eu vou.

Ela corre para meus braços de forma desajeitada e me abraça forte.

— Obrigada — sussurra — Eu queria que você fosse minha mãe.

E com essas palavras, tal como o pai, essa garotinha conquistou meu coração. Irremediavelmente e para sempre.

≈≈≈

Uma hora depois estamos sentados à mesa degustando as panquecas feitas por mim e Geórgia.

— Que cena linda de ver — Liam entra, sorrindo.

— Liam que surpresa — levanto-me para cumprimentá-lo. — O que o traz aqui tão cedo?

— Queria saber como estão os meus pacientes preferidos antes de assumir

meu plantão no hospital.

— Estamos ótimos. Não precisava vir até aqui — murmura Neil, de cara fechada —Telefones existem para isso.

— Neil! — olho para ele com incredulidade. Não é possível que ele ainda tenha ciúme ridículo de Liam — Ele só está sendo gentil.

— Não se preocupe Jenny — diz Liam, ignorando os olhares fulminantes de Neil — Ele sempre foi um homem muito possessivo. Acho que isso Neil não esqueceu.

— É. Eu acho que não — Neil rebate, levando minha mão aos lábios — Fique longe dela.

— Sinceramente? Não vou discutir isso com vocês — levanto-me exasperada e me afasto deles — Vocês são amigos, então que se entendam. Vamos Anne ou iremos chegar atrasadas.

— Caramba Neil — Liam olha-o com cumplicidade, antes de sentar à mesa — Está ferrado cara. Ela faz jus aos cabelos ruivos.

— A culpa é sua — responde ele, irritado — Estávamos muito bem antes de você chegar...

Saio apressada, sem querer ouvir o que eles tinham a dizer ao outro. Às vezes Neil consegue me irritar com uma facilidade impressionante.

— Jenny... — Anne começa, angustiada — Você não vai embora, não é?

— Claro que não querida! — digo, surpresa — Por que está perguntando isso?

— Sempre que meus pais brigavam, minha mãe ia embora — murmura ela — Eu não ligava que ela fosse embora, mas eu não quero que você vá.

Dou-me conta do quanto à cena anterior pode ter afetado a menina. Droga! Neil e eu temos que evitar essas discussões na frente de Anne. A menina já teve que lidar com muita merda para ter que se sentir insegura com nossas brigas ridículas.

— Anne, às vezes as pessoas perdem a paciência uma com as outras — curvo-me para olhá-la nos olhos — Isso não quer dizer que não se amem ou que vão embora. Eu não vou a lugar algum. Eu prometo.

Dylan e a babá já estão nos esperando do lado de fora. Cumprimento-os e entramos no carro. Pouco tempo depois mergulhamos em uma conversa e o episódio anterior é esquecido.

Ao chegar à escola ajudo-a com a mochila e abraço-a com a promessa de voltar para buscá-la. Fico observando-a caminhar em seus passos vacilantes. Não consigo compreender como Sophie consegue ser tão indiferente a filha. A menina mesmo tendo que superar dia a dia sua deficiência física é a criança mais amável e doce que conheço. Só um coração de pedra não se

apaixonaria por uma pessoinha tão cheia de vida e amável como Anne.

Faço uma promessa a mim mesma de que não importa o que aconteça, Anne sempre estará segura comigo. Neil e eu ainda não conversamos sobre filhos, mas para mim Anne é minha filha tanto quanto dele. Minha filha do coração. Pois já a amo como tal. A ideia me parece assustadora e maravilhosa ao mesmo tempo. Acho que é o natural, afinal não é assim que todas as mães de primeira viagem se sentem?

— Jenny? — uma voz conhecida interrompe meus pensamentos.

— Sr. Bauer — digo, surpresa — O que faz aqui?

— Já cruzamos a linha das formalidades. Pode me chamar de Konrad — sorri para mim — Minha sobrinha estuda nesse colégio. E você? O que faz por aqui? Por acaso é uma das professoras?

— Não, minha filha também estuda aqui.

— Sério? — me olha com cara de espanto — Já tem uma filha?

— Sim eu tenho.

Eu não quero ocupar o lugar de Sophie, mas conquistar um lugar no coração de Anne.

— Então, eu acho que você é a pessoa certa para me ajudar — parece constrangido ao me dizer isso — Quer dizer, não quero abusar da sua boa vontade, mas minha sobrinha perdeu a mãe há pouco tempo.

— Sinto muito — digo, com sinceridade.

— Eu também. Não está sendo nada fácil — sorri sem jeito — Sou o tutor dela. As coisas andam um pouco complicadas ultimamente. Acontece que... Sábado é o aniversário dela e não tenho a mínima ideia do que comprar. Não entendo nada sobre crianças e muito menos sobre meninas. Pensei que talvez pudesse me ajudar.

— Bem eu... — começo um pouco incerta do que dizer.

— Desculpe, não tem que se preocupar com isso. Eu vou dar um jeito.

Ao pensar em uma pequena garotinha ainda triste por perder a mãe eu não tenho como recusar o pedido de ajuda. Olho para o relógio, ainda faltam algumas horas para que Neil tome os remédios. Se formos rápidos poderei voltar para casa antes do próximo horário.

— Talvez eu possa ajudá-lo — digo, sorrindo — Embora meus conhecimentos com criança não sejam tão vastos assim.

Seu olhar é confuso com o que acabo de dizer, afinal eu disse que tinha uma filha...

— Bem, é um pouco complicado — falo constrangida — Há um shopping aqui perto. Enquanto procuramos, posso explicar tudo.

Volto para o carro e dispenso Claire e Dylan. Konrad e eu seguimos em um

táxi até o shopping. Ainda não me sinto confortável na presença dele. É estranho que eu tenha ficado mais receosa com algumas pessoas agora que já não sou cega. Talvez por que agora consigo perceber coisas que antes elas podiam esconder. E mesmo ele sendo muito educado, gentil e o fato de tratar a sobrinha com devoção, ainda há algo que me incomoda.

Passamos quase uma hora dentro de um departamento infantil. Por fim, escolhemos alguns jogos e uma linda casa de bonecas semelhante a que Anne tem em seu quarto.

— Não sei como agradecê-la Jenny — coloca uma mão em meus ombros — Poderia pagar um café a você?

— Eu tenho que voltar para casa — recuso rapidamente — Espero que sua sobrinha goste dos presentes.

— Tenho certeza que sim.

Antes que possa antecipar seu movimento, ele se inclina e beija o meu rosto, perto demais dos meus lábios, para meu desgosto.

— Tenho que ir — afasto-me rapidamente — Até qualquer dia, Konrad.

Na verdade, gostaria de dizer até nunca mais. Quanta petulância e audácia desse homem.

Volto para casa e encontro Neil muito furioso esperando-me na porta.

— Onde você esteve? — diz ele entre dentes.

— Levei Anne à escola, você sabe disso.

— E gastou mais de uma hora para isso? Por que voltou sozinha e dispensou Claire e Dylan?

Sinto-me sufocada com tantas perguntas. Tento passar, mas ele me impede segurando meu braço.

— Encontrei um amigo. — digo, irritada — Fui a uma loja para ajudá-lo a escolher um presente para sua sobrinha. Qual o problema nisso Neil? Não achei que fosse uma prisioneira nessa casa.

— Não pode sair sem avisar — grita ele — Não tem ideia de como fiquei preocupado. Por que não levou o celular?

— Eu esqueci.

— Não pode sumir e me deixar assim. Pensei que não ia voltar. Que tivesse se arrependido e...

— Neil nada vai me afastar de você — seguro seu rosto entre as minhas mãos — A não ser você mesmo.

— Me desculpe — murmura, soltando meu braço — Não é uma prisioneira aqui. Sinto muito.

Somente porque suas palavras são sinceras, resolvo por um ponto final à discussão, mas teremos que conversar sobre esse maldito ciúme absurdo.

Passamos o resto da manhã juntos, aconchegados no sofá em frente à lareira. No mesmo dia recebemos a visita de Richard e Paige. Ambos parecem irradiar felicidade.

— Richard e eu queremos fazer um pedido — comunica Paige — Gostaríamos que fossem padrinhos de nosso casamento.

— Eu não sei o que dizer Paige — sorrio, emocionada.

— Diga que aceita — Richard abraça Paige carinhosamente, enquanto sorri para mim.

— Eu não poderia recusar — respondo, chorosa — Temos que comemorar isso!

— Peça que a Sra. Jackson traga uma garrafa de champanhe querida. E claro, uma Coca para mim — Neil acrescenta antes que eu comece a protestar e dizer que bebidas e remédios não combinam.

— Eu vou com você — Paige se levanta e vem em minha direção.

Seguimos para cozinha animadamente. Ainda estou chocada que Paige esteja prestes a se casar e ainda por cima, antes de mim. De nós duas, ela sempre foi mais enfática em dizer que nunca mais cairia nas lábias de um homem novamente. E agora está inegavelmente apaixonada.

Encontramos a Sra. Jackson concentrada preparando uma torta.

— Precisamos de champanhe, Geórgia — digo ao entrar na cozinha — Paige vai se casar. Neil e eu seremos os padrinhos e estamos comemorando.

— Que boa notícia — sorri empolgada — Vou até a adega buscar uma garrafa do melhor espumante.

Antes de alcançar a porta ela volta com expressão confusa no rosto.

— Acho que Sr. Durant não deveria beber.

— Eu não permitiria — tranquilizo-a — Neil se conformará em brindar com refrigerante.

— Nesse caso, tudo bem.

Voltamos para sala e insisto que ela comemore com a gente. Richard nos informa que marcaram a data para daqui a dois meses. Fico espantada com a urgência da data.

— Meu Deus! — meu olhar é abismado — Não me diga que está grávida Paige?

— Claro que não — ela ri — Mas se depender de Richard nós voaríamos hoje mesmo para Las Vegas para nos casar. Eu insisto em um casamento na igreja com meus amigos e tudo que tenho direito.

Estou surpresa que no fundo Paige seja uma romântica. Eu me casaria com Neil em qualquer momento e no lugar que ele quisesse.

— Também gostaria que Anne fosse à daminha — Paige nos informa.

Ficamos emocionados com pedido, sabemos que ela irá às alturas.

No dia seguinte, recebemos a visita de Kevin. Achei-o um pouco introspectivo. Apesar de minha insistência não disse o que o incomodava. Tenho certeza que ainda está amargurado por não ter notícias sobre a garota de seu passado. Ainda não conversei com Peter sobre isso, mas farei isso no próximo sábado. Liam havia marcado uma noite de pôquer só de meninos quando esteve aqui no dia anterior. Na esperança de que isso ajude Neil com a memória. Paige, Anne e eu faremos uma festa do pijama na suíte, com direito a maquiagem e desfile, enquanto os meninos se divertem no andar de baixo.

Os dias seguintes foram tranquilos, embora Neil tenha sofrido algumas crises de enxaqueca após outros pesadelos. Os flashes de seu passado ainda o incomodam muito.

É quinta-feira, Adam havia ligado mais cedo e avisando que passaria após o almoço para falar sobre alguns assuntos importantes da empresa.

Geórgia avisa-me de sua chegada acompanhado de uma mulher. Deixo Neil no quarto terminando de se vestir e vou recebê-los.

— Olá Adam.

— Como está? Ainda é muito cedo para isso, mas há alguns documentos urgentes no escritório que precisam ser assinados — explica ele — Trouxe Penélope para ajudar.

Encaro a jovem próxima a Adam. Já falei com ela algumas vezes por telefone, mas não imaginei que fosse tão bonita. Está usando um vestido mostarda elegante. Seus cabelos loiros estão presos em um coque discreto no alto da cabeça, a maquiagem simples completa o visual e valoriza ainda mais sua beleza clássica.

Tenho uma ponta de ciúmes ao imaginá-la trabalhando com Neil todos os dias. Se não tivesse certeza do amor dele por mim, ficaria um pouco insegura. Será que todas as mulheres que trabalham com ele são tão bonitas como ela? Pela primeira vez o monstro do ciúme me morde e tenho empatia por suas crises de ciúmes. Eu não gosto dessa sensação.

— Como vai Penélope? — falo, educadamente.

— Bem Srta. Connor — sorri com sinceridade — Fico feliz que tudo ocorreu bem em sua cirurgia e espero que o Sr. Durant se recupere logo. Ele faz muita falta no escritório.

Um apito soa em minha cabeça. Falta para quem? Funcionários em geral ou mulheres interessadas em seu chefe? Elas que tentem e vão descobrir o que sou capaz de fazer.

— Com certeza — respondo, seca.

A forma que ela encara Adam tranquiliza-me, não corro nenhum risco com ela. Neil já havia me dito antes que havia algo entre esses dois. Olhando-os de perto percebo que fariam um casal muito bonito.

— Tenho certeza que tudo ficará bem em breve — continuo — Por favor, fiquem à vontade eu vou ajudar o Neil a descer.

Encontro-o no caminho para o elevador. Aparentemente está animado em ocupar a mente com algo importante. Os flashes de memória estão cada vez mais constantes, mesmo sendo apenas sobre o passado e coisas mais simples; como as comidas prediletas, filmes ou músicas.

De acordo com o médico isso já é um grande progresso e não devemos forçar a mente dele.

Deixo os três entretidos analisando os papéis espalhados pela mesa do escritório. Vou para cozinha e ajudo Geórgia com uma nova receita. Duas horas depois eles vão embora.

Antes de buscar Anne, preparo a medicação de Neil, incialmente ele reclama e se recusa a tomá-los como uma criança birrenta.

— Não quero mais esses remédios — resmunga, contrariado — Eles me deixam lerdo e com sono.

— São para que não sinta dor — insisto — Na próxima semana voltaremos ao médico e quem sabe ele reduza ou troque.

Após alguns resmungos ele os toma. Ajudo-o a ficar confortável no sofá da sala e deixo-o assistindo um canal de esportes na tela plana.

Vou com Claire buscar Anne. Havia se tornado um hábito levá-la e buscá-la na escola todos os dias. Eu aprecio isso. São os únicos momentos que tenho saído de casa. Não que reclame em ficar em casa paparicando-o, mas ele vem estado tão amargurado nos últimos dias que tenho que redobrar minha paciência. Os homens são criaturas tão sensíveis quando estão acamados que muitas vezes suas birras e queixas me fazem rir, deixando-o ainda mais intratável.

Nada que muitos beijos e rodadas de sexo não possa resolver, claro. Só o fato de me lembrar disso me dá um calor pelo corpo. Quanto mais irritado ele fica, mais apaixonado ele se torna. E confesso, algumas vezes instiguei tais comportamentos somente para me derreter em seus braços.

No caminho para casa Anne conta como foi seu dia. Assim que nós chegamos eu noto um carro diferente. Anne e Claire vão para os fundos da casa para brincarem com o cachorrinho dela como de costume, e eu vou em direção à entrada.

Ao entrar, a imagem a minha frente paralisa-me como se o mais potente

veneno corresse pelo meu sangue.

— Neil! — grito transtornada. Com uma pontada no coração o encaro e atordoada, recuo alguns passos.

Desejo é sair correndo sem direção.

— Jennifer.. — me encara assustado — Não é o que está pensando.

Capítulo 07

Olho para a mulher nos braços dele e sinto vontade de desaparecer. O que essa criatura faz enroscada ao pescoço dele como uma erva daninha beijando-o?

— Quem é essa mulher? — exijo com lágrimas nos olhos.

— Quem é você? — diz ela, limpando os lábios manchados de batom. Um tom ridículo de vermelho, mais para vulgar do que sensual — Empregada nova?

Olho para ela soltando fogo pelas ventas, desejo ardentemente arrancar esse sorriso cínico de seu rosto com minhas unhas. O fato de meu jeans surrado, camiseta confortável e sapatilhas, destoar com seu vestido vermelho e sexy não me faz inferior a ela em nada. Até posso parecer uma colegial sem graça, mas quem essa mulher pensa que é para julgar às pessoas pela roupa?

— Não é o que pensa Jennifer — me encara Neil com olhar de choque — Eu estava dormindo. Pensei que fosse você.

Sinceramente, tenho vontade de estapear a cara dele. Como ele podia ser tão imbecil? E que desculpa mais esfarrapada.

— Quem é essa mulher Neil? — grito para ele.

Ele parece confuso e surpreendido com minha reação.

— Isso não é da sua conta — provoca-me a jovem — O que ela faz aqui querido?

— Eu não sei quem ela é — diz ele aflito, ignorando a morena ao seu lado — Não tenho ideia de onde ela surgiu.

— Você não está falando sério não é? — diz a mulher, indignada — Sophie me disse que sofre de amnésia, mas pensei que fosse outra de suas armações. Sou Milla, lembra? Estamos juntos há mais de três anos.

Tudo a minha volta começa a girar, um zunido em meu ouvido me deixa zonza por alguns segundos. Como assim estão juntos há mais de três anos?

— Isso é verdade? — pergunto a ele enfurecida.

— Não. Não é — ele levanta e caminha mancando entre nós duas — Posso não ter memória agora, mas sei que não faria isso Jennifer. Acredite em mim! — Neil olha para jovem com olhar enfurecido — Diga a verdade a ela. Não estamos juntos e nunca estivemos.

— E todos os jantares, o flat e as viagens que fizemos? O que significaram para você? — choraminga a mulher.

Aquela mulher odiosa esteve no flat. Apesar de saber que Neil não havia sido um monge antes de me conhecer e que a lista de mulheres que passou em sua vida é gigantesca, o flat é um lugar especial para mim. Imaginar que outras

estiveram ali é uma coisa, ver uma delas em carne viva é doloroso. Como se manchasse tudo que vivemos ali de alguma maneira.

— Ouça Jennifer, posso até tê-la conhecido antes de você, mas eu não voltei a vê-la.

— Como sabe? — pergunto decepcionada — Recuperou a memória por acaso?

— Não é preciso... Se me ama realmente, sabe que não estou mentindo. Fale a verdade! — ele ordena para jovem — Fale ou não respondo por mim!

Ela parece afetada por suas palavras. Com o sem memória ele é um homem intimidador quando quer.

— Bem não éramos exatamente namorados por que era casado — responde ela aflita — Mas saímos juntos muitas vezes. Tenho certeza que se não fosse casado ainda estaríamos juntos. Esperei pacientemente por você Neil. Só que você nunca se decidia, então viajei por um tempo. A última vez em que conversamos parecia tão aéreo que decidi dar um tempo. Agora está livre e não há nada que nos impeça de ficarmos juntos. Eu voltei por você Neil.

Seria uma linda declaração se as coisas não fossem diferentes agora. Há outra pessoa na vida dele. Se essa mulher acha que vai chegar aqui marcando território está muito enganada. Eu o amo e vou lutar por ele com todas as minhas forças.

— Como entrou aqui? — questiona Neil.

— Os seguranças estão habituados à minha presença. Além disso, meu irmão é seu sócio. Também não se lembra?

— Não, eu não lembro. Isso não lhe dá o direito de entrar como uma gatuna e me agarrar enquanto durmo.

— Só quis fazer uma surpresa — diz ela chorosa — Como poderia adivinhar que essa maluca iria aparecer aqui. Acabei de voltar de viagem como disse. Não sabia que já havia arrumado uma substituta.

— Jennifer é minha *noiva*! — diz ele, enfatizando a palavra noiva.

— Sinto muito eu não sabia — responde ela cabisbaixa — Eu vou embora. Depois conversamos sem interferências.

Milla passa por ele com andar derrotado e me encara com olhar assassino, tenho certeza que o pedido de desculpas passou longe de ser sincero.

— Isso não fica assim — sussurra ela ao passar por mim.

Controlo meu desejo de arrancar cada fio de cabelo dela e tento passar por Neil que me puxa para seus braços, de costas para ele.

— Solte-me — falo com voz chorosa.

— Eu não tenho nada com aquela mulher — seu nariz desliza por meu pescoço. Ele é um maldito filho da mãe. E eu sou uma idiota completa. Basta um toque e já estou mansa como um carneirinho — Não fique brava comigo.

Sua boca desliza por meu pescoço e passa a língua no lóbulo de minha orelha. Ele sabe exatamente onde é meu calcanhar de Aquiles.

— Por favor — ronrona em meu ouvido, mordiscando minha orelha levemente.

— Solte-me — respiro fundo e me afasto dele — As coisas não se resolvem assim Neil — retruco cruzando os braços.

Embora meus seios estejam denunciando o quanto estou excitada, eu não vou facilitar as coisas para ele, não vou mesmo.

— Liam me dá um simples beijo no rosto e você faz um escândalo. Ajudo um amigo e você fica furioso, mas suas amiguinhas...

— Eu já disse que não tive culpa — interrompe ele.

— Isso não importa. O que faria se me pegasse aos beijos com outro homem?

— Eu o mataria, com certeza!

Fico abismada com a intensidade de suas palavras. Por que tudo entre nós dois tem que ser assim, tão intenso? Os dramas, as tragédias e os momentos de felicidade. Sempre é tudo ou nada! Fogo ou gelo!

— Então deve saber como estou me sentindo — murmuro — Eu vou para o nosso quarto.

Deixo-o na sala com expressão amuada no rosto. E o ciúme me corroendo como cupim à madeira. Milla é uma mulher lindíssima, assim como Sophie e todas as outras que já passaram em sua vida e olha que só tive o desprazer dessas duas, imagine as outras então. Poderei conviver com tantas mulheres ao redor dele como abelha no mel? Posso competir com mulheres tão glamorosas e elegantes? Quando sou apenas mais uma garota simples que até pouco tempo vivia no Bronx? Minha vida sempre foi simples. Não tenho nada a oferecer a ele. Apenas meu amor. Até quando isso será o suficiente? Uma das poucas vantagens de ter sido cega é que antes não me incomodava com nada daquilo.

Entro no quarto e jogo-me na cama. Todas as dúvidas pairando em minha cabeça. Como sou estúpida. O tempo todo sentindo ciúmes de Samantha, enquanto o verdadeiro perigo está bem próximo a nós.

Tiro os sapatos e enrolo-me debaixo das cobertas. Minha cabeça começa a latejar, fecho os olhos apenas por uns segundos. Não sei exatamente quanto tempo depois eu caio no sono.

— Jennifer — sinto a mão dele acariciar meu rosto — Ei bebê?

Desfruto de seu carinho gostoso até a realidade cair sobre mim, apunhalando meu peito.

— Sai Neil — empurro sua mão.

— Jennifer — retruca ele — Não faça isso.

— Ainda estou brava com você — respondo emburrada, olho para o relógio na cabeceira — Droga! Estou atrasada para buscar Anne.

— Claire já fez isso — ele sorri.

— Por que não me acordou antes? — encaro-o furiosa.

— Achei que se descansasse um pouco ficaria mais calma — diz ele, receoso — Pelo visto não adiantou. Jesus mulher! Que gênio você tem!

Agora eu sou a geniosa? Quando ele tem seus rompantes de ciúmes é natural, mas eu sou geniosa! Vou para o banheiro ainda bufando. Pois ele veria quem é geniosa.

≈≈≈

Dois dias mais tarde, estamos no consultório do Dr. Barkley. Ele nos mostra algumas radiografias enquanto explica sobre a evolução no quadro de Neil.

— Como disse antes, não há nenhuma explicação neurológica que provoque a amnésia. O que me leva a crer que seja um caso psicológico. É como se seu cérebro precisasse desse tempo.

— Então não é permanente? — Neil pergunta ansioso.

— Pelo que vocês me dizem até aqui, não — Dr. Barkley entrega um cartão a ele — Aconselho que procure esse especialista. É um psiquiatra muito bom.

— Quanto aos remédios, ainda preciso deles? — pergunta Neil — Eles me deixam meio aéreo, isso tem me causado muitos problemas.

Ele me encara com olhar aborrecido. O problema a que ele se refere, é minha teimosia e greve de sexo. Se bem que, essa tortura tem me afetado mais do que a ele. Está sendo uma verdadeira tortura dormir sozinha no quarto de hóspedes.

— Eu vou reduzir a quantidade — Dr. Bakley responde solicito — Até que consulte o outro médico, indico que continue tomando-os.

Ele concorda com a cabeça mesmo estando visivelmente contrariado.

— E a minha perna?

— Já pode trocar a cadeira por muletas desde que não abuse. Em duas semanas vamos tirar o gesso e substituir por outra imobilização mais cômoda. Sua recuperação tem sido boa. Sua noiva tem cuidado bem de você — brinca ele — Em mais ou menos um mês estará livre, claro que, deverá fazer algumas sessões de fisioterapia.

Ele nos dá outras orientações e saímos em seguida. Voltamos para casa em silêncio. Desejo fazer as pazes, mas meu orgulho fala mais alto que isso. Se ele quiser terá que dar o primeiro passo. O que eu não contava é que Neil é tão duro na queda quanto eu.

Hoje é o dia de pôquer, os homens se divertem na sala. É uma rotina que eles compartilhavam antes de nos conhecermos, Paige e eu não desejamos modificar

isso. Sabemos que precisam de um momento só deles, assim como também gostamos de nossa individualidade.

Estou no quarto de hóspedes. Passo um gloss clarinho nos lábios de Anne enquanto Paige trança meus cabelos.

— Então Jenny.. — Paige começa — Ainda está em greve.

Dou um tapa em sua mão e indico Anne com os olhos.

— O que é greve? —pergunta a garota com curiosidade.

—Greve é quando você se recusa a fazer uma coisa para conseguir outra — explica Paige — Anne, não quer ir até o quarto buscar uma linda presilha para que eu faça um lindo penteado em você? Gostaria de testar alguns para o casamento.

— Está bem — Anne sorri. Está tão eufórica com esse casamento que sua atenção é desviada de qualquer assunto — Eu tenho muitas presilhas bonitas tia Paige.

Há pouco tempo as duas começaram a se tratar com mais afeto. Anne até havia pedido permissão para chamar Paige de tia.

— Traga todas. E traga laços e fitas e tudo que tiver lá.

Anne sai animadamente sem desconfiar que o único motivo disso é tirá-la do quarto.

— Então, me conte tudo — Paige senta de frente a mim na cama.

— Não há muito que contar — murmuro.

— Não acha que está sendo teimosa? Querida não há muitos homens como ele por aí. Porém, existem milhares de Millas, Sophias e etc.

— Isso é o que me deixa aborrecida Paige — respondo frustrada — Com tantas mulheres lindas ao redor dele. E isso sem contar Penélope, e todas as mulheres lindas que devem ter no escritório.

— Ah não! — Paige me leva até o espelho — Você é lindíssima Jenny. Não deve nada a nenhuma delas.

Encaro a jovem ruiva no espelho. Concordo que sou bonita. Mas isso seria o bastante?

— No próximo mês, você matará todas as rivais de inveja — diz ela.

— Próximo mês? — enrugo a testa — O que há no próximo mês?

— A inauguração do complexo de Richard, lembra? Em Dubai. Neil não contou a você?

— Está muito aborrecido comigo. Não temos conversado muito — dou dê ombros — Talvez não queira que eu vá.

Jogo-me na cama com frustração. A minha propensão de estragar as coisas em nossa relação é espantosa.

— Acho que peguei pesado — choramingo — Só que fiquei com muita raiva.

Imagina você chegar em casa e pegar o Richard com outra.

—Eu arranco os cabelos dela — diz ela, indignada — E depois os olhos dele com a pinça de sobrancelhas.

— Foi exatamente isso que quis fazer.

— Nesse caso, penso que está sendo tola. Não disse que o deixou dormindo? A culpa é daquela ordinária — diz ela fazendo careta — E quanto à viagem, acho que Neil pretende fazer uma surpresa. Richard me disse que confirmou a presença de vocês dois.

Uma onda de esperança me invade. Seria a surpresa que conversou com Anne? Então todo aquele silêncio significa que está planejando algo para nos reaproximar? Não estávamos completamente distantes.

No primeiro dia, eu fui para cama sozinha no quarto de hóspedes e acordei com ele enroscado em mim. Quando questionei o fato de ter se enveredado para minha cama, Neil havia respondido que não fazia ideia de como foi parar ali. Eu não acreditei, é claro. Todos os dias foram assim, Neil, muita tensão sexual e nada de sexo.

— Você tem certeza?

— Absoluta.

Fico um pouco mais animada.

— Como anda o tratamento dele? — Paige muda de assunto.

— Tem consulta com psiquiatras uma vez por semana. Ele não me fala sobre o assunto. Voltou a trabalhar em casa. Quando se livrar da imobilização voltará para a empresa como de costume.

Anne volta para quarto e conversamos sobre outras coisas. Em torno das nove horas, vou até a cozinha buscar leite e biscoitos para Anne. Apesar dela insistir em ficar acordada até mais tarde, mal consegue ficar em pé de tão cansada que está.

Encontro Peter na cozinha e decido que é um bom momento para levantar o assunto de Kevin com ele.

— Peter? — chamo-o. Ele se sobressalta e bate a cabeça no teto da geladeira.

— Ai!

— Desculpe — dou risada — Tenho esse péssimo hábito de assustar as pessoas.

— Eu estava distraído.

— Gostaria de lhe pedir um favor... Na verdade preciso dos seus serviços.

— Claro. Em que posso ajudar?

— Kevin se envolveu com uma jovem e acha que tiveram um filho. Ele não sabe onde estão agora. Poderia tentar encontrá-los? — encaro-o apreensiva — Eu vou pagar é claro.

— Não me ofenda Jenny — Peter parece zangado — Farei isso com grande prazer. Neil é um dos meus melhores amigos, se não o melhor e as mudanças que causou nele são incríveis, nunca o vi tão feliz.

— Não sei se posso concordar com isso — digo, triste — Desde que entrei na vida dele eu só causei confusão. Ele não estaria passando por isso se não fosse por mim.

— Neil não seria tão feliz se não fosse por você — Peter segura meu queixo — Acredite em mim. Não sabe como ele era solitário e amargo antes de conhecer você. O que aconteceu foi uma fatalidade. Não se culpe por isso.

— Vou tentar — sorrio com os olhos marejados.

— Vai ficar tudo bem — ele me abraça com carinho.

Acho que tudo não durou mais do que uns vinte segundos ou menos, no entanto, foi tempo suficiente para vê-lo se contrair e me afastar rapidamente. Sigo seu olhar cauteloso e me deparo com Neil parado contra o batente da porta.

Merda! Se antes estava com problemas, agora estou encrencada. Até conseguir explicar que foi apenas um abraço inocente entre amigos o estrago já estaria feito.

— Pensamos que tinha ido fabricar as cervejas — Neil passa de muleta por nós dois, abre a geladeira e pega uma lata de Coca — O que foi? Por que estão me olhando assim?

Peter e eu estamos atônitos diante de sua reação indiferente.

— Não vai gritar e nem sair quebrando tudo? Ou tentar partir minha cara?

Ele nos encara com olhar divertido.

— Há motivos para isso? — arqueia a sobrancelha e toma um gole do refrigerante.

— Claro que não! — Peter responde ofendido.

— Então qual o problema? — ele ajeita a muleta e volta caminhando para sala — Volte logo, estamos perdendo o jogo.

Peter me encara com espanto, dá de ombros, pega as garrafas em cima da mesa e o segue até a sala.

Retorno ao quarto e encontro Anne dormindo e Paige vendo TV.

— Paige! — caio em seus braços — Eu estraguei tudo. Neil não me ama mais.

Meu choro é desesperado, havia destruído todas as chances de felicidade por ser infantil e ridícula, de novo. Ouço seu consolo, mas nada do que me diz me convence do contrário.

Já passam das duas horas da madrugada. Paige havia arrastado Richard para o quarto de hóspedes. Finjo que durmo quando Neil vem para o nosso quarto.

Ouço o som do chuveiro e tento refrear as lágrimas. Cada segundo eu tenho mais certeza que ele já não me ama mais. Por isso ele não havia tocado no assunto sobre a viagem. Talvez quisesse levar Milla ou qualquer garota.

O som do chuveiro diminui, alguns minutos depois a luz é apagada, há um movimento na cama, fecho os olhos com força e tento me controlar para não contestá-lo. De uma forma masoquista quero aproveitar os últimos momentos que tenho com ele. Um soluço angustiado escapa de meus lábios sem que eu possa evitar.

— Jennifer? — Neil toca meus cabelos — Jennifer...

Um choro compulsivo me domina.

— Jennifer o que foi? — diz ele, preocupado.

— Amanhã eu vou... Eu vou.. — o choro não me deixa formar uma frase coerente —Embora.

— O que? — grita ele, obrigando-me a ficar sentada — O que está dizendo?

— Vou facilitar as coisas para você — murmuro, secando as lágrimas com raiva — Se não me quer mais, eu vou embora. Pronto! Resolvido!

— Porra Jenny! — Neil me encara angustiado — De onde surgiu isso agora?

— Você não me toca! — começo a falar entre soluços novamente — Não me contou sobre a viagem... e não se importou em me ver com Peter.

Ele se levanta, pula pelo quarto e acende a luz. Encara-me com olhar feroz.

— *Você* não me toca! — rebate ele — Tenho respeitado isso, embora minha vontade seja fodê-la em cada canto dessa casa. Vou para seu quarto todas as noites com o desejo que tome a inciativa e acabe com isso. Posso parecer, mas não sou um troglodita. Pensei que precisasse de espaço e eu dei. Estou sofrendo os diabos para proporcionar isso.

Encaro-o com nó preso na garganta.

— Não tive um ataque de ciúmes, por que sei que você não precisa de mais drama na merda da minha vida. Além disso, Peter é meu amigo — ele parece constrangido — Depois de Milla sei que as coisas nem sempre são o que parecem ser. Eu vi o que um mal entendido pode fazer.

O desabafo dele faz sentido e como sempre me sinto uma idiota.

— E não falei sobre a viagem porque era parte da surpresa — Neil volta a sentar na cama com olhar derrotado — Você disse que nada nos separaria. Mas a cada sinal de problema você foge.

— Você ainda me ama? — pergunto me sentindo uma tola.

Ele me esparrama na cama e deita-se sobre mim.

— Meu coração diz que sim — seus olhos estão focados nos meus — A cada dia a amo mais.

Um soluço escapa de meus lábios as lágrimas descem livres por meu rosto.

— Por que está chorando agora? — pergunta ele angustiado — Se quer ir embora...

Seguro seu rosto desolado entre minhas mãos trêmulas.

— Choro porque sou estúpida — soluço — E porque o amo muito também.

— Então acabou o castigo? — pergunta ele esperançoso. O olhar dele é ardente e sensual.

— Nunca deveria ter começado — sussurro.

Coloco minha boca sobre a dele e é o estopim necessário para me ver perdida em seus braços.

— Você me embriaga de um modo que ninguém mais consegue - diz ele com a voz rouca — E durante toda a semana fiquei desejando isso.

Neil volta a capturar minha boca, mas desta vez não há nada de casto no beijo. Sinto os dedos longos e fortes deslizando pelo meu corpo. Seu corpo colado ao meu causando curtos-circuitos em meu sistema nervoso. Os músculos do peito dele se flexionando contra meu corpo e puxo-o para mais perto de mim. Enquanto nossos corpos se encontram, nossas bocas permaneceram grudadas. Neil se afasta apenas por um instante, ergo o olhar para mirar esses olhos impressionantes que queimam e refletem o mesmo fogo que arde em meu ventre, onde sua rigidez me pressiona.

A maciez da boca de Neil e o hálito morno me deixam tão excitada que gemo alto, mal suportando a necessidade de ser possuída por ele naquele instante, de que mergulhe em meu corpo quente.

Sua língua dança eroticamente junto à minha, entrando e recuando em minha boca, convidando-me a acompanhá-lo. Envolvo seu pescoço com os braços, colando ainda mais nossos corpos, deslizo minha língua para dentro da boca dele de forma apaixonada e sou recompensada com um gemido alto e gutural, isso é erótico. Saboreio seu lábio inferior com a língua e mordisco com sensualidade. Neil geme e pressiona o pênis contra minha pélvis mostrando-me o quanto está duro.

Quando suas mãos livram-me da camisola com certa euforia, sinto minhas pernas tremerem. Os beijos se acalmam por um instante. Ele me olha com paixão, mordo seu lábio inferior com gentileza e sinto o meio-sorriso contra minha boca. Sua mão grande e quente, passeia por minhas costas para desabotoar o sutiã, que voa longe em seguida.

— Ahhh... — gemo alto quando ele preenche as mãos com meus seios acaricia-os, o polegar friccionando delicadamente o mamilo intumescido. A sensação é tão devastadora que sinto-me incapaz de respirar. Estou atordoada, a ardência no meio das coxas em meu ponto mais sensível lateja forte.

Mordo os lábios e ele inclina a cabeça para sussurrar em meu ouvido:

— Vou chupar seus seios até ficar tão úmida que a única coisa em sua cabeça será me ter deslizando dentro de você — sussurra ele — E vou fodê-la até que desfaleça em meus braços...

Neil agarra minha mão e leva até sua rigidez, em meio à agonia que me atormenta a alma —Esse é seu castigo por se comportar de forma tão impertinente.

Ele se afasta alguns segundos e livra-se de suas roupas. A nudez máscula traz saliva em minha boca. Estou queimando, é tudo o que consigo pensar, estou em chamas.

Como havia prometido, ele toma meus seios em sua boca, chupa, lambe, mordisca enquanto eu me contorço e gemo alucinada. Estou tão úmida, que parece escorrer por entre as pernas. Neil desliza um dedo por minha fenda e em seguida introduz o dedo em sua boca, provando-me. O gesto ousado me faz contorcer em seus braços.

—Neil...—choramingo desesperada. Eu quero que ele me possua.

Meus seios estão inchados, minha vagina encharcada e eu ensandecida desejando sentir seu membro duro fodendo-me forte. Ele desliza os lábios pelos meus seios, ventre e chega a minha vagina escorregadia, sugando-a sob o tecido da calcinha. Esqueço-me de respirar quando ele se afasta, segura a lateral da calcinha fina e rasga-a em duas partes de forma selvagem. Neil desliza o dedo para dentro de mim em uma carícia tão vertiginosa que teria me feito fechar as pernas se pudesse. Hora introduzindo a língua dentro de mim hora sugando e mordiscando meu clitóris, não sei qual me dá mais prazer, ambos me fazem convulsionar e choramingar como um bebê. Sinto o espiral de intenso desejo atingir diretamente o meu ventre. E me pego pressionando seu rosto contra mim, procurando, querendo mais e, arqueando as costas com a resposta de meus pedidos.

— Ahh — sem piedade, o dedo dele desliza para dentro e para fora, até finalmente ir bem fundo, fazendo-me ofegar e chegar ao êxtase em espasmos violentos — Neil.

Tudo o que eu consigo fazer é me deixar ir de encontro à sensação que rasga meu corpo e bloqueia qualquer pensamento coerente. Enquanto os espasmos ainda dominam meu corpo, ele me toma fundo. Uma, duas, três vezes. Indo e vindo até que eu grite seu nome. A cada investida eu me desintegro, me desfaço em milhares de partículas e como prometido, faz-me perder completamente os sentidos. Perco a quantidade de vezes que fizemos amor e a quantidade de vezes que ele me leva ao clímax madrugada adentro.

≈≈≈

Nós nos despedimos de Anne que passará o fim de semana com os avós e seguimos para o aeroporto JFK. É minha primeira viagem de avião e estou muito nervosa. Embora não estejamos em um voo comercial, e sim em um dos aviões particulares da companhia de aviação a qual Neil é sócio, ainda sim, me sinto em pânico.

— Fique tranquila querida — ele beija meus lábios — São apenas algumas horas de voo. Se quiser posso distrair você.

Beija-me apaixonadamente e esqueço completamente onde estou.

Passa da meia noite quando chegamos ao Delaney Center. O hotel em que vamos ficar hospedados é simplesmente magnífico, do tipo que se vê apenas em filmes, inclusive com um cassino incluso.

Embora tenha colocado meu melhor vestido, inclusive, um presente que Neil havia me dado, me sinto como a gata borralheira após a faxina no castelo. Só em pensar na festa de inauguração, sinto minhas pernas tremerem. De acordo com Paige várias pessoas famosas estariam presentes: atores, cantores e até mesmo políticos importantes haviam praticamente se estapeado para conseguir um convite. Então, que droga eu estou fazendo aqui? Acompanhada do décimo segundo homem mais lindo, influente e bem sucedido do mundo, segundo a revista Forbes?

Acordo no dia seguinte sozinha, me sentindo animada. Estamos em uma suíte de luxo com uma vista espetacular. Minhas perguntas anteriores foram totalmente respondidas pela noite maravilhosa que tivemos. Pego o bilhete em cima da cama e o leio.

Luz dos meus olhos,

Eu tive que me ausentar para resolver alguns problemas com Richard. Há muitas coisas para se distrair no hotel: saunas, academia, piscinas e muitas lojas. Voltarei para o almoço.

Amo você.

Neil.

Beijo o bilhete como se fossem seus próprios lábios. Meu anjo negro sempre preocupado com meu bem estar. Faço uma pequena oração para que esses problemas não sejam graves. A empresa de Neil é responsável por todos os dispositivos de segurança e isso é primordial para que o complexo seja bem sucedido. Tanto Richard quanto ele haviam arriscado seus nomes e carreiras, além de uma considerável fortuna nesse projeto gigantesco.

Saio da cama e tomo um banho rápido, coloco um vestido leve, cor de pêssego e vou para varanda tomar café. O serviço de quarto é muito eficiente e

entregou uma seleção de frutas, dois tipos de sucos, café, torradas e uma infinidade de outras guloseimas.

— Jenny! — Paige entra em meu quarto pulando de alegria — Esse lugar não é fantástico?

— É muito lindo — respondo sorrindo, indico uma cadeira para que se una a mim à mesa — Olhe essa vista Paige. Ficaria aqui para sempre.

A nossa frente, nada mais do que um imenso mar azul com alguns navios e iates flutuando à deriva. Abaixo conseguimos ver a areia fofa e muito branca.

— É um sonho — Paige suspira — Quando estive aqui a primeira vez também fiquei impressionada.

— Paige você não tem medo? — pergunto receosa.

— Medo de quê? — ela parece confusa.

— Richard é tão bonito e rico. Ele e Neil estão cercados de mulheres glamorosas e ricas. E nós somos simplesmente nós, Paige. Não nascemos nesse mundo.

— E que mundo você acha que vive Jenny? — me encara com simpatia — Querida, tirando as roupas, joias, e tudo isso, o que fica é o que temos aqui — Paige leva a mão ao coração enfatizando o que diz.

— Tire isso tudo dessas mulheres e o que resta? Garanto que nem de longe são melhores que nós duas. Somos mulheres reais e não dondocas afetas. É isso que nossos homens admiram em nós. Richard me prova isso a cada dia. Ele me ama e eu o amo, apenas isso importa.

— Acho que tem razão — respondo envergonhada — Nunca me importei com essas coisas. Estou sendo tola.

— Uma grandíssima tola — ela aperta minha mão em conforto — Agora termine esse café, pois temos um dia cheio. Vamos nos divertir, ficarmos lindíssimas e deixarmos todas essas esnobes no chinelo.

— Paige, minha vida não seria a mesma sem você.

Saímos do quarto e vamos em direção à piscina. Fico um pouco envergonhada ao ver os olhares masculinos de admiração em nossa direção. Um pouco mais tarde, passamos algumas horas em um Spa fazendo massagem e depilação. Por volta do meio dia, Richard informa que eles terão que adiar o almoço com nós duas. Almoçamos em um restaurante elegante ali mesmo no hotel. É muito bonito, fica no subterrâneo, com o mar como plano de fundo. Uma banda toca Soul e sinto saudades do tempo em que cantava.

— Sabe... — Pegue começa receosa — Tenho uma coisa para contar.

— Agora sim está grávida — respondo rindo.

— Não Jenny — ela ri comigo — Por que invocou que estou grávida?

— Bem... — dou de ombros — Pessoas sempre começam a frase assim

quando vão comunicar algo tão bombástico. E depois do que aconteceu da última vez.

— Agora Richard e eu somos cuidadosos, nós queremos filhos, mas me recuso passar por tudo aquilo novamente, não agora — ela suspira, triste — Mas o que quero contar é que eu me matriculei na universidade. Começo meu curso de arquitetura no início do ano.

— Paige que notícia boa — levanto-me e vou abraçá-la sem me importar com as outras pessoas em volta — Sempre foi seu sonho.

— Sim. Eu tentei devolver todo dinheiro que Richard havia me dado — ela fica envergonhada — Mas ele não quis, disse que era meu e que eu comprasse joias ou o que quisesse, resolvi empregar em algo mais útil como o curso de arquitetura.

— Tenho certeza que você será uma excelente arquiteta — volto para minha cadeira — Estou tão orgulhosa de você.

— Por que não realiza seu sonho também Jenny? Entre para faculdade de música.

— Você sabe que é muito caro — digo, constrangida — Eu não tenho todo esse dinheiro ainda. Talvez consiga um emprego e possa fazer alguma economia...

— Mas o que está dizendo? — me encara espantada — Seu noivo é riquíssimo. Tenho certeza que Neil não recusaria em ajudá-la.

— Paige, o dinheiro é dele! — retruco magoada — Deus me livre disso, acho que morreria, mas se um dia terminássemos nossa relação o dinheiro continuaria sendo dele. Além disso, não somos noivos. Ele ainda não me pediu e não há um anel em meu dedo.

Respondo mostrando minha mão vazia.

— Jenny, ter orgulho é louvável, mas em excesso é burrice — diz ela, contrariada — Ajudar um ao outro, é isso que os casais fazem. Não tem cuidado dele, da Anne durante todo esse tempo?

— Faço isso porque amo os dois.

— E tenho certeza que Neil faria o mesmo, exatamente pelo mesmo motivo. Pense nisso.

Um garçom se aproxima para pegar os pedidos. Escolhemos frutos do mar e vinho branco.

Não precisamos pagar a conta, até porque, não havia preço no menu, portanto os preços deveriam ser altíssimos. Segundo o atencioso gerente, o almoço foi uma cortesia para a noiva de um dos proprietários do prédio. E não tenho como negar que essas pequenas regalias fazem a vida um pouco mais interessante.

À tarde passamos o dia no salão. Aparamos as pontas dos cabelos, fizemos

uma hidratação e deixamos as unhas e sobrancelhas perfeitas. Um verdadeiro dia de rainha.

— Quem disse que dinheiro não traz felicidade nunca arrancou um bife na cutícula — Paige brinca ao admirar as unhas esmaltadas — Sinto-me a Julia Roberts em Uma linda mulher.

— Vamos acabar mal acostumadas com isso — murmuro.

— Jenny, Jenny. Ninguém fica mal acostumada no luxo. Lembra-se de como vivíamos no Bronx? Contando cada centavo. Aproveite o momento.

Decido parar de ser tão rabugenta e aproveitar tudo como Paige disse. Voltamos ao nosso quarto e encontramos duas mulheres nos esperando com araras de roupas. Meu queixo quase desloca ao ver todas as marcar e preços. É uma quantidade infinita; Chanel, Dior, Versace entre tantas outras que só conheço por nome.

Eu tenho dois vestidos da Chanel que Neil havia me dado quando era cega, mas ao olhar a etiqueta quase caio dura ao ver os preços. Não imaginei que fossem tão caros. Um vestido daquele pagaria uns três meses de aluguel.

— Paige, são muito caros — puxo-a para um canto para dizer isso à ela — O mais barato de qualquer vestido desses, irá limpar toda minha conta bancária.

— Mas não tem que pagar. Neil pagará tudo.

— Eu não me sinto bem com isso.,. — começo, receosa — Não acho correto.

— Então aceite como um presente meu — suspira ela — Pronto! Meu presente de aniversário e não aceito recusas.

— Meu aniversário é só em fevereiro.

— Jenny você não facilita em nada, não é? — ela me encara furiosa — Então vá com algum vestido de liquidação, depois não reclame caso se sinta a gata borralheira antes da festa.

Ela me deixa sozinha e começa a conversar com as duas vendedoras simpáticas. Alguns minutos depois eu me uno a elas. No final, não tenho alternativa, ou eu aceito a oferta ou farei Neil passar por constrangimento público. Depois de uma hora e de provarmos vários vestidos escolhemos os que mais gostamos.

— Agora descanse e não se preocupe — diz Paige, caminhando para porta — Irão entregar os vestidos passados e prontos para festa. Eu volto por volta das oito com maquiador e cabelereiro.

Olho para o relógio e vejo que já passam das seis. Tenho pouco tempo para relaxar e ficar mega linda como Paige diz. Sinto falta de Neil. Não o vejo desde a madrugada e troco tudo isso para ficar apenas deitada na cama com ele. Apenas curtindo a presença um do outro. Vou direto para quarto e encontro outro de seus bilhetes.

Minha vida,

Desculpe-me por perder o almoço com você. Passei apenas para lhe dar um beijo. Sinto sua falta.

Eu te amo ainda mais.

Neil.

Aperto seu bilhete ao peito como se fosse a joia mais preciosa do mundo, muito mais valioso que todos aqueles vestidos juntos.

Coloco pepino nos olhos e antes que perceba caio no sono. O dia foi agitado e cansativo.

≈≈≈

Paige aparece no horário marcado, vestindo um roupão e acompanhada de uma jovem e dois homens. Todos são muitos simpáticos e passam o tempo todo elogiando nossa pele, beleza e o tom vermelho natural de meus cabelos.

— Vou para o meu quarto para colocar o vestido — murmura Paige antes de sair — Nossa Jenny está lindíssima.

Não tenho como discordar dela. A maquiagem esfumaçada nas pálpebras em algumas tonalidades de dourado traz mais luz aos meus olhos azuis, nos lábios um batom rosa fosco deixou meus lábios sensuais, meus cílios haviam ficado incrivelmente mais longos e espessos. E o penteado meio trançado retorcido cai em cascata de lado pelos meus seios.

Neil entra no quarto alguns minutos depois e me olha com admiração. Acabei de receber o vestido e estava me preparando para usá-lo.

— Está ainda mais linda se é possível — me abraça beijando meu pescoço — Céus como amo seu cheiro.

— Senti sua falta — murmuro, manhosa — Agora vá se arrumar ou chegaremos atrasados.

Enquanto ele toma banho, passo uma suave camada de hidratante no corpo, algumas gotas de perfume que havia comprado em uma das lojas do hotel e deslizo o vestido pelo meu copo. Coloco o par de sapatos e vou para o espelho de corpo inteiro. Encaro a jovem deslumbrante refletida nele. O vestido é um tomara que caia vermelho vivo, justo até os joelhos, decote em forma de coração e cauda estilo sereia.

— Jesus! — Neil aparece no quarto, elegante em seu smoking negro, camisa branca e gravata borboleta. — Não sei se permitirei que saia desse quarto assim.

Sinto minhas pernas fracas apenas em observar sua beleza impressionante, tenho certeza que terei muito trabalho em manter as outras mulheres afastadas dele.

— Está muito bonito também — murmuro, ajeitando sua gravata — Será o homem mais bonito da festa.

— Acho que Paige não vai concordar com isso — brinca ele.

— Espero que não mesmo — aceito a brincadeira — Caso contrário nós teríamos sérios problemas. Bem... Vamos?

— Espere! — Neil se afasta e vai até uma gaveta na cômoda — Falta esse pequeno detalhe.

Ele volta com um estojo negro nas mãos, estendendo-o para mim. Pego com as minhas mãos trêmulas, fico em estado de choque com o que vejo. Dentro, há um lindo colar de diamantes com um pingente de topázio azul em forma de gota. Os brincos também são de diamantes com mesmo formato em gota.

— Meu Deus! — encaro-o abismada — Você não espera que use isso não é?

— Claro que sim — sorri, abertamente.

— Mas eu não posso — retruco devolvendo o estojo a ele — Eu sei que as lojas emprestam joias para eventos como esse, mas não posso usar. Eu posso perder ou danificar...

— Não é uma joia emprestada Jennifer — ele devolve-me o estojo — Comprei-a para você.

— Você está maluco? — sento-me na cama, minhas pernas já não me sustentam mais — Não posso aceitar isso. É muito caro.

— Não estou perguntando se pode aceitar — Neil tira o colar e passa em volta do meu pescoço — Estou dando e pronto. Apenas aceite.

Resolvo não estragar a noite com uma discussão, conversaremos mais tarde sobre isso. Coloco os brincos e volto a me olhar no espelho. Qualquer pessoa que me visse nesse momento diria que sou uma dessas garotas bem nascidas. Sinto-me como uma princesa, bem diferente da jovem de camiseta e saia jeans que vivia no Bronx.

— Não haverá um homem que não olhará para você — Neil sussurra acariciando a lateral de meu corpo — Não sei se me sinto orgulhoso ou mato cada um que direcionar um olhar mais afoito.

— Neil, haverá mulheres lindíssimas na festa. Algumas até famosas. Duvido muito que percam mais do que dois segundos comigo.

— Srta. Connor você se subestima demais — ele sussurra me apertando contra ele — Assim que voltarmos irei mostrar o quanto é perfeita para mim.

≈≈≈

Encontramos Paige e Richard no saguão do hotel. Paige está maravilhosa em seu vestido tomara que caia marrom para nude, decote em coração, com tecidos transpassados, justo até cintura e calda mais clara drapeada. O cabelo preso em um coque elegante. Richard ao seu lado está lindo em um smoking cinza e gravata branca.

Uma limusine nos espera em frente ao hotel. O caminho até uma linda casa de shows onde será o baile, não é muito longo. Ao sair do carro sinto-me ofuscada por alguns instantes. Milhares de fotógrafos gritam em nossa direção em busca de um ângulo para foto. Olho para Paige que segura firmemente a mão de Richard. Por mais que queira negar ela está tão nervosa quanto eu. Esse não é nosso habitat.

Após alguns minutos intermináveis e sentindo minha boca anestesiada de tanto exibir um sorriso para as câmeras, nós finalmente no dirigimos a entrada. O lugar é esplendoroso. Todo em estilo opera francesa, uma escada em estilo Y que dá acesso à porta principal. Por dentro, o local parece um palacete. Todo decorado em tons de vermelho e dourado.

Meus olhos vagueiam por todo o salão. Muitas pessoas já estão presentes. Reconheço algumas celebridades que havia visto há pouco tempo na televisão. Neil e Richard nos conduzem a mesa principal onde ficaremos durante o jantar. Tudo parece perfeito até que vejo o nome ao lado do nosso.

— Puta merda! — murmuro descontente.

Pelo visto minha noite de maravilhosa está fadada a virar o circo dos horrores. Sinto uma imensa vontade de chorar.

Capítulo 8

Olho novamente para os nomes com as letras em relevo. *Milla Parker & Evan Parker.* Será a mesma Milla que eu já aprendi a odiar?

Nós nos acomodamos, Neil a minha esquerda e Richard a direita seguido por Paige. Pela distribuição da mesa a dita cuja, sentaria ao lado de Neil durante todo o jantar. Os convidados começam a chegar e ocupar seus lugares, em poucos minutos o ambiente fica lotado. Richard nos pede licença e vai para o centro do palco para iniciar a noite festiva. Seu discurso abrirá a programação da noite.

— Quando era menino eu tive um sonho. Um sonho de criar um lugar mágico. Minha própria terra da fantasia. Eu cresci e meus sonhos não mudaram, apenas cresceram ou se modificaram. Inicialmente, este era meu ideal de isolamento. Para fugir da dura realidade cotidiana. Um lugar onde eu pudesse escapar da correria do dia a dia e das tristezas da vida. Onde pudesse encontrar paz e isolamento...

Richard faz uma pausa e encara Paige ao meu lado na mesa.

— Hoje eu quero compartilhar esse sonho com vocês e principalmente com a mulher mais importante para mim. Paige... — diz ele — Esse não é mais um lugar onde procuro me esconder. É o paraíso onde me encontrei e descobri o quanto a amo, você é meu sonho que se tornou realidade. Que todos vocês possam ser tão felizes aqui como eu. Que encontrem a paz, amor e felicidade. Sejam bem vindos ao Delaney Center.

Ele finaliza estourando uma champagne. Todos aplaudem aos gritos. Foi um discurso tão lindo que não há uma pessoa que não tenha se emocionado.

— Richard foi tão lindo — Paige abraça-o assim que ele retorna à mesa.

Neil beija minha mão e sorri para mim. Nesse instante vejo uma linda morena em um vestido prata se aproximar de nós. Está acompanhada de um homem muito parecido com ela. Meu sangue gela nas veias ao reconhecer minha antagonista.

— Desculpem o atraso — o jovem cumprimenta Richard e Neil — Sabe como são as mulheres. Milla demorou horas para ficar pronta.

— Não se preocupe Evan — tranquiliza Richard — Perdeu apenas o discurso.

— Ah... Richard eu sinto muito, a culpa foi do maquiador — Milla senta em seu lugar à mesa — Aliás, deveriam despedi-lo. Vou reclamar ao salão do hotel...

— Não acho que é para tanto Milla. Grande parte da culpa foi sua — interrompe Evan — Hoje é um dia de festa, então vamos comemorar e nos

divertir.

Evan vai para seu lugar e começa uma conversa com uma jovem ao seu lado.

— Que bom que está aqui Neil — Milla sorri para ele, tocando seu braço — Me sentiria perdida sem alguém conhecido ao meu lado.

Ao lado dela? Realmente essa mulher é muito cara de pau.

— É um prazer revê-la — ele diz.

Eu não posso dizer o mesmo. Sinto urticárias ao lembrar de como aquela mulher havia virado nossa vida de cabeça para baixo, quase arruinando tudo. Ter que dividir o mesmo ambiente que ela é um verdadeiro suplício. O jantar segue a todo vapor. É um entra e sai de bebidas e pratos tão saborosos quanto agradáveis aos olhos. A atmosfera estaria perfeita se não fosse a inconveniente Milla e sua insistência em monopolizar a atenção de Neil o tempo todo. Minha vontade de esganá-la aumenta a cada segundo. A quantidade de risinhos melosos e a forma que sempre tenta se aconchegar a ele, me deixa com instintos assassinos. Gostaria de poder colocá-la em seu devido lugar. A mulher não tem vergonha; ou finge não ter ao ponto de ignorar que Neil está acompanhado. Somente o fato de estarmos em um lugar público me faz ficar em silêncio. No entanto, por dentro estou fervendo de raiva, com uma grande vontade de arrancar os olhos dela.

— Evan, se lembra da viagem que fizemos juntos à França? — Mila se derrete toda para o lado de Neil — Você me levou a tantos lugares incríveis, Neil. Paris é tão romântica. Você não acha?

Se essa mulher tocá-lo mais uma vez eu juro que irei rasgar o vestido dela inteiro!

— Acho que é sim — responde Neil evasivo — Desculpe-me eu não lembro.

Nesse momento, a cantora sobe ao palco, após algumas breves palavras inicia o seu show com a música Someone Like You. Amo a Adele e particularmente amo essa música. Canto baixinho a letra da música. Pela primeira vez na noite, após um longo tempo os dedos de Neil tocam os meus por debaixo da mesa. Ainda que esteja preso em alguma conversa desagradável com Milla. É reconfortante saber que ele não está totalmente alheio à minha presença como parece.

Algumas pessoas se animam e vão para pista de dança. Paige e Richard acompanham o público e começam a dançar coladinhos. Por debaixo da mesa eu movimento os meus pés.

— Gostaria de poder levá-la para dançar — diz Neil, pesaroso — Sinto muito.

— Tudo bem — sorrio com carinho.

— Evan pode levar Jenny para dançar? — Milla me encara pela primeira vez na noite — Meu irmão é um ótimo dançarino Jenny.

Jenny? Essa é boa! O que essa mulher está tramando agora? Passou a noite toda me tratando como se eu fosse apenas mais um objeto decorativo da mesa, agora me trata como se nós fossemos íntimas e ainda por cima joga o irmão para cima de mim.

— Não é necessário — respondo a Evan — Não quero incomodá-lo com isso.

— Não seria incomodo algum — Evan responde com sinceridade.

Eu gostei dele mais do que da irmã, sempre tentou me incluir na conversa em volta da mesa, além de ser muito simpático. Como sócio de Neil, acredito que ainda nos encontraremos ocasionalmente, fico aliviada que ele não seja uma pessoa desagradável como a irmã.

— Obrigada Evan... — Neil nos interrompe — Mas Jennifer não gosta muito de dançar.

Quê? Desde quando isso? Sempre adorei dançar e a música faz parte da minha vida. Encaro-o indignada. Ele passou a noite toda com aquela mulher pendurada em seu braço como se fosse um sultão, agora resolve ter uma crise de ciúmes quando Evan apenas está sendo gentil.

— É uma pena — Evan sorri. Alheio as verdadeiras intenções que há por trás das palavras de Neil — Faz um bom tempo que não danço, seria um prazer acompanhá-la.

— Pois será um prazer acompanhá-lo também — digo com sorriso nos lábios —Aceito o convite.

— Jenny... — Neil me encara com olhar ameaçador — Eu preciso dizer...

— Apesar de não gostar *muito* — ignoro Neil, enfatizo o muito — Nesse momento, sinto uma enorme vontade de dançar.

Levanto-me e beijo os lábios de Neil rapidamente.

— Não se preocupe querido, Evan cuidará bem dela — ouço Milla ronronar apoiando-se no braço dele, antes de eu seguir até a pista de dança — Farei companhia a você.

Isso mesmo Jennifer! Sua grande idiota! Parabenizo a mim mesma enquanto caminho, deixei o caminho livre para aquela megera. Eu fiz exatamente o que aquela ordinária queria.

Evan segura meu cotovelo e deixo-o guiar em meio ás pessoas. Começa a tocar Skyfall. A música diz exatamente o que sinto. Parece que o céu está desmoronando em minha cabeça.

“Este é o fim
Segure a respiração e conte até dez
Sinta a Terra se mexer e então
Ouça meu coração explodir novamente”

— Não ligue para as tolices de Milla — diz Evan ao meu ouvido enquanto dançamos — Ela é apenas uma garota caprichosa.

Evan está sendo gentil e tenta justificar a irmã ao mesmo tempo. Olho para mesa onde estávamos. Milla continua grudada em Neil. Vejo-a falar algo no ouvido dele e sorrir. Ele sorri de volta e meu sangue ferve nas veias.

— Desculpe Evan — desprendo-me de seus braços — Não me sinto bem, eu vou tomar um pouco de ar.

— Quer que eu a acompanhe? — pergunta ele, preocupado.

— Não, apenas preciso de um pouco der ar. Logo voltarei para mesa.

Saio em direção a uma área aberta. Há algumas mesas e bancos lá fora, além de uma linda vista para o mar. Alguns casais admiram a noite. Encosto-me à mureta um pouco distante deles e fico admirando as estrelas.

— Parece que nossos destinos estão se cruzando o tempo todo — ouço uma voz atrás de mim.

— Konrad? — encaro-o com surpresa — O que faz aqui?

Ele se coloca ao meu lado com um sorriso no rosto. Estou confusa com sua presença. Também deve ser um homem muito rico ou muito influente. Apenas pessoas com uma das duas opções conseguiriam estar presente a um evento tão disputado como o desta noite.

— Estou acompanhando uma amiga — responde ele — E você? Está com seu namorado misterioso?

— Sim — respondo evasiva — Mas por que misterioso?

— Nunca os vi juntos — diz ele — Estou começando a acreditar que é apenas uma desculpa para me evitar.

— Não seja bobo. Sempre nos encontramos em momentos peculiares, deve concordar comigo — murmuro — Neil está lá dentro, eu estava dançando com um amigo, senti um pouco de tonteira e vim tomar um pouco de ar.

— Desculpe intrometer, mas seu namorado é um idiota — Konrad alisa uma mecha de meu cabelo — Se fosse minha, jamais deixaria que dançasse com outro.

O toque íntimo me incomodada. Sinceramente me comportar como uma dama está provando ser muito difícil. As pessoas se escondem através de etiquetas e ignoram os próprios sentimentos.

— E não deixaria uma mulher tão linda como você andar sozinha por ai — continua ele.

— Concordo com você — Neil surge atrás dele — Eu sei como cuidar de minha noiva.

Os dois homens se encaram como gladiadores. Neil se coloca ao

meu lado apoiando–se na bengala e me abraça pela cintura de forma possessiva.

— Se é o que diz — provoca Konrad — Vejo você por ai Jenny.

— Até logo — sussurro.

— Quem é esse homem? — Neil encara-me com fúria nos olhos — O que estavam fazendo aqui sozinhos?

— O mesmo que você e Milla! — respondo com raiva — Apenas *conversando*.

— Parece que são... *Íntimos*?

— Não mais que você e ela, afinal, Konrad não passou a noite toda pendurado em meus braços.

Não senhor! Ele não virá com aquele ar de ofendido. Quando a noite toda foi conivente com as ações daquela mulher desagradável. Não passou a noite apreciando os risinhos e toques nojentos dela? Agora me acusa por simplesmente conversar com um amigo.

— Isso não é verdade Jennifer — Neil parece incomodado — Apenas não quis ser grosseiro. Você passou todo o jantar calada e emburrada. Quando tivemos a oportunidade de ficarmos sozinhos, correu para os braços de outro. Eu tinha algo importante para dizer a você e...

— Se tivesse me dado uma fração da atenção que deu aquela mulher, eu não teria ficado irritada, nem sentiria ciúmes — murmuro.

— Está com ciúmes? De Milla? — pergunta ele espantado, como se aquilo fosse um absurdo —Pensei que as coisas estivem claras sobre isso.

— Não seja idiota Neil! — estou mais zangada do que posso medir — Um dia eu a pego em nossa casa, beijando-o, em seguida descubro que tiveram um caso durante anos, essa noite ficou o tempo todo agarrada a você, acha que não tenho motivos para isso?

— Não tivemos um caso — a voz dele soa extremamente baixa — Apenas saímos algumas vezes. Milla nem era uma amante fixa se quer saber.

— Ah não? Apenas viajavam juntos pelo mundo afora? E como sabe que não era sua amante fixa? Você se lembrou dela?

São tantas perguntas e tenho certeza de que não vou gostar de saber a resposta de nenhuma delas.

— Lembrei-me de apenas alguns fragmentos sem importância — diz ele — Ela não foi importante para mim.

Então ele conseguia se lembrar dela? E quanto a mim? Fui tão importante que sua memória bloqueia isso ou fui apenas uma brisa em meia a ventania. Me ama como diz ou é apenas a comodidade de me ter por perto, uma necessidade de ter alguém que acredita amar?

— Você tem que resolver isso de alguma forma Neil — decreto baixando a

cabeça — Não sei se consigo suportar por mais tempo Sophia, Milla e qualquer outra mulher que apareça.

— Nenhuma delas significam algo para mim — diz ele, angustiado — Quantas vezes tenho que provar isso?

— Olhe ao nosso redor. Eu não sou como essas mulheres, eu não pertenço a isso.

Afasto-me dele sentindo o peso do mundo em meus ombros. Preciso de espaço e tempo para pensar.

— Aonde vai? — diz ele, segurando meu pulso — Essas mulheres não me interessam, se você fosse uma fração como elas, talvez eu não a amasse tanto como amo.

— Preciso pensar — puxo minha mão — Preciso me acalmar antes que diga algo que nos magoe ainda mais.

— Eu tenho que dizer algo importante a você, anjo — ele murmura. Seu olhar é desolado em minha direção — Por favor!

— Não estou pronta para ouvir nada nesse momento Neil — enfático.

Volto para dentro sem olhar para trás. Minha cabeça está dando voltas, há muitas dúvidas em minha mente. Não consigo evitar que o fato de Neil ter se lembrado de Milla me magoe.

Vou para toalete, abro a torneira e molho os pulsos para me refrescar. Em seguida, vou para o banheiro, sento-me no vaso para recuperar as energias. Até quando vamos continuar assim nesse vai e vem de desentendimentos? Sempre que damos um passo retrocedemos dois. Algo acontece e eu volto para as mesmas dúvidas de sempre: o ciúme dele; o meu ciúme; as inseguranças dele; as minhas inseguranças e o círculo nunca termina. O engraçado é que, quando era cega e tinha todos os motivos para me sentir indefesa eu não me sentia assim, nunca me senti tão perdida como agora. Com tanto medo. Medo de perdê-lo. Medo de não ser suficiente para o que procura. Medo de decepcioná-lo.

Ouço a porta abrir e fechar. O som da torneira indica que já não estou sozinha. Estou prestes a sair quando a conversa que segue me paralisa.

— Não sei o que Neil viu naquele bicho do mato. Ela pode se cobrir de ouro que continuará sendo sem graça — diz Milla com a voz cheia de veneno — Quando ele se cansar dela virá até mim, escreva o que digo Letícia.

— E a mulherzinha que está com Richard? — diz a outra mulher a qual não reconheço a voz — Me disseram que foi prostituta, acredita? O namorado da minha irmã já a viu num clube vulgar. É lamentável que homens tão respeitáveis circulem com mulheres tão...

— Sexo minha querida. Essas mulheres fazem coisas sujas — diz Milla, com desprezo — Embora eu tenha feito algumas coisas diferentes com Neil, há coisas

que eu não aceito.

— Será que Richard sabe quem ela é? Ou o risco que está colocando à sua saúde?

Saio do banheiro incapaz de continuar ouvindo quieta o que essas duas estão dizendo. Como ousam falar assim de mim e Paige?

A mulher chamada Letícia, uma loira baixinha, magra demais para ser normal, me encara com olhar espantado. Aparentemente ela sabe quem eu sou e não esperava me encontrar aqui dentro. Olho para Milla através do espelho. Ela não parece surpresa com minha presença. Pelo contrário, parece muito satisfeita. Como se tivesse alcançado seu objetivo. Maldita! Com certeza me viu entrando e me seguiu até ali.

— Eu não tenho que dar explicação alguma a vocês duas — esbravejo com nojo — Saibam que Paige e eu não somos e nunca fomos prostitutas. E mesmo que tivéssemos sido, ainda somos melhores que vocês duas juntas. Prostitutas vendem seus corpos para sobreviver, vocês corrompem e vendem suas almas.

O sorriso cínico de Milla começa a desmoronar. Isso me impulsiona a continuar.

— Podemos não ter dinheiro ou não vir de uma família “respeitável” como vocês duas, mas temos um coração limpo. Trabalhamos duro, sobrevivemos a coisas que vocês, nesses seus mundinhos de faz de conta, não tem ideia. Somos mulheres de verdade e não bonecas enfeitadas. De uma vez por todas Milla, afaste-se de Neil. Ele me ama e ficaremos juntos você gostando ou não.

Toda a raiva que havia em mim de repente foi se esvaindo. Eu precisava de um alvo para extravasar e ela é a pessoa perfeita. Melhor que isso, só se eu pudesse dizer umas boas verdades a Lilian e Sophia.

— Agora saiam daqui antes que eu faça uma coisa que a mãe de vocês deveria ter feito há muito tempo — encaro-as com raiva — Dar-lhes uma boa surra.

Letícia arregala os olhos e sai correndo. Milla, apesar de demonstrar um pouco de medo, empina o nariz e me enfrenta.

— Selvagem! — diz ela com um olhar superior.

— Foda-se! — grito fechando a porta — Foda-se, sua cretina.

Apoio-me contra a parede ao lado da porta e tento me controlar. Fecho os olhos e respiro fundo algumas vezes.

— Jenny?

— Penélope? — abro os olhos e seco as lágrimas que deslizam por meu rosto. Não sabia que ela estava aqui na festa.

— Vim acompanhar Adam de última hora — responde ficando ligeiramente

rubra — Está tudo bem com você? Eu ouvi parte da conversa.

Penélope parece constrangida. Não sei se pelo o que ela ouviu das duas bruxas ou se pelo fato de ser a acompanhante de Adam.

— Não dê importância a elas Jenny — ela toca meus ombros — Conheço o Sr. Durant há dois anos. Conheço a lista de mulheres com quem ele saiu. Como sua secretária eu tive que marcar alguns encontros...

Penélope parece em dúvida entre me tranquilizar e trair a confiança do chefe.

— Tudo bem Penélope, não tem que me dizer nada que não possa.

Ela sorri constrangida.

— O que quero dizer, é que nunca o vi como está agora — ela continua — Tão relaxado e feliz. Todos na empresa notaram a diferença. Não que antes fosse um patrão ruim, mas parecia inalcançável. Então, não desperdice essa oportunidade. O amor de vocês dois é tão bonito.

Ao ouvir suas palavras desabo a chorar.

— Não chore — Penélope me abraça — Desculpe, eu não quis perturbar você.

Fico abraçada a ela até voltar a respirar normalmente.

— Não me perturbou — murmuro — É que... Todo esse mundo, esse dinheiro e essas mulheres. Às vezes eu fico insegura.

— Em relação ao amor sempre há inseguranças, independente de dinheiro, posição social, raça ou opção sexual — diz ela com sabedoria — Qualquer mulher ou homem apaixonados tem suas inseguranças. A diferença é, como se constrói a relação. Vocês podem trabalhá-las dia a dia ou deixar que as dúvidas destruam tudo isso. A vida não é perfeita Jenny. Não espere isso, o amor e companheirismo nos ajudam a superar dia a dia. Confie em vocês dois.

— Nossa você é tão madura — digo, agora mais tranquila — Seu namorado deve ser um homem de sorte.

— Ele será quando o encontrar — diz ela, encabulada — Não é fácil encontrar o amor verdadeiro.

— Ou talvez já tenha encontrado e só precise de um empurrãozinho — pisco para ela.

— Talvez — sorri estendendo a mão para mim — Vamos voltar para festa?

Estamos prestes a sair quando Paige surge esbaforida.

— Achei você! — respira fundo antes de continuar — Neil está completamente maluco procurando por você. O que estão fazendo aqui?

Ela olha para nós duas com interesse. Resolvo esquecer o assunto, não quero preocupar Paige com pessoas tão desagradáveis como Milla e Letícia. Faltam menos de dois meses para seu casamento para enchê-la de tensão e drama.

— Nada — respondo, forçando um sorriso no rosto — Estávamos refazendo a

maquiagem e conversando um pouco.

Bendita a indústria dos cosméticos e suas maquiagens a prova d'água. Se não fosse isso, Paige perceberia que minto.

— Vou aproveitar e retocar o batom — ela vai em direção ao espelho — Preciso estar linda para o que vem a seguir.

Penélope e eu a encaramos sem entender o que quis dizer. Paige não é uma das pessoas mais lógicas do mundo.

— Do que está falando? — pergunto interessada.

— Não posso contar — ela faz sinal como se trancasse a boca a chave — Prometi ao Richard que não falaria. A propósito, quem era o homem que estava conversando com você lá fora?

— Konrad — respondo, evasiva — Já falei sobre ele com você.

— Eu não gostei dele — Paige murmura — O vi conversando com Sophia agora a pouco.

— Sophia? — encaro-a com surpresa — Ela também está aqui?

É só o que me faltava. A cobra venenosa da Sophia também está aqui. Ainda por cima acompanhada de Konrad. Esse pensamento me dá calafrios. São muitas coincidências juntas. Há algo mais sobre essa história ou estou fazendo conjecturas precipitadas?

— Sinto muito — diz Paige — A família dela é importante. Richard não cuidou pessoalmente da lista de convidados. Foi a mulher de Charles, aquela tonta. Agora quer ser uma mulher de negócios. Britney é a *nova* diretora de relações públicas.

— Tudo bem Paige — tento tranquilizá-la — Sophia não vai estragar minha noite.

Mila e C&A já haviam feito isso.

— Então vamos, porque Neil já deve estar arrancando os cabelos.

Seguimos para salão lotado. A pista de dança está bombando. Um Dj famoso está tocando, levando os presentes à loucura. Adam nos interpela no meio do caminho e tira Penélope para dançar. Pelo olhar sensual em direção a ela, a noite promete. Até que enfim. Já era hora desses dois saírem desse chove e não molha e definirem a relação. Paige e eu voltamos para nossa mesa onde Richard nos espera com olhar misterioso.

— Onde está o Neil? — pergunta Paige alarmada.

— Espere e verá — diz ele, puxando-a para seus braços — Se você acha que sou romântico...

O que Richard quis dizer com aquilo. Esses dois estão muito estranhos. E onde diabo Neil se enfiou? Antes que possa fazer a pergunta em voz alta, a música silencia. As pessoas param na pista e olham para o palco reclamando.

Direciono meu olhar em direção ao palco onde está o DJ, estou curiosa para saber o que está acontecendo. Com o coração na boca vejo Neil subir as escadas apoiando-se em sua bengala, seu andar é firme e elegante.

— Senhores? — Neil fala ao microfone — Senhoras? Peço um minuto de sua atenção.

O burburinho no salão diminui e cerca de mil e quinhentas pessoas olham em sua direção com curiosidade em seus rostos.

— Há nessa sala, uma mulher linda e maravilhosa — apesar de todas as pessoas presentes, seu olhar está direcionado a mim — Mulher a qual aprendi a admirar e amar a cada dia. E mesmo que passe a eternidade, nenhuma outra jamais conseguirá fazer com que meu coração bata da mesma forma que ela faz.

Ouço os suspiros à minha volta. Meus olhos embaçam marejados, ao ouvir suas palavras.

— Dinheiro, poder, fama... — sua voz soa emocionada — Nada disso me importa se ela não estiver comigo. E se ela me ama ao menos um pouco, um por cento do quanto a amo, eu serei o homem mais feliz do mundo.

Minhas pernas tremerem e meu coração dispara no peito.

— Jennifer — Neil aponta em minha direção — Notem como é linda.

Milhares de olhares caem sobre mim. Alguns com admiração, outros com inveja, mas em sua maioria, encantados.

— Diante de todas essas testemunhas. Eu... — Neil respirar fundo — Eu peço que se case comigo. Que seja minha esposa, minha amante, minha amiga. Que seja o meu arco-íris todos os dias da minha vida — sorri e me lança um olhar apaixonado. — Em troca, eu prometo valorizá-la, respeitá-la e amá-la por todos os dias de nossas vidas e além disso. *Quer ser casar comigo?*

Capítulo 9

Você já se imaginou em um salão lotado com mais de mil e quinhentas pessoas estáticas esperando sua resposta?

Não queira ao menos imaginar como é isso. A sensação é aterradora e sufocante. Mesmo sentindo toda a pressão e expectativa em volta de mim, eu só tenho olhos para ele. Foi à declaração mais linda que já recebi na vida. E olha, posso afirmar com toda certeza, as únicas declarações que tive vieram dele. No entanto, essa superou todas as expectativas. Meu lado emocional e romântico quer sair valsando até ele por todo salão, protegida em seus braços protetores para sempre. Porém, meu lado racional me pergunta se estamos no caminho certo. Poderemos dar um passo tão importante se ele nem ao menos se lembra de mim? Se vivemos nesse redemoinho de emoções, sempre lutando contra tudo e todos.

Um jovem garçom se aproxima de mim e me entrega um microfone portátil. Olho para ele como se tivesse uma bomba relógio entre as mãos. A quem devo seguir? Minha razão ou o coração? Um seria capaz de destruí-lo e o outro poderia ser minha perdição.

— Diga alguma coisa — sussurra Paige ao meu lado.

Preciso dizer algo, mas meus lábios parecem colados, como se tivesse perdido completamente o dom da fala. O nó que se formou em minha garganta me impede de soltar qualquer som coerente, enquanto meu coração bate acelerado no peito. Olho para ele, há grande expectativa em seu rosto, acima de tudo, esperança. Seus olhos me encaram insistentemente. Sua expressão facial muda de expectativa para uma expressão derrotada ao presenciar minha quietude.

— Bem, eu acho que esse silêncio responde tudo — diz ele, com falso humor. Faz um sinal para o DJ voltar a tocar e começa a se retirar do palco.

O que estou fazendo? Posso simplesmente vê-lo partir com coração destruído e esmagar meu próprio coração no percurso?

Por que não importa o passado, presente ou futuro. Não importa se vou perdê-lo amanhã ou daqui a dois anos. Tudo o que importa é que o amo agora, nesse momento. Amo ao ponto de que só ao imaginar não tê-lo em minha vida, me faz perder a vontade de continuar vivendo.

— Espere! — minha voz ecoa angustiada pelo salão. Neil para no último lance de escada e volta a focar o olhar em mim.

— Eu teria muitos motivos para dizer não. Nenhum deles consegue superar o meu maior motivo para dizer sim — respiro fundo. — Eu amo você! Sim... Eu aceito.

Todos suspiram e aplaudem no salão. O que acontece a seguir é digno de uma cena de cinema. E em poucos segundos estou em seus braços entregue em seus beijos possessivos e carregado de paixão.

— Eu amo você! — Neil repete distribuindo beijos por todo meu rosto — Eu amo você! Amo! Amo! Amo!

Não consigo dizer se são as minhas lágrimas ou as dele que banham meu rosto, mas minha felicidade é imensa.

— Puxa vida! — Paige murmura se aproximando de nós — Jenny, você sabe como fazer uma pessoa ter uma parada cardíaca.

— Me perdoe — digo olhando para Neil — Eu apenas fui pega de surpresa.

— Jenny, mesmo que tivesse dito não eu nunca iria desistir — diz ele sorrindo — Encontraria uma forma para que aceitasse, confesso que foi um pouco dramático da minha parte, mas tinha que fazê-la entender o quanto a amo. Não importa o ontem, importa que eu a amo hoje e para sempre.

A música volta a tocar, as pessoas começam a circular ao redor de nós. Paige e Richard nos felicitam, uma fila de pessoas se forma para nos cumprimentar também. Não há como disfarçar a alegria expressa em nossos rostos, e o nosso amor é contagiante. As mulheres me dizem constantemente como sou sortuda e os homens o parabenizam por ter sido tão corajoso.

— Que cena tocante — Sophia surge a nossa frente.

Usa um vestido negro esvoaçante, os longos cabelos loiros estão soltos, caindo em ondas pelos ombros. Como sempre está linda, pena que seja uma beleza superficial. Está segurando uma taça com champanhe, já pela metade. Pela forma que tenta se equilibrar e o tom de sua voz, acredito que não seja a primeira taça.

— Obrigado Sophia — Neil responde entre dentes, prendendo-me mais contra ele.

— Aproveitem a felicidade — diz ela, fazendo um brinde — Acreditem, não irá durar muito tempo.

Ela bebe o que resta da taça de forma teatral.

— Isso é uma ameaça? — rosna Neil para ela.

— Um aviso querido. Apenas um aviso — Sophia murmura e sai com andar vacilante.

Neil se afasta de mim pronto para enfrentá-la. A fúria em seus olhos me dá calafrios.

— Fique calmo — seguro o braço dele com força impedindo-o de ir atrás dela

— Sophia está bêbada.

— Estou cansado de suas intrigas. Isso tem que acabar — ele parece irredutível.

— Vamos para o hotel! — ronrono enroscando-me em seu peito largo, na esperança de tentar desviar sua atenção — Estou cansada, talvez pudesse me fazer aquela massagem que me prometeu.

Seus olhos são imediatamente atraídos para meus lábios, indo em seguida para curva dos meus seios expostos pelo decote do vestido. Sinto meus mamilos queimarem afetados por seu olhar ardente. O velho formigamento entre minhas pernas avisa que preciso do alívio que só seu toque sabe proporcionar.

— Será um prazer — diz ele com a voz enrouquecida. Há um brilho malicioso em seu olhar, seu sorriso é devastadoramente sexy.

Saímos rapidamente, optamos pela saída privativa. Com certeza ainda há paparazzi na entrada principal esperando por um flagra. Nosso desejo é de nos amarmos dentro do carro. O caminho é curto demais para a paixão que nos incendeia, então freamos a vontade a todo custo. Ao chegarmos ao hotel, Neil praticamente me arrasta até os elevadores. Sempre beijando e me acariciando durante o percurso. Chegamos a suíte e nossas roupas vão se espalhando pelo chão, em uma trilha até o quarto. Tento tirar o colar, mas ele me impede.

— Deixe-o— diz ele, segurando o pingente — É muito sexy assim.

Neil deita-me na cama apenas com o colar frio em meu pescoço. Seus olhos devorando cada parte de meu corpo.

— Você é linda — declara Neil, ajoelhando-se ao lado de meu corpo — Quero devorar cada centímetro seu. Farei isso à noite toda.

— Tenho certeza que vou adorar isso — Exibo um sorriso sexy e malicioso, deslizo minhas unhas em seu peito musculoso.

Mais tarde nua e ainda em seus braços eu retiro delicadamente o colar de meu pescoço e entrego a ele.

— Não posso aceitá-lo ainda — murmuro — Talvez em uma data especial, como um aniversário de casamento ou quem sabe nascimento de nosso primeiro filho.

— Primeiro filho? — pergunta ele encantado — Quantos filhos pretende ter?

— Ainda não conversamos sobre isso — murmuro, tímida — Mas eu gostaria de uma família grande. Talvez uns dois ou três. Isso é um problema para você?

— Não. Teremos todos os filhos que quiser — ele volta a me beijar — Se quer um momento oportuno para aceitar o colar acho que é esse, afinal, finalmente aceitou ser minha esposa.

Seus lábios deslizam suavemente por meus ombros. Tento manter a mente

focada no que tenho que dizer a seguir, embora seus lábios me deixem desnorteada a cada segundo.

— Temos que conversar — sussurro, com respiração acelerada — Sobre o casamento.

— Quer marcar a data? — ele deposita alguns beijos em meu pescoço — Mês que vem? Não, semana que vem. Amanhã, podemos nos casar aqui mesmo.

— Neil!

Afasto-me dele e encaro-o com dificuldade.

— Aceitei seu pedido de casamento, mas só vamos nos casar quando estiver completamente recuperado. Quando se lembrar de tudo.

— O quê?

— Isso mesmo. Ainda me magoa que se lembre de Milla enquanto sou escuridão para você...

— Jenny não importa o que eu lembro ou não — ele me interrompe desgostoso — O que importa é o que vamos construir daqui para frente.

Racionalmente eu sei que ele tem razão. As palavras de Penélope me veem a cabeça. Nossa história só terá uma chance se formos construindo-a dia a dia, mas eu não posso fingir ou ignorar que sua amnésia em relação a mim não me machuque. Seria como passar uma borracha em tudo que vivemos. Como posso esquecer cada momento juntos e o que significaram e significam para mim? Cada sorriso, cada momento de paixão é importante demais para que eu possa esquecer.

— Por favor! — sussurro — Eu sei que vai se lembrar.

— E se não lembrar? O médico disse que talvez eu não lembre nunca.

Neil senta encostando-se contra a cabeceira da cama e cruza os braços contra o peito.

— Vamos esperar um ano — murmuro sentando em seu colo, meus joelhos em volta de sua cintura — Se em um ano você não se lembrar, então marcamos a data.

Beijo-o insistentemente até que o sinto se rendendo a mim.

— O que posso fazer? — queixa-se ele como um menino emburrado — Não há nada que consiga negar a você.

Seguro seu rosto com as duas mãos como sempre faço quando quero sua atenção voltada para mim. Beijo seus lábios e roço minha pélvis contra a dele.

— Você vai lembrar — digo em voz baixa — Sei que vai...

Em minutos estamos prontos e excitados. Ele levanta meu quadril e me toma. Sinto um pequeno incômodo ao senti-lo preencher-me abruptamente, gemo de prazer e dor ao mesmo tempo.

— Machucou? — pergunta com semblante preocupado — Desculpe, às vezes

eu me esqueço de como é delicada.

— Tudo bem — gemo, as ondas de prazer arrepiando meu corpo — Eu gosto assim.

Em seguida estamos entregues em movimentos ritmados e lentos que proporcionam prazer absoluto. Eu controlo os movimentos dele dentro de mim. E tento prolongar esse momento o máximo possível. Seus gemidos, toques, lábios fazem dessa, uma tarefa muito difícil.

≈≈≈

É o nosso último dia no hotel. Os dias foram inesquecíveis, mas quero voltar para casa. Tentamos falar com Anne, mas ela estava ocupada com alguma coisa. Ambos estamos ansiosos para contar a ela sobre o casamento, apesar de ainda não termos definido uma data é bom ir preparando-a. A garotinha já faz parte da minha vida e quero que faça parte de tudo isso.

— Tem certeza que não quer vir com a gente? — pergunto a Neil enquanto tomamos café na varanda de frente ao mar. Essa vista deslumbrante sempre me faz perder o fôlego.

— Duas mulheres fazendo compras? — faz cara de torturado — Dispenso. Richard e eu ficaremos na piscina exibindo nossos corpos musculosos.

Ele está brincando, só que a simples ideia de imaginar as outras mulheres admirando-o como eu faço, me deixa cega de ódio.

— Eu não gosto disso — resmungo enciumada — A piscina deve estar cheia de mulheres atrás de um homem bonito.

— Nenhuma delas me interessa — diz ele — Se a deixa feliz, eu posso ficar no quarto aguardando-a pacientemente.

Meu desejo é esse, então vejo o ridículo da situação. Se quiser fazer algo de errado o fato de ficar preso no quarto não impediria isso. A única coisa racional a fazer é engolir o ciúme e confiar nele.

— Claro que não, mas se alguma garota se aproximar demais eu arranco os olhos dela.

— Não se preocupe — Neil ri — Vou andar com uma placa escrita *perigo*, não se aproxime.

Pobre homem, suspiro resignada. Mal sabe ele que é o próprio perigo ambulante.

— Não se esqueça de levar o cartão — indica um cartão dourado em cima da mesa.

— Eu tenho dinheiro Neil!

— Jennifer.. — suspira ele — Anne também é minha filha e gostaria que comprasse alguns presentes para ela, tudo bem?

Pego o cartão, emocionada por ele insinuar que Anne é tão minha quanto dele, guardo-o na bolsa. Neil sorri satisfeito e cubro-o de beijos. Meia hora depois encontro Paige emburrada em frente ao elevador.

— O que aconteceu? — pergunto preocupada — Você e Richard brigaram?

— Não! — responde ela e entra. Seus pés batendo no chão me indicando o quanto está incomodada.

— Então? Vai me contar ou não?

— Você sabia que Richard e Neil pretendem passar o dia na piscina desse maldito hotel, rodeados de mulheres seminuas? Aquele sem vergonha!

Começo a rir incontrolavelmente. É reconfortante saber que não sou a única ciumenta aqui.

— Não sei do que está rindo? — diz Paige, ficando ainda mais irritada.

— Paige, nós faremos nossas compras em tempo recorde. Depois iremos até lá e mostraremos a qualquer mulher tola, a quem eles pertencem.

A ideia pareceu agradá-la mais do que imaginei, em segundos, estamos correndo pelos corredores em direção ao centro comercial. Andamos de loja em loja cada vez com as mãos mais cheias de sacolas. Comprei uma linda boneca e um quebra cabeça enorme para Anne com intuito de passarmos horas tentando montá-lo. Uma camiseta com os dizeres I’m Hot para Neil e outros perfumes para mim. Paige comprou um lindo relógio Cartier para Richard que quase me fez cair para trás quando olhei o valor, maquiagens e perfumes para ela.

— Olhe Jenny que vestido lindo! — Paige aponta a vitrine de uma butique conhecida. Só pela aparência da loja, tudo lá dentro deve ser caríssimo.

— Deve custar uma fortuna — murmuro para ela.

— Vem — ela me arrasta para dentro da loja — Vamos provar alguns.

Sigo-a sem a mínima intenção de provar nada. Minha única extravagância com o cartão dourado brilhando em minha bolsa, foi comprar uma corrente de ouro para Anne com um pingente em forma de concha.

Após meus protestos veementes de não experimentar nada, Paige desiste e desfila em frente a mim de minuto a minuto com um vestido mais lindo que o outro. As vendedoras simpáticas se desmancham em gentilezas ao ver o montante que ela coloca sobre o balcão.

— O que acha desse Jenny? — pergunta Paige olhando-se no espelho.

— Muito bonito. Pena que a pessoa que o usa não tenha classe e nem estilo — Sophia fala às minhas costas.

— Sua opinião valeria alguma coisa se eu tivesse pedido, sua bruxa — diz Paige, com olhar furioso.

— Não caia na provocação dela Paige.

— Só vim dizer que pode comemorar por enquanto, mesmo que consiga se

casar com Neil não serão felizes. Não vou deixar.

— Ah, mas eu vou partir a cara dessa loira! — Paige vai em direção a ela.

— Não Paige — seguro-a — Não vale a pena gastarmos nossas energias com ela.

— Eu prefiro que gastem lágrimas — Sophia ri venenosa — Se possível de sangue.

— Você quem vai chorar, quando esfregar sua cara no chão! — Paige grita.

— Cale a boca ou faço com que a coloquem para fora daqui — revida Sophia.

— Não seja ridícula idiota. Meu noivo é o dono de tudo isso. Eu é que vou expulsá-la daqui a pontapés!

Ao ouvir o comunicado, duas vendedoras receosas se colocam ao nosso lado.

— Srtas. Algum problema? Essa senhora está incomodando-as? Posso pedir para que ela se retire.

— Você é louca ou tapada? — pergunta Sophie a jovem — Sabe com quem está falando? Minha família é umas das mais poderosas dos Estados Unidos!

— Não estamos nos Estados Unidos sua loira burra! — provoca Paige — Não conhece geografia? Sua família não significa nada aqui!

— Basta! — grito para as duas — Você pode fazer o que quiser Sophia. Suas ameaças não me preocupam mais. Só tenho pena de você, pena por Anne ter uma mãe tão desiquilibrada.

Viro-me para vendedora ao meu lado me sentindo constrangida.

— Essa senhora realmente está nos incomodando.

— Senhora — outra vendedora mais alta e magra caminha até Sophia — Peço que se retire, por favor. As duas jovens estavam muito tranquilas fazendo suas compras, além disso, está incomodando os outros clientes.

Olho em volta, dando-me conta pela primeira vez das pessoas que nos observam com curiosidade e interesse. Tenho vontade de abrir um buraco no chão e me enfiar dentro.

— Isso não vai ficar assim! — Sophia sai ofendida.

Respiro fundo e sento-me em uma poltrona próxima a nós.

— Devia ter me deixado partir a cara dela — diz Paige, indignada.

— Não vale a pena. Termine suas compras e vamos embora.

Uma hora depois encontramos com nossos homens no bar próximo à piscina. Para nosso alívio, eles não estão vestindo sungas minúsculas, ambos estão lindos e engraçados em um daqueles conjuntos de short e blusa de turistas, com direito a óculos e chapéu, só faltou as câmeras.

— Já estava indo à sua procura — diz Richard pegando as sacolas das mãos de Paige — Por que não pediu que entregassem em nosso quarto?

— Queríamos chegar logo e arrancar todas essas mulheres de cima de vocês.

— Que mulheres? — pergunta ele, confuso —Juro que não me aproximei de ninguém.

— Acho bom — murmura Paige, beijando-o nos lábios.

— Estamos perdendo o encanto ou ficando velhos — Neil brinca enquanto observa as poucas sacolas em meu braço — Nenhuma delas olhou para nós.

— Não me provoque! — finjo estar zangada.

Não acredito em uma única palavra, mesmo com aquelas roupas eles são um colírio para os olhos. Almoçamos juntos no restaurante do hotel e depois voltamos para quarto. Entre o dilema de contar ou não sobre meu encontro com Sophia acabo dizendo. Observo-o sair furioso e voltar um pouco mais calmo depois.

— Infelizmente ela já foi embora.

— Não se preocupe com ela — murmuro — Logo ela se cansa dessa birra e nos deixa em paz.

— Não tenho tanta certeza disso — diz ele.

— Esqueça-a. Vamos aproveitar nosso último dia aqui.

Foi o que fizemos. Passamos o resto da tarde e toda a noite trancados no quarto até o dia seguinte.

Passamos em Atlantic City para pegarmos Anne. Neil insiste para que eu entre na casa de seus pais, mas prefiro esperá-los no carro. Aqui é o território de Lilian, não desejo colocar mais lenha na fogueira ao me impor em sua casa.

— Olá Anne! — desço do carro para abraçá-la assim que eles surgem.

— Oi — ela responde de cabeça baixa e se esquiva de meu abraço.

Encaro Neil com olhar questionador, ele sacode os ombros indicando que não sabe de nada. Entramos no carro, faço todos os tipos de perguntas à menina que me ignora, respondendo apenas as perguntas do pai.

Magoada com sua reação fria, decido dar espaço a ela. Quando chegarmos em casa, mostrarei todos os presentes, Anne contará o que aconteceu, com certeza Lilian havia tentado envenená-la contra mim, de novo. Neil precisa fazer alguma coisa a respeito disso, sei que ela é a mãe dele, mas eu quero que ela pare de se intrometer em nossas vidas. Chegamos e já está quase anoitecendo. Anne vai direto para o quarto. Os poucos olhares que dirigiu a mim durante o trajeto foram raivosos e cheios de mágoa. Sigo para meu quarto e começo a desfazer as malas.

— Neil o que Anne tem? — pergunto com a voz chorosa.

— Coisas de criança — ele me abraça por trás apoiando o queixo em minha cabeça — Deve estar chateada por não ter ido viajar com a gente.

— Eu a teria levado se você tivesse deixado.

— Era um fim de semana para nós dois — suspira ele — Anne sabia que ia

pedi-la em casamento.

— Sua mãe deve ter falado alguma coisa para ela — murmuro, amuada.

— Não acredito nisso. Conversei com ela sobre nós antes de viajarmos — ele me vira de frente a ele — Disse que se quiser fazer parte de nossas vidas terá que aceitá-la. Não acho que minha mãe tenha algo a ver com isso.

Pois eu tenho certeza. Se ele acredita que Lilian está sendo sincera eu que não me colocarei contra isso. Pelo menos até ter uma prova concreta.

— Tudo bem. Talvez tenha razão. Vou pegar os presentes e levar para ela — sorrio — Quem sabe ela se alegra um pouco.

— Faça isso — Neil beija minha testa — Vou tomar um banho e logo me uno a vocês.

Termino de desfazer as malas. Pego todos os presentes e vou para o quarto de Anne. Ela está deitada na cama de costas para mim. Sento-me na pontinha da cama, toco seu ombro, ela se retrai e afasta-se.

— Anne olha que boneca linda eu trouxe para você.

Entrego a boneca de porcelana para ela.

— Não quero! — diz ela irritada — Não brinco mais de boneca. Eu não sou um bebê.

Quando isso havia acontecido? A última noite que passamos juntas, ficamos horas na sala, brincado com algumas de suas bonecas preferidas. Até Neil havia sido nossa vítima.

— Claro, agora é uma moça — continuo, num tom alegre — Também trouxe esse bonito quebra cabeças.

Retiro-o do embrulho e coloco em frente a ela em cima da cama.

— É do seu personagem favorito.

Anne balança os ombros e joga a caixa no chão.

— Eu não gosto disso. Por que você não vai embora? — senta-se na cama, olhando-me com raiva — Vai embora!

Fico parada, atônita com sua malcriação. Alguma coisa grave está acontecendo com ela. Anne nunca foi agressiva ou me tratou assim antes. Mesmo nos seus piores momentos de birra.

— Anne querida — tento me aproximar dela — O que aconteceu...

— Quero que você vá embora — ela começa chorar — Não gosto mais de você!

As palavras me ferem, meus lábios tremem ao tentar conter as lágrimas que ardem em meus olhos ameaçando cair a qualquer momento.

— Também trouxe esse... — eu respiro fundo várias vezes para que consiga terminar a frase — Esse colar, é para você.

Deixo o colar em cima da mesinha perto da cama e saio correndo para que ela

não veja meu choro compulsivo. Jogo-me na cama e deixo que a dor tome conta de mim.

— Jennifer? — Neil me puxa para seus braços — O que aconteceu?

— Anne me odeia! — choro ainda mais alto — Ah, Neil ela me odeia!

— Claro que não odeia — me embala em seus braços — Não diga tolices. Anne seria incapaz de odiar alguém.

Tudo bem, talvez estivesse usando o termo errado, mas nossa relação já não é a mesma.

— Vou conversar com ela — beija meus cabelos e seca minhas lágrimas — Tome um banho e desça para jantar. Tenho certeza que tudo estará bem até lá.

Faço o que ele me diz, tentando manter a calma. Anne é apenas uma criança sendo manipulada por uma pessoa maldosa e amarga. Sinto pena que a menina tenha a sua volta tantas pessoas ruins. De uma forma ou de outra, vou recuperar a confiança dela com amor e carinho.

O jantar transcorre praticamente mergulhado no silêncio. Anne e eu passamos quase todo o tempo caladas. Apenas respondendo uma pergunta ou outra de Neil, que praticamente se desdobra para entreter nós duas. Como sempre, após o jantar eles foram para sala ver TV, eu fiquei no quarto com a desculpa de estar cansada.

No dia seguinte Neil sai para o trabalho, pede que eu seja paciente com ela. Esforço-me muito para isso, mas ao sairmos ela não deixa que eu entre no carro, recusa que eu a leve para escola como tenho feito todos os dias.

— Você não é minha mãe, não tem que fazer isso.

Apesar de magoada, deixo que vá somente com a babá e motorista. Ligo para Paige logo depois, que aparece imediatamente. Como eu, ela acredita que tem dedo de Lilian nessa história. Paige se prontifica para levar à menina as compras e tentar tirar algo dela.

≈≈≈

A tarde foi um verdadeiro inferno. Anne se recusou a tirar o uniforme e fazer o dever de casa. Sua atitude é clara em me provocar.

— Meu pai vai me ajudar! — resmunga Anne em frente à televisão.

— Seu pai vai chegar cansado. Não acha melhor fazermos juntas? Assim quando ele chegar nós podemos brincar juntos.

— Já disse que vou esperá-lo — grita ela — Por que não vai embora? Meu pai sempre me ajudava antes de você se enfiar aqui.

Chorando ela corre de volta para o quarto, trancando a porta. Fica por lá até Neil chegar a casa. Se ele notou meus olhos vermelhos, não disse nada.

À noite dispenso o jantar, decido ficar no quarto.

— Jennifer! — Neil entra enfurecido — O que disse a Anne?

Pelo tom de sua voz, e o brilho glacial em seus olhos negros, percebo que estou encrencada.

Deus o que eu fiz para merecer isso?!

Capítulo 10

— Eu não disse nada para ela — respondo magoada.

Como ele tem coragem de me perguntar aquilo? Não sei se estou mais magoada com Anne ou ferida por suas palavras.

— Estou tentando entender o que está acontecendo aqui — Neil esfrega o rosto em desespero — Anne não para de repetir que você não gosta mais dela...

— Eu já disse que não disse nada! — grito em desespero — Nunca falaria algo assim. Feri-me muito que pense o contrário.

— Jenny... Anne é apenas uma criança sensível, mas do que as outras. Você sabe, tem certeza que não disse nada a ela. Talvez alguma coisa sem querer?

— Não vou responder a isso — passo apressadamente por ele — Vou voltar para casa. Acho que por enquanto é o melhor que tenho a fazer.

— Não diga besteiras — grita ele — Sua casa é aqui!

— Não, não é! — grito de volta — Essa casa é sua e de Anne. Precisamos de um tempo para refletir sobre tudo o que está acontecendo. Além disso, não sou bem vinda aqui.

— Jennifer, o que eu preciso é de você aqui!

— Você precisa de mim ou do meu corpo? — pergunto angustiada — Você me quer ou me deseja?

— Acha que é fácil eu conviver com todas essas mulheres, sua falta de memória e agora Anne me odiando? Sua mãe fez alguma coisa... Mãe que até um mês você nem se importava, no entanto, agora é uma santa. Lilian está envenenando Anne e você não acredita em mim!

— Não disse isso... Apenas não acho que ela tenha feito algo. Ela pode ser muitas coisas, acho que mentirosa não é uma delas.

— Isso não importa — murmuro chorosa — Vou para casa e depois com calma discutiremos isso.

— Você me deu um ano... — Neil segura meus braços com força — Você prometeu isso!

— Não estou encerrando nosso relacionamento Neil — respiro fundo, as lágrimas ameaçando saltar dos meus olhos — Um dia me disse que me amava por ser corajosa, independente e lutar pelo que eu quero. Tudo o que tenho feito é me esconder, viver em função de vocês dois. Eu não reclamo, faria isso mil vezes, mas acho que está na hora de dar algum sentido a minha vida.

— Se for embora, não precisa voltar! — Neil me encara com expressão fria.

Fico estática diante do que me diz. A única coisa que consigo fazer no

momento é chorar. Desabei literalmente no chão a seus pés, chorando compulsivamente. A dor é tão profunda que me abraça, como um casulo. Nada se compara a mágoa que as palavras dele causam em mim.

— Jennifer, não faça isso... — Neil ajoelha-se no chão à minha frente — Eu sou um completo idiota. Por favor, não chore...

Ele segura meu rosto banhado de lágrimas obrigando-me a encará-lo.

— Se é o quer... — murmuro entre soluços — Não há mais nada que eu deva fazer aqui.

— Faça como quiser — diz ele — Só não chore assim. Eu não consigo suportar.

— Isso doí — digo esfregando o peito — Suas palavras me ferem muito.

— Perdoe-me — ele diz, com voz emocionada —Esqueça o que disse.

Estou fraca demais para brigas e acusações. Vou de encontro a ele e me envolvo em seus braços. Quero é ter um pouco de paz, pelo menos por essa noite.

No dia seguinte, levanto, faço uma pequena mala, Calvin levará o resto das minhas coisas depois. Apesar de contrariado com minha decisão Neil resolve respeitar minha vontade. Se isso irá nos afastar ainda mais eu não sei. Preciso de um tempo longe de tudo isso.

Vou até o quarto de Anne, ela dorme profundamente. Ajeito as cobertas em torno dela e sento-me no chão. Acaricio seus cabelos macios, choro silenciosamente. Não consigo entender como as coisas chegaram a esse ponto. Sempre fomos amigas, é muito triste vê-la se virando contra mim, dói ainda mais, é algo que a machuca tanto quanto a mim. Crianças como Anne não fingem sentimentos, são sinceras, verdadeiras. No fundo ela me ama, está sofrendo tanto quanto eu. Se ao menos eu soubesse o que fazer ou o que a preocupa. Dou um beijo em sua testa e levanto-me. Neil está parado contra o batente da porta nos observando.

— Sabe que não tem que fazer isso — noto um brilho de tristeza em seus olhos.

— Estarei logo ali — beijo seus lábios com delicadeza — Namorado.

— Pensei que fosse seu noivo — diz ele, contrariado.

— Você é meu namorado, noivo, futuro marido — esfrego meu nariz contra o dele — É simplesmente meu mundo.

Antes de chegarmos ligo para Paige, aviso que estou voltando para casa. Apesar de bastante espantada ela não me fez muitas perguntas.

O caminho até o apartamento tem um clima pesado, de tristeza. Nos despedimos com um beijo sôfrego. Neil não quis subir, concluo que não quer demostrar o quanto está abalado. Eu sei que não está sendo fácil para ele, assim

como está sendo muito doloroso para mim.

Paige me recebe de braços abertos. Choro tudo o que consigo antes de contar como tudo aconteceu. Acredita que eu tenha sido precipitada, mas entende as razões que me levaram a isso.

— Por um lado, acho que pode estar certa — diz ela, alisando meus cabelos, como uma irmã mais velha faz com a mais nova — Você estava vivendo em função dos dois, esquecendo-se de si mesma. Talvez deva ocupar a mente.

— Amanhã vou procurar emprego — sorrio entre as lágrimas — Esse negócio de ser dondoca não é comigo.

— Eu já acho que nasci para isso — Paige cruza as mãos sobre o queixo.

— Só você para me fazer rir em um momento como esse.

À noite antes de ir para casa, Neil vem me ver. O clima já não é tão tenso como de manhã. A despedida é difícil. Em vários momentos tive o desejo de pegar minhas coisas e voltar com ele.

≈≈≈

No dia seguinte, fui há algumas agências de emprego. Minha falta de experiência e a crise econômica não me favorecem muito. Ter passado grande parte da vida cantando em bares, restaurantes entre outros, eram empregos informais, não me qualificavam para vagas em destaque, pelo menos, as com um bom salário.

Após andar a manhã inteira de um lado a outro, volto para casa desanimada. Preciso de algo rápido. O casamento de Paige será em um mês, não conseguirei manter o apartamento sozinha, talvez possa morar com Kevin no flat. Conversarei com ele assim que voltar da sua viagem. Peter havia encontrado uma pista segura sobre a jovem de seu passado e filho.

Sexta à noite, Neil me convence a passar o fim de semana com ele e Anne. Aceito ainda meio apreensiva. Tenho muitas saudades dele, também gostaria de ver Anne, saber como anda nossa relação, quem sabe as coisas tenham melhorado entre nós duas.

Para minha tristeza, tudo parece igual, ela não foi grossa comigo, mas a indiferença magoa mais do que se tivesse sido mal criada.

No sábado, nós três permanecemos em casa devido a uma nevasca que deixou as ruas intransitáveis. Para nos distrair um pouco, Neil leva o quebra cabeça que comprei para sala e acende a lareira.

Apesar de contrariada Anne é vencida pela curiosidade ao ver Neil e eu nos divertindo. Vejo um sorriso ou outro escapar de seus lábios, que ela esconde rapidamente sempre que me pega observando-a.

Na hora do almoço, Geórgia prepara um delicioso *Clam Chowder***,** sopa feita de mariscos frescos, legumes e leite. É um dos pratos preferidos de Anne, pedi que fosse feito especialmente para ela. Além de combinar com esse dia frio de inverno.

O dia seguinte foi um pouco mais tenso, já não havia o que fazer em casa além de assistir TV ou conversarmos. Como Anne ainda continua distante e arisca, só nos resta à primeira opção. Neil fica enfurnado no escritório. Isso me irrita muito. É verdade que sua intenção é que fiquemos um pouco mais próximas, mas não está dando muito certo.

Na segunda, volto para casa ainda chateada com o distanciamento de Anne.

— Ela está cada vez mais ríspida comigo Paige. Neil briga com ela por fazer malcriação, ela chora e corre para o quarto — murmuro com um suspiro derrotado — Ele garante que a mãe dele não tem nada a ver com isso, eu não acredito. Anne só mudou depois que voltou de lá. Não sei até quando vamos sustentar essa situação.

— Não se preocupe — Paige segura minhas mãos — Eu mudo de nome se não descobrir o que aconteceu.

— E como pretende fazer isso? — pergunto desanimada.

— Vou levar Anne ás compras, garanto que vou arrancar cada palavra dela.

Eu não acredito que ela vá ter sucesso, nem mesmo Neil conseguiu arrancar algo da garota, mas toda ajuda é bem-vinda. Se Paige conseguir que Anne se abra com ela, ficarei grata pelo resto da minha vida.

— Pensei que tudo ficaria resolvido no fim de semana — diz ela — Como não aconteceu, vou entrar em ação.

— Eu agradeço muito — estou um pouco mais animada — Vou avisar ao Neil, assim pode encontrá-la depois da escola.

Faço isso imediatamente. Ele parece empolgado com a ideia, diz que Dylan buscará Paige no dia seguinte.

≈≈≈

Ando de um lado ao outro. Paige e Anne estão juntas a mais de quatro horas, estou a ponto de explodir de tanta ansiedade. As duas foram às compras com a desculpa de que Paige precisa de alguns itens para o casamento. Se Anne está agressiva comigo o mesmo não se aplica a Paige.

Quase cinco horas depois, estou quase sem unhas quando vejo Paige retornar bufando de raiva. Ela joga suas sacolas no sofá e me encara indignada.

— Então Paige? — pergunto, ansiosa — Conseguiu descobrir alguma coisa. Qual o problema com Anne?

— O problema... — respira fundo, rangendo os dentes — Se chama Sophia!

Sento-me no sofá, sinto-me um pouco tonta.

— Sophia? O que ela tem a ver com isso?

— Pelo que Anne me disse, aquela cadela foi visitá-la naquele domingo antes de vocês a buscarem. Disse que em breve Anne moraria com ela, portanto, que se acostumasse com a ideia, porque Neil e você iam se casar em breve. E que já não a queriam por perto agora que já não é cega. Ela devia escolher entre morar com ela ou ir para um colégio interno.

Sinto falta de ar, tudo a minha volta começa a girar de repente. Paige se aproxima de mim preocupada.

— Ela não fez isso? — todo meu corpo ficando gélido — Como pôde ter coragem de fazer isso com a própria filha?

Paige me diz tudo que Anne havia contado, fico cada vez mais enjoada e revoltada com o que ouço.

— Anne acredita mesmo que vão mandá-la embora.

— Mas você desmentiu, não é?

— Eu tentei, mas ela não quis me ouvir. Começou a chorar, não insisti no assunto — Paige seca uma lágrima de emoção — É de cortar o coração. Jenny ela gosta tanto de você, está tão triste com isso. Acho que você e Neil devem conversar com ela o mais rápido possível.

— Faremos isso imediatamente — levanto-me com tanta pressa que sinto-me zonza novamente.

— Você está bem? — Paige me segura — Está muito pálida. Talvez seja melhor deitar-se um pouco.

— Não, preciso falar com Neil agora. Você vem comigo?

— Oh Jenny — sussurra ela nervosa — Eu gostaria muito, mas tenho um jantar com a mãe de Richard hoje, sabe como aquela bruxa é, ainda nem sei que roupa irei usar...

— Não se preocupe Paige. Já fez muito por mim — abraço-a. Ela tem uma dura batalha pela frente. A mãe de Richard também não é uma pessoa fácil.

— Posso inventar alguma coisa — murmura ela — A mãe de Richard que se dane. Não vou abandoná-la agora. Se é importante que eu vá...

— Não é — corto-a rapidamente — Está tudo bem, eu juro. Vá se arrumar e fique linda.

— Tem certeza?

— Sim, pode ir.

Coloco um casaco jeans sobre a minha blusa de tricô vermelha, calço botas de couro cano longo e saio de casa. Lá fora a neve cai fininha umedecendo meus cabelos. Seguro firme o papel com endereço, sigo direto para à sede da Durant Tecnologia. É estranho que eu nunca tenha ido até lá antes. Tantas coisas

aconteceram em nossas vidas que isso nunca foi importante. Ao chegar, fico impressionada com o prédio preto espelhado, gigantesco, imponente diante de mim.

Passo por diversos andares com lojas, restaurantes, agência de publicidade, até alcançar os três últimos andares destinados à empresa. Uma jovem bonita de cabelos negros está sentada atrás de uma elegante mesa de vidro em forma de L. O emblema D&T em letras douradas na parede destaca à entrada.

— Em que posso ajudar? — ela sorri, educadamente.

— Quero falar com Sr. Durant — retribuo o sorriso.

— A senhorita tem hora marcada?

— Não, mas eu tenho certeza que ele irá me atender. Apenas diga que Jennifer está aqui, por favor.

— Desculpe senhorita, o senhor Durant está em uma reunião. Ligue para a secretária dele e tente agendar um horário.

Sei que ela apenas está fazendo seu trabalho, mas não consigo evitar ficar irritada. Paige já havia me falado como foi difícil tentar falar com Neil a primeira vez que esteve aqui para devolver o casaco.

— Então informe a Penélope que estou aqui — murmuro, mantendo a calma.

— A senhorita Penélope está com ele na reunião.

— Leila... — leio seu nome no crachá — É seu nome não é? Eu preciso realmente falar com Neil.

— Desculpe senhorita, não é possível — faz sinal a um segurança — Peço que não dificulte as coisas, ligue e agende um horário.

— Olhe eu realmente... — paro de falar ao reconhecer um homem alto sair do elevador — Não acho que seja necessário, obrigada.

—Adam — caminho até ele.

— Jenny? — ele desvia o olhar da pasta em sua mão e me encara — O que faz aqui?

— Preciso falar com Neil, essa mulher não me deixa passar — murmuro com desgosto — É urgente.

— Sabe quem é essa moça Leila? — pergunta Adam à recepcionista.

— Não Sr. Crighton — responde ela receosa.

— Jenny é noiva do Sr. Durant, não creio que ele gostará de saber que a tratou assim.

Observo a mulher ficar vermelha, seus olhos arregalam em pânico.

— Desculpe Sr. Crighton é meu primeiro dia na recepção.

— Pelo visto não anda acompanhando as revistas de fofocas? Só por isso ganhou alguns pontos comigo — ele pisca para ela — Venha Jenny vou acompanhá-la até o escritório de Neil.

A mulher me encara ainda apreensiva. Com certeza está se lamentando pelo equívoco. Com essas roupas não me pareço com uma das socialites que ela deve estar acostumada a ver pelo prédio.

— Não se preocupe, estava apenas fazendo seu trabalho — tranquilizo-a. Recebo um sorriso de agradecimento e sigo Adam porta adentro.

— Estou nas revistas de fofoca? — pergunto com um gemido.

— Depois de Dubai acho que nunca mais sairá delas. Você é noiva de um homem conhecido. Acostume-se.

Celebridade instantânea, era só o que me faltava na vida. Agora entendo aqueles olhares curiosos nas agências de emprego. No mínimo se perguntavam o que uma dondoca como eu estaria fazendo ali.

Paramos em frente a outra porta que dá acesso ao escritório presidencial. As paredes são de tom pastel. Há alguns quadros abstratos, vasos com plantas exóticas e o chão é todo coberto por um carpete negro.

Penélope me recebe com alegria, ignorando Adam ao meu lado. Acho aquilo estranho, depois de Dubai imaginei que as coisas estariam resolvidas entre eles. Pelo visto, não sou a única com problemas de relacionamento aqui.

— Por que não entra e espera lá dentro? — ela me diz — O Sr. Durant está terminando uma reunião com a diretoria, deve voltar em breve, vou avisar que está aqui.

— Preciso resolver algumas coisas no setor jurídico — Adam me dá um beijo no rosto — Nos vemos em breve.

Entramos no escritório suntuoso, tudo ali me lembra Neil, a imensa mesa, os quadros na parede, a caneta dourada em cima do bloco rabiscado. Penélope me ajuda a tirar o casaco, pendura-o ao lado do de Neil. Vou até a parede de vidro com ampla visão da cidade, fico encantada. Agora compreendo porque ele passa tanto tempo aqui. Quem não gostaria de trabalhar em um ambiente como esse?

— Deseja alguma coisa senhorita Connor? — pergunta Penélope em seguida — Uma xícara de café, chá, um copo de água...

— Pode me chamar de Jenny — murmuro — Chá está bom para mim.

Penélope sai por alguns minutos, retorna com um carrinho, chá e biscoitos.

— Já avisei ao Sr. Durant que está aqui. Ele virá em breve.

Agradeço ao pegar a xícara de chá que ela me entrega. Tomo alguns goles, deixando que o líquido quente e adocicado me aqueça.

— Como vão as coisas entre você e Adam?

Pergunto para quebrar o silêncio.

— Eu prefiro não tocar nesse assunto.

— Ah. Desculpe-me — sussurro, ao notar o brilho de magoa em seus olhos, não quis parecer intrometida — Foi uma indiscrição de minha parte.

— Não se desculpe — ela sorri, timidamente — Apenas não há o que dizer. Se não se importa, tenho algumas ligações para fazer.

— Claro. Eu não quero atrapalhar seu trabalho.

Após vê-la sair questiono-me sobre o que deve ter acontecido entre eles, algo aconteceu com certeza, se foi antes ou depois daquela festa em Dubai eu não sei, mas pretendo descobrir em breve, gostei muito de Penélope, sei que Adam não é indiferente a ela como ele quer aparentar. Só que no momento tenho coisas importantes para pensar e resolver.

— Jennifer? — Neil entra na sala com aparência preocupada.

Ele está absurdamente lindo. Perfeito em seu terno cinza escuro, camisa branca e gravata prata. Alguns fios de cabelo um pouco mais cumpridos caem sobre a testa de um jeito sexy.

— O que aconteceu? — ele segura meus ombros — Aconteceu algo com a Anne? Você está bem?

— Não, mas o assunto é sobre ela... E a maldita Sophia... Estou bem — vou me atrapalhando nas palavras — Na verdade, não eu estou. Você tinha razão, dessa vez sua mãe não tem nada a ver com isso. Pelo menos não totalmente... Quero dizer...

— Jennifer, respire!

Respiro fundo, me dou conta do quão incoerente devo estar sendo, atropelando as palavras, deixando-o confuso.

— Sophia foi até a casa de Lilian aquele domingo que voltamos de Dubai — vejo sua expressão mudar de sereno para irritado — Ela disse a Anne que vamos mandá-la embora assim que nos casarmos, que Anne teria que morar com ela ou ir para um colégio interno.

Seus dedos fecham ao redor de meus braços como aço. A angústia e repulsa que vejo em seus olhos é similar à que tive há uma hora.

— Neil... — murmuro tentando me desvencilhar de seu agarre dolorido. Ele não faz ideia da força com que está me segurando — Está me machucando...

— Desculpe — geme ele, soltando meus braços em seguida.

— Sophia disse coisas horríveis a Anne. Que eu não gosto dela. Que estava fingindo o tempo todo só para conquistá-lo — prossigo amargurada — E que agora que você está sem memória, já não se importa com ela, que não como antes e...

— É o suficiente! — interrompe ele socando a mesa. — Vou matar essa mulher!

Ignoro as palavras porque sei que foram ditas no calor do momento, embora eu também tenha vontade de acertar contas com Sophia, isso terá que ficar para depois, Anne é prioridade.

— Temos que conversar com ela, tem que saber que é tudo mentira.

— Vá para casa — diz ele, friamente — Vou resolver isso.

Meu coração para no peito. Ainda me lembro do que aconteceu a última vez em que esteve assim tão furioso com Sophia. Se Peter não estivesse por perto, talvez a tivesse matado. Não o culpo por isso, qualquer pessoa com mínimo de sangue nas veias, no calor do momento seria capaz de matar aquela mulher. Eu sinto uma grande vontade de matá-la por tudo que fez e ainda faz com Anne.

— O que vai fazer? — pergunto preocupada. Seguro seu braço tentando impedir que saia. Tenho que impedi-lo a qualquer custo. Neil não pode destruir a vida dele e a nossa por causa das armações daquela víbora.

— Jennifer vá para casa! — ele se desvencilha de meus braços e sai batendo a porta.

— Neil! Neil — grito, abrindo a porta — Penélope faça alguma coisa!

Ela me encara com olhar perdido.

— Ligue para Adam, Peter ou qualquer pessoa que consiga, temos que impedi-lo. Neil matará Sophia dessa vez.

O que foi que eu fiz? Havia enviado o homem que eu amo para uma grande tragédia. Minhas pernas vacilam e sou invadida pela escuridão.

≈≈≈

— Não devemos levá-la ao médico? — ouço uma voz perto de mim. Estou deitada em algo macio, meus olhos estão pesados, sinto certa dificuldade em abri-los.

— Vamos esperar mais alguns minutos — a voz masculina responde — Se não acordar a levaremos ao ambulatório.

Um cheiro forte de álcool invade minhas narinas.

— Conseguiu falar com Neil Penélope?

— Não, o telefone está fora de área.

Neil? Lentamente vou me recordando de tudo que aconteceu. Sua reação furiosa, a saída repentina.

— E quanto a Peter?

— Está a caminho da casa dos pais de Sophia.

Gemo ao ouvir esse nome, com dificuldade consigo abrir os olhos. Estou deitada na recepção, em um sofá de couro. Adam está ao meu lado, com um frasco que imagino ser álcool, Penélope em frente a mim com um celular no ouvido.

— Neil? — sussurro angustiada — Onde ele está?

Sento-me no sofá, tento me levantar, mas minhas pernas não me obedecem.

— Calma Jennifer — ampara-me Adam — Ficou desacordada por algum

tempo. Por sorte ainda estava no prédio quando Penélope ligou.

— Era para você ir atrás do Neil e não ficar me paparicando — digo, frustrada.

— Peter está cuidando disso, tenha calma. Se estiver se sentindo melhor eu vou te levar para casa.

A única coisa que quero é receber notícias de Neil, uma boa notícia. Adam me ajuda a sair do prédio, ainda me sinto fraca, abalada. Ele me leva diretamente para casa de Neil. Não sei se ele não sabe que não moro mais ali ou se foi uma reação automática.

Anne está na sala pintando. Imagino que meu estado é tão lamentável que ao contrário das outras vezes, ela não me olha com raiva. Não sei se é o sexto sentido das crianças, ela senta ao meu lado, pega minha mão segurando firme.

Paige e Richard chegam uma hora depois, os dois estão vestidos formalmente. Ela se lamenta muito, pede desculpas por não ter estado comigo antes.

Cada vez que a porta se abre meu coração dá um pulo no peito. Os minutos vão se arrastando, estou as vias da loucura. A porta é aberta novamente. Meu coração para e o mundo gira em volta de mim.

Capítulo 11

Dessa vez, ao contrário ao mal estar anterior, eu me recuso a abrir os olhos pelo simples fato de me sentir confortável, segura, protegida em seus braços. Mesmo com os olhos fechados, sei quem me envolve em seu peito protetor. Já estive ali muitas vezes, acordei, dormi ou apenas fiquei em silêncio desfrutando de seus carinhos. Desejo permanecer aqui para sempre.

Por que a vida não pode ser simples assim, como estar nos braços de quem se ama? Esses momentos deveriam ser eternos.

— Jennifer... — os dedos deslizam pelo meu rosto em uma carícia quase imperceptível — Não fiquem aí parados, chamem uma ambulância.

— Será que é grave? — diz Paige, preocupada — Desmaiar duas vezes no mesmo dia não deve ser normal.

Eu não quero um médico, não quero ir para droga de um hospital. As últimas lembranças que tenho de lá não são agradáveis. Tudo que preciso é que essas vozes em volta de mim desapareçam, contudo, para evitar todo esse circo tenho que sair da minha zona de conforto. Abro meus olhos, a primeira coisa que vejo é a imensidão negra de seus olhos.

— Você está bem? — Neil me encara apreensivo.

Minha garganta está seca, então apenas balanço a cabeça em afirmativa.

— Droga Jennifer! — Neil principiou — Eu quase tive um ataque quando você desmaiou na minha frente. Vou levá-la ao hospital imediatamente.

— Não preciso de um hospital ou de um médico — sento-me no sofá — Estou bem. E a culpa disso tudo foi sua!

O homem sai como um louco prestes a cometer um assassinato e eu sou repreendida por desmaiar?

— Você encontrou Sophia? O que fez com ela?

— Eu não a encontrei. Sophia já não mora com os pais há algum tempo. Parece que está fora da cidade no momento. É o que ela sempre faz, apronta, depois foge com medo. Ela sabe que dessa vez foi muito longe, depois da última vez em que quase a matei...

— Você se lembrou disso?

— Na verdade... — ele admitiu — Eu me lembrei de tudo.

— De tudo, tudo? De nós dois?

— De tudo, tudo... — sorri — E de nós dois.

— Como?

— Bem, eu saí um tanto nervoso do escritório e...

— Não! Você saiu ensandecido — interrompo-o — Eu quase morri de tanto medo e preocupação. Achei que fosse matá-la.

— Naquele momento eu sentia que sim, precisava resolver as coisas com Sophia de uma vez por todas. Anne é uma criança inocente, ela já a prejudicou muito. O que ela fez foi imperdoável, desumano.

Eu não quero pensar sobre isso agora. Sinto tanta raiva de Sophia que nem consigo descrever. Quero saber é como ele se lembrou de tudo tão repentinamente.

— Se não a encontrou onde esteve esse tempo todo? E como recuperou a memória?

— Como eu disse antes, saí de lá com muita raiva, estava disposto ao que fosse preciso. Fui à casa dos pais dela e me deram o endereço novo. Claro que não disse que queria estrangulá-la. Também não a encontrei. O porteiro me disse que tinha viajado novamente há dois dias.

— Saí muito enfurecido de lá, mas do que estava antes — continua ele — Houve um acidente no caminho de volta...

— O que?! — grito enlouquecida — Como assim um acidente? Como pôde ser tão irresponsável Neil? Sabe que ainda não pode dirigir com essa perna machucada...

Automaticamente minhas mãos passeiam por todo seu corpo a procura de algum ferimento.

— Espere! — Neil ri e me abraça — Não estou machucado. Foi apenas um pequeno acidente. Um carro bateu na traseira do meu em um cruzamento...

— O dia do acidente me veio à memória. Consequentemente eu me lembrei de tudo.

Não sei se choro, rio, grito ou se bato nele por aquela atitude impensada. Neil colocou não só sua vida, mas a de outras pessoas em risco. O que seria de Anne e de mim se dessa vez ele não tivesse a mesma sorte de antes? Levando em conta que minha felicidade por ele finalmente ter se lembrado de mim, por estar vivo, é maior que tudo, deixo as reclamações para depois.

— Então se lembra de tudo desde a primeira vez que nos vimos?

— Sim.

— Que roupa eu estava usando?

— Está mesmo me perguntando isso? — ele parece incrédulo.

— Sim eu estou! — subo sobre os joelhos no sofá — Eu contei como nos conhecemos. Como vou saber se não está me enganando?

— Jennifer! — Neil salta do sofá indignado — Depois de tudo o que aconteceu hoje a última coisa que faria é mentir para você. Por que faria isso?

— Para se casar comigo? E quanto a Nathan, Milla e todo resto?

Estou sendo injusta, mas preciso ter certeza, tudo parece irreal para mim.

— Essas são partes que gostaria de nunca ter lembrado — esfrega os cabelos em frustração — Milla nunca foi importante como disse antes, então não há razão para falar sobre ela. Se quer saber, a última vez que a vi, foi na semana que conheci você, isso por que queria tirá-la da minha cabeça. Não deu muito certo.

É muito bom ouvir isso dele, embora saber que ele tenha tentado me esquecer nos braços daquela mulher me deixe furiosa.

— Você saiu com ela?

— Nada aconteceu.

— Sabe... — Paige começa a falar com humor — Eu adoraria ficar e acompanhar toda essa novela mexicana, mas eu tenho um compromisso inadiável e já estamos bastante atrasados. Já que todos estão bem, a salvos, nós estamos indo.

Apenas agora me dou conta de Paige, Richard e Peter no outro lado da sala. Não vejo Penélope ou Adam, pelo visto, resolveram sair à francesa assim que acordei.

— Desculpe-me Paige — murmuro — Eu devo ter arruinado sua noite.

— Ainda dá tempo — diz ela — Afinal, não é a noiva que sempre chega atrasada?

— Isso é no dia do casamento amor — Richard ri — Não se atreva a fazer isso no casamento. Eu teria um infarto.

— Eu que não vou romper a tradição — provoca ela — Até logo Jenny. Depois quero saber tudo nos mínimos detalhes.

— Eu também já vou — informa Peter em seguida. Ele encara Neil e faz um sinal positivo — Vou cuidar do que me pediu.

Assim que todos saem eu encaro-o firmemente.

— O que pediu a ele?

— Nada de importante — Neil me puxa para seus braços — Vamos ver a Anne?

Anne? A última coisa que lembro é tê-la ao meu lado antes de apagar, deve estar muito assustada com meu desmaio.

— Não se preocupe. Está no quarto com Claire — diz ele, como se lesse meus pensamentos.

Subimos abraçados até o quarto dela. Anne está em frente à cômoda enquanto a babá penteia seus cabelos úmidos, já está de pijama, o cheiro de sabonete infantil paira no quarto.

— Jenny! — Anne salta da cadeira e vem me abraçar — Você não vai morrer não é?

Meu coração se aperta, sua preocupação sincera me comove. Mesmo ainda não sabendo da verdade nossa ligação é inegável.

— Claro que não querida — com indicador acaricio sua bochecha rosada — Eu não vou morrer. Desculpe assustá-la.

— Eu não quero que você morra — seus olhos ficam marejados — Eu posso ficar com minha mãe se quiser.

A declaração me desarmada.

— Anne vem aqui — Neil senta na cama dela e a chama para seu colo — Sabe que eu amo você não é?

— Sim papai — Anne senta no colo de Neil abraçando-o.

— Jennifer também a ama muito — ele estende os braços para que me una a eles — Nós nunca iremos mandá-la embora, nunca. Aconteça o que acontecer.

— Exatamente Anne — acaricio seus cabelos — Nunca faríamos isso. O que Sophia disse não é verdade. Eu amo muito você.

— Mas vocês vão se casar — insiste ela, receosa — Vão ter outros filhos normais e vão ter vergonha de mim.

— Você é completamente normal Anne — Neil segura seu rosto com delicadeza — É linda e a amamos muito. Nunca duvide disse. Entendeu? E quando tiver irmãozinhos eles vão precisar de você. Promete que você vai cuidar deles?

— Sim eu prometo. Eu te amo papai — Anne abraça-o forte — Eu também amo você Jenny.

Nós nos abraçamos, choramos, entregues à emoção do momento. Até mesmo a babá mal conseguiu esconder as lágrimas em seu rosto. O que nos importa é que voltamos a ser uma família unida e feliz.

Algumas horas depois, estamos deitados na cama dele após fazermos amor de forma intensa e enlouquecida. Meu corpo entrelaçado ao dele, enquanto minha cabeça descansa em seu peito.

— Agora vai voltar para casa não é? — Pergunta Neil, acariciando minhas costas.

— Ainda não — murmuro me aconchegando mais a ele.

— Por que não? — senta-se na cama levando-me com ele — Anne está bem. Qual o motivo agora?

— Precisamos desse tempo Neil. Precisamos aprender a confiar um no outro. Eu preciso descobrir quem eu sou, o que eu quero... E você precisa descobrir se sou o quer.

— Se é o que eu quero? — ele ri, amargamente — Eu quero me casar com você. Dormir e acordar ao seu lado todos os dias. E só o que vejo é você colocar

obstáculos em cima de obstáculos. Será que eu sou o que quer? Talvez *você* não me ame como imaginei.

— Lamento que pense assim — sento-me, procuro minha camisa no chão e visto-a.

— Aonde vai?

— Para casa.

— Você não vai! — diz ele, irritado — Já está tarde. Amanhã cedo você pode voltar para aquele maldito apartamento.

Tenho vontade de ignorar seu pedido, ou melhor, sua ordem, mas decido voltar para cama. Não que eu esteja me curvando ás suas ordens, apenas acredito que relacionamento é isso, ás vezes temos que ceder. O meu desejo é que ele entenda a mesma coisa, não sou mais um de seus empregados ou ex-amantes. Sou a mulher que pretende dividir a vida e sonhos com ele, não andar sobre a sua sombra. Deito-me de costas para ele, o olhar fixo na janela. Sinto sua mão em minha cintura puxando-me contra seu peito.

— Por que faz isso comigo Jennifer?

— O que eu faço? — pergunto divertida. Seu jeito de menino perdido me encanta.

— Faz de mim o que quer — murmura, contrariado — Sabe que sempre vou fazer o que deseja gostando ou não.

— Você não vê? — viro-me para ele — Não é isso que eu quero. Não temos que dominar um ao outro. Preciso da minha independência, me sentir útil. Termos o que conversamos todos os dias e não ficar trancada em casa esperando você chegar.

— Pode gerenciar a casa...

— Geórgia já faz isso — rebato.

— Além disso, pode cuidar de Anne...

— Claire já faz isso e muito bem — rebato, novamente.

— Jennifer!

— Neil! — respiro fundo.

— Se é um emprego o que quer posso cuidar disso. Com certeza, há algo na empresa que possa fazer...

— É mesmo? Fazendo o que? Quero fazer as coisas do meu jeito e sozinha.

— Você é absurdamente irritante, cabeça dura, isso eu gostaria de ter esquecido.

Quando ele volta a abrir a boca interrompo-o com a mão em seus lábios.

— Amo você Neil. Deixe-me fazer as coisas do meu jeito. Vamos conseguir superar isso.

Acalmo-o da melhor forma que consigo, com meu corpo. Não gosto de usar o

sexo para resolver nossos problemas, mas se é a única forma, o que posso fazer?

≈≈≈

É a quarta quinta-feira de novembro, dia de Ação de Graças, um dos meus dias preferidos. Um dia para agradecer a Deus por todas as bênçãos e coisas boas recebidas durante o ano, tenho muito a agradecer. Foi um ano difícil, com muitas lágrimas, dor e sofrimento, mas também foi um ano de milagres. Voltei a enxergar, conheci o homem mais maravilhoso do mundo que mudou minha vida, que faz eu me apaixonar por ele irremediavelmente a cada dia.

Por isso, não há dia melhor para celebrar, estar com a família e amigos do que esse. Todas as pessoas que amo estarão aqui comigo. Kevin, Paige, Richard e também Penélope. Convidei-a ao descobrir que ficaria sozinha, já que sua família mora muito longe em uma pequena cidade na região do Texas. Embora ela tenha ficado receosa em vir para casa de Neil onde será a celebração, eu não permiti que ficasse em casa sozinha.

Geórgia passará o feriado com a filha em Chicago, então a maior parte da ceia foi adiantada no dia anterior. A mesa está linda e farta. Há batata doce, purê, torta de abóbora, o peru, que está sendo aquecido no forno, entre outras coisas. Tudo preparado por Geórgia, uma coisinha ou outra por mim.

— Jenny, vamos lá fora fazer bonecos de neve? — pergunta Anne saltitando em volta de mim — Por favor! Por favor!

— Por que não me ajuda terminar de fazer esses biscoitos? E depois do almoço todos poderemos ir.

— Eu vou fazer de corações então — Anne ri, colocamos a mão na massa.

Os convidados chegam aos poucos. Paige acompanhada de Richard, eles trouxeram torta de maçã, para meu alívio Richard confessou que foi comprada em uma das melhores confeitarias da cidade, mas que eu não dissesse isso a Paige. Se há uma coisa que Paige é muito ruim, é na cozinha. Aliás, é uma péssima dona de casa em todos os sentidos.

Penélope trouxe uma torta de nozes com aparência deliciosa, de acordo com ela, é uma receita secreta de família.

— Foi muita gentileza sua Penélope, já temos tanta comida, não deveria ter se incomodado com isso.

— Não foi incômodo algum — me entrega o recipiente — Eu tenho que admitir, foi um pouco difícil de fazer, pensei ter pegado uma virose, ficar na cozinha hoje foi complicado, mas cozinhar é uma distração para mim, espero que tenha valido à pena.

— Outro motivo para não ter se incomodado — Digo preocupada —Você está bem?

—Estou ótima — ela sorri — Foram apenas alguns enjoos e passaram tão rápido como surgiram.

Kevin foi o último a aparecer com flores lindas. Gostaria que Adam, Peter e Liam também estivessem presentes, eles passarão a noite com suas famílias.

Após o almoço, Anne, Paige, Penélope e eu vamos para fora. Construímos um enorme boneco de neve com direto a todos os apetrechos. Os rapazes preferiram ficar dentro de casa assistindo um jogo de futebol americano.

— Está lindo Jenny — Anne me abraça animada.

— Que tal buscar a máquina para tirarmos uma foto?

Anne sai correndo, prendo a respiração ao vê-la quase escorregar na neve. Sempre a incentivamos a agir como uma criança normal, mas nós não podemos ignorar que precise de cuidados maiores por causa de sua perna mecânica.

— Anne não corra! — grito apreensiva.

— Tá bom — ela levanta-se e volta correr novamente.

Sinto vontade de segui-la para repreendê-la por isso, como hoje é um dia de festa, deixo passar dessa vez, afinal ela é apenas uma criança agindo como criança.

— Então Paige, como andam as coisas com a mãe do Richard?

O jantar naquele dia parece ter sido pior do que esperávamos.

— Não conversamos mais depois de tudo o que houve, sinceramente, se ela não aparecer no casamento é um grande favor que estará me fazendo.

No fundo sei que ela está apenas tentando convencer a si mesma. Paige havia sido abandonada pela mãe quando criança. Tenho certeza que ela gostaria de ter a mãe de seu noivo como uma figura materna ou no mínimo uma nova amiga.

— Quem sabe quando tiverem filhos as coisas mudem — Penélope a conforta — Crianças fazem milagres nas famílias.

— Humm... — ela empina o queixo — Eu que não quero aquela bruxa perto dos meus filhos, não mesmo.

— Ela é a mãe do Richard, Paige, não terá como evitar isso — Falo por experiência, por mais que deteste Lilian não posso afastá-la de Anne — Terá que trabalhar isso.

— Pensarei sobre isso depois. Hoje é um dia de festa e não para pensarmos em coisas tristes.

Anne retorna arrastando Neil e Kevin. Richard segue atrás com olhar derrotado. Tiramos muitas fotos. Fizemos anjos e guerra de neve. Por fim, quando todos já estavam cansados, congelando de frio, voltamos para dentro de casa. À noite, jantamos e assistimos o presidente realizar a cerimônia de Perdão ao Peru, uma tradição na Casa Branca há muitos anos. Penélope foi uma das primeiras a ir embora, estava muito cansada, além de não se sentir muito bem.

Kevin saiu acompanhado de Richard e Paige uma hora depois. Assim que todos vão embora, subo com Anne para o quarto para colocá-la na cama.

— Hoje foi tão legal Jenny! — diz Anne, enquanto lavo seus cabelos com shampoo — Eu me diverti muito.

— Eu fico feliz que tenha se divertido querida.

— Ano passado não foi assim. Meus avós ficaram em Atlantic City e papai e eu, comemos em um restaurante, depois ficamos vendo filmes na televisão, nem teve neve.

A cena me parece bem triste. A ceia que Paige, Paul e eu tivemos no ano passado foi bem mais simples que a de hoje, mas nos divertimos muito. Fomos até ao centro da cidade ver o desfile na Macy's, onde participam centenas de figuras mediáticas, personagens do mundo infantil e fantasias. Pensar nos dois sozinhos em casa me traz lágrimas aos olhos.

— Gostaria que todos os anos fossem assim — Anne diz com tristeza.

— Eu prometo a você que serão — jogo um pouco de água em seus olhos para tirar o sabão.

— Que legal! — ela sorri.

Após vesti-la com o pijama ajudo-a se deitar. Neil vem em seguida, fazemos companhia a ela até que durma. Apago a luz, fecho a porta com cuidado para não acordá-la, se bem que está tão cansada que nem mesmo um bombardeio a tirará de seu sono pesado.

— Obrigado — Neil me abraça por trás, caminhamos assim até o quarto.

— Pelo que? — faço-me de desentendida.

— Por fazer desse dia o mais especial de todos, para Anne e para mim.

Paramos em frente à porta, Neil me vira de frente a ele. Posso ver o amor brilhando em seus olhos. Ao contrário do que pensei a primeira vez que o vi, esses olhos nunca me trouxeram mágoa ou medo, pelo contrário, me transmitem paz, esperança, amor.

— Eu que devo agradecer. Sem você tudo ainda seria escuridão e vazio. Nunca vou conseguir retribuir isso.

— Volte para casa — murmura ele — Então, você que trará luz a minha vida.

Envolvo meus braços em volta de seu pescoço e sorrio.

— Você não desiste não é?

— Nunca! — me beija suavemente — Eu sei que vou conseguir convencê-la. É só uma questão de tempo.

— Convencido — afasto-me dele, corro para o quarto, pulando na cama — Vai ter que trabalhar muito para isso Sr. Durant.

Seu olhar em minha direção é como de um felino em busca da caça. Meu corpo treme de antecipação.

— Eu sei uma ótima forma para isso... — suas mãos vão até a barra da camisa tirando-a sedutoramente. Puta merda! Enquanto eu tenho receio em usar sexo como arma ele o faz se nenhum pudor.

≈≈≈

Outro dia e outra decepção, chego ao apartamento após mais um dia fracassado em busca de emprego. Até encontrei algumas vagas em restaurantes, lanchonetes ou clubes, embora os salários não sejam atrativos, estou pensando seriamente no assunto. Preciso ocupar minha mente em algo produtivo, acima de tudo aumentar os números na minha conta bancária.

— Comprei algumas coisas — deixo as sacolas no chão ao entrar, gemo ao tirar os sapatos.

— Ligaram de uma agência para você — diz Paige, assim que me jogo no sofá — Deve comparecer nesse endereço amanhã às oito horas.

Ela me entrega um papel com nome e endereço.

— Working Dreams & Cia — leio o nome da empresa em voz alta — Falaram sobre o que era?

— Desculpe-me não perguntei.

Eu não retruco, ela está tão alienada com a proximidade do casamento que não presta atenção em quase nada.

— Tudo bem. Como andam as coisas para o casamento?

— Uma loucura.

Paige me conta todas as coisas que estão dando certo ou as que a deixam louca. Ajudei com algumas coisas, como escolher o menu do buffet, as flores para igreja, o salão onde será realizado o baile, os poucos detalhes que restam deixam-na com os nervos à flor da pele.

— Já tive que mandar apertar o vestido duas vezes — choraminga ela.

— Se se alimentasse direito isso não aconteceria — repreendo-a — Tem que se cuidar ou desmaiará na igreja.

— Richard teria um ataque.

Conversamos por mais alguns minutos, à noite ela sai para se encontrar com Richard e alguns amigos. Vou para cozinha, estou cansada, faminta. Na geladeira há o resto da comida chinesa da noite anterior. O cheiro forte da comida me deixa enjoada, então resolvo comer apenas salada e frutas. Vou para o quarto, fico algumas horas escolhendo a roupa apropriada para o dia seguinte. Acabo escolhendo um vestido verde escuro, de corte reto até os joelhos, um casaco bege estilo europeu com cinto embutido. Separo um par de sapatos pretos de salto médio, satisfeita com o resultado vou para banheiro tomar

uma longa ducha. Mais tarde, Neil liga, conversamos um pouco, ele me deseja boa sorte.

≈≈≈

No dia seguinte, estou sentada na área de uma elegante recepção. Assim que cheguei descobri que Working Dreams é uma produtora muito conhecida no país e começo a me perguntar se agência não havia cometido um engano, meu lugar não é aqui, com certeza.

Inspire e expire, digo a mim mesma há quase vinte minutos, desde que uma jovem mulher pediu que eu aguardasse.

— Jeniffer Connor? — a mulher elegante por volta dos quarenta anos se aproxima de mim. Está usando um vestido bege, colar de pérolas e maquiagem discreta.

— Sim — respondo, pronta a esclarecer o engano da agência — Acho que houve um equívoco...

— Não é Jennifer Linton Connor? — pergunta ela, confusa, olhando para ficha em sua mão.

— Sim eu sou, mas...

— Então não há engano algum. Eu sou Virginia — estica a mão me cumprimentando — Venha comigo. Vou explicar sobre a vaga e você me diz se está interessada ou não.

Acompanho-a pelo corredor, passamos por algumas salas, ela me diz quais eram estúdios para fotos, quais são usados para gravação de comerciais entre outros. Entramos em outro setor onde há algumas salas destinadas a área administrativa.

— Abriram essa filial há pouco tempo. Está uma verdadeira loucura por aqui, mas sempre é uma loucura nesse meio, logo você se acostumará a isso.

Assim que entramos na sala pequena, mas elegante, ela me oferece uma cadeira em frente à mesa.

— Então a agência explicou sobre do que se trata o trabalho? Noto que parece um pouco perdida.

— Na verdade, eu não estava em casa quando ligaram — digo envergonhada — Estou um pouco perdida mesmo.

Resolvo ser honesta, mentir pode piorar ainda mais a situação.

— Geralmente contratamos pessoas com experiência no ramo... Parece que você foi bem recomendada. De qualquer forma não sou eu que faço as contratações.

Bem recomendada? Quem poderia ter feito isso? Será que Neil tem alguma coisa a ver com isso? Discutimos muito sobre sua insistência para que eu

ocupe um cargo na Durant & Tecnologia, o que para mim seria um cargo fictício. E não tenho vontade alguma de ter os olhos acusadores, rancorosos de seus funcionários, por ter um emprego pelo fato de ser a noiva do chefe. Isso não faz meu estilo. Então a única explicação é que ele deve ter pedido esse favor a algum amigo. Isso me chateia um pouco, mas está muito difícil conseguir um emprego, por isso resolvo engolir o orgulho e aceitar essa oportunidade, me farei merecedora da confiança depositada em mim. Afinal muitas pessoas conseguiam empregos por indicação, isso não é errado.

— A vaga é para assistente. Seu novo chefe é um fotógrafo muito talentoso, exigente também, devo avisá-la. Além disso, é um dos sócios da empresa, esse cargo exige muita responsabilidade.

Ela me entrega uma prancheta com alguns papéis.

— Esses são alguns detalhes sobre a vaga, salário e outros benefícios. A jornada é de segunda a sexta, horário comercial, mas poderá acontecer de ter que ficar até mais tarde, caso ele precise. Em alguns casos, pode ser que trabalhe no sábado também, depende da campanha, claro, sempre receberá extra por isso.

O salário é bem melhor do que imaginei, os outros benefícios também são muito bons, conseguirei manter o apartamento tranquilamente, contando as horas extras, se eu for cuidadosa poderei fazer uma pequena poupança.

— Está interessada na vaga?

— Com certeza — respondo, com um sorriso — Saiba que vou me dedicar com afinco.

— Eu sei que sim. Por agora, passe no RH, veja com eles todos os tramites da contratação — diz ela, entregando-me um envelope — Qualquer dúvida pode me procurar. Nos primeiros dias trabalhará comigo para que ensine tudo o que é preciso. Seja bem vinda.

— Muito obrigada.

Saio da sala flutuando de felicidade, a vida voltou a sorrir para mim. Estou ansiosa e animada com que está por vir. Quem sabe em breve possa fazer meu tão sonhado curso de música. Finalmente as coisas começaram a dar certo, serei muito feliz aqui.

Capítulo 12

Vou até o setor de RH, uma senhora simpática me orientar sobre todos os papéis que devo preencher e quais documentos providenciar para contração, além de onde e como fazer o exame admissional. Após me esclarecer todas as dúvidas ela me ensina a chegar ao ambulatório.

Sou recebida por um médico jovem com descendência asiática. Dr Akene me questiona se sofro de alguma doença, afere minha pressão arterial, batimentos cardíacos, após eu responder ao formulário, ele me entrega o atestado médico de capacidade funcional e deseja-me boa sorte. Volto para o RH, a mesma senhora me dá um crachá provisório e diz que começo na segunda-feira seguinte.

Assim que saio da empresa, vou para a Durant & Tecnologia. Não teria conseguido esse emprego sem Neil, quero que seja o primeiro a saber. Pego o trem que me deixará próximo ao prédio. Graças a Deus já havia passado o horário de pico, mesmo assim o movimento ao redor é constante. É interessante perceber as coisas que antes eu apenas ouvia, como os artistas com rostos pintados fazendo mímica, alguns senhores com seus instrumentos tocando Jazz, entre outros artistas. Nos momentos mais difíceis eu já estive ali com Paige cantando no metrô.

Com curiosidade observo o mais variado tipo de pessoas. Nova York é uma cidade fantástica, mesmo antes de enxergar eu já a amava, agora é tudo simplesmente contagiante, maravilhoso. Há tantos lugares que ainda não vi, como por exemplo, o Central Park, a Estátua da Liberdade, o Porto de Nova York, muitos outros lugares incríveis. É imperdoável que estando em Nova York não tenha visto tudo isso, quando digo ver, é no sentido literal.

O trem chega, entro rapidamente, escolho um banco perto da janela. Deixo minha mente divagar enquanto o trem entra em movimento. Dez minutos depois estou na rua que me leva a sede da empresa. Percebo que o local onde vou trabalhar é muito próximo a Neil, isso me deixa muito animada. Quem sabe possamos almoçar juntos de vez em quando?

Dessa vez, ao sair dos elevadores e me dirigir a entrada, a recepcionista é bem mais amistosa comigo. Leila levanta-se, me recebe com um enorme sorriso no rosto.

— Bom dia Srta. Connor.

— Bom dia Leila — cumprimento-a, divertindo-me com a hospitalidade —

Preciso falar com senhor Durant.

— Pode entrar. Vou avisar a Penélope que está aqui.

É impressionante como o status muda o comportamento das pessoas, não é? Nem parece a mesma jovem que queria me colocar para fora com o auxílio de um segurança. E é exatamente esse tipo de tratamento diferenciado que quis evitar ao me recusar em ocupar qualquer cargo aqui. Atravesso a porta dupla, sigo em direção à sala da presidência. Penélope está concentrada em uma ligação, parece muito importante, então sento-me no confortável sofá que há ali e aguardo.

Quando ela nota minha presença me dá um sorriso simpático, faz um sinal com a mão para que eu aguarde alguns minutos. Pelo teor da conversa parece que está lidando com um cliente difícil.

Sua calma e tranquilidade ao telefone me deixam admirada. Espero ter a mesma desenvoltura e capacidade que ela no meu novo emprego. Talvez Penélope possa me dar algumas dicas. Eu poderia convidá-la para almoçar qualquer dia desses.

— Desculpe Jenny — Penélope vem até mim no sofá. Por insistência minha tratamo-nos pelos nomes — Esse cliente estava um tanto irredutível. Quer falar com senhor Durant não é?

— Sim, por favor. Se ele não estiver muito ocupado.

— Está lá dentro analisando alguns contratos, pode entrar — indica a porta atrás dela.

— Não precisa me anunciar?

— Não — ela pisca um olho para mim — Faça uma surpresa. Tenho certeza que o Sr. Durant irá apreciar isso.

Dou um sorriso de agradecimento e vou em direção à porta.

Abro a porta com cuidado para não assustá-lo. Encontro-o inclinado sobre alguns papéis em cima da mesa. Já o tinha visto trabalhando no escritório da casa dele, mas na época me pareceu mais perdido do que qualquer outra coisa. Hoje no entanto, sua aura de poder e dono do universo domina todo o ambiente. Neil rascunha alguma coisa no papel, rugas em sua testa, acho que é algo muito importante. A caneta dourada desliza suavemente sobre o papel, a outra mão está segurando o queixo. A imagem é sexy, aflora minha libido de uma forma inimaginável. Um gemido rouco escapa de meus lábios chamando sua atenção.

Os olhos vêm em direção, aos meus sapatos de salto, sobem lentamente por minhas pernas, demora um pouco mais em meus seios ao observar meus mamilos entumecidos. Quando seus olhos encontram os meus há um sorriso pervertido em seus lábios.

— Apreciando a vista? —pergunto apoiando-me contra a porta semiaberta.

Desfaço-me do casaco, jogando-o no chão para que ele tenha ampla visão do meu corpo.

— Sempre — diz ele, com um sorriso largo — Essa é uma das visões da qual jamais me canso.

Fecho a porta, caminho até sua mesa, sento na borda perto dele, puxo sua gravata com jeito de menina travessa.

— Nunca lhe disseram que degustar o vinho é melhor do que apreciar o buquê?

— Srta. Connor... — ele respira fundo — Saiba que eu sou um especialista em vinhos.

Neil agarra meus cabelos, une nossas bocas em um beijo sensual. As línguas se enroscam uma na outra nos explorando mutuamente. Suas mãos agarram minha cintura, ele me desliza pela extensão da mesa colocando-me de frente a ele. Coloca as mãos sobre meus joelhos, ergue a barra do vestido até acima das minhas coxas. Um som gutural escapa de seus lábios ainda colados aos meus.

— Sinta liga — desliza a mão pela peça — Isso é sexy.

Agarro-me a seus cabelos, obrigando-o a beijar-me até que meus pulmões possam pareçam estourar por falta de ar. Neil puxa-me contra ele, separa minhas pernas, encaixando-as em volta dele fazendo com que o vestido erga um pouco mais.

— Porra Jennifer — murmura ele — Você trancou a porta?

Porta? Do que ele está falando? Só consigo pensar em uma forma de arrancar suas roupas.

— Humm...? — murmuro, puxando-o para mais perto de mim com minhas pernas. A parte interna entre minhas coxas pulsa ardentemente em busca de alívio, enquanto meus dedos trêmulos brigam com os botões da camisa dele.

— Jennifer a porta... — sussurra ele novamente entre meus lábios quando uno nossas bocas. Meu beijo é feroz, faminto, cheio de desejo — Jesus mulher o que deu em você?

Neil se afasta alguns centímetros, respira profundamente encostando a testa em meus seios.

— Quero você! — sussurro, me remexendo contra a mesa, puxo seus cabelos para tomar sua boca — Quero você agora. Aqui. Nessa mesa.

Observo seus olhos brilharem de forma predatória. Seu desejo por mim é tão intenso ou mais que o meu.

— Deixe-me fechar a porta antes querida — suas mãos agarram minhas coxas.

— Diga a Penélope que não entre ou deixe alguém entrar — cruzo os pés impedindo que ele saia. Eu pego o telefone e estendo a ele. Sua expressão é tão

chocada que quase me fez rir — Faça isso! Não tem coragem?

Meu olhar é desafiador, petulante. Vejo-o morder os lábios de um jeito sedutor, como um menino malvado meditando se encarava ou não desafio lançado. Esse jogo me excita mais do que posso imaginar. Sinto suas mãos subirem meu vestido lentamente até que a calcinha fique visível aos seus olhos.

— Eu nunca recuso um desafio — murmura Neil, inclinando-se para depositar um beijo em minhas coxas, uma depois a outra — Não de uma mulher tão sedutora.

Meu corpo estremece ao imaginar nós dois fazendo amor enlouquecidamente enquanto Penélope está apenas alguns metros de nós. Deito sobre a mesa em cima dos papéis que ele estivera analisando antes. Não sei se são importantes ou não. O que importa é seu toque sobre minha pele quente.

O telefone em cima da mesa toca, ouço a voz de Penélope soar através do viva voz.

— Sr. Durant — ela parece apreensiva — Peter está aqui. Eu avisei que estava ocupado no momento, mas ele insiste que é urgente.

— Droga! — Ouço Neil dizer enquanto apoio meu cotovelo sobre a mesa.

Está dividido entre atender ou terminar o que começamos. Meu lado racional decide se manifestar naquele momento.

— Atenda-o — murmuro, frustrada — Pode ser algo urgente.

Neil me puxa para ele, me beija apaixonadamente, suspiro, gemo em seus braços enquanto minha parte emocional deseja mandar meu lado racional para o inferno. Neil arruma meu vestido e me coloca de pé sobre minhas pernas bambas.

— Não acabou ainda — ele sorri, prometendo um mundo de orgias.

— Espero que não — sussurro, limpando seus lábios sujo de batom.

— Penélope — ele aperta um botão no telefone — Diga a Peter que entre — sua voz soa firme, bem diferente da voz rouca anterior. Neil volta a ser o empresário controlador em questão de minutos. Se não fosse pelo volume indisfarçável em sua calça eu ficaria visivelmente chateada. Afasto-me de sua mesa, vou até a ampla janela com vista para cidade. Alguns minutos depois Peter entra com a aparência afligida.

— Oh, Jenny... — ele me olha com surpresa — Não sabia que estava aqui.

— Já estou de saída para que possam conversar à vontade — olho para meu casaco esquecido no chão, sinto meu rosto queimar. Se antes Peter não sabia o que estávamos fazendo ali, agora teria certeza.

— Não é preciso — diz ele, aparentemente ignorando o casaco — Acho que você também precisa ouvir o que tenho a dizer.

— O que aconteceu? — pergunta Neil, estica o braço para que me aproxime

dele — Sophia novamente?

— Não. Ela está na Itália, não se preocupe, estou monitorando seus passos.

— Foi o que disse da última vez — diz Neil, irritado — Mas a perderam de vista.

— Não perdemos — Peter responde — Sabíamos que estava em Dubai até mesmo implantei uma agente ali caso precisasse. Só não podia colocar alguém dentro da casa de sua mãe, nem saber o que disse a Anne. Mas eu não vim falar de Sophia. O perigo é outro.

Perigo? De que perigo ele está falando?

— O homem mascarado agiu novamente.

— O que ele fez? — Neil agarra forte minha cintura.

Lembro-me vagamente dele ter mencionado algo sobre esse homem quando foi até o meu apartamento, totalmente transtornado para me falar sobre o seu passado. Pelo que me disse, esse homem havia usado outro como cobaia para roubar um projeto importante.

— Consegui falar com Hardy ontem, ele me disse que se lembrou de algo que identificasse o mascarado. O cara procurou-o novamente, como havíamos previsto.

— O que ele queria com Hardy dessa vez? — pergunta Neil, contrariado.

— Queria que fizesse outro trabalho, como Willian se recusou, a loja dele foi *assaltada* — Peter faz um sinal de abre aspas — O incrível, é que não levaram dinheiro, nem equipamentos, agora Willian está hospitalizado, levou três tiros no peito. Seu estado é grave. Está em coma nesse momento.

— Inferno! — esbraveja Neil — E o que Jennifer tem a ver com isso?

— O homem queria que Willian a seduzisse para afastá-la de você assim que ela saísse do hospital.

— Quando estivesse magoada e vulnerável — Neil conclui.

— Mas, por quê? — pergunto, angustiada.

— O objetivo é óbvio — Peter responde — Fazer com que Neil sofra. O porquê é o que eu estou tentando descobrir.

— Acredita que Jennifer está em perigo? — pergunta Neil, os dedos cravados em mim. Não reclamo da dor, ela é como um anestésico para meu estado de nervos. Toda essa história me parece irreal e absurda.

— Não sei dizer, mas devemos ser um pouco mais cautelosos a parti de agora. Todo o cuidado é pouco.

— Faça o que tiver que fazer — diz Neil, com determinação brilhando em seu rosto — Qualquer coisa.

— Manterei alguém da minha equipe no hospital para vigiar o Hardy — Peter informa — Tenho ir que agora. Os manterei informados sobre tudo.

Peter sai, fico congelada ao lado de Neil. Quem o odeia tanto, ao ponto de tentar assassinar outra pessoa? Ou pior, o que mais esse homem misterioso é capaz de fazer? Como podemos lutar contra alguém sem rosto?

— Você volta para casa hoje — exige Neil.

— Não acho que seja necessário isso — argumento.

— Isso não está em discussão Jennifer! — urra ele — Vai voltar e pronto!

Então percebo o quanto essa discussão será difícil ao observar sua expressão irredutível.

Capítulo 13

— É a sua vida que está em jogo — Neil segura meu rosto obrigando-me a encará-lo — Ou volta para minha casa comigo, ou eu me mudo para sua.

Puta merda! Eu sei que ele seria louco o suficiente para cumprir a ameaça. E sendo sincera comigo mesma, estou assustada com o que soube há alguns minutos. Saber que existe alguém solto por aí com desejo de feri-lo me deixa aterrorizada. Além disso, vamos nos casar em breve qual a diferença de voltar para lá hoje ou daqui a um ano?

— Está bem - suspiro — Sua casa é até mais perto do meu novo emprego.

— Emprego? — Neil faz cara de surpresa — Que emprego?

— O que você me indicou. Por que acha que estou aqui? Não se faça de bobo — Aperto o nó de sua gravata — Você não me ajudou a consegui-lo?

— Não! — Neil me encara preocupado — Não fiz isso. Nem sabia desse maldito emprego.

— Bem... — franzo a testa, tento reorganizar minhas ideias. Se não foi ele, quem foi? — Disseram que fui recomendada, pensei que havia pedido à algum amigo. Confesso que fiquei brava no início...

— Vai sair desse emprego imediatamente!

— Por quê?

— Não vê que isso é uma armadilha Jennifer?

— Mais um motivo para que eu continue com ele.

— Não vou permitir isso! — Neil segura meu braço com força.

— Se isso for mesmo uma armadilha, o que eu acho improvável, é a oportunidade perfeita que temos de descobrir quem é esse homem.

— Não será uma cobaia! — ruge ele — E não vai brincar de detetive. Peter já está cuidando disso.

— Eu vou ter cuidado — Falo de um jeito manhoso — Eu prometo.

— Não!

— Sim!

— Não, porra!

Eu já havia cedido em voltar a morar com ele. Não vou sair do emprego quando essa é uma ótima oportunidade para que eu seja útil em alguma coisa.

— Eu não vou sair — me solto de seus braços e pego o casaco esquecido no chão.

— Aonde você vai?

— Para casa fazer as malas — abro a porta de forma dramática.

— Eu vou com você — ele me diz, saltitando atrás de mim, está usando uma imobilização mais cômoda, mas ainda não caminha normalmente — Não pode andar sozinha por aí!

Nesse momento, tenho à amostra perfeita do que será minha vida daqui por diante. E honestamente, não gosto disso. Adeus liberdade e independência.

— Não precisa terminar o que estava fazendo? — indico alguns documentos que deixei espalhados pelo chão quando subi na mesa dele há pouco.

— Foda-se o trabalho! — me encara como se tivesse falado a coisa mais absurda do mundo — Penélope cancele todos os meus compromissos de hoje.

Penélope balança a cabeça impassível diante da reação brusca do chefe. Eu presumo que deve estar mais do que acostumada ao seu jeito explosivo.

— Claro Sr. Durant.

Caminhamos lado a lado sem nos encarar. Neil está tão zangado comigo como estou irritada com ele. Não pode me tratar como uma boneca de porcelana. Saímos do prédio, encontramos Dylan nos esperando com a porta aberta. Cumprimento-o rapidamente e entro.

— Se vai ficar nesse emprego vou enviar um segurança para que cuide de você — diz ele, assim que me acomodo.

— Isso seria ridículo! Por que eu andaria com um homem atrás de mim o tempo todo? Além do mais, levantaríamos suspeitas.

— Está bem — diz Neil, resignado.

Está bem? Simples assim? Sem brigas, gritos ou uma lista de reclamações? Ele havia concordado rápido demais para o meu gosto. O que me leva a acreditar que agiria de outra maneira, às minhas costas, contanto que não coloque meu emprego em risco pouco me importa. O caminho até meu apartamento foi realizado em silêncio. Cada um teve que ceder de um jeito, não estávamos satisfeitos com o resultado. Entro no apartamento e encontro Paige em uma conversa melosa com Richard. Vou direto para meu quarto com Neil atrás de mim, ele para no batente da porta com olhar zangado, cruza os braços, fixa o olhar em mim, o rosto carrancudo.

— Vai continuar emburrado? —pergunto ao pegar a mala debaixo da cama.

— Eu não fico emburrado — se queixa — Isso é coisa de criança, estou fodidamente aborrecido. Você que é teimosa demais para entender o risco que está correndo.

Por todos os deuses do Olimpo eu não irei discutir aquilo novamente. Esse é o homem mais teimoso, mandão, que eu já conheci, é o único que tem o poder de me enlouquecer.

— Você quer me colocar em uma redoma de vidro e me deixar lá para sempre? — começo a jogar minhas coisas na mala.

— Para sempre não — ele sorri pela primeira vez — Só até isso tudo terminar.

Não importa o quanto eu esteja furiosa com ele, esse sorriso indecente sempre será capaz de me desarmar.

— Eu farei tudo o que for preciso para garantir minha segurança — caminho até ele, passo meus braços em volta de seu pescoço — Menos um segurança no meu calcanhar.

— Menos o segurança... — ele envolve minha cintura — Dentro da empresa, fora dela isso é indiscutível.

— Está bem — beijo seus lábios e dou uma pequena mordida — Estamos combinados. É ótimo fazer negócio com você Sr. Durant.

— Comigo é assim— ele pisca um olho de forma sedutora — Satisfação garantida. O que acha de terminarmos o que começamos mais cedo?

— Agora?

Minha resposta foram beijos ardentes antes de ser arremessada na cama.

Seguimos para casa dele duas horas depois, Paige choramingou dizendo que sentiria minha falta. O percurso até a casa foi bem mais tranquilo do que a ida até o apartamento. Não conseguíamos ficar com as mãos afastadas um do outro por muito tempo, enquanto Neil fazia promessas ardentes em meu ouvido.

Anne me recebeu com pulos de alegria ao saber que havia voltado para casa. Passamos o restante da tarde como fazíamos sempre, Anne vendo TV, nós dois perdidos em carícias discretas no sofá.

≈≈≈

Sábado fizemos um programa em família, fomos a alguns pontos turísticos da cidade, por causa do frio, decidimos ir ao Museu de História Nacional, depois comemos em um fast food em um shopping próximo ao museu. Neil protestou inicialmente por serem locais públicos, sua mania por controle e segurança estão cada vez mais evidentes. Embora me sufoque, eu sei que sua única intenção é nos proteger. Portanto, fiz o possível para que ele ficasse o mais relaxado.

O domingo seguiu tranquilo e ficamos dentro de casa, estava nevando um pouco mais forte, seria um pouco mais complicado para que ele se movimentasse. No dia seguinte, ele voltará ao médico e tirará a imobilização na perna, algo que ele anseia muito.

≈≈≈

Na manhã seguinte estou em frente ao espelho aplicando uma maquiagem leve no rosto, não é digno ao trabalho de Paige, mas fico satisfeita com o resultado. Esborrifo algumas gotas de perfume que havia comprado em Dubai.

— Vai trabalhar ou seduzir todos os homens do prédio? — Neil aproxima-se de mim por trás e beija meu pescoço. O tom é de brincadeira, mas eu sei que ainda está incomodado com meu novo emprego. Não só pelo perigo que me cerca, também por todos os modelos masculinos que circularão por lá todos os dias. Saber que eu estaria cercada de homens bonitos o deixou tão furioso quanto ao risco de estar indo para uma armadilha.

— A única pessoa que pensei ao me arrumar hoje foi você — digo, com sinceridade. Não estou apenas fazendo média para tranquilizá-lo. Eu realmente gosto de apreciar o brilho de desejo e admiração que ele sempre direciona a mim — Quero que a única coisa que pense hoje seja em mim, e em o quanto deseja arrancar minhas roupas.

Neil cola seu corpo rente ao meu. Posso sentir sua ereção dura cutucando minhas nádegas. Desejo arrancar nossas roupas para nos entregarmos a paixão saciando o desejo que me incendeia.

— Então fique ciente do que a espera à noite — Ele esfrega o quadril contra mim — Sempre que você ver um rapazinho musculoso, sem camiseta, irá lembrar que existe um homem de verdade esperando por você hoje à noite.

Caramba! Se ele queria me deixar completamente desestruturada durante o dia todo, ele havia acertado bem no alvo. Por que, por mais que eu visse o rapaz mais lindo do mundo com ou sem camiseta, a única coisa que vou conseguir pensar é nele nu em nossa cama.

— Espero você lá em baixo — sussurra ele, em meu ouvido.

Filho da mãe! Provoca-me e depois foge. Ele sai, olho-me no espelho, verifico minha aparência pela última vez. Escolhi um vestido de poliéster na cor marinho, sem mangas, com decote redondo, coloco os sapatos de salto agulha, visto a jaqueta estilo blazer francês, pego a bolsa em cima da cama e desço. Estou muito ansiosa pelo que me espera em meu primeiro dia de trabalho, é muito diferente de tudo que já havia feito.

— Anne já foi? — pergunto, assim que me sento à mesa.

— Acabou de sair — Geórgia responde — Você está muito linda Jenny. Só não vou dizer que irá arrasar corações porque posso ser demitida.

Sorrindo de sua brincadeira eu sirvo um copo de suco, tomo-o rapidamente.

— Tenho que ir. O trem costuma estar lotado a essa hora da manhã, não quero chegar atrasada no primeiro dia.

Neil que estava concentrado lendo o jornal olha em minha direção.

— Do que está falando? — ele enruga a testa — Não vai usar transporte

público. Dylan irá levar você.

— Claro que não — murmuro, contrariada — Imagina que ridículo uma simples assistente chegando de motorista particular.

— Motorista e segurança — enfatiza ele — Isso ou nada.

— Neil...

— Jennifer! — interrompe ele — Muitas pessoas além daquele homem, sabem que é minha noiva. Somente isso já é suficiente para colocar sua vida em risco. Tem que aceitar o fato. Não é só dele que tenho medo. Há criminosos por aí ansiosos para ganhar dinheiro fácil.

— Tudo bem. Mas Dylan irá me deixar há alguns metros de distância — cruzo os braços à espera de uma nova briga. Quanto a isso eu me manteria irredutível.

— Uma distância considerável — diz ele, rangendo os dentes.

Sorrindo, corro até ele e o beijo, manchando seus lábios com meu gloss. Passo o dedo para tirar o batom, esfrego o nariz contra o dele. Enfim, está entendendo que devemos entrar em um acordo sobre tudo e não um sobressair sobre a vontade do outro.

— Eu amo você — sussurro, afasto-me antes que cometa alguma loucura como seduzi-lo ali mesmo à mesa. Volto para meu lugar, começo a devorar tudo que está na minha frente, estranhamente estou com uma fome gigantesca.

Neil termina seu café, dá um beijo em minha testa em despedida, estou com a boca cheia, murmuro alguma coisa incompreensível. Ele ri e sai balançando a cabeça. Assim que me dou por satisfeita saio de casa, encontro Dylan conferindo o carro. Ele sorri para mim, abre a porta traseira do BMW 640i Gran Coupe grafite para que eu entre.

— Eu vou com você no banco da frente — Entro no carro sem dar oportunidade para que ele se recupere do choque.

— Senhorita Connor... — Dylan parece inseguro.

— Vamos Dylan — digo, fazendo valer pela primeira vez o status de patroa — Não quero chegar tarde.

Ouço-o resmungar alguma coisa sobre mania esquisita dos ricos, algo sobre perder o emprego, dá a volta no carro e entra. Entendo a situação dele, se Neil se quer sonhar com isso, já seria motivo para uma guerra mundial.

— Olha vai ser um segredo nosso — tranquilizo-o assim que os portões da entrada se abrem — Você não conta eu não conto.

Ele balança os ombros. Embora me sinta um pouco receosa em colocar o emprego dele em risco não posso abrir mão. O impacto de chegar nesse carrão no banco da frente será bem menor do que estar sentada lá atrás. O máximo que as pessoas farão é me perguntar quem era o bonitão que estava dirigindo.

Graças ao trânsito infernal devido a um pequeno acidente envolvendo uma moto e um táxi, nós ficamos mais tempo parados do que eu previ, mesmo o acidente entre as partes não ter sido grave, a discussão entre o piloto e a motorista de táxi é bem acalorada, fazendo uma fila atrás de nós. Chego ao prédio da produtora apenas quinze minutos antes do que havia planejado.

Passo apressadamente pelos seguranças, coloco o cartão no leitor magnético para que minha entrada seja autorizada, praticamente saio correndo pelos corredores. Vou direto para sala de Virginia.

— Ainda bem que chegou — ela me encara depois de olhar para o relógio. Apesar de ter chegado dez minutos mais cedo, sei que ela apreciaria que tivesse chegado antes.

— Desculpe ouve um acidente no caminho...

— Acontece — ela sorri com sinceridade — Essa cidade é maluca. Vou mostrar a sua sala, o resto das instalações, depois temos muitas coisas para fazer.

Virginia me leva até uma pequena sala ao lado da sua, com uma mesa retangular com computador, um telefone com PABX e um armário. Em seguida, me mostra todas as instalações, as pessoas responsáveis em cada setor, desde maquiadores, fotógrafos e gerentes. Faço o máximo para guardar todos os nomes e rostos o que para mim ainda é uma coisa muito difícil já que minha memória visual não foi exercitada nos últimos anos.

A manhã passou em uma velocidade fantástica. No início fiquei apenas recebendo ligações, atendendo algumas pessoas e entregando recados. Depois fui enviada a um estúdio para acompanhar um fotógrafo em uma nova campanha de perfume. Dali em diante foi uma correria de pega isso, cancela aquilo, liga para modelo atrasada, tente acalmar o cliente, que quase me deixou maluca.

Por volta das duas, Virginia me libera para almoçar, pede que eu retorne o mais rápido possível. Agradeço aos céus pelo café reforçado que tomei ou a essa altura estaria desmaiando pelos cantos. Decido comer em um restaurante chinês próximo dali, adoro comida chinesa, mais o cheiro típico me deixa indisposta, então vou para uma lanchonete ao lado, como um sanduíche, tomo um suco de acerola e quarenta minutos depois volto para correria do trabalho.

Por volta das quatro, Neil me liga para saber como estou me saindo, apesar de achar sua atitude muito fofa não tenho tempo para conversar com ele, eu explico rapidamente como está sendo meu dia, prometendo conversamos à noite.

— Está dispensada por hoje Jennifer — Virginia entra no estúdio fotográfico assim que o fotógrafo e as modelos começam a sair.

Olho para o relógio, já passou das seis.

— É sempre assim? — pergunto mais por curiosidade do que por queixa — Não sabia que um ensaio fotográfico poderia demorar tanto.

— As pessoas pensam que é apenas tirar fotos — ela sorri para mim. Terminamos de organizar a sala e saímos — Ainda há parte editorial entre outras coisas. Quando há externa é pior ainda. Espero que você não tenha ficado assustada.

— Bem... — suspiro — Foi bem cansativo, eu não vou negar, mas eu gostei muito.

Nós nos despedimos e cada uma segue para sua sala. Ligo meu celular ainda com as teclas em braile. Neil já havia se oferecido para me dar outro, o que eu havia recusado, não vejo motivo para isso sendo que ainda está novo em bom uso, agora, no entanto, acho que as pessoas achariam um pouco estranho.

Assim que o visor ilumina vejo várias ligações perdidas de Neil, retorno a ligação rapidamente. Conhecendo-o como conheço deve estar louco.

— Olá querido — digo, assim que a ligação é atendida.

— Ainda está no prédio? — pergunta ele, mal humorado.

— Estou saindo. Desculpe, sei que Dylan deve estar me esperando há muito tempo — murmuro — Coisas como essa que queria evitar quando disse que poderia ir de trem.

— Dylan já foi embora. Estou esperando você aqui fora, não demore a sair — ele desliga em seguida sem que eu possa dizer alguma coisa.

Droga! Já imagino que virá uma ladainha de reclamações, francamente estou cansada demais para isso. Só quero banho e cama.

Vejo o carro parado a alguns metros à frente. O frio está de congelar os ossos, então caminho o mais rápido que minhas pernas permitem. Calvin sai do carro e abre a porta para que eu entre.

— Boa noite Calvin.

— Boa noite senhorita.

Neil está concentrado em alguma coisa em seu iPad ou finge estar concentrado, pois não me encara ou me dá atenção. Isso me irrita muito, prefiro mil vezes sua irritação a sua indiferença.

— Vai ficar me ignorando? — pergunto, me virando para ele.

— Estou esperando-a há uma hora e meia. Ao menos poderia atender ao maldito telefone — ele desvia o olhar do aparelho encarando-me — Então, eu garanto que irá preferir meu silêncio a qualquer outra coisa.

Cruzo os braços, viro o rosto, resolvo olhar através da janela. Uma hora e meia? Não é à toa que ele esteja tão irritado.

— Estava na minha bolsa — eu explico, agora um pouco mais calma — Desculpe-me.

— Nunca mais fique incomunicável — diz ele, puxando-me para seu colo — Não sabe quantas vezes eu quase entrei para saber se estava bem. Essa ideia

ainda me deixa em pânico.

— Nada aconteceu. Além de ter trabalhado como louca — encosto a cabeça em seu peito — Essa história de armadilha deve ter sido coisa da nossa cabeça.

— E quanto a essa misteriosa indicação? Alguma coisa está errada Jennifer.

— Talvez alguém da agência tenha me reconhecido. Adam me disse que meu nome anda circulando nos meios de fofocas. Hoje eu vi como os artistas conseguem as coisas facilmente.

— Não brinque com isso — resmunga ele — Tome cuidado.

Respondo que farei isso e acho que ele e Peter estão exagerando muito. O tal mascarado pode ter sido culpado por Hardy estar no hospital, se fez, acho que mais para se proteger evitando ser reconhecido. Se quisesse realmente fazer algo contra mim teria feito quando Neil esteve com amnésia, foi quando estive mais desprotegida.

— Como está? — acomodo-me melhor em seu colo, indico a perna livre.

— Precisarei de algumas sessões de fisioterapia, mas já não dói tanto.

— E o psiquiatra?

— Também fui dispensado, por enquanto.

Chegamos a casa, nossa rotina noturna não foi diferente das outras, embora esteja cansada, passamos boa parte da noite com Anne. Ela parece à mesma menina doce de antes. Mais tarde fizemos amor de forma intensa, apaixonada e eu desabo em seus braços em seguida.

No dia seguinte, eu acordo sobressaltada, o celular tocando insistentemente, pulo da cama ao observar a hora.

— Por que não me acordou? — acuso ao vê-lo sair do banheiro enquanto ajeita a gravata.

— Eu percebi que estava muito cansada, achei que deveria dormir mais um pouco — Neil responde com naturalidade.

— Estou atrasada! Fez isso de propósito não é? — passo por ele como um trem bala.

— Não, eu não fiz — ouço sua voz vinda do quarto antes de entrar no chuveiro. Coloco uma touca no cabelo, por mais que anseie lavar os cabelos, não terei tempo para o secador. Se estivéssemos no verão poderia deixar que secasse naturalmente, mas com inverno intenso, além de ficar congelada correria o risco de ficar doente.

Escovo os dentes antes de entrar no box, tomo um banho rápido. Volto para o quarto enrolada em uma toalha, encontro Neil vestindo o paletó.

— Você não está atrasada — diz ele, com humor — Por que as mulheres são tão desesperadas?

— Essa mulher é desesperada — respondo, agora de bom humor. O banho

quentinho havia feito milagres com meu humor — Ontem pegamos trânsito devido a um pequeno acidente, não quero contar com a sorte novamente.

— Foi apenas um inconveniente — ele beija meu ombro exposto — Acontece.

— Não no primeiro dia de trabalho — resmungo.

— Eu tenho que ir. Tenho uma reunião importante logo cedo. Deixe o celular ligado — ordena ele.

Mostro a língua para ele, que sai do quarto sorrindo. Abro o closet, pego um vestido branco de algodão, coloco um cinto marrom de pele em volta da cintura, sapatos envernizados de salto alto. Escolho um casaco robusto, com enorme bolso nas laterais.

Como sei pelo dia anterior que teria uma manhã corrida, tomo café reforçado novamente. Para descontentamento de Dylan vou para o banco da frente. Dessa vez o trânsito está um pouco melhor, consigo chegar quase uma hora antes.

Ao entrar em minha sala confiro a agenda que Virginia havia me entregue no dia anterior, tento adiantar as coisas mais urgentes.

Como previ, o dia foi tenso. Tive que acompanhar uma gravação externa para ficar mais familiarizada com o processo, já que meu trabalho é auxiliar um dos melhores fotógrafos da empresa, aliás, até agora só havia descoberto seu apelido, o mestre, todos o chamam assim. Acho esquisito, mas nesse meio as pessoas parecem um pouco excêntricas.

≈≈≈

A semana passou rapidamente, a sexta-feira está sendo mais fervorosa que os outros dias. Uma modelo famosa está no estúdio para gravar um comercial de uma marca em ascensão no mercado. Todos estão polvorosos e agitados em volta da jovem. Os pedidos mais absurdos eram feitos para atender a metida à estrela.

— Jennifer! — uma assistente de produção vem até mim, com expressão contrariada no rosto — Entregue essa vitamina para aquela Paquita irritante ou juro que arranco os cabelos dela.

— Tudo bem Sarah — eu pego a bandeja, no copo há um liquido de cor esquisita — Eu não tenho medo de cara feia.

— Obrigada! — Sarah revira os olhos — Fico devendo essa a você.

Vou em direção à modelo, desviando-me de cabos e câmeras a minha frente. Ela está conversando, na verdade discutindo com maquiador de costas para mim.

— Eu não quero saber! — berra ela com voz estridente — Essa cor me faz parecer velha.

— Querida, você só tem vinte e quatro anos — Phil tenta acalmá-la — Jamais pareceria velha. Além disso, são essas cores que a marca quer promover em sua

nova coleção.

— A coleção que se dane — a jovem parece indignada — Não vou jogar minha carreira no lixo por uma marcazinha qualquer...

Antes que eu possa me preparar, ela vira-se de frente a mim, indo de encontro à bandeja. O copo entorna metade do conteúdo que vai direto para os lindos e provavelmente caríssimos sapatos dela.

— Você é cega, sua estúpida? — a jovem loira, alta, magra, muito bonita me encara com os olhos injetados de ódio.

Não sei se estou mais em choque pelo acidente ou por sua reação agressiva. Quando era cega ouvia muito essa expressão, não me incomodava muito, afinal eu era mesmo cega, nesse momento isso me incomoda um pouco.

— Desculpe senhorita — abaixo para pegar o copo — Vou dar um jeito nisso.

Refiro-me ao sapato preto que está com uma enorme mancha.

— Eu acho bom. Esse é um Jimmy Choo legítimo, sua estúpida. Se não der um jeito sairá do seu bolso. E providencie algo para eu comer logo.

— Faremos uma pausa por alguns minutos — Phil interrompe levando a jovem com ele.

Saio rapidamente, vou em busca de algum auxiliar de limpeza. Encontro uma senhora limpando algumas mesas.

— Poderia me ajudar?

Explico a ela o que aconteceu, e prontamente se oferece para ir me ajudar. Como não desejo que a fúria da modelo seja direcionada a mais alguém, peço apenas que me forneça alguns produtos de limpeza que ajudem remover a mancha dos sapatos. Ela me entrega alguns panos e um removedor na qual disse fazer milagres.

— Boa sorte querida — ela sorri para mim.

Pelo jeito, ela está acostumada a lidar com pessoas assim. Vou em direção aos camarins pedindo aos anjos que me protejam da bruxa enfurecida. Paro em frente à porta, leio o nome em uma placa, *Nicole Thompson*. Bato na porta, aguardo para que ela me autorize a entrar. Após alguns minutos intermináveis ouço uma voz enrouquecida que me ordena a entrar.

A jovem ajeita o vestido, há um homem lá dentro de costas para mim. Tenho certeza que já o vi antes.

— Jennifer? — ele me encara com espanto ao se virar — O que faz aqui?

Capítulo 14

— Liam?

— Jenny? O que faz aqui? Agora você é modelo?

— Ela, uma modelo? — a Super Estrela intragável me olha como se a possibilidade fosse impossível — Ela não tem altura nem beleza para isso.

— Jennifer é belíssima — Liam sorri para mim —Não precisa ficar com ciúmes Nicole.

A jovem responde com um resmungo e me lança olhares furiosos.

— Eu trabalho aqui. Não como modelo, claro — esclareço — O que você faz aqui Liam?

— Eu também não sou modelo — ele brinca — Nicole é minha noiva. Passei apenas para dar oi.

Noiva? Aquela criatura indigesta, totalmente voltada para si mesmo é a noiva de Liam? Como um homem tão lindo, inteligente, encantador como Liam caiu nas garras de uma mulher tão insuportável?

Sim, ela é belíssima, isso é inegável, mas o que tem de bonita ela tem de maldosa. Será que ele não enxerga isso?

— Você a conhece querido? — pergunta Nicole em uma versão inofensiva.

— Sim, Jenny é noiva do Neil. Eu contei isso a você. Não se lembra?

Com certeza que não, provavelmente a mulher se preocupa mais com sapatos, bolsas do que qualquer outra coisa.

— Ah, claro — ela me lança um sorriso tão falso quanto ela — Ela é tão gentil.

O que? Nicole estava pronta para arrancar meus olhos há quinze minutos. Em quesito falsidade ela consegue superar Lilian e Sophia a longos passos.

— Eu vou limpar os seus sapatos — sorrio falsamente para ela.

— Como? — Liam nos encara com olhar confuso.

— Claro que não querida. Aquilo foi um acidente — Nicole pega o pano e os produtos de minhas mãos — É apenas um sapato idiota.

— Eu tenho que voltar para o consultório. Vou deixá-las com seus trabalhos — Liam beija Nicole e pisca para mim — Nos vemos no ensaio de casamento Jenny.

Assim que Liam atravessa a porta, Nicole volta a ser a bruxa de sempre, entrega os sapatos para mim, me olhando com desdém.

— Concerte isso — ela diz, antes de sair.

Minha vontade é jogar os sapatos em sua cabeça. A mulher muda da água para o vinho em uma velocidade espantosa. Sinto pena que Liam se prenda a uma mulher tão cínica e antipática como essa. Ele realmente não merece um destino tão indigesto como esse. Torço para que ele consiga enxergar a verdadeira Nicole, antes que seja tarde demais.

Passo quase uma hora tentando me livrar da mancha. Após ficar satisfeita, volto para o set e devolvo para sua dona.

— Obrigada, mas eu não preciso mais dele — Nicole sorri docemente, entrega os sapatos para Phil. — Acho que sua empregada vai amar.

Sinto meu sangue ferver nesse momento, passei quase uma hora limpando aqueles malditos sapatos, agora ela decide que não é mais importante? Não que eu tenha algo contra a quem ela decide dar os sapatos, mas por que havia feito tanto escândalo por nada?

Phil pega os sapatos, me olha com pena, já deve ter presenciado a jararaca fazendo coisas similares.

— Jenny — ele sorri para mim com simpatia — Virginia está procurando você. Acho que é urgente.

— Vou até a sala dela. Quer que eu faça mais alguma coisa?

— Eu ainda estou com fome — Nicole se queixa.

— Já cuidei disso Nick — Phil a repreende — Além disso, Jenny não é sua assistente pessoal, só estava nos fazendo um favor. Pode ir querida.

Eu não preciso de um novo convite para ficar bem longe dali. Meus desejos assassinos contra aquela mulher crescem à escala Richter.

Sigo direto para a sala de Virginia, graças à Nicole meu trabalho está muito atrasado.

— Onde esteve? — Virginia levanta o olhar da mesa forrada de papéis — Procurei-a por toda parte.

— Desculpe, houve um problema com uma das modelos.

— Nicole? — ela enruga a testa — Problemas e modelo na mesma frase significa, Nicole.

Dou um sorriso amarelo, prefiro não comentar sobre o assunto.

— Amanhã você já começar a trabalhar com seu novo chefe — Virginia sorri para mim — E eu volto para a matriz. Essa sala é sua agora.

— Tem certeza? — pergunto, apreensiva.

— Você está indo muito bem Jenny. É muito esforçada e inteligente. Sente-se, vou te passar algumas informações importantes.

Virginia passa a hora seguinte me colocando a par de tudo o que preciso saber. Quais os clientes mais importantes, as campanhas que serão realizadas nos

próximos meses, como conseguir licenças para externas, entre outras coisas.

— Seu crachá definitivo — me dá um crachá com minha foto — Essa é sua agenda.

Entrega-me um iPad ainda na caixa parecido com um que já vi com Neil.

— As coisas evoluíram não é? — Virginia sorri para mim ao me observar olhar para o aparelho, como se fosse um escorpião prestes a me morder — Sabe usar um desses, não é?

Eu poderia ser sincera, responder que até bem pouco tempo meu contato com aparelhos tecnológicos era nulo. Minha única experiência foi celular em braile que Neil me deu. Mas para isso eu teria que explicar toda minha vida.

— Sim. Eu me viro.

— Então está tudo certo. Amanhã você terá um dia cheio. Enviarei toda a programação da agenda por e-mail. Se precisar de algo meu número está aí.

Agradeço, desejo uma boa viagem antes dela sair. Virginia é uma pessoa muito exigente, mas também muito amigável. Passei a admirá-la no pouco tempo que estivemos juntas. Espero poder reencontrá-la novamente um dia.

O restante do dia segue tranquilo. Assim que as atividades são finalizadas, vou direto para casa. Hoje é o ensaio de casamento de Paige, ambas estamos ansiosas por isso. Tomo um banho rápido, visto um longo vestido cinza de lã, calço botas confortáveis e saio. Anne e Claire já estão na Catedral St. Patrick, Neil me encontrará lá.

A Catedral St. Patrick é uma das igrejas mais famosas de Nova York, pela localização, arquitetura, charme rústico e beleza. É a maior igreja Católica da América em estilo Gótico Francês, suas duas torres erguem-se a 100m de altura. O interior da St. Patrick tem altares dos dois lados, dedicados a santos e figuras sagradas, com vitrais magníficos. As pesadas portas laterais ou a gigantesca porta frontal dão acesso à igreja que está localizada na 5th Avenida.

Casar ali é o sonho para qualquer noiva romântica, estou imensamente feliz que Paige esteja concretizando o dela com o homem de sua vida. Será muito lindo, emocionante, só de pensar, sinto os olhos marejados.

Ando muito emocional ultimamente, indo da alegria a irritação estrema. Com certeza é meu ciclo menstrual chegando. Aliás...

— Jenny! — Paige corre até mim assim que entro na igreja — Graças a Deus você chegou. Richard ainda não apareceu, eu vou arrancar todos os cabelos dele!

Os dele? Por que não os dela? Simplesmente porque Paige é do tipo que ataca, não é como eu sempre na defensiva. Eu olho em torno, Anne está conversando com Vivian a organizadora do evento, parece muito concentrada no que a mulher está falando.

Do outro lado da igreja está Paul com uma amiga, os dois serão padrinhos.

Ao lado deles Adam e sua irmã, como padrinhos do noivo. Ainda faltava Liam e a noiva. Ao me lembrar que a noiva dele é a mesma jovem que conheci mais cedo, sinto calafrios.

— Acho que deve estar preso no trânsito — Volto-me para Paige, tentando acalmá-la — Já ligou para ele?

— A cada cinco minutos. Ele não atende o telefone. Meu Deus! Ele não quer mais se casar comigo.

— Paige de onde você tirou isso agora? Pare de ser dramática!

— Ele não quer... — ela começa a chorar — Estava estranho ontem à noite. Eu fui abandonada na porta da igreja...

Será que todas as noivas agem dessa maneira ou apenas a minha amiga maluca? Richard é completamente apaixonado por ela, não vejo razão alguma dele querer desistir na última hora. Quando estou prestes a dizer algo sensato, Richard entra esbaforido.

— Desculpem — diz ele, com um olhar culpado — Houve uma emergência de última hora no escritório. O que aconteceu?

Richard ajoelha em frente à Paige no banco. Sua expressão fica transtornada ao observá-la aos prantos.

— Paige o que houve? — pergunta ele voltando olhar para mim — Jenny?

— Estresse pré-casamento — respondo, balançando os ombros — Chilique de noiva ou Paige sendo Paige.

— Richard se não quer se casar comigo fale agora — Paige levanta-se colocando as mãos na cintura — Se me abandonar naquele altar eu caço você até o inferno.

— Paige! — olho para ela abismada — Acho que inferno e igreja não combinam.

— Do que está falando? — ele parece ainda mais confuso.

— Se eu fosse você, desistia desse casamento agora — Neil se aproxima de mim sorrindo. Com toda essa confusão eu nem o vi chegar — Essa mulher é maluca. Fuja enquanto é tempo.

— Cala a boca Nei! — Paige grita para ele — Ou eu esqueço que estou em uma igreja.

— Ninguém vai desistir de nada aqui — Vivian se aproxima de nós — Não é verdade Sr. Delaney?

Richard balança a cabeça, puxa Paige para perto dele, os dois imediatamente se perdem em uma conversa melosa como se nada tivesse acontecido.

— Vamos todos para os seus lugares — Vivian dá início aos ensaios.

— Ainda faltam os padrinhos do noivo — Paige enruga a testa — Liam e Nicole ainda não chegaram. Será que ela ainda não voltou do Japão. O que

faremos agora?

— Fique calma. Ela já está de volta. Devem chegar em breve — tento acalmá-la — Depois eu explico.

— Como você sabe?

— Depois eu explico — murmuro.

Claro, vou evitar o incidente. Paige já está estressada o suficiente, não quero que ela tome partido como sei que iria fazer.

— Vamos começar sem eles, depois passarei as informações. Ainda teremos mais dois ensaios — Vivian a tranquiliza.

Estamos todos do lado de fora. Assim que a música começa a porta é aberta, Richard entra sozinho, é triste que a mãe dele ainda não aceite Paige. Neil e eu somos os últimos a seguir em direção ao altar. Vivian orienta o tempo todo quando caminhar, quando devemos parar para fotos e gravação do vídeo.

— Quando marcaremos a data? — Neil pergunta assim que paramos pela última vez.

— Data de que? — pergunto, sorrindo para os convidados imaginários.

— Do nosso casamento Jennifer, não se faça de desentendida — ele parece muito chateado.

— Você me deu um ano — murmuro.

— Não — ele vira-me para ele — O combinado era eu recuperar a memória.

— Mas eu ainda preciso de tempo — choramingo — Um casamento leva tempo para ser organizado.

A quem estou querendo enganar? Paige conseguiu organizar tudo em menos de dois meses. A verdade é que estou em pânico, dar um passo tão importante como esse, me aterroriza.

— Eu faria um casamento como esse em uma semana — Neil diz, irritado.

— Eu não sabia que casamentos agora eram sua especialidade — brinco para tentar aliviar a tensão entre nós dois.

— Eu tenho dinheiro. As coisas acontecem como mágica — ele sorri.

Claro que sim, ele estala os dedos e todos obedecem. Sempre que me dou conta da diferença entre nós, minhas inseguranças se multiplicam.

— Eu não quero um casamento como esse. Quero algo mais intimista.

Paige se adaptou a esse estilo de vida bem mais rápido do que eu. Nada que tivesse alterado sua personalidade, mas ela aceita a vida que terá ao lado de Richard com mais naturalidade. Eu só quero uma vida feliz ao lado de Neil e Anne. Eu sei que terei que acompanhá-lo em muitos eventos importantes de vez em quando, mas gostaria de minimizar isso o máximo possível. Um casamento para mais de duzentas pessoas, sendo sua maioria pessoas importante de Nova York se não do país, está definitivamente fora do meu sonho de casamento.

— Me dê seis meses — peço enlaçando seu pescoço.

— Três — ele protesta.

— Cinco — retruco.

— Quatro meses e recuso-me mais do que isso — diz ele beijando-me.

— Quatro meses... — repito contra seus lábios.

Droga ele não joga limpo. Quando me beija assim eu não sou capaz de raciocinar com clareza.

≈≈≈

Passamos o fim de semana na cabana em Vermont, Anne ficou com os avós. Sinto que nossa relação está cada dia mais fortalecida, até estou mais acostumada à ideia do casamento. Afinal, já moramos juntos, isso será uma mera formalidade.

Estou de volta ao trabalho na segunda-feira, com os nervos à flor da pele. Não sei se estou ansiosa ou nervosa para conhecer meu novo chefe. Após o ensaio de casamento, Claire e Anne me ajudaram a entender os aplicativos mais importantes do iPad. Poderia pedir a ajuda de Neil, mas não queria me sentir estúpida perto dele. Ele é sempre tão eficaz, seguro de si, algo que me fascina, e ao mesmo tempo, intimida-me um pouco também. Eu olho em volta, verifico se a sala está em ordem pela milésima vez. Tudo parece em seu devido lugar. Verifico as horas no iPad, ainda faltam vinte minutos oficiais para iniciar o dia de trabalho.

— Virginia, eu preciso de outra câmera...

Ergo os olhos da tela, encaro o homem ofegante que entra pela porta. Seu olhar para mim parece tão chocado quanto o meu para ele.

— Konrad?

De todas as pessoas no mundo ele é a última pessoa que esperava encontrar ali.

— Jenny? — ele fecha a porta e se encosta contra ela — Pelo visto conseguiu o emprego.

O que ele faz aqui? E como sabe sobre o meu emprego? Segundo a segundo as coisas começam a fazer sentido para mim. Konrad é o responsável de eu estar ali. Mas por quê?

— Foi você que me indicou?

— Sim — ele sorri — Só não tinha certeza se conseguiria.

— Por quê? — pergunto, confusa.

— Antes que tenha alguma ideia precipitada, eu quero explicar algumas coisas — Konrad se aproxima da mesa onde estou — Você é uma pessoa muito especial para mim Jenny. Ajudou-me em um momento muito difícil da minha

vida. Então, quando eu a vi saindo da agência de emprego aquele dia...

Meus pensamentos estão embaralhados em minha cabeça enquanto tento assimilar tudo o que ele me diz.

— A dona é uma amiga, possui a conta da produtora, então pedi como um favor pessoal. Só queria retribuir o que você me fez — ele continua — Meu relacionamento com a minha sobrinha está bem melhor depois dos conselhos que você me deu.

Pelo menos as coisas parecem fazer algum sentido agora.

— Você é o fotógrafo com quem vou trabalhar?

— Se você não se importar — ele sorri — Tenho fama de intransigente, mas cinquenta por cento disso é mentira.

— Bem... — ainda estou perdida com essa informação — Eu não sei o que dizer.

— Temos um contrato de três meses — Konrad balança os braços — Mesmo antes disso terá total liberdade para sair. Deixe as coisas fluírem e veremos o que acontece, tudo bem?

Eu gosto do trabalho, da agitação em torno dele e das pessoas que conheci. A explicação dele é lógica, mas de alguma forma isso me soa muito estranho, sinto algo me incomodando, preciso descobrir o que é.

— Está bem — estico minha mão para ele — Combinado.

≈≈≈

Passamos às duas horas seguintes reorganizando sua agenda. Cancelei alguns eventos como adicionei outros. Konrad foi muito paciente, sempre auxiliando quando me atrapalhava com o iPad, até me indicou outros aplicativos que facilitaria minha vida durante o trabalho.

Às duas, ele me libera para o almoço.

— Não pensei que fosse tão tarde — se desculpa olhando para o relógio — Quando estou trabalhando me entrego completamente.

— Tudo bem — falo com sinceridade — Perdi a noção do tempo também.

— Vamos evitar que isso aconteça futuramente, não quero que pense que sou desumano — brinca ele — Quando voltar, não esqueça de entrar em contato com fornecedor que eu lhe falei mais cedo. Peça que me envie uma nova câmera urgente. Minha sobrinha resolveu brincar de fotógrafa na viagem que fizemos.

— Acho que a profissão está no sangue — digo, antes de pegar minha bolsa e sair.

Gostaria de poder ir até o escritório de Neil e conversar sobre o ocorrido. Achei que poderíamos almoçar juntos sempre que quiséssemos, até agora isso

não aconteceu. Como meu tempo é curto, então decido comer algo em algum restaurante próximo à produtora. Espero que ao contar que o mascarado não tem a menor relação com meu emprego o deixe mais calmo.

Duas horas depois Konrad e eu estamos observando fotos de alguns modelos para uma campanha de uma famosa joalheria, quando um fato importante me vem à cabeça.

— De onde conhece Sophia? — pergunto, o encarando. Não sei se gostarei de ouvir a resposta, contudo, preciso saber a relação entre eles dois.

— Eu a conheço há algum tempo, além disso, moramos no mesmo prédio — diz ele sem olhar para mim.

— Por que estava com ela naquela festa?

— Por que não estaria? — Konrad me encara com olhar confuso — Ela precisava de uma companhia, vi uma ótima oportunidade de conseguir novos clientes.

Faz sentido novamente. Tudo o que ele diz parece fazer sentido, não sei por que isso ainda me incomoda tanto.

— Bem, não sei se você sabe, mas ela...

— Foi esposa do seu noivo — interrompe ele, um pouco impaciente — Todos nessa cidade sabem sobre isso. O que a incomoda Jennifer? Acha que tenho algo com Sophia?

Konrad segura meus braços de um jeito possessivo. Eu não gosto da forma como me toca.

— O que você tem com ela não me interessa — livro-me dele — Só quero que saiba que nos odiamos. Talvez não seja prudente que eu continue aqui.

— Não misturo minha vida profissional com a pessoal. Não se preocupe — Konrad volta a ficar próximo a mim, coloca uma mecha de cabelo atrás de minha orelha — Embora com você eu tenha dúvidas sobre isso.

Droga! Eu não preciso dessa merda para complicar as coisas. Sempre desconfiei que ele tivesse certo interesse em mim, mas nunca foi tão direto, não vou permitir que nosso relacionamento saia do profissional. Se Neil ao menos imaginar algo sobre isso, estou seriamente encrencada.

— Sr. Bauer — friso bem o sobrenome para que não haja mal entendidos — Eu tenho um noivo. Gostaria que respeitasse isso.

— Eu sugiro que seu noivo coloque um anel em seu dedo rapidamente — ele sorri afastando-se de mim — Para evitar futuros constrangimentos.

O fato de não usar um anel nunca me incomodou tanto como agora. Paige e eu estranhamos o fato de Neil não me entregue ainda. Acreditei que tinha sido por conhecer meus sentimentos em relação a joias. Mas um anel não é a mesma coisa que um colar de diamantes.

— Ele fará isso — defendo-o com fervor — Só está esperando o momento oportuno.

— E o dia do pedido não seria o momento? Afinal foi uma declaração tão cheia de sentimentos.

Sentimentos demais, confusões, estresse, concluo ao me lembrar daquele dia. Por que ele está colocando tantas dúvidas em minha cabeça?

O celular de Konrad toca, livrando-me de uma resposta constrangedora. Voltamos para o trabalho com o assunto esquecido.

No fim do expediente volto para minha sala, pego minha bolsa, vou até o apartamento de Paige. Neil já tinha avisado na hora do almoço que chegaria em casa mais tarde e eu preciso conversar com alguém.

— Essa história é meio confusa não acha? — Paige me entrega uma xícara de chá.

— Eu não sei — respiro fundo — Esse envolvimento dele com Sophia. Se esse mascarado for ela?

— É uma possibilidade — diz Paige — Eu não gosto desses dois juntos de qualquer forma. Acho que deveria dar o fora.

— Não posso fazer isso sem ter certeza Paige — murmuro, angustiada — Alguém quer machucar o Neil, talvez eu possa descobrir quem.

— Acho isso perigoso — diz ela — Pode sair machucada, não sabe com quem está lidando.

— Eles também não — insisto — Estão em desvantagem, pois não sabem que desconfiamos de algo. Uma hora ou outra vão dar um passo em falso aí...

— Como você é teimosa! — diz Paige, irritada — Pelo menos converse com Neil sobre isso.

Vou para casa ainda sem saber como abordar o assunto. Quando disser a ele que Konrad e Sophia são amigos de longa data ficará maluco. Preciso encontrar alguma forma de convencê-lo de que não corro perigo. Acredito mais que Konrad possa ser mais uma peça nas armações de Sophia do que outra coisa. Talvez eu possa usá-lo para chegar até ela, descobrir o que trama.

Ao chegar, encontro Neil e Peter no bar tomando um drinque, pelas caras percebo que não estavam falando sobre algo agradável.

— Como vai Peter? — pergunto, antes de me dirigir até Neil e dar um beijo em seus lábios.

— Estou bem.

— Pensei que iria chegar mais tarde querido?

— Mudanças de planos — murmura Neil e me encara de um jeito estranho — Onde esteve? Já passam das sete horas.

— Fui até o apartamento da Paige.

— Avise-me quando mudar o percurso — murmura, irritado.

— Eu não tenho que dizer cada passo meu Neil — afasto-me dele contrariada.

— Não foi um acidente — ele diz, ignorando meu desabafo.

— O que disse? — pergunto, confusa.

— O dia em que ele saiu do hospital — Peter começa — Não foi um acidente. O freio do carro de Neil foi adulterado.

Minhas pernas sedem, Neil agarra minha cintura impedindo que eu desabe. Então ele não havia perdido o controle do carro? Simplesmente o freio não havia funcionado. Alguém está querendo muito mais do que feri-lo, querem matá-lo.

— Você tem certeza disso? — pergunto, num fio de voz.

— Não foi fácil identificar o problema — Peter responde como se tentasse se desculpar — Foi um trabalho de profissional, apesar do carro ter sido completamente destruído minha equipe conseguiu descobriu o erro.

Destruído? Eu nunca quis saber como o carro havia ficado. Na época meu interesse era vê-lo seguro e recuperado. Ao imaginar a cena sinto-me zonza. Alguém quer matá-lo e por pouco não tiveram sucesso. Mais do que nunca eu preciso descobrir quem está fazendo isso. Cada vez mais tenho certeza de que Sophia está metida nisso. Várias vezes ela havia ameaçado matá-lo se eu não ficasse longe dele.

— Sophia tem algo a ver com isso — sento-me no sofá tentando me recuperar.

— Não acredito — Peter descarta a ideia — Sophia é louca, mas também é totalmente estúpida.

— Ou se faz — murmuro mordaz — Vocês homens, subestimam demais as mulheres.

Eles se encaram como se refletissem e levassem minha suspeita em consideração. Esses dois têm que entender que descartar Sophia é idiotice.

— Talvez Jenny tenha razão — diz Peter.

— O detetive é você, descubra — murmura Neil, voltando a olhar para mim. – De qualquer forma, preciso saber onde está, para onde você vai, sempre!

— Está bem.

Sei quando é hora de agir com teimosia ou quando devo ser cautelosa. Não posso deixá-lo louco de preocupação.

— Há algo que preciso dizer— olho de um para o outro, ainda estou incerta de como contar — Lembra-se daquele homem em Dubai? O meu amigo?

— O impertinente que deu em cima de você? — pergunta Neil, contrariado.

— Não estava dando em cima de mim — tento colocar panos quentes — Estávamos apenas conversando.

— Não foi o que me pareceu — insiste ele enciumado — Eu havia esquecido, mas tem algo sobre ele que preciso dizer...

— Eu já sei que ele e Sophia são amigos — interrompo-o — Konrad é o meu chefe e...

— O que? — urra ele furioso — Vai sair desse emprego!

— Já conversamos sobre isso Neil — levanto-me pronta para enfrentá-lo — Mais do que nunca preciso estar lá agora. Se Sophia está usando-o contra nós eu posso descobrir...

— Não, você não vai! — Neil segura meus braços — Esse desgraçado fez parte dos jogos de Nathan tanto quanto eu e Sophia. Não vou deixar você perto dele.

Merda! Merda! Merda!

As coisas se complicam a cada minuto. Konrad conhece Sophia a mais tempo do que me disse. Assim como conhece Neil. Por que ele não havia falado sobre isso? Até onde ele está envolvido? São coincidências demais para não se levar em conta.

— Agora mais do que nunca precisamos descobrir o que está acontecendo — murmuro tentando fazer com que ele compreenda.

— Porra Jennifer! — grita, angustiado — Pare com isso!

— Acho que ela tem razão Neil — Peter me apoia — Talvez consiga descobrir algo.

— Vá se foder Peter — Neil parece transtornado — Já disse que não! Isso é um assunto encerrado.

Que inferno de homem controlador e possessivo. Será que não vê que o mesmo risco que corro é o dele?

— Eu prometi que teria cuidado, vou cumprir isso — seguro seu rosto com as duas mãos — Não peça para sair porque eu não vou. Não quando isso significa sua segurança tanto quanto a minha.

O clima na sala está cheio de energia e tensão. Entendo seus motivos por estar preocupado, mas os meus são tão importantes quanto os deles. Jamais conseguiria ficar presa dentro de casa enquanto sei que a ameaça ronda-o a cada segundo. Eu simplesmente ficaria louca.

— Convença-o de alguma forma Peter — digo antes de seguir para o quarto — Não vou mudar de opinião.

Entro no quarto, vou direto para o banheiro, preciso de um banho urgente. Minha mente e corpo estão carregados de tensão. Fecho os olhos, deixo a água escorrer pelo meu rosto. O barulho da porta do box faz-me abrir os olhos novamente. Neil está parado em frente a mim, o terno em suas mãos, em seu rosto um olhar angustiado. Sinto-me culpada em saber que grande parte disso é

causada por mim, mas não há o que fazer. Observo-o jogar o terno em um canto, ele tira o restante das roupas sem desviar o olhar de mim.

Seu corpo nu me deixa excitada imediatamente. Levo a mão até meus seios, não importa o que aconteça entre nós, essa química sempre falará mais alto.

Neil entra debaixo do chuveiro e me beija com ardor, comprimindo meus lábios de um jeito possessivo, quase dolorido, apaixonado demais para que esse detalhe seja levado em conta. Pele contra pele, nossos corpos se enroscam desesperadamente. Ele segura minha bunda, pressiona-me contra ele. Sua ereção contra mim, dizendo-me o quanto está excitado, ansioso. Em um movimento rápido ergue-me pelas coxas, encaixando minhas pernas em volta de sua cintura. Pressiona-me contra a parede fria e me penetra em uma única investida. Ouço o soluço sair de minha garganta ao senti-lo entrando fundo dentro de mim, beija meus lábios e espera meu corpo se acomodar a seu membro pulsante. O contraste entre a água quente e parede fria fazem minha pele arrepiar, intensificando as sensações pelo meu corpo.

— Você é minha! — sussurra ele, contra meus lábios — Somente minha! — Neil inicia um vai e vem dentro de mim sem nunca sair completamente. Uma arremetida mais profunda que outra — Nunca se esqueça disso.

—Hum hum — é tudo que consigo dizer em meio as sensações vertiginosas.

Seus lábios deslizam pelo meu pescoço, ele crava seus dentes levemente em meus ombros, como se quisesse me marcar de alguma forma. A imagem parece primitiva, mas ao mesmo tempo é erótica. A cada investida eu me perco um pouco mais, entrego mais de mim mesma a ele. Eu sou dele, sempre fui, isso nunca mudaria.

Capítulo 15

O paraíso é estar em seus braços. Meu porto seguro, lugar onde desejo voltar todos os dias.

— Amor não faça isso — Neil apoia a cabeça em meus seios — É muito perigoso.

Acaricio seus cabelos como uma mãe faz ao filho.

— Neil...

Não quero estragar nosso momento de paz e felicidade.

— Nunca conheci uma mulher que me frustre tanto como você faz Jennifer — ele brinca com uma mexa de meus cabelos.

— E eu nunca conheci um homem mais mandão e teimoso.

Naquele instante eu me lembro de algo que me preocupou por algum tempo. O último segredo pairando entre nós.

— Você não me contou ainda sobre Samantha, eu tive receio de perguntar — respiro fundo antes de realizar a pergunta mais importante de minha vida — Você a amava?

— Não, eu nunca a vi de perto ou se eu vi não prestei muita atenção — sua voz soa sincera — Talvez eu possa ter trocado algumas palavras em algum momento, mas nada sem importância. Jennifer, eu tinha outras coisas em minha cabeça, como a culpa pela morte da irmã de Willian e o quanto eu odiava o Nathan.

Ele não está mentindo, alguma coisa em relação a essa história é nebulosa. Por que Lilian culpa Samantha pela morte de Nathan direcionando esse ódio a mim? Qual o envolvimento de Sophia em tudo isso? E o que realmente aconteceu entre eles? Essas são respostas que talvez eu nunca tenha.

— Sua mãe odeia a Samantha, a culpa pela morte de Nathan. Sabe alguma coisa sobre isso? Eu não entendo. Samantha já estava morta quando o acidente aconteceu.

— Acredito que não seja o acidente em si. Nathan havia mudado bastante, parecia diferente — ele diz — Se quiser eu posso conversar com Lilian sobre isso.

Deixar o passado no esquecimento ou procurar as respostas e pôr um fim a tudo isso?

— Eu gostaria muito. A memória de minha irmã não pode ser manchada — digo com convicção —Sophia deve ter as respostas.

— Quero que mantenha distância dela, Jennifer — ele diz — Prometa isso.

— Eu não vou procurá-la — suspiro — Mas se a oportunidade surgir...

— Não fará nada! Sabe que Sophia não é uma pessoa equilibrada. Fique longe dela.

Ele está preocupado. Não posso pressioná-lo mais do que já estou fazendo, então concordo.

— Está bem, eu prometo — faço cruz com os dedos para aliviar a tensão — Não vou procurar a Sophia. Promessa de escoteiro.

— Eu a amo mais que tudo na vida, não suportaria se algo acontecer a você.

De todas as coisas ditas nessa noite, essa é a que mais me importa. Seu amor por mim, isso é o que me dá coragem em continuar.

≈≈≈

Acordo mais cedo do que de costume, me visto de forma automática, minha cabeça está muito longe. Penso em como farei para que Konrad me dê algumas respostas, preciso sondá-lo de uma forma que não levante suspeita.

— Eu estava guardando para o natal — Neil me olha através do espelho — Mas com os últimos acontecimentos resolvi antecipar.

Olho para caixa com embrulho dourado em suas mãos. É grande demais para ser um anel. Ainda não perguntei sobre isso, também não quero parecer ansiosa.

— O que é?

— Abra — ele alisa meus ombros.

Um celular novo, pelo visto de última geração. É todo branco com detalhes em prata. Neil liga o celular mostrando a função de cada item.

— Esse aplicativo permite que faça chamadas de vídeo. Quero que me ligue a cada duas horas. Preciso ter certeza de que está bem. Se não fizer isso eu saio de onde estiver eu vou até você.

— Não pode ser antes e depois do almoço? As coisas na produtora às vezes ficam agitadas.

— Encontre um jeito — diz ele, categórico — Peça para ir ao banheiro. Vá tomar café, qualquer coisa. Apenas ligue.

— Certo. Eu vou encontrar uma maneira — prefiro não contrariá-lo no momento — Agora vamos, quero tomar café com Anne antes que vá para escola.

Nós três juntos para o café da manhã, sem preocupações ou medo. Um quadro perfeito para minha vida.

Após o café, Neil insisti em me levar para o trabalho, na verdade eu fiquei feliz, por mim faríamos isso todos os dias. Adoraria começar e terminar o dia com ele.

— Cuide-se — diz ele, entre meus lábios, antes que eu saia do carro — Não se esqueça de ligar.

— Sim senhor.

— Eu adoro quando é obediente assim.

Minhas bochechas queimam com o que ele diz. A obediência a qual se refere é sobre a noite anterior, as coisas que permiti que fizesse comigo durante o sexo, como amarra-me à cama, de olhos vendados. Nunca o vi tão exigente e apaixonado. Dou uma piscadela para ele e entro no prédio.

Cumprimento algumas pessoas durante o caminho até minha sala. Esbarro em Sarah que agradece-me por ter lidado com Nicole. Diz que sente muito pelo o que a modelo havia feito comigo e por ter me colocado naquela situação. Garanto à ela que está tudo bem e que deve ficar tranquila.

Assim que abro a porta encontro Konrad sentado em minha mesa.

— Bom dia — ele sorri.

— Bom dia— respondo sem retribuir o sorriso — Precisa de algo urgente?

Estou meia hora adiantada, então não vejo razão para que ele esteja em minha sala tão cedo. A menos que esteja procurando alguma coisa.

— Não, eu cheguei um pouco mais cedo e resolvi encontrá-la aqui.

O natural não seria me aguardar na sala dele? Olho em volta à procura de algo suspeito, mas tudo parece normal.

— Queria me desculpar por ontem — Konrad levanta-se e vem até mim — Não quero nenhum clima desconfortável entre nós dois.

Afasto-me dele com a desculpa de guardar minha bolsa.

— Claro. Por mim já está esquecido.

— Muito bem. Então, espero-a na minha sala para finalizarmos o assunto de ontem.

Assim que ele sai, eu desabo na cadeira. Tenho que admitir que eu esteja mais tensa e nervosa do que havia pensado. Já não me sinto tão confortável ao lado dele. No fundo, nunca me senti assim, sempre tive receio de ficar próxima à ele, agora sei que minhas suspeitas não eram infundadas. Apesar da tensão em tentar mascarar todos os meus sentimentos, a manhã foi tranquila. Uma forte azia queima meu estômago, acho que é devido ao nervosismo, sinto-me enjoada o tempo todo. Ausentei-me três vezes para lavar o rosto, ligar para Neil e garantir que estou bem.

— Já está na hora do almoço — aviso à Konrad — Será que posso sair agora? Combinei de almoçar com uma amiga, no shopping aqui perto.

— Claro. Pode fazer uma hora a mais se quiser. Eu tenho que resolver algumas coisas na cidade, talvez eu não volte.

Konrad passa-me às últimas informações sobre a campanha, saio aliviada por não ter que lidar com ele pelo o resto da tarde.

Envio uma mensagem para Paige avisando que já estou chegando. Ando pelo

shopping observando as vitrines das lojas, enquanto a aguardo. Paro em frente a uma farmácia, resolvo entrar para comprar algo para aliviar meu estômago.

— Penélope?

A jovem loira encara-me com olhar assustado. O que ela faz aqui se há muitas drogarias perto do seu trabalho? Na verdade até vi uma no prédio.

— Como vai Jenny? — ela parece nervosa. Percebo quando leva a sacola que carrega para trás das costas. O que Penélope está tentando esconder de mim? Estaria com alguma doença grave e não quer que Neil saiba sobre isso? Mas isso é um absurdo, se está com algum problema é nosso dever tentar ajudá-la.

— Você está bem?

— Sim. Eu... — Penélope gagueja sem me encarar — Meu shampoo acabou e eu só encontro essa marca aqui.

Sério? Ela virá mesmo com uma desculpa esfarrapada como essa?

— Senhorita — uma vendedora se aproxima de nós — Esqueceu do seu teste de gravidez. Os outros são bons, mas esse é um dos melhores.

— Ah... — Penélope pigarreia pegando a embalagem — Minha amiga vai gostar de saber sobre isso.

Teste de gravidez?

— Eu tenho que ir Jenny, foi bom rever você.

— Espere Penélope eu...

Ela sai em disparada, deixando-me abismada e surpresa. Penélope está ou acha que está gravida, pois aquela história de shampoo e sobre a tal amiga não me convenceu.

No entanto, o que me deixou completamente desnorteada, foi um pensamento que invadiu a minha mente.

— Você tem outro teste como aquele? — pergunto à vendedora ao meu lado.

— Sim. Acompanhe-me.

Vinte minutos depois coloco a embalagem em cima da mesa em frente à Paige. Meu corpo treme como vara verde.

— O que é isso? — ela arregala os olhos para mim.

Desabo na cadeira, minhas pernas já não conseguem me sustentar sozinhas.

— Acho que estou grávida.

— Oh meu Deus! — Paige pega a embalagem e me encara — Você tem certeza?

Encaro-a com desespero, começo a pontuar com os dedos:

— Desmaiei duas vezes, tenho alterações de humor, sinto náuseas e minha menstruação ainda não veio.

— Quanto tempo?

— Acho que quase dois meses — respondo, ainda zonza com tudo isso.

— Dois meses? — Paige praticamente grita — Dois meses sem menstruação e só desconfiou agora?

— O que eu posso dizer? Nunca fui muito preocupada com isso — tento me justificar — Eu nunca tive cólica, seria muito injusto que além de cega sofresse com cólicas menstruais. E todas essas coisas acontecendo em minha vida. Não pensei sobre isso.

— Sua vida não tem sido fácil, realmente — ela segura minhas mãos — Lilian, Sophia, a amnésia, Anne e agora esse homem mascarado. Não sei como consegue suportar tudo isso Jenny.

— O que vou fazer? — pergunto, angustiada.

— Primeiro vamos comer — ela sorri — Depois, faremos o teste.

Eu não preciso de um teste para ter certeza sobre isso. Estou grávida e apavorada com a ideia.

≈≈≈

— Então qual o resultado? — pergunta Paige, através da porta fechada do banheiro do shopping.

Eu queria ter esperado chegar em casa para realizar o teste, mas minha amiga é ansiosa demais.

— Jenny, por favor!

Encaro o teste em minha mão como se fosse uma bomba à explodir a qualquer momento.

— O que diz na embalagem? — pergunto com aflição.

— Uma faixa azul, negativo, duas faixas azuis, positivo.

Abro a porta e me apoio na parede. Entrego o exame para que Paige obtenha sua resposta.

— Eu não acredito! — Paige começa a gritar e pular pelo banheiro — Você está grávida!

— O que eu faço agora?

— Conte ao pai do seu filho — ela me encara confusa — Não está feliz?

— Eu não sei — murmuro — Estou confusa. Esse não é o melhor momento para essa criança.

— Isso é bobagem — Paige me abraça — Esse bebê à fará muito feliz. Isso é um bom sinal. Além de amor entre vocês dois, você e Neil terão algo que os ligarão para sempre.

— Será que serei boa mãe?

— Acho que nasceu para isso — ela sorri — Pela forma que ama e cuida de Anne. Será a melhor mãe do mundo.

≈≈≈

Volto para o escritório ainda abalada, tento me concentrar no trabalho, em vão. Será que Neil ficará feliz com a notícia? Nós nem estamos casados ainda, a culpa é totalmente minha, devo admitir. Se não fosse tão teimosa, nada disso estaria acontecendo.

Chego à casa um pouco mais calma. A ideia de ser mãe está cada vez mais forte em minha mente e coração. Talvez não seja o momento certo, mas eu já amo essa criança.

Vejo o carro de Neil estacionado na garagem, fico feliz que já esteja em casa. Havia ligado na última hora, mas ele não havia atendido. Com certeza estava preso em alguma reunião importante, então enviei apenas uma mensagem de texto dizendo que estava bem e que estava indo para casa. Mal consigo esperar para dar a notícia a ele.

Encontro-o sentado no sofá, olhando fixamente para um envelope branco em suas mãos.

— Neil...?

Seu olhar cruza o meu de forma fria.

— Aconteceu alguma coisa? — pergunto, preocupada.

Ele vem até a mim, entrega-me o envelope branco.

— Responda você — vejo-o caminhar até a janela e olhar através dela.

Abro o envelope, retiro algumas fotos de dentro. Há várias delas, em todas, apareço ao lado de Konrad.

A primeira vez que nos encontramos na livraria, o dia que fui ao shopping comprar os presentes para a sobrinha dele. Parecemos muito íntimos e felizes. Em uma delas os lábios dele tocam o canto da minha boca de forma carinhosa. Para qualquer um, pareceria um casal apaixonado, se não fossem fotos mentirosas.

Por isso ele teve um compromisso importante essa tarde. Com certeza foi ajudar Sophia com essa sujeira. Atiro às fotos em cima da mesa, como se queimassem minha pele. O objetivo delas é claro, insinuar que Konrad e eu temos algum tipo de relacionamento.

— Você acreditou nisso? — pergunto a Neil, com a respiração suspensa.

— Está atraída por ele? — Neil se aproxima de mim com olhar colérico — Por isso não quis sair desse maldito emprego?

— Não... — sussurro, angustiada — Sabe que não é assim.

Neil me segura pelos braços como sempre faz quando está alterado.

— Pensei que fosse diferente Jennifer, mas é igual a todas elas — me solta e afasta-se de mim.

— Não! — agarro seu braço puxando-o de volta — Não vai fugir. Precisa me

escutar. Neil você sabe que isso é mentira!

Ele não pode me acusar dessa maneira, não quando sabe que há o dedo de Konrad e Sophia.

— Essas fotos não parecem mentira — volta para onde estou e me encurrala contra à parede — Quando foram tiradas? Se ele tocou em você, eu juro que...

— Nada aconteceu Neil! — seguro seu rosto, obrigando-o a me encarar — Sabe que é uma armação de Sophia.

Eu vejo a dor e desespero em seu olhar.

— Neil isso não é justo — murmuro, com lágrimas nos olhos — Não é justo comigo, com você e com nosso filho.

— O que Anne tem a ver com isso?

— Não estou falando de Anne.

Pego sua mão, deposito em meu ventre. Não é dessa forma que desejei contar à ele. Mas, preciso de algo que o tire desse estado transtornado. Neil desvia os olhos dos meus e fixa-os em meu ventre.

— O que está dizendo?

Seguro sua mão fria levando-a até meu rosto. Às lagrimas, agora descem abundantes.

— Estou grávida — sussurro.

Por alguns segundos, ele apenas observa-me, estático. Fico trêmula ao vê-lo ajoelhar em frente à mim, suas mãos levantam a barra de minha blusa, acariciando meu ventre. A forma carinhosa e a reverência que ele me toca, fazem as lágrimas deslizarem por meus olhos.

— Meu filho? — ele me encara com os olhos marejados — Nosso bebê?

— Sim.

— Perdoe-me — Neil esconde o rosto em meu ventre. Observo seus ombros sacudirem em um choro silencioso.

Ajoelho-me junto à ele. Eu não consigo presenciar seu sofrimento.

— Eu não tenho que perdoar nada — seco às lágrimas com carinho — Se fosse fotos suas com Milla ou qualquer outra mulher eu ficaria maluca também. Não vamos permitir que nada e ninguém consiga nos separar. Mais do que nunca, precisamos permanecer juntos.

— Eu não vou permitir isso — ele me beija — Amo você Jennifer. Por isso, às vezes sou tão idiota.

— Também amo você — sussurro entre seus lábios.

Suas mãos deslizam pelo meu corpo livrando-me de minhas roupas.

— Neil... — gemo ao sentir suas mãos em meus seios — Estamos na sala. Alguém pode entrar.

— Não há ninguém em casa — ele arranca à própria camisa — Pedi que

todos saíssem, Anne foi ao mercado com Geórgia.

— Devem voltar logo — sussurro, quando ele tira minha saia e joga sobre o sofá — Vamos para o quarto.

— Então temos que ser rápidos — ele se ajoelha e livra-me da calcinha, apoia as costas contra o sofá, puxando-me para ele — Não posso esperar Jennifer.

Ele desliza para dentro de mim lentamente, seu olhar fixo no meu. A sensação é deliciosa. Começo a me movimentar de cima para baixo sentindo-o cada vez mais profundo dentro de mim, seu membro engrossando, cada vez mais duro, as mãos firmes em minha cintura, possuindo-me com mais força e velocidade.

— Jennifer — Neil geme, meu nome — Porra bebê!

— Eu sei — soluço de prazer — É muito bom...

≈≈≈

Mais tarde, já em nosso quarto, meu encontro com Penélope me vem à cabeça.

— Neil, o que há entre Adam e Penélope?

Se ela estiver grávida tenho certeza que esse filho é de Adam. Penélope não parece ser o tipo que se envolve com dois homens ao mesmo tempo. É óbvio para qualquer um que ela é apaixonada por Adam.

— Acho que se sentem atraídos — responde ele, alisando meus cabelos — Adam está traumatizado em relação ao amor. Acho que tem medo de se envolver com ela e se magoar de novo.

— Como assim? — sento-me de frente a ele, para observá-lo melhor.

— Adam teve uma namorada durante a faculdade. Ela ficou grávida... Os dois morreram em um acidente de carro.

— Meu Deus! — meus olhos voltam a ficar marejados.

— Não vamos pensar em histórias tristes — Ele me puxa de volta para seus braços — Se for o destino deles ficarem juntos, isso acontecerá uma hora ou outra.

Eu gostaria de contar a ele sobre minhas suspeitas, mas o assunto diz respeito à Penélope e, além disso, ainda não tenho certeza de nada.

— Jennifer?

— Humm... — digo, sonolenta.

— Agora você vai sair do emprego não é?

Às palavras despertam-me, ainda não havia pensado sobre isso. As coisas mudaram drasticamente agora. Não posso pensar só em mim, em minhas necessidades, jamais colocaria a vida do meu filho em risco.

— É isso o que você quer?

— É isso que espero que faça.

— Está bem. Eu vou sair.

A felicidade e alívio que vejo em seu rosto compensa toda a frustração e sentimento de impotência que há em mim. Eu só quero paz e tranquilidade para esse bebezinho que cresce dentro de mim.

— Amanhã iremos ao médico — ele me beija — A gestação às vezes pode ser problemática e...

— Neil! — afasto-me um pouco dele — Eu não sou a Sophia, nada vai acontecer ao nosso filho, prometo.

≈≈≈

Embora Neil queira enfrentar Konrad, eu quis fazer isso sozinha. Se Sophia estivesse ali seria perfeito. Eu quero que saibam que não sou nenhuma dama indefesa, vou brigar para proteger minha família, agora mais do que nunca.

— O que significa isso? — Jogo as fotos na mesa assim que eu entro na sala dele.

Konrad encara as fotos com olhar impassível. A cada foto a expressão é a mesma.

— Eu não sei — ele balança a cabeça.

— Por que não me disse que conhecia Neil, Nathan e Sophia há muito mais tempo?

— Então sabe sobre isso?

— Por que me escondeu isso Konrad?

— Não sabia que Neil era seu noivo até vê-lo em Dubai. Como ele não me reconheceu, preferi deixa as coisas como estavam. Afinal, eu não sabia o que você sabia sobre nosso passado, não é uma coisa que me deixa confortável.

— Eu não posso continuar trabalhando aqui — declaro — Não depois disso.

— Isso faz parte do passado Jenny — Konrad murmura, seco — Se aceitou de Neil por que está me julgando?

— Não é por isso que vou embora — murmuro — É pelas fotos, não tente negar que não tem nada a ver com isso. Além disso, estou grávida. Eu não confio mais em você e meu filho é mais importante para mim.

— Você está grávida?! — Konrad me encara, com um olhar frio — Isso muda muita coisa.

— Diga a Sophia para nos deixar em paz. Ou eu mesmo vou até a polícia denunciá-la.

— Sophia? — ele finge confusão. — O que ela tem a ver com isso?

Fingimento, pois já não acredito em seu ar inocente Eu não vou cair naquele ar de bom moço.

— Você sabe muito bem. Obrigada por tudo, de qualquer maneira. Foi bom trabalhar aqui, mesmo que por pouco tempo.

— Se é o que quer, então vá — ele diz, de forma brusca — Tenha muito cuidado com o que está procurando, pode sair machucada.

— Isso é uma ameaça Konrad?

— Um aviso.

— Pois aqui vai meu aviso — inclino-me sobre a mesa e encaro-o nos olhos — Fique longe da minha família!

— Não sei do que está falando — diz ele, cinicamente.

Estou cansada de seus joguinhos e palavras veladas. Eu dei o meu recado, espero para o bem dele, que tenha entendido.

Ao sair da sala sinto-me aliviada.

Chego ao escritório de Neil meia hora depois. Preferi encontrar com ele aqui para ter uma oportunidade de conversar com Penélope, mas para minha decepção, Aline, a assistente, me informa que ela pediu alguns dias de férias alegando problemas familiares.

Vou para o escritório, encontro Neil ao telefone. Ele me faz sinal para que me aproxime, abraça-me, colocando-me em seu colo.

— Como foi? — ele se refere ao meu encontro com Konrad.

— Excluindo o fato de que eu falei mais do que devia, ocorreu tudo bem, mas com certeza agora eles sabem que desconfiamos deles.

— Talvez seja melhor que saibam mesmo — diz ele, pousando a mão em meu ventre — Vou redobrar a segurança em torno de vocês e de Anne.

Acho linda a forma que ele trata o bebê. Apesar de não gostar muito da ideia sobre os seguranças, aceito de bom grado. Farei qualquer coisa para protegê-lo. É impressionante como os instintos de loba já me dominam.

— Quando Penélope volta? — resolvo mudar de assunto.

— Eu não sei — diz ele — Penélope é uma ótima secretária, disse que poderia se ausentar o quanto precisasse. Mas, se precisa de algo, Aline pode ajudar você.

— Não, apenas queria conversar com ela.

Duas horas depois, estamos na sala de espera do consultório de uma obstetra recomendada pela irmã de Adam. Esperamos o resultado do exame de sangue.

A recepcionista informa que podemos entrar novamente e que a médica já está com o resultado em mãos.

— Acho que eu devo parabenizá-los — a Dra. Moore sorri para mim — É seu primeiro filho?

— Sim — respondo, emocionada.

A certeza de que estou mesmo grávida deixa-me flutuando.

— Quais os cuidados nós precisamos ter doutora? — pergunta Neil, ansioso.

— Jennifer está com oito semanas de gestação. Os três primeiros meses são os mais delicados Sr. Durant — a médica responde — Já que a maior parte dos abortos espontâneos acontece nas 14 semanas iniciais, o ideal é que os cuidados com a gravidez comecem assim que confirmado.

— Pedirei alguns exames de rotina — continua ela — Durante a gestação monitoraremos questões como doenças crônicas, obesidade, diabetes, hipertensão, faremos uma análise de sua condição geral de saúde e dos cuidados específicos a serem adotados.

Neil aperta forte a minha mão, teme que os mesmos problemas enfrentados por Sophia, me aflijam. Mas, eu não levo uma vida irresponsável. Se Deus quiser nosso bebê irá nascer bem, saudável e se isso não acontecer o amarei da mesma forma.

— Não fiquem com essas caras de pânico — a médica ri — Tudo que eu disse é um procedimento que todas as gestantes passam. O filho de vocês será lindo como os pais.

— Doutora, minha noiva era cega até pouco tempo — Neil informa — Acha que há algum perigo para ela e o bebê?

Eu não havia pensado sobre isso. Havia me esquecido que era cega com a mesma facilidade com que me adaptei a cegueira.

— Você nasceu cega?

— Não, eu tive um acidente aos quinze anos.

— Então, não vejo problema algum, já que não é hereditário. Mais alguma dúvida?

Eu não tenho, só o que me importa é saber que tudo ocorrerá bem durante a gestação. No entanto, Neil tinha uma lista tão gigantesca de dúvidas, que fico abismada pela médica não tê-lo expulsado uma hora depois.

— Você tem um telefone para que eu possa ligar sempre que uma dúvida surgir? —pergunta Neil, assim que nos levantamos para sair.

— Claro, ia fazer isso em seguida — Dra. Moore entrega o cartão para ele e sorri para mim.

— Não acredito que você fez isso Neil! — resmungo assim que saímos do prédio.

— O que eu fiz? — ele me encara com olhar inocente.

— Não só alugou a médica por mais de uma hora, como pediu o telefone dela. Está proibido de ligar se a questão não for realmente importante, se todos os pais forem exigentes como você, a pobre não deve ter vida pessoal.

— Todas as minhas perguntas foram importantes Jennifer — diz ele, emburrado.

— E desde quando, perguntar se eu deixar de comer algo que eu deseje, é importante?

Por alguns segundos, ele parece envergonhado com a lógica da questão.

— Eu vi algumas coisas na internet — abre a porta do carro para que eu entre.

— Quando fez isso? — pergunto, confusa.

— Essa madrugada, enquanto dormia.

— Passou a madruga pesquisando coisas na internet?

Caio em uma crise de riso incontrolável. Por isso, ele havia feito tantas perguntas absurdas como aquela. E eu já posso imaginar como será essa gravidez. Que Deus me ajude.

Capítulo 16

Aguardamos Anne chegar da escola. Estou ansiosa para contar a ela sobre o bebê. Não sei qual será sua reação depois das coisas venenosas que Sophia havia dito. Mesmo que nosso relacionamento esteja ótimo, preciso lidar com ela com cuidado redobrado.

— Não fique nervosa — Neil me encara desesperado, ao me ver andado de um lado a outro na sala — Não fará bem ao bebê.

— Essa será sua frase preferida durante os últimos sete meses, não é? — sorrio para ele — Será que Anne vai ficar feliz?

— Eu tenho certeza que sim.

Ouvimos um barulho de carro se aproximando. Sento-me ao lado dele no sofá, agarro sua mão em busca de apoio.

— Já chegaram! — Anne corre para o colo de Neil — Que caras são essas? Eu não fiz nada!

— Você não fez — Neil belisca o nariz dela — Temos algo importante para contar para você.

— É uma coisa boa papai?

— Muito, espero que fique muito feliz. Nós já conversamos sobre isso antes...

— Jenny vai ter um bebê? — diz Anne, em voz alta.

— Você é muito esperta — Neil faz cócegas na barriga dela.

— Para papai...

Olho para os dois, imagino como será quando o beber nascer e estiver entre nós.

— Está feliz Anne? — pergunto, emocionada.

— Muito, eu sempre quis uma irmãzinha.

— Mas pode ser um menino — digo, preocupada.

Ela me encara por alguns segundos considerando o que acabei de dizer.

— Acho que vou gostar também.

— Eu prefiro que seja menino — Neil sorri para nós.

— Para jogar futebol com ele? — pergunta Anne.

— Não — Ele pisca para nós duas — Porque, eu ficaria louco com outra menina para cuidar. Outro garoto irá me ajudar a manter vocês duas na linha.

— Meu Deus, Anne! — arregalo os olhos para ela — Já imaginou um Neil em miniatura?

— Oh, oh. Eu acho que não vamos gostar disso não.

Nos três caímos no riso imediatamente.

Após colocarmos Anne na cama, ficamos aconchegados no sofá, ouvindo música e curtindo um pouco mais da lareira. Eu gostaria de uma taça de vinho para incrementar o clima romântico, mas só de tocar no assunto, mesmo de brincadeira, Neil havia ditado uma guerra.

— Agora temos que apressar o casamento — Neil acaricia minha barriga por baixo das cobertas.

— Eu pensei que só as mulheres fossem desesperadas com o casamento — provoco-o — Desde que nos conhecemos, seu único desejo é me levar ao altar.

— Só quero que seja minha para sempre.

— Isso eu já sou, seu bobo — murmuro.

— Paige sugeriu um casamento duplo — ele beija meu pescoço do jeito que sempre faz, quando quer me convencer de algo — O que acha disso?

— Não — Ergo o rosto dele, em busca de um novo beijo.

— Não? — Neil geme em meus lábios — Por que não?

— Por que esse é um dia especial para Paige. Além disso, eu quero um casamento simples, apenas com nossos amigos. Acho que a casa do lago é perfeita para isso.

— Você me surpreende a cada dia — ele murmura — Mas, eu gostei da ideia. Apenas nossos amigos e as pessoas que amamos.

— Podemos nos casar depois do ano novo — sugiro animada.

— Por que não antes?

— Paige e Richard estarão em lua de mel e quero-os como nossos padrinhos e Liam também.

— Está bem. O segundo fim de semana depois do ano novo, nenhum dia a mais.

— Eu mal posso esperar por isso — silencio-o com um beijo que diz tudo o que sinto por ele.

≈≈≈

Ver minha melhor amiga, andando de um lado a outro na igreja, como se estivesse pronta a cometer um assassinato, dá-me a certeza que fiz o correto, ao optar por um casamento simples e tranquilo. Parece que Paige terá um surto a qualquer minuto.

— Eu juro que vou matar essa mulher!

— Tenha um pouco de paciência Paige — Richard tenta acalmá-la, sem sucesso — Eles devem estar chegando.

Outra vez Nicole atrasa o ensaio de casamento, fazendo com que Paige deseje esganá-la. Na última vez, Liam havia aparecido sozinho, alegando que ela havia ficado presa em um compromisso de trabalho.

— Eu não a quero mais. Liam fará par com outra pessoa.

— Como pretende que ele encontre outra pessoa, em apenas uma semana Paige? —pergunta Richard.

— Jenny pode pedir que Penélope a substitua — ela me olha com olhar de cachorrinho — Por favor!

Teria grande prazer em fazer isso, se eu conseguisse falar com ela. Penélope havia retornado há dois dias, mas evita-me como a uma praga. O que só edifica minha ideia de que, está mesmo grávida.

— Eu posso tentar — digo à Paige e encaro Neil à minha frente — Você tem o telefone dela?

— É só apertar o botão — ele me entrega o telefone, após buscar o número na agenda.

Dez minutos depois, ainda estou tentando convencer a receosa Penélope a substituir Nicole.

— Jenny eu não saberia o que fazer — diz ela, apreensiva.

— Só precisa entrar na igreja de braços dados com um homem lindo — brinco com ela.

— Adam será um dos padrinhos não é?

— Será sim — olho para onde está Adam — Acho que será uma ótima oportunidade de conversarem e se entenderem. Você tem algo importante a dizer não tem?

— Não sei do que está falando — ela desconversa — Não temos nada para falar um ao outro.

Prefiro não pressioná-la, por enquanto.

— Por favor, Penélope. Faça isso por mim. Paige está desesperada.

Estou fazendo chantagem emocional, eu sei, mas, essa festa será uma ótima oportunidade para unir os dois. Havia acontecido algo em Dubai para separá-los. No entanto, se haviam feito esse bebê, é porque eles têm sentimentos profundos um pelo outro.

— Está bem — Sussurra ela, derrotada — Farei isso por você e Paige.

— Ela ficará muito feliz — murmuro, agradecida — Nos encontramos amanhã para ajustar o vestido. Tudo bem?

— Sim — murmura ela — Até amanhã.

Desligo o telefone com um sorriso travesso.

— Por que eu tenho a sensação de que está aprontando alguma coisa? — Neil me abraça sorrindo, o mesmo sorriso torto, que sempre me deixa de pernas

bambas.

— Sou completamente inocente — digo, manhosa.

Alguns minutos depois, estamos prontos em nossos lugares, quando Liam aparece apressado e sozinho.

— Desculpe o atraso Paige — ele dá um beijo na bochecha dela — Mas tenho más notícias, Nicole precisou ir para Itália a negócios. Acho que não virá para o casamento.

— Não faz mal, eu nem a queria mais em meu casamento — Paige fulmina-o com o olhar — Penélope vai fazer par com você.

—Penélope? — Adam se aproxima de nós com a expressão carrancuda — Acho melhor Kathy fazer par com Liam e eu faço par com Penélope.

— Por que isso agora? — pergunta Paige, com olhar desconfiado.

—Adam tem razão — resolvo bancar o cúpido e ajudá-lo — Penélope conhece o Adam melhor que a Liam. Acho que ela ficará mais confortável. Visto que hoje é o último dia de ensaio, e ela não participou de nenhum, acho a mudança mais óbvia. Adam participou de tudo e pode auxiliá-la.

— Está bem — diz ela — Já que a noiva de Liam estragou tudo, não vejo outra solução.

— Sinto muito mesmo Paige — Liam parece muito constrangido, bem diferente do homem bem humorado e descontraído que eu conheço.

— A culpa não é sua por ter uma bruxa como noiva — Paige resmunga — Bem, na verdade é sim. Arranje outra noiva antes que essa o devore vivo.

— Paige! — repreendo-a.

— Não se preocupe Jenny — Liam intercede — Eu não sou idiota, conheço bem a Nicole, dessa vez ela foi longe demais.

— Eu preciso ir — diz Adam, parece-me um pouco ansioso —Acho que não sou mais necessário.

— Mas, Adam! —Paige protesta.

— Adeus Paige — diz ele, seguindo em direção à saída.

Eu posso estar errada, mas, tenho uma ligeira desconfiança de onde ele possa estar indo, só espero que ele não estrague tudo, fazendo Penélope mudar de ideia sobre o casamento.

≈≈≈

No dia seguinte, acordo com alguns gemidos. Neil está deitado de bruços ao meu lado, o rosto apoiado contra o travesseiro.

— Neil? — aliso seus cabelos com preocupação — O que você tem?

— Estou morrendo — ele volta a gemer.

Sento-me na cama, coberta de preocupação. Coloco minha a mão em sua testa

para verificar a temperatura. Aparentemente, está normal.

— O que você está sentindo?

— Meu estômago está em guerra comigo — ele volta gemer — Não há nada mais dentro de mim. Não vou conseguir trabalhar hoje.

Fico em estado de alerta, às únicas vezes que tinha se ausentado do trabalho, foi quando esteve com o gesso na perna, isso apenas nas primeiras semanas, mais por conta da amnésia, do que pela perna imobilizada. O estado dele deve ser realmente grave, para se recusar a trabalhar.

— Vamos ao médico — levanto-me e visto um robe preto de cetim.

— Eu não quero — resmunga ele — Deve ser apenas uma virose. Você precisa cuidar de mim.

Ele me puxa para perto dele, caio ao seu lado rindo. Seu jeito autoritário aflora ainda mais, sempre que está doente.

— Eu estou morrendo Jennifer — Neil volta a dizer, como um mártir.

Tenho vontade de rir com o espetáculo que ele está armando, mas decido evitar ferir sua masculinidade. Para mim, ele me parece um garotinho fazendo birra.

— Vou pedir que Geórgia prepare uma canja de galinha para você — afago seu rosto em agonia — Dizem que é ótimo.

— Mas volte logo — diz ele, antes de sair da cama e correr para o banheiro.

Uma hora depois, Neil volta a dormir, após comer metade da canja feita por Geórgia. Eu saio do quarto em silêncio e ligo para Paige.

— Você pode acompanhar Penélope na prova do vestido? — Peço à ela, constrangida — Sei que prometi que iria junto, mas Neil não acordou muito bem.

— Sem problemas — ela murmura — O que ele tem?

— Acordou vomitando, está dormindo agora.

— Deve ser uma virose — diz ela — Ele que não se atreva a fica doente na semana do meu casamento!

— Paige, coisas como essas não se controlam!

— Bem, ele não é o *Senhor Posso Tudo*?

Prefiro não responder. Sei que às vezes ele é controlador, autoritário, dono de si mesmo, mas, no momento, me parece um menino indefeso.

Conversamos por mais alguns minutos, volto para quarto para juntar-me a ele. Acordo três horas depois, enquanto Neil ainda dorme, tomo um longo banho, visto um vestido confortável, dou algumas borrifadas de meu perfume preferido. Encaro o espelho em busca de algum sinal da gravidez, mas ainda é imperceptível.

— Jennifer?

— Já vou querido — grito do banheiro.

Prendo o cabelo em um rabo de cavalo e volto para o quarto. Neil parece bem melhor. O aspecto doente havia sumido de seu rosto. Pulo na cama, jogando-me em seus braços.

— Como está?

— Acho que bem — ele beija meus lábios — Que cheiro é esse?

Neil me afasta gentilmente, com uma expressão de nojo.

— Meu perfume — digo, confusa — Você sempre gostou dele.

— Pois acho que está vencido — ele se afasta de mim e corre para o banheiro.

Cheiro meu pulso para ver se há algo diferente com a essência, parece nova. Antes verifico a embalagem, nada anormal, em seguida escuto barulho da descarga, logo após o chuveiro sendo ligado. Vinte minutos depois, ainda confusa e preocupada vejo-o sair e seguir até o closet.

— Aonde você vai? — pergunto ao vê-lo vestir a calça e camisa de trabalho.

— Já me sinto melhor, vou até o escritório.

Pulo da cama contrariada. O homem havia feito um verdadeiro drama há algumas horas, agora age como se nada tivesse acontecido.

— Você tem certeza? — verifico a temperatura dele novamente.

— Querida não use mais esse perfume — ele me afasta com gentileza e coloca o terno.

— Está bem — Concordo desolada. Esse é um dos meus perfumes preferidos. Aliás, um dos meus perfumes preferidos, porque era o dele também.

— Até mais tarde — Neil beijo minha testa e saia apressadamente.

Volto a ligar para Paige, aviso que irei me encontrar com elas para à prova do vestido.

≈≈≈

No terceiro dia, cansada das birras matinais de Neil e preocupada com a saúde dele, arrasto-o até o médico. Temo que esteja com alguma sequela, causada pelo acidente de carro.

— O que você tem Sr. Durant é chamado de Síndrome de Couvage ou, simplesmente, de *síndrome do homem grávido*. Essa inusitada manifestação orgânica ocorre quando o progenitor deseja muito a chegada do filho, acaba tendo seus anseios psicológicos refletidos no corpo — Dr. Bakley diz sorrindo — Por isso, nestes casos, sinais físicos e hormonais da gravidez passam a aparecer gradativamente nos integrantes do sexo masculino, causando desconforto e um inevitável estranhamento.

— Isso é ridículo! — diz, Neil bruscamente — Essa é a coisa mais absurda

que já ouvi!

— Sr. Durant, mesmo que esteja descrente, vale a pena saber que essa alteração, além de ser bastante comum, já foi comprovada cientificamente pelo psiquiatra britânico Trethowan, em 1960. Descobriu-se, também, que esse quadro não aparece em todos os futuros pais, mas, sim naqueles que estão psicologicamente mais sensíveis ou que se sentem inseguros quanto à paternidade — explica o médico.

— Eu já ouvi falar sobre isso doutor — murmuro, abismada — Mas nunca acreditei que fosse possível.

— É o primeiro filho de vocês não é? — Dr. Bakley pergunta.

— Sim — digo com um enorme sorriso — Neil já tem uma filha, que eu amo como minha, mas esse é nosso primeiro bebê juntos.

— Isso é realmente possível? — pergunta Neil, ainda incrédulo.

— Apesar de não ser tão conhecida, a síndrome está cada vez mais presente, principalmente pelas mudanças da sociedade atual, onde muitos homens exercem funções que, antigamente, eram atribuídas somente às mulheres, como trocar a fralda do bebê, dar-lhe a mamadeira e, com o passar do tempo, levá-lo à escolinha.

— O fato de vivenciarem de perto os sentimentos, indícios da gravidez, gera reações físicas e hormonais, parecidas com as das mulheres — o médico continua.

— E quanto tempo isso dura? — pergunta Neil, apavorado.

— Alguns pesquisadores constataram que geralmente inicia no estágio final da gravidez da mulher, a partir do sexto mês. Enjoos, desejos e alterações de humor são alguns dos mal-estares que os pais de primeira viagem podem sentir enquanto anseiam pela chegada do filho — ele coça o queixo — No seu caso, parece um pouco precoce. Você realmente deve desejar muito esse bebê.

Sinto-me emocionada às últimas palavras do médico. Eu anseio fervorosamente a chegada do meu bebê, mas, saber que Neil deseja mais ou tanto que eu, ao ponto de fazê-lo sentir alguns sintomas da gravidez, mexe com o meu estado emocional.

— A boa notícia é que os sintomas, assim como em todos os outros casos de gravidez, são passageiros. Em geral, os problemas enfrentados pelo futuro papai não pedem o uso de medicamentos, embora haja casos como o seu, em que o mais sensato, é ingerir as mesmas formulações que são receitadas inicialmente às mulheres grávidas.

— Oh Neil! — começo a chorar comovida — Estamos grávidos.

— Porra! — ele apoia a cabeça contra a mesa — Porra! Porra!

— Não se preocupe Sr. Durant. Para cada tipo de desconforto que possa vir a

sofrer, há uma medicação específica. Se o mal-estar for forte, a obstetra de sua noiva provavelmente receitará antieméticos e analgésicos — diz o médico, compadecido — Por isso, a orientação médica é sempre fundamental. Sugiro que entrem em contato com ela e peçam maiores esclarecimentos.

Após saírmos do consultório do Dr. Bakley, fomos ao consultório da Dra. Moore. Ela confirmou as informações que o médico havia dito, esclareceu algumas dúvidas que surgiram durante o percurso.

— Não se atreva a rir — Neil me encara emburrado, assim que entramos no carro.

— Eu não vou fazer isso — tusso para segurar o riso.

Em casa, foi praticamente impossível evitar que Geórgia e Anne não o enlouquecessem ao saber da notícia. Até mesmo Claire, tivera a ousadia de fazer graça com ele. O resultado foi um Neil furioso, emburrado indo para cama mais cedo e sem jantar.

Por volta das duas horas, sinto uma mão deslizar por minhas costas puxando-me pela cintura.

— Jennifer — Neil beija meus ombros — Eu quero você amor.

03h50min.

Sinto sua mão tocando meus seios, apertando-os levemente.

— Amor. Vem aqui — Neil me puxa para seus braços.

05h25min.

Durmo confortavelmente de bruços quando sinto-o virar-me, cobrindo-me com seu corpo.

— Querida... — sussurra Neil, entre meus lábios. Suas mãos tocam-me intimamente, de forma desesperada.

07h10min.

— Jennifer — Neil geme e me senta sobre ele.

— Neil... — gemo ainda languida pelo sono — Nós acabamos de...

— Só um pouquinho amor.

O que eu não sabia, é que esse só um pouquinho me deixaria baqueada por toda manhã. Eu praticamente hibernei por horas.

— Jenny — ouço a voz de Geórgia ao longe — A Srta. Fisher no telefone.

— Diga que ligo depois... — murmuro, voltando a dormir.

Levanto-me da cama por volta das três horas. Não sei o que deu em meu futuro marido, mas, a noite havia sido incrível. Desço para o almoço, devoro praticamente tudo que vejo pela frente. Meu apetite é assustador.

— Geórgia você esteve em meu quarto?

— Sim — ela me olha feliz, ao me ver provar um pouco de tudo o que havia feito — Paige ligou, como eu vi que estava muito cansada, disse que retornasse

depois.

Minhas bochechas queimam imediatamente, ao lembrar o motivo de meu cansaço físico.

— É natural nesse estágio da gravidez — Geórgia diz inocente.

— Acho que sim.

Paige me liga perto do anoitecer para me colocar a par dos últimos detalhes do casamento, conversamos alguns minutos, volto a cochilar no sofá. Eu havia me tornado uma preguiçosa declarada. Assim que Anne chega da escola, ajudo-a com a lição e brincamos um pouco na sala.

Por volta das sete, Neil chega, pede que eu o acompanhe até o quarto. Fico um pouco apreensiva e preocupada com o que ele tem a dizer, deixo Anne assistindo TV e sigo-o, apreensiva.

— Tira a roupa — diz ele, assim que fecho a porta.

— O que?

— Tire a roupa ou eu mesmo faço isso — Ele sorri, livrando-se da gravata, sapatos e camisa.

Eu não preciso de um novo convite, tiro o vestido rapidamente, em menos de dois minutos, estou sendo pressionada contra a parede.

— Porra bebê! — Neil geme enquanto me toma de forma apaixonada e possessiva — Desejei isso o dia inteiro.

Nossos gemidos e sussurros ecoando pelo quarto. Acabamos no chuveiro, no banho mais demorado da história.

Após o jantar ficamos com Anne assistindo TV. Na verdade Anne e a babá assistiram. Neil e eu voltamos para o quarto, com a desculpa de que eu não me sinto muito bem.

01h48min.

— Vamos brincar bebê? — Neil me acorda com beijinhos em meu pescoço.

04h07min.

— Humm... — gemo ao sentir sua língua dentro de mim — Neil!

07h00min.

— Amor... — Sua voz me desperta completamente.

≈≈≈

Outro dia, arrasto-me literalmente pelos cantos da casa, completamente sem energia, com a única vontade de permanecer na minha cama. Além, claro, de meu apetite voraz, que havia triplicado assustadoramente. Sexo e comida. Parece que minha vida havia se resumiu a isso.

— Meu Deus Jenny! — Paige me encara espantada — Você parece um urso panda. O que aconteceu com você?

— Não tenho dormido muito bem — bocejo para ela.

Ainda nem havia saído da cama, nem tirado a camisola e já eram mais de quatro horas da tarde.

— Problemas com a gravidez? — pergunta Paige, preocupada.

— Meu problema se chama Neil — bocejo novamente. E eu havia me transformado em uma verdadeira dorminhoca. Quer dizer, não à noite, pois durante a noite nós fazíamos outras coisas.

— Como assim? — pergunta Paige, confusa.

Conto à ela tudo o que havia acontecido nos últimos três dias, incluindo a síndrome de Couvage e às noites quentes.

— Está dizendo que, ele tem enjoos e tudo mais? — pergunta ela com lágrimas escorrendo pelo rosto, de tanto rir.

— Paige não fale que eu contei sobre isso — olho zangada para ela — Eu até acho tudo muito bonitinho. Neil está bem melhor depois dos remédios, essa mania por sexo tem me deixado doida.

— Claro, agora ele está com os hormônios aflorados — diz ela — Acho que é o sonho de toda mulher.

— Eu não reclamo, mas é difícil acompanhar o ritmo.

— Me disseram que as mulheres ficam um pouco maníacas quando estão grávidas. Acho que Neil está sentindo isso também — Paige balança os ombros enxugando as lágrimas.

— Estou perdida — concluo, constrangida —O homem é uma máquina de sexo. Sabe que às vezes me liga durante o dia. Isso quando estou acordada.

— Hormônios? — Paige cruza os braços — Vocês dois viraram maníacos sexuais, isso sim. Essa noite você ficará comigo. Arrume suas coisas.

— Por quê?

— Não quero você caindo de sono em pleno altar amanhã. E há essas olheiras horríveis — murmura — E preciso manter Richard longe de mim, também.

— Quero ver o que vai dizer quando for sua vez — choramingo, vou para o closet trocar de roupa. Droga, Neil e esses hormônios ainda vão acabar comigo.

≈≈≈

Tentar convencer Neil que ficaria longe apenas por um dia, foi uma tarefa quase impossível. Além disso, Paige e ele travaram uma briga ferrenha. Agora, tenho duas pessoas irritadas para lidar, em um período de vinte quatro horas, isso me faz ter vontade de comer, comer qualquer coisa que é colocado à minha frente. Como a Taz-Mania, devoro tudo o que há pelo caminho. E quando penso que isso me fará gorda como uma porca, choro e sinto mais fome ainda.

— Tem mais sorvete?

— Você só pensa nisso? — pergunta Paige impressionada — Comida?

— Na verdade, nesse momento eu penso em outras coisas também — sorrio.

—Você é um caso perdido — diz ela, voltando para quarto.

Paige e suas ideias malucas, agora terei uma noite repleta de pensamentos indecorosos.

Apenas pensamentos, eu gemo.

Capítulo 17

Hoje é o grande dia, apesar do frio, não está nevando. Paige, eu e todas as madrinhas estamos em uma casa de noivas. Todas nós estamos nos divertindo muito, sendo paparicadas e tratadas como princesas. Uma jovem simpática cuida das minhas unhas dos pés, quando ouço o som de mensagem de meu celular.

Preciso falar com você — leio a mensagem de Richard.

Não conte a Paige — outra mensagem vem em seguida.

Saio da sala bastante intrigada e preocupada em saber o que ele quer esconder da noiva. Dou uma desculpa de que preciso ir ao banheiro, coisas de grávida, ao chegar lá ligo para ele. Rezo para que nada tenha acontecido, para atrapalhar o casamento deles.

— Oi Richard — cumprimento assim que ele atende.

— Você está sozinha? — pergunta ele, apreensivo.

— Sim, estou no banheiro.

— Eu preciso falar com você Jenny — Richard faz uma pausa — Você conseguiria me encontrar em uma hora?

Meu coração para no peito, por quê Richard quer se encontrar comigo, sozinho no dia de seu casamento? Alguma coisa muito séria está acontecendo.

— Claro — respondo — Aconteceu alguma coisa?

— Prefiro falar pessoalmente.

— Tem um café aqui perto — digo a ele — Há duas quadras daqui, Mercy's Café. Encontre-me lá em quarenta minutos, pode ser?

— Estarei lá — diz ele — Paige não pode saber sobre isso.

— Fique tranquilo, vou encontrar um jeito de despistá-la.

Volto para o salão e procuro por Penélope. Ela está escolhendo esmalte, enquanto a manicure faz massagem em seus dedos dos pés.

— Eu preciso de ajuda — sento-me ao lado dela e pego uma revista para disfarçar.

Olho em direção a Paige e vejo-a concentrada fazendo as unhas das mãos.

— O que houve? — pergunta, Penélope preocupada.

Explico rapidamente à ela o que está acontecendo, combinamos que ela manterá Paige ocupada, caso ela note minha ausência, dirá que fui para outra ala receber uma massagem no corpo.

O Mercy's Café não é longe dali, em quinze minutos estou sentada em uma

das mesas, aguardando Richard.

O local não está muito lotado, o café é charmoso e agradável. Então, decido me sentar em uma mesa na parte dos fundos, um pouco mais afastada. Peço um copo de leite já que quase nada para no estômago nos últimos dias.

Vinte minutos depois, vejo Richard entrar acompanhado de uma senhora morena, bonita e elegante. Tenho a impressão que a conheço de algum lugar, ou ela me lembra alguém.

— Olá Jenny — ele me beija assim que me levanto para recebê-los. — Quero apresentá-la a Sra. Ferioli.

— Como vai Sra Ferioli? — estendo a mão para a mulher parada à minha frente.

Pergunto-me qual o motivo de sua presença aqui, por que eu devo conhecê-la? Pela expressão ansiosa de Richard, é algo muito importante para ele.

— Pode me chamar de Sara, Srta. Connor.

— Então me chame de Jenny.

Sara me parece ser muito simpática, a sensação de que a conheço persiste.

— Sentem-se — Richard indica as cadeiras diante de nós.

— Eu sei que está confusa Jenny. É que o assunto é um tanto delicado — Richard parece nervoso — Sara é a mãe de Paige.

Se jogassem uma bomba em cima de mim eu não ficaria tão surpresa como agora. Apesar de Paige e eu sermos mais do que amigas, essa parte do passado dela sempre foi evitado durante nossas conversas, assim como sempre evitei falar sobre Nathan e Samantha. O assunto ainda à magoa muito. Essa mesma mulher, havia abandonado Paige em um orfanato aos cinco anos, sem olhar para trás. Uma coisa nada fácil de entender ou esquecer.

— Eu pedi que Peter a encontrasse — Richard começa a explicar, agora um pouco mais tranquilo — Hoje é um dia importante em nossas vidas. Eu sei que sente muita falta da mãe, mesmo que não diga, ela não gosta de tocar no assunto, mas a família é muito importante para Paige.

— E o que quer que eu faça?

— Paige a ama muito, confia em você. Gostaria que a preparasse para esse reencontro.

Isso não será uma tarefa fácil, então eu preciso saber exatamente, o que levou Sara a abandonar Paige, sem tentar qualquer tentativa de reaproximação.

— Por que você a abandonou Sara? — falo de forma direta.

— É uma história longa — ela murmura.

— Eu não tenho muito tempo — digo tranquila —Mas se quer que a ajude, eu preciso saber.

— Antes de tudo, quero que saiba que nunca deixei de amar minha filha. Eu

tive um bom motivo para fazer isso. E foi para o bem dela.

≈≈≈

O casamento foi exatamente como imaginei, lindo e fez todos chorarem de emoção. Ver Richard entrando na igreja de braços dados com Sara foi emocionante, mas, o que surpreendeu a mim e todos que conhecem a história entre Paige e a família de Richard, foi vê-la entrando acompanhada de Charles, irmão de Richard. Ele havia aparecido no último momento, deixando o noivo emocionado.

A igreja foi toda decorada com lírios brancos, detalhes em prata e amarelo claro, velas artesanais estavam por todo o caminho e um longo tapete branco estendia-se da entrada ao altar.

A cerimônia foi tocante, cheia de emoção. Richard parecia um menino deslumbrado olhando a cada segundo para a noiva. Um coral de crianças cantou Ave Maria, enquanto Paige entrava na igreja. O padre fez uma cerimônia ressaltando o valor da família, a importância do amor e fidelidade.

Agora estamos no enorme salão de festa, alugado para o evento. Os convidados foram recebidos por uma violinista famosa. Nesse momento uma banda toca um Jazz romântico, enquanto os noivos se preparam para os agradecimentos. Paige está deslumbrante em seu vestido de noiva. O vestido é magnífico, justo no busto até os joelhos, e se abre como calda de sereia, todo trabalhado em rendas e botões de pérola. As mangas são transparentes, com detalhes em renda que vão até o pulso. Um profundo decote em V dá um toque sensual.

O discurso feito pelo casal é lindo, trouxe lágrimas em meus olhos novamente, dessa vez nem posso culpar os hormônios da gravidez, pois choraria de qualquer maneira. O microfone foi passando de padrinho a padrinho até chegar a mim e Neil, que faremos os discursos finais.

— Não escolhemos nossos pais, irmãos ou filhos — Neil começa o seu discurso — Mas os amigos...

Vejo-o fazer uma pausa emocionada.

— Amigos são irmãos, pais, filhos, que trazemos para nossas vidas. Ter a sorte de encontrar amigos como Paige e Richard é como encontrar luz na escuridão. Vocês são mais de que meus amigos, são parte da família que escolhi para mim. E desejo a vocês toda felicidade do mundo.

Puta merda! Meu anjo havia aniquilado com o resto de controle emocional que existia em mim. Estou completamente perdida no que vou dizer, então resolvo deixar que meu coração fale por mim.

— Pode parecer clichê eu querer dizer isso... — tento desfazer o nó em minha garganta — Mas, você não está sozinha Paige. Porque nós somos duas em uma. Você pode olhar nos meus olhos, ver como me sinto, como sou, e eu a conheço melhor do que qualquer pessoa. Eu a amo desde sempre, isso significa que para sempre será minha melhor amiga, mais do que irmã. Saber que está nesse mundo é suficiente para mim. Eu a amo muito. Minha irmã de alma e coração, toda felicidade nessa nova jornada, hoje e sempre.

— Richard... — olho para ele com carinho — Faça minha amiga feliz e eu vou amá-lo eternamente.

Todos aplaudem, Paige corre até minha mesa para me abraçar. Começa um novo ciclo na vida dela e eu me sinto honrada de fazer parte disso.

O jantar detalhadamente planejado está digno de realeza. Um garçom vem nos servir as trufas de chocolate que Neil e eu recusamos, nos sentindo enjoados apenas com o cheiro. Isso causou uma comoção de risos e brincadeiras em nossa mesa, composta pelos padrinhos.

— Não se esqueça de nos contar se dor do parto é tão aterrorizante como as mulheres contam Neil — Liam provoca.

— Jenny, você tem saído à noite para comprar coisas que Neil sente desejo? — Peter se une a Liam nas provocações.

Um mar de risos contagiou a todos, menos meu lindo, fofo, homem grávido, fica mais vermelho de raiva a cada provocação.

— Ótimo que você contou a eles — Neil me encara emburrado.

— Só contei a Paige.

— A mulher mais intrometida do mundo, minha lista contra ela só aumenta, ainda não me esqueci das fotos.

Eu sei que na verdade ele está brincando. Essa birra entre Paige e Neil acontece desde que se conheceram, era o jeito deles dizerem o quanto gostavam um do outro. Como dois irmãos disputando minha atenção.

Os noivos finalizam a dança e eu arrasto Neil para pista. Dançamos agarradinhos, meus braços em volta do pescoço dele, minha cabeça apoiada em seu peito.

— Um lindo casamento não é? — sussurra Neil em meu ouvido — Poderia ter sido seu.

— Meu casamento será tão lindo e perfeito como esse por um único motivo — respondo erguendo a cabeça, encontrando seu olhar apaixonado.

— E qual é?

— Você — respondo antes de seus lábios tocarem os meus.

≈≈≈

Após cortarem o bolo, os noivos se despedem, são presenteados com uma chuva de arroz. Paige e Richard passarão a lua de mel na Itália, onde a mãe dela está morando atualmente. Além de conhecerem o magnífico país, Paige terá a oportunidade de estreitar os laços com a mãe, o padrasto e a recém-descoberta irmã de dez anos.

Estou muito feliz por ela ter reencontrado a família e ter perdoado Sara. As duas terão a vida inteira para estreitar o laço afetivo, que havia ficado adormecido.

Antes do fim da festa, sobre os protestos de nossos amigos decidimos ir embora, Anne está praticamente dormindo sentada, após correr, dançar e brincar por todos os lados com as outras crianças. Estou orgulhosa por ela ter desempenhado muito bem seu papel de daminha de honra, está linda em seu vestido branco.

Neil coloca Anne em seu colo e seguimos para saída. Antes de alcançarmos, vejo um casal entregue em um beijo apaixonado, fico ensandecida ao notar que se trata de Adam e Penélope. Os dois haviam sumido há meia hora, desconfiei que estivessem juntos. Desejo ardentemente que Penélope tenha contado a Adam sobre o filho deles. Acho que ele merece a oportunidade de voltar a ser feliz.

Ao chegar a casa troco a roupa de Anne enquanto Neil faz a cama dela. Dou um beijo em sua testa, Neil a cobre com o cobertor. Ficamos alguns minutos ali velando seu sono tranquilo.

— Vamos para o nosso quarto — diz Neil em um tom enrouquecido, abraçando-me por trás.

Seguimos para o quarto. Sinto a chama do desejo entre nós antes mesmo de entrarmos no quarto. Assim que passamos pela porta, Neil me puxa para seus braços. Sua boca faminta se inclina sobre a minha, suas mãos agarram minha bunda, pressionando-me contra sua ereção.

— Já disse o quanto a amo hoje? — sussurra, em meu ouvido.

— Não nos últimos quinze minutos — respondo, embriaga por seus beijos.

— Então eu preciso corrigir isso — ele sorri sedutor — Na verdade eu prefiro demonstrar todo o amor que sinto.

Tento me equilibrar em minhas pernas bambas, ele desliza a mão pelas minhas costas, a outra mão segura minha nuca e me puxa para um beijo profundo. Seus dedos fazem pequenos círculos em meu pescoço, os lábios dele sugam os meus de forma esfomeada, minha cabeça pende para trás dando maior acesso aos seus lábios.

— Como senti sua falta — Neil geme entre um beijo e outro — Nunca mais fique tanto tempo longe de mim.

— Eu não vou — gemo me firmando em seus braços fortes.

Tanto tempo, significa um dia, mas, para nós parece uma eternidade.

— Sonhei com isso o dia inteiro — ronrono, enfio a mão no cós de sua calça e seguro sua ereção.

Neil geme e remove minha mão. Tira meu vestido com tanto ímpeto que temo tê-lo rasgado. Ele deita-me na cama com tanta ternura e, reverência, que eu me sinto linda e sexy com seu olhar abrasador.

— Linda! — diz Neil, começando a se despir — Fodidamente linda para mim.

Eu gemo de ansiedade ao observar seu pênis inchar e crescer. Ele estende-se na cama ao meu lado, segura minhas mãos, pousando-as acima de minha cabeça.

— Agora você é minha — sussurra ele, deslizando os lábios suavemente sobre os meus, como toques de mariposas — Vou tê-la como desejei durante toda à noite.

As mãos dele tocam meus seios, apertando-os, os mamilos entre seus dedos, moldando-os, pressionando. Eu gemo alto, meus seios estão mais sensíveis a cada dia e seu toque é levemente dolorido, mas, imensamente prazeroso, enviando cargas elétricas em um ponto sensível entre minhas pernas.

Seus lábios tomam lugar dos dedos, as mãos deslizam pelo meu corpo chegando às coxas e sua boca faz uma trilha até meu ventre, dando uma atenção especial a ele. Sinto-o acariciar minha barriga, e Neil a beija suavemente.

— Hora de dormir bebê — sussurra ele — Papai quer um pouco da mamãe também.

Eu não sei como um homem pode ser romântico e sexy ao mesmo tempo, essas duas palavras o definem.

Neil volta sugar um dos meus seios, lambe o mamilo com a língua áspera, a sensação é maravilhosa e me faz arquear as costas.

Lentamente ele volta a deslizar a boca por meu corpo. Afasta minhas pernas, gradativamente, separa as dobras de minha vagina, inspira fundo, enquanto inala meu cheiro. Sinto meus músculos internos se contraírem, ávidos por sua posse.

Neil introduz um dedo dentro de mim, usa a outra mão para separar as dobras de pele em volta de meu clitóris inchado, mantendo-as abertas ele lambe o botão intumescido, chupa-o e desliza a língua em círculos sobre ele. Afasta-se um pouco e sopra sobre o clitóris molhado. Enlouqueço com a necessidade do prazer que isso me causa, meu corpo ondula sobre a cama e voo alto.

— Neil... — choramingo ensandecida.

Ele empurra a língua dentro da profundidade de minha vagina latejante em busca de minha liberação e submissão. Segura minhas pernas impedindo que as feche, os dedos continuam a se mover em meu clitóris.

— Assim! — gemo como louca e acaricio meus seios — Assim amor!

Neil continua a me lamber, chupar e morder sem piedade alguma.

— Assim querido. Ohhh... — eu me contorço, meus músculos internos se agitam ainda mais, minha respiração fica entrecortada, em seguida explodo em um orgasmo delicioso.

— Eu amo você — Neil sussurra ao inclinar-se para cima de mim — Vê-la se desmanchar com meu toque é enlouquecedor.

Em seguida, ele introduz seu pênis duro dentro de minha vagina ainda palpitante. Volto a gemer, a sensação dele bombando dentro de mim é maravilhosa. A cada estocada, minha vagina convulsiona, empurrando-me ao mais profundo prazer.

— Porra bebê! — Neil geme, sugando meus lábios. Sua expressão é de imenso prazer. Em sua testa há algumas gotículas de suor, pelo pescoço rijo, noto que está se controlando para segurar seu prazer. Está preocupado com o meu, isso me deixa ainda mais alucinada. Quero que ele goze para mim, que enlouqueça em meus braços, assim como perco todos os sentidos nos braços dele.

Meu corpo caminha em direção a um novo orgasmo. Meus pés se curvam sobre a cama devido à intensidade do prazer que estou sentindo. Eu quero que pare, quero que dure, desejo que continue. Estou desmoronando a cada investida forte dele, a cada estocada mais profunda, desintegrado em milhares de pequenas explosões pelo meu corpo.

— Você é tão gostoso querido — gemo acariciando seus testículos — Goze para mim!

Neil investe mais uma vez forte e profundo, outra vez. Eu vou à lua e volto.

— Caralho Jennifer! — Ele fecha os olhos e engole em seco. Seu corpo está trêmulo e sinto-o à beira do abismo.

Meu interior se contrai sugando-o mais apertado, estou indo em direção ao orgasmo. Neil geme, se move vigorosamente dentro e fora de mim. Sinto seu pênis inchar ainda mais, pulsa, laçando sua semente dentro de mim e eu gozo tão forte quanto ele. Ele permanece por alguns segundos ainda dentro de mim. Ficamos assim, respirando com dificuldade.

Carinhosamente, ele puxa seu membro para fora de meu corpo e rola para o lado levando-me com ele. Por um tempo, ficamos assim, simplesmente gozando do cansaço que vinha da extraordinária liberação sexual, alguns minutos depois ele me carrega até o banheiro, lava-me entre um carinho e outro.

≈≈≈

É natal, uma das datas que mais gosto em todo ano. Seria mais perfeito se Paige e Richard estivessem aqui conosco, mas ela decidiu estender sua visita à

Itália e passar o natal com a mãe. Apesar de ficar triste com sua ausência, fico feliz por estar se dando bem com a nova família.

Nossa mesa está linda, toda a casa foi decorada em temas natalinos, com guirlandas por todos os lados. Há uma enorme árvore sintética perto da lareira com milhares de luzes coloridas e muitos presentes em baixo dela. Os visgos no batente da porta a espera de um beijo jamais poderiam ser esquecidos. De acordo com a lenda celta, o casal que é pego debaixo do visgo tem que se beijar, em troca tem as feridas da alma curadas e grande fertilidade, não que eu precise disso, mas, a magia do visco também atrai sorte e afasta os maus espíritos.

Neil e Kevin estão lá fora, pegando toras de madeira para manter a lareira aquecida, esse promete ser um natal com neve após dois anos sem. Todos estamos animados e ansiosos com isso.

— Jenny quando vamos abrir os presentes? — Anne pula em volta de mim, enquanto brigo para colocar uma linda estrela dourada de natal, no topo da árvore.

— Depois da ceia querida.

— Então vamos comer logo! — ela saltita ainda mais.

— Está cedo Anne, ainda são oito horas.

Ela está linda, em seu vestido vermelho e bolero verde com desenhos de renas, bordados em tons dourados. Kevin queria ter se vestido de Papai Noel para ela, mas graças às maldades de Sophia no ano anterior, essa é uma das fantasias que Anne já não tem. Porém, estou determinada a proporcionar o melhor natal que Neil e ela já tiveram na vida.

O som da campainha chama nossa atenção. Pedi a Neil, que desse folga aos funcionários da casa para que fiquem com suas famílias, então, alguém teria que abrir a porta, já que apenas os seguranças ficaram de plantão lá fora. Eu quis que também passassem a data com suas famílias, mas, Neil foi irredutível, alegando que nós ficaríamos desprotegidos, em troca deu-lhes um bônus muito generoso. Para mim, dinheiro não resolve tudo, mas, eles ficaram bem animados quando receberam o cheque.

Imagino que seja alguém conhecido lá fora, caso contrário, os seguranças jamais permitiriam que ultrapassassem os portões. Talvez seja Peter, ele ainda estava indeciso se passaria o Natal com a família e amigos na Inglaterra.

— Anne, pode atender a porta?

— Tá bom — ela sai correndo.

Ouço os gritinhos felizes dela e congelo ao reconhecer uma das vozes se aproximando. Viro-me incrédula e encaro a dona da voz.

— Ouvi a campainha tocar? — Neil pergunta quando entra na sala — Mãe? O que faz aqui?

— Soubemos sobre o bebê — diz Lilian, empurrando a cadeira de rodas com o pai de Neil — Seu pai acha que devemos colocar uma pedra sobre o passado, deseja que passemos o natal aqui com vocês, se permitir.

— Isso é a Jennifer que decide — ele se aproxima de mim e me abraça pela cintura.

O silêncio pesado domina o ambiente, encaro meu futuro sogro, ele parece bem melhor do que a última vez que o vi. Seu olhar é gentil em direção a mim. Acho que terei uma amistosa relação de amizade com ele. Já não garanto o mesmo em relação à Lilian, mas, ela é mãe do homem que eu amo, avó de meu filho e dessa vez, eu sinto que as palavras parecem sinceras. De qualquer forma, é natal, desejo que todos fiquem felizes.

— Vocês são bem vindos — murmuro — Entrem e fiquem à vontade.

Observo Anne arrastar a avó por todos os lados da casa. As duas realmente tem uma ligação muito forte. Isso é um ponto a favor de Lilian, na realidade, acho que o único. Ainda acho-a fria e esnobe.

Neil conversa com o pai animadamente, ele já articula as palavras com mais facilidade.

— Tudo acaba bem, quando termina bem — Kevin apoia o braço em meu ombro.

— Acho que sim — sorrio para ele.

— Que tal aquecer a lareira? — mudo de assunto.

Precisando de um pouco de ar puro, vou até a varanda. Sento-me em um banco acolchoado e me cubro com um cobertor quentinho.

— Jennifer? — Lilian para no batente da porta — Posso me juntar a você?

Encaro-a um pouco apreensiva, há muitas mágoas entre nós duas. Muitas acusações, intrigas. No entanto, me prontifiquei a fazer desta, uma noite especial. Afasto-me um pouco e dou espaço a ela.

— Sei que você deve me odiar — ela sorri pesarosa — E não a culpo por isso.

— Acho que devemos esquecer o assunto, por essa noite.

— Eu preciso falar Jenny — diz Lilian, determinada.

Jenny? Desde quando ela tem autorização para me tratar de maneira tão íntima?

— Tudo que fiz foi pensando em meu filho. Acreditei nas mentiras de Sophia, antes com Samantha, depois com você.

— Não toque no nome dessa mulher em minha casa — esbravejo.

— Desculpe-me — Lilian abaixa a cabeça — Ela me disse que Neil queria se vingar dela, de Nathan e Samantha através de você. Eu temi pela sanidade de meu filho, cheguei a pensar que ele fosse parecido com o irmão, também temi

por você...

Essa é nova para mim.

— Neil jamais foi ou será igual à Nathan — interrompo, indignada — Você é mãe dele, deveria saber isso.

— Eu errei uma vez Jenny — suspira — Não queria cometer o mesmo erro duas vezes, ignorando o lado cruel de outro filho, mas ao mesmo tempo eu torci para que você o amasse mesmo.

— Por isso, tentou me separar dele com tanto afinco? — rio de forma irônica — Bela torcida.

— No começo, foi por medo de que ele a machucasse — Ela dá de ombros — Depois, quando perdeu a memória, achei que era uma oportunidade de se livrar do passado. Você é jovem, poderia recomeçar sua vida.

— Eu o amo Lilian! — digo angustiada — Você não pode brincar de Deus com nossas vidas.

— Eu só não queria vê-lo destruído de novo — murmura — Se Samantha tivesse dado uma oportunidade a Nathan. Sei como o amor muda as pessoas...

— Nathan era um maldito filho da puta! — digo angustiada — Sabe o que fez a minha irmã?

Encaro-a com um olhar cheio de mágoa e ódio.

— Ele a estuprou na minha frente — cuspo as palavras, como se fosse algo contagioso — Desculpe, mas para mim isso é um tipo muito destorcido de amor.

Noto-a ficar pálida, seus lábios abrem e fecham várias vezes.

— Eu não sabia disso.

Acredito nela, de acordo com Neil, seus pais ignoram o que o irmão havia feito a Samantha. Não era daquela forma que gostaria de ter revelado, só que não poderia continuar ouvindo-a falando de Samantha daquela forma.

— Samantha nem mesmo o amava. Ela nutria uma paixonite por Neil. A qual ele desconhecia — continuo — Nathan ficou enlouquecido com isso, sempre quis as coisas de Neil, foi um desafio para ele.

— Sinto muito — ela sussurra — Talvez não acredite, mas eu realmente, sinto muito.

— Deu tanto amor para um filho, que se esqueceu de observar como ele realmente era. E quanto a Neil? — acuso-a com ardor — Nenhum único gesto de carinho, uma palavra de afeto...

— As coisas são mais complicadas do que imagina Jenny — Lilian levanta-se e me encara com olhar angustiado — Há coisas que você não sabe. Fui mãe muito cedo, não soube lidar com isso. Mas, hoje não é o momento para falarmos sobre isso. Em breve contarei ao meu filho tudo o que aconteceu no passado, talvez um dia você me compreenda e ele me perdoe.

— Eu vou tentar conviver com você pelo bem da minha família — murmuro — Mas não espere mais do que isso de mim.

— Eu agradeço muito — Lilian toca minha barriga em gesto inesperado — Esse bebê trará muitas felicidades à todos nós.

Observo-a voltar para dentro, ainda surpresa com sua atitude. As coisas não haviam ficado às mil maravilhas entre nós, mas, alguns pontos haviam se esclarecidos para nós duas. Como sempre, Sophia estava envolvida nessas intrigas, cada dia eu a desprezo mais.

— Amor? — Neil encara-me, preocupado — Tudo bem? Minha mãe fez algo ou disse...

— Não se preocupe vida — levanto-me e rodeio sua cintura — Acertamos alguns ponteiros entre nós, não posso dizer que seremos melhores amigas, mas, poderemos ter uma convivência pacífica daqui para frente.

— Eu fico feliz — Neil me beija suavemente — Por Anne, por você e nosso filho. Agora vamos para dentro, está muito frio aqui fora.

O jantar transcorreu tranquilo e animado. Qualquer um a observar o quadro através da janela, veria uma família unida e feliz. Bem, nessa noite é exatamente assim.

A troca de presentes foi liderada por Anne e Kevin. Recebi um novo perfume de meu irmão, uma clara provocação para os enjoos de Neil. Apesar de tudo, eu amei e Neil levou na esportiva contanto que eu só usasse depois da gravidez.

Lilian, ficou surpresa ao saber da síndrome de Couvage, disse que Anthony, pai de Neil havia sofrido algo parecido quando ela ficou grávida. O alvo das gozações passou a ser Anthony e as dificuldades de lidar com isso na época.

Anne me deu um colar com um lindo pingente de mãe e filha de mãos dadas. O presente me deixou muito emocionada. Apesar de ainda não me chamar assim, foi uma clara declaração do que ela sente por mim.

Lilian entregou-me um embrulho, dentro havia um lindo lenço colorido. Anthony me deu um par de brincos.

— Agora é minha vez — murmuro, sorrindo.

Para Anne entreguei outro quebra cabeça com a promessa de que montaríamos juntas, algumas bonecas e vários jogos.

— Esse é para você Kevin — entrego a ele uma caixinha dourada de onde ele tirou uma chave.

Paige e eu havíamos comprado o apartamento que morávamos para dar de presente a ele. Claro que minha parte havia sido dada por Neil, foi a única vez que usei seu dinheiro sem remorso, o que o deixou imensamente feliz.

— Jenny... — murmura ele emocionado — Não posso aceitar isso.

— Não só pode, como vai — abraço-o com carinho — Já está em seu nome.

Não há como voltar à trás.

— Acho bom aceitar o que ela diz — Neil sorri para ele — Não vai querer Jennifer falando no seu ouvido para sempre. Eu garanto isso.

— Neil! — faço um biquinho, fingindo estar emburrada. Mas, ele tem razão, quando quero algo eu sou terrível.

— Não sei como agradecer — Kevin diz, emocionado.

— Seja feliz — respondo — Apenas seja feliz.

Para Neil entrego uma abotoadora de ouro. Algumas gravatas e camisas Armani. Não há muito que eu possa dar a uma pessoa que já tem tudo, a não ser o meu amor e isso não tem preço.

Meu último presente é uma caixinha com um bilhete dentro. Neil tira uma minúscula luva de bebê e lê o cartão em voz alta.

Esse presente só poderá ter depois de alguns meses. Eu te amo papai!

A emoção em sua voz contagia a todos nós.

Ele presenteia-me com um par de brincos, livros sobre gravidez e CDs com músicas clássicas para ouvir durante a gestação.

Quando penso que já havia terminado, ele se ajoelha diante de mim.

— Eu já fiz o pedido antes, mas farei milhares de vezes se for preciso — em suas mãos há uma caixinha azul de veludo — Peter o encontrou...

Ele abre a caixinha, há um lindo anel de diamante com pequeninas pedras de quazto azul.

— É o mesmo anel que ia pedi-la em casamento no hospital. Pedi que o restaurassem. Azul como a cor de seus olhos — ele murmura — Receba esse anel como prova de meu amor, respeito e amizade pelo resto de nossas vidas.

Ele desliza o anel por meu dedo e beija-o em seguida.

— Eu amo você Jennifer.

— Também o amo mais que tudo.

As lágrimas deslizam por meu rosto como uma cachoeira. Neil me aperta em seus braços e presenteamos todos com nosso amor, através de um beijo apaixonado, com a certeza de que presenciavam um amor intenso e verdadeiro.

Uma semana depois, estou quase enlouquecendo para cuidar dos preparativos para o casamento. Apesar de simples, contando apenas com a presença de amigos e familiares, não deixa de dar trabalho para organizar. Quero que seja perfeito do jeito que Neil merece. É nosso primeiro e último casamento, o dele com Sophia não conta, só haviam assinado os papéis e seguido suas vidas separadamente, e o principal, não havia amor.

Bem diferente de nós dois, transmitíamos nosso amor por todos os lados.

— Jenny, olha o que chegou para você — Geórgia entra na sala, assim que

desligo o telefone.

Estava marcando uma hora com a florista para escolhermos as flores para a decoração. Pego a caixa embrulhada em um papel dourado.

— Quem entregou? Não há remetente ou cartão— murmuro, curiosa.

— Eu não sei. O segurança disse que um motoboy fez a entrega e saiu.

Rasgo o embrulho ansiosa. Já havia recebido muitos presentes e estou animada. Abro a caixa e fico aterrorizada com o que vejo ali dentro. Um grito apavorado escapa de minha garganta.

— Jenny! — Ouço a voz de Geórgia vinda de muito longe — Jenny! Meu Deus! Jenny!

A escuridão domina minha mente.

Capítulo 18

Acordo com uma sensação estranha. Esse foi um dos piores pesadelos que já tive na vida. Ao me deparar com os olhos negros preocupados e o rosto assustadoramente pálido, imediatamente penso em meu filho, minhas mãos voam para meu ventre de forma automática, sento-me na cama com desespero.

— Neil... Nosso bebê? O que aconteceu?

— Você desmaiou. Eu trouxe a Dra. Moore para examiná-la. Está tudo bem com o bebê. É você que me preocupa.

Viro-me para esquerda, vejo a médica em pé, próxima a minha cama. Sua expressão é serena, mais isso não me tranquiliza, se a médica está aqui é porque as coisas não devem estar nada boas. Aos poucos às lembranças invadem minha cabeça. O presente, a caixa, o boneco...

O que eu vi ainda me deixa aterrorizada. Dentro da caixa a qual imaginei ter algum presente de casamento, havia um boneco vodu, com um macacão infantil e várias agulhas espetadas nele. O que mais me chocou foi à quantidade de sangue que havia em torno dele. O cheiro de sangue, semelhante à ferrugem, ainda está impregnado em minhas narinas, enjoando-me, sinto um gosto ácido e amargo em minha boca. A imagem me faz ter vertigem novamente. A médica e Neil vêm ao meu auxilio.

— Jennifer... — Neil se move depressa, me pega em seus braços — Calma amor.

— Eu abri a caixa e... — um soluço angustiado sai de meu peito.

— Ei, está tudo bem — ele me acalenta em seus braços, beijando meus cabelos — Está tudo bem. Vai ficar tudo bem.

Apoio-me nele, mais soluços sacodem meu corpo.

— Não acha que deveria medicá-la doutora? — diz Neil, com preocupação.

— Ela está em estado de choque — a médica entrega-me um comprimido e um copo de água — Tome isso Jennifer.

Coloco o comprimido na boca, pego o copo com as mãos trêmulas. Engulo-o com dificuldade, há um nó preso em minha garganta.

— Se ela não estiver melhor até amanhã, sugiro que a leve até a clínica — Dra. Moore orienta.

Ela coloca uma pequena lanterna em meus olhos, faz algumas perguntas, verifica os meus batimentos, afere minha pressão arterial. Antes de sair, recomenda que eu fique em repouso absoluto pelo resto do dia.

— Por que fizeram isso? — sussurro para Neil, eu sinto minhas pálpebras pesadas, o remédio já está começando a surtir efeito.

— Isso é algo que vou descobrir — ouço sua voz ao longe.

Fecho os olhos novamente, adormeço alguns minutos depois.

Não! Não faça isso.

— Jenny acorde — Neil balança meu ombro — Acorde querida!

— Meu bebê — choro baixinho ao abrir os olhos — Meu bebê, ele estava naquela caixa...

— Foi só um sonho amor. Já passou.

Um sonho terrível, a ameaça velada contra mim e meu bebê deixaram meus nervos em frangalhos. Aquela criatura na caixa representa meu bebê, eu sei disso, esse mero pensamento deixa-me anestesiada. Nunca senti tanto medo como sinto nesse momento.

— Não deixe que machuquem nosso filho, Neil — choro baixinho, apertando-me em seus braços.

— Nada vai acontecer — diz ele, carinhosamente — Não vou deixar. Volte a dormir.

Tenho pavor em voltar a dormir e outro pesadelo como esse volte a me assombrar. Os pesadelos que me torturaram no passado, nem se comparam a esse. Desejo me esconder nesse quarto seguro, proteger meu bebê de todos os males do mundo, de toda essa crueldade e mente perversa que está em torno de nós.

— Sophia fez isso — murmuro, angustiada — Como ela pode ser tão cruel?

— Não acho que foi ela — Neil me estreita ainda mais em seus braços — Além disso, ela nem está na cidade.

— Como sabe?

— Peter está vigiando seus passos. Sophia está no campo, com os pais dela.

— Um álibi perfeito para ela então — eu insisto — Além disso, ela não entregou pessoalmente, qualquer pessoa pode ter feito seu trabalho sujo.

Nada vai me tirar da cabeça que aquela mulher é perversa, cruel o suficiente para realizar tal ato. Uma mulher incapaz de amar a própria filha, seria capaz de qualquer coisa, incluindo ameaçar uma mulher grávida e uma criança indefesa.

— Isso não acontecerá novamente — murmura Neil, ácido — Nem Sophia ou qualquer outra pessoa tocarão em vocês dois. Eu prometo.

Detecto o tom duro em sua voz, isso me preocupa um pouco, sei o quão protetor ele pode ser, tenho medo que tome alguma medida irracional. De alguma maneira, eu tenho que tentar esconder os medos que afligem minha alma, não quero vê-lo arruinado. Volto a dormir por que ele está aqui, sei que ele irá nos proteger a qualquer preço.

≈≈≈

Acordo sozinha no dia seguinte, o dia lá fora já está claro, apesar do céu nublado. Toco o lençol ao meu lado, ele está frio. Concluo que Neil já saiu para trabalhar há algum tempo, levanto-me da cama decidida a não sentir pena de mim mesma. Tomo banho, seco os cabelos e desço.

— Já ia levar seu café — Geórgia me encara preocupada — Deveria ter ficado na cama.

— Obrigada Geórgia — murmuro — Mas estou bem, não se preocupe.

Para minha surpresa, eu como todo o café reforçado que Geórgia preparou para mim. Meu apetite continua gigantesco, parece que pelo menos isso, nada conseguirá abalar.

Vou para sala, deito-me no sofá, cubro-me com uma manta felpuda, tento me distrair com um livro, uma missão quase impossível. A caixa e o boneco invadem minha mente à todo custo. Por volta do meio dia, Geórgia vem até a sala com um carrinho e uma bandeja com meu almoço. Como ela não permitiu que ficasse na cozinha, eu a obrigo a sentar-se ao meu lado para me fazer companhia durante o almoço. Há comida o suficiente para nós duas, depois do café da manhã, não estou com tanta fome.

— Geórgia? — chamo-a, antes que retorne a seus afazeres — O que aconteceu com a caixa?

— Aquela coisa horrorosa? — ela faz o sinal de cruz — Peter esteve aqui ontem e levou aquilo embora. Não pense sobre isso menina. Pessoas que brincam com coisas como essas, acabam muito mal.

Balanço a cabeça em concordância, ela se levanta recolhendo os pratos.

— O Sr. Durant disse que não deve fazer qualquer esforço — diz ela, enfática — Se precisar de algo, não hesite em me chamar.

Claro que ele disse, posso imaginar a infinita lista de recomendações que Neil havia deixado com ela. Sua preocupação para comigo e o bebê sempre me deixa emocionada.

Enquanto volto a tentar me concentrar na leitura, vejo o quanto eu sinto

falta da minha melhor amiga. De poder contar tudo o que está acontecendo, falar de todas as minhas angústias e medos. Tenho certeza de que se disser algo a Paige ela voltará imediatamente, mas eu não posso fazer isso, não seria justo com ela. Não quero, e nem devo estragar sua lua de mel, também não há nada o que ela possa fazer para melhorar a situação, além de me ouvir e querer matar Sophia.

Depois do almoço, cansada de ficar em casa, resolvo ir buscar Anne na escola. Geórgia ficou praticamente maluca quando disse que ia sair de casa, até mesmo chegou e me ameaçar em ligar para Neil. Mesmo com seus protestos e cara feia, eu saí.

Preciso de um pouco de ar puro, de me distrair com alguma coisa, além disso, o que poderia acontecer em um caminho tão curto?

O colégio de Anne fica apenas vinte minutos de casa, estarei acompanhada de Dylan e de um segurança. E eu não vou me acovardar como um gatinho assustado. Sophia não conseguirá me aterrorizar com suas maldades e mente doentia.

Anne, ficou muito feliz ao me ver, embora esteja preocupada comigo. Procuro convencê-la de que está tudo bem comigo e seu irmãozinho. Como toda criança, ela esquece o assunto e começa relatar sobre o seu dia na escola.

Ao chegar à casa ajudo-a com o dever. Mais tarde, tomamos um lanche preparado por Geórgia, que parece ter voltado às boas comigo.

Anne e eu, passamos o resto da tarde assistindo um filme na televisão, enquanto aguardamos Neil chegar.

Ele não me ligou uma única vez durante o dia, apesar de achar estranho, concluo que esteja bravo comigo por ter ignorado o pedido para que ficasse em casa. Como não quero irritá-lo ainda mais, decido esperar que ele volte para casa, assim poderemos fazer as pazes devidamente.

Anne e eu rimos de algo engraçado no filme quando a campainha toca.

— Jenny? — Liam entra na sala apressadamente — Preciso falar com você.

Pelo seu olhar angustiado, noto que é algo urgente. Faço um sinal em direção a Anne, que está concentrada no filme. Falo para Claire entretê-la, peço que Liam acompanhe-me até o escritório de Neil.

— O que aconteceu? — inquiro assim que ele fecha a porta.

— Eu odeio ser médico nesses momentos — desabafa Liam — Todos acham que eu tenho que ser o portador das notícias ruins.

Minhas pernas tremem, apoio-me contra a mesa para me manter em pé. Tento focar meus olhos em algum ponto, evitando que a escuridão que

ameaça minha mente me domine. Desmaiar nesse momento, está fora de cogitação.

— Neil... — começo a dizer com a voz trêmula — Ele...

Havia acontecido algo com ele, por isso o silêncio durante o dia inteiro. Neil jamais ficaria ausente por tanto tempo, ignorando-me completamente, mesmo que estivesse muito irritado, ele faria questão de ligar apenas para falar sobre isso.

— Fique calma — Liam toca meu ombro ao notar meu estado agitado — Neil está bem.

Respiro aliviada ao ouvir a última frase. Ele está bem e isso é tudo o que importa. Anne está segura em casa. Neil está bem, então o que poderá ter acontecido para que Liam tenha sido o escolhido para me dar tal notícia?

— Paige? — minhas mãos voam até minha garganta — Paige está bem?

Silêncio.

— Fale logo Liam! — retruco angustiada.

— Não aconteceu nenhuma tragédia — ele murmura — Na verdade aconteceu, mas não é tão grave assim... Depende do ponto de vista. Por que não se senta?

— Não quero me sentar! Conte-me o que aconteceu.

Eu juro por Deus que, se ele não disser imediatamente o que está acontecendo, haverá uma verdadeira tragédia nessa sala, provocada por mim.

— Neil está na delegacia — solta ele, rapidamente.

— Delegacia? — pergunto, desorientada.

Será que Kevin havia tido uma recaída e se metido em encrenca? Isso acabaria comigo, definitivamente.

Afasto esse pensamento de minha cabeça, me condeno por julgá-lo precipitadamente.

— Neil quis dar uma lição em Konrad — Liam sacode os ombros e se afasta de mim — Os dois brigaram e Neil está preso. Como praticamente invadiu a produtora há algumas testemunhas contra ele.

— Meu Deus!

Sento-me na cadeira mais próxima, minhas pernas não têm forças para sustentar-me.

— Adam está com ele, mas, como ainda vai demorar um pouco, talvez eles passem a noite por lá, fui incumbido de avisar você para que não fique preocupada.

Eu sabia que alguma coisa estava errada, conheço Neil muito bem. O tom em sua voz ao garantir que resolveria tudo, havia me deixado em alerta. A culpa disso tudo é minha, se não tivesse agido como uma garotinha assustada, ele não teria tomado medidas drásticas.

— Eu preciso vê-lo — levanto-me da cadeira languidamente.

— Não acho que deva fazer isso, há alguns fotógrafos na frente da casa e um enxame na delegacia. As notícias voam.

— Dane-se! Eu não me importo!

Não vou ficar em casa esperando como se nada estivesse acontecendo, simplesmente, porque alguns repórteres abutres, estão à procura de uma boa notícia. Neil precisa de mim, vou estar ao lado dele em qualquer situação e ninguém irá me impedir.

Voo em direção à porta com medo de que Liam tente me impedir. Ele que não se atreva, pois iniciaremos uma briga feia.

— Espere... — Liam alcança-me no corredor.

— Solte-me Liam!

Começo a chorar, tentando livrar-me de suas mãos.

— Calma Jenny. Irei com você — murmura ele, prendendo-me contra seu peito — Acalme-se tudo bem?

Desabo em seus braços, começo a chorar incontrolavelmente, Liam afaga minhas costas consolando-me. Não importa o quanto eu chore, parece que sempre haverá um novo motivo, novas lagrimas a derramar.

— Só sairemos daqui depois que se acalmar. Não daremos mais espetáculo para aqueles vermes lá fora.

Eu sei que ele tem razão, uma mulher aos prantos, desesperada, é um prato cheio para a imprensa marrom, não pretendo contribuir para que eles ganhem rios de dinheiro às custas do sofrimento alheio, nesse caso meu e de Neil. Em momentos como esse, eu lamento o fato dele ser um homem poderoso e conhecido. Simplesmente não podemos enfrentar nossos problemas como pessoas normais, sempre haverá alguém querendo cavar alguma sujeira ou atrás de um novo escândalo.

— Já estou bem — digo secando as lágrimas com as costas das mãos e me afasto dele — Leve-me até a delegacia, por favor.

Quando Liam disse que havia fotógrafos na rua em frente a nossa casa, eu imaginei dois ou três, mas há cerca de dez homens parados ali, com os mais diversos tipos de câmeras. Ao ver nosso carro sair, eles avançam como urubus em cima da carniça. Flashs disparam contra o vidro do carro, Calvin tenta manobrar da melhor maneira possível. Os seguranças da casa conseguem afastar alguns homens de perto do carro e Calvin sai em

disparada na primeira oportunidade.

— Não sabia que haviam tantos — digo, abismada.

— Espere até chegarmos à delegacia para ver.

A sua maneira, Liam quer me preparar para o que vou encontrar em seguida. Tento manter a calma o máximo possível, eu não quero me transformar num estorvo nesse momento crítico. Viro meu rosto para a janela ao meu lado e concentro-me na estrada.

— Vai ficar tudo bem, Jenny — Liam segura minha mão.

— Vai sim. Não importa o que nos aconteça, nós sempre saímos ainda mais fortes.

≈≈≈

Liam não havia exagerado, a quantidade de fotógrafos na frente da delegacia é digna à de uma estrela de Hollywood. Não sei se estou mais preocupada ou irritada com a falta de sensibilidade desses homens.

— Quando descermos do carro esconda seu rosto contra meu peito — instrui Liam antes de sairmos.

Assim que descemos, uma enxurrada de pessoas nos rodeiam. Mais flashs vem em minha direção. Escondo o rosto contra Liam, como ele disse, deixo que ele tente me guiar pelo caminho.

— Senhorita, é verdade que o Sr. Bauer é seu amante? — um homem mais atrevido a qual nem consigo ver o rosto, pergunta a mim — Foi por isso que o Sr. Durant tentou matá-lo?

Meu corpo se contrai diante de tamanha mentira. Tenho vontade de esbofetear aquele homem.

— É verdade que desistiu do casamento com o Sr.Durant porque se apaixonou por Konrad Bauer?

— Apenas ignore-os — sussurra Liam, em meu ouvido.

Os tipos mais absurdos de perguntas são lançados em nossa direção, tentamos entrar no prédio com dificuldade, esses homens são insistentes, desumanos, capazes de passar por cima de tudo e todos, apenas por uma boa notícia, sendo ela verdadeira ou não.

Após entrarmos, alguns policiais bloqueiam a entrada impedindo que os fotógrafos alvoroçados invadam o prédio.

Chegamos a uma sala de espera, Liam pede que eu me sente em um sofá desgastado. Pede que eu o espere ali enquanto procura por Adam em busca de informações. Minha vontade é de acompanhá-lo, mas, eu sei quando estou no meu limite. Preciso voltar a me acalmar, dar a Neil todo apoio que ele precisar.

Adam surge alguns minutos depois, com cara de poucos amigos. Eu ignoro-o completamente. Se eu tivesse medo de cara feia não estaria de casamento marcado com o homem mais autoritário do mundo e quando fica irritado supera Adam de longe.

— O que faz aqui Jenny?

— Preciso vê-lo Adam.

— Neil não vai gostar disso — retruca, Adam — Deveria ter ficado em casa. Não há nada que possa fazer. Volte para casa.

Não há nada que possa fazer Jenny. Fique em casa Jenny. Não é seguro... Estou cansada de toda essa ladainha comigo.

— Eu quero e vou vê-lo!

Será que não vê o quanto estou preocupada, que apenas o fato de vê-lo bem, me deixará tranquila.

— Não será possível — insiste ele — Volte para casa, por favor.

— Adam, eu vou vê-lo você querendo ou não.

Enfrento-o determinada.

— Nem que para isso, eu faça um escândalo para aqueles fotógrafos lá fora.

Não é um blefe, se eu tiver que usar a imprensa a meu favor, farei isso, sem pensar duas vezes.

— Tenho certeza que vão adorar saber que estão impedindo uma mulher grávida de ver o pai de seu filho.

— Inferno! — murmura Adam, derrotado — Depois não diga que eu não avisei.

É típico de Neil ter exigido de seus amigos que me mantivesse em casa, trancada, protegida. Mas ele sabe que eu não faria isso, por isso não estou nem um pouco preocupada com o que ele poderá dizer.

— Que bom vê-la por aqui Jennifer.

A voz desvia minha atenção, fico horrorizada com o que vejo.

Capítulo 19

Engulo seco, viro-me para encarar o homem atrás de mim.

— Konrad — balanço a cabeça educadamente, tento mascarar a surpresa ao me deparar com o rosto quase irreconhecível, coberto de hematomas.

A briga entre eles deve ter sido horrível, pelo estado em que Konrad se encontra, só em pensar em como Neil pode ter ficado, meu coração se aperta em meu peito.

— É uma surpresa encontrá-la aqui — ele sorri com deboche — Pela forma como o Durant a trata, imaginei que a mantivesse trancada na torre.

— Sinto pelo o que aconteceu, mas você sabe muito bem que ele teve motivos para isso — murmuro indignada — Você e Sophia foram longe demais dessa vez.

— Não sei do que está falando. Realmente não sei.

— Afaste-se de Sophia — alerto-o — Ela é mais perigosa do que você imagina.

Adam e Liam parecem perturbados atrás de mim. O desconforto deles com a presença de Bauer é perceptível. A sensação que tenho, é que há ursos em volta de mim, apenas esperando o momento certo para o ataque. Se a tensão em volta de nós não fosse tão palpável, até seria cômico vê-los desempenhar o papel de guardiões.

— Não tenho qualquer envolvimento com Sophia, além de sermos velhos amigos — Konrad insiste de forma nada convincente, sua voz é um tanto macia, calma demais — Eu retirei a queixa contra Durant. Fiz isso por você.

Qual é exatamente seu jogo? Pergunto-me mentalmente.

— Obrigada, mas se não tivessem feito o que fizeram, isso não teria acontecido. Então não foi um favor.

— Eu já disse que não sei do que está falado! — diz Konrad, irritado. Para alguém inocente ele parece tenso demais — Mas eu estava em débito com você por tudo que fez por mim. Talvez possamos nos encontrar qualquer dia, desfazer todo o mal entendido.

— Chegue perto dela de novo e eu termino o serviço que comecei — rosna Neil ao chegar acompanhado de um policial.

Encaro-a aliviada, apesar de um olho roxo, um leve corte no lado esquerdo da boca, não há grandes estragos como em Bauer. Não há dúvidas de quem venceu

aquela briga, se é que há algum vencedor.

— Faça isso e eu adoraria mandá-lo para prisão — Konrad sorri com escárnio.

A tensão entre os dois tem proporções gigantescas, o ódio entre eles é visível e a guerra é declarada.

Neil avança em direção a Konrad, me coloco contra eles dois.

— Adam! — peço socorro — Liam!

Adam em Liam se colocam ao lado dele e seguram seus braços.

Neil endurece o maxilar, cerrando os punhos em sinal de ataque. A fúria mal contida em seus olhos faz com que Konrad dê alguns passos para trás. Covarde!

— Vá embora Sr. Bauer — peço angustiada — Por favor!

— Jenny — ele faz um sinal de cabeça em direção a mim — Até breve.

Ele sai apressadamente, antes que eu possa dizer que não tenho qualquer intenção de vê-lo novamente. Ouço um suspiro ecoar no ambiente, percebo que ele saiu de meus lábios. Meu corpo está rijo e dolorido devido ao estresse.

— O que você faz aqui Jennifer? — Neil agora lança o olhar furioso em direção a mim.

Puta merda! Agora eu estou realmente encrencada?

— Eu precisava vê-lo — digo, em uma voz doce — Precisava ter a certeza de que estava bem.

— Esse não é um lugar para você — Neil encara Liam ao seu lado — Pensei que havia sido claro sobre isso.

— Ah não — Liam levanta os braços em protesto — Você sabe muito bem a mulher que tem.

Seus olhos zangados voltam em direção a mim. Encaro-o com a mesma determinação e certa irritação. Afinal de contas, o que ele esperava? Liam está certo. Ele me conhece muito bem, portanto não há motivo para acreditar que ficaria em casa à espera de notícias, sua ira é injustificada.

— Eu não esperaria algo diferente — Neil sentencia derrotado — Mas no futuro...

— Ah não! Não haverá próxima vez — Adam nos encara com olhar abismado — Você não está mais no colegial Neil. Agora tem mulher, filhos, uma família. Da próxima vez que quiser ser irracional pense neles primeiro.

— Foi pensando neles que fiz o que fiz! — diz Neil, mal escondendo a impaciência — Você viu a maldita caixa.

— Há meios legais para parar Sophia e Bauer — Adam suspira pouco convincente.

— É mesmo? Então me diga quais? Por que até agora você e Peter não fizeram nada.

— Ainda não temos provas concretas, por enquanto são apenas especulações — Adam insiste — Mas, sei que eles darão um passo em falso, em breve. Você tem que ter paciência.

— Podem fazer qualquer coisa comigo Adam — diz Neil, mordaz — Não vão tocar em minha família, físico ou psicologicamente!

— A atitude de Neil foi um pouco passional, mas eu consigo entender Adam — murmuro — Você faria qualquer coisa por seu filho Adam. Mesmo que pareça errado.

Eu vejo mágoa e algo indecifrável brilhar nos olhos dele. Seu rosto fica endurecido como pedra, ele enrijece o corpo de forma defensiva. Sei que peguei em seu ponto fraco, não foi minha intenção.

— Acho que tem razão — diz ele, em um tom triste — Tentem ser menos emocionais da próxima vez.

— Eu não acredito em nada nessa suposta generosidade de Bauer. Com certeza ele está aprontando algo — ele continua distraidamente — Vou resolver as últimas questões legais, vocês já podem ir para casa.

Adam sai apressadamente, a culpa toma conta de mim, me sinto péssima. Não deveria ter tocado em um ponto tão delicado para ele. Ainda mais sem saber com profundidade sobre o que havia acontecido com a ex-namorada e o bebê deles. Pelo pouco que Neil me disse, ele carrega uma grande culpa sobre a morte deles.

— Droga — murmuro, queixosa. Neil me abraça, apoio a cabeça em seu peito — Eu não quis ser indelicada.

— Ele sabe que não quis.

— Não se preocupe Jenny — Liam afaga meu ombro — Meu irmão já deveria ter aprendido a lidar com isso, já faz mais de cinco anos, pensei que já havia superado, mas vejo que não.

— Talvez as coisas mudem o mais rápido do que pensa— seguro sua mão em meu ombro.

— O que quer dizer? — pergunta Liam, confuso.

— Sr. Crighton curiosidade é um defeito feminino.

— Assim como o dom de nos enlouquecer — diz Neil, sorridente — Vamos sair desse lugar e ir para casa.

— Não devemos ir ao médico primeiro? — indico o corte em seus lábios e os punhos machucados.

— Um curativo será suficiente — ele sorri — Acredite, já estive pior em outras ocasiões.

Eu não duvido disso. Neil deve ter sido um adolescente terrível. Sair do prédio foi um pouco mais fácil do que entrar. Agora eu tenho dois homens para me proteger. Além disso, Peter já está lá fora com sua equipe de segurança. Não

houve perguntas inconvenientes, e nem flashs em nossa direção. O carro está estacionado estrategicamente, saímos em disparada, assim que entramos no carro.

Para minha paz de espirito, também não há fotógrafos em frente a nossa casa. Chegamos e a casa está em silêncio. Fico agradecida por Claire ter colocado Anne para dormir, isso evitará maiores explicações.

— Quer jantar? — pergunto, assim que penduramos nossos casacos.

— Você já comeu?

— Não — murmuro — Estava esperando-o, mas já não tenho fome.

— Agora não é apenas você Jennifer — ele alisa meu ventre — Tem que ser mais cuidadosa.

— Por que não sobe e toma um banho — beijo seus lábios com carinho — Vou verificar o que há na cozinha para nós dois. Depois eu cuido desses ferimentos.

— Uma enfermeira particular? — Neil agarra minha cintura, puxa-me para perto dele e desliza as mãos pelo meu corpo pousando em minha bunda. — Eu gosto disso.

Aperta-me contra ele, sinto seu membro cutucar minha pélvis. A capacidade e velocidade que ele tem de se excitar e me excitar é assustadora. Seus lábios deslizam em círculos sobre os meus, como toque macio de uma pluma. Inebriando, enlouquecendo, fazendo-me desejá-lo ardentemente.

— Espero-a lá em cima — ele se afasta de mim com um sorriso largo no rosto.

Filho da mãe!

Testemunho-o se afastar, com seu andar sexy de pantera, como se o mundo o pertencesse. Sigo para a cozinha, preparo uma refeição leve, apenas lanche natural e suco de maçã. Coloco-os em uma bandeja e testo o peso. Não está exatamente leve, mas não é tão pesado para que eu não possa carregar. Evito as escadas só por desencargo de consciência e pego o elevador. Tento equilibrar a bandeja e abrir a porta do quarto ao mesmo tempo, quando ela é aberta escancaradamente para mim.

— O que você está fazendo?

Neil toma a bandeja de minhas mãos e volta para o quarto, colando-a em cima do mezanino.

— O que eu disse sobre ser cuidadosa? — diz ele, frustrado — Isso inclui nada de carregar peso e subir as escadas. Sabe o que poderia ter acontecido se tropeçasse ou...

— Ah não começa! — digo, irritada — E eu subi de elevador. Foi você quem disse que me esperaria aqui em cima.

— Eu não sabia que seria inconsequente.

— Falou o lutador de MMA — murmuro — Quer mesmo falar de inconsequência?

— Jennifer, não me provoque!

Ele apoia-se contra a parede, cruza os braços me encarando firme. Eu gostaria de continuar irritada com ele, mandá-lo dormir no outro quarto, mas... Deus! Neil está sexy demais! Os músculos destacados sob o robe de seda preto, os cabelos bagunçados, úmidos, o aroma masculino vindo dele, impregnam o ambiente deixam-me inebriada.

— Eu não sou feita de cristal — digo, em um gemido.

— Para mim é — seu andar felino vem em direção a mim. — Minha pequena Diamonds Gloss.

Fico encantada por ele me comparar a uma das fábricas de cristais mais famosas, se não a mais famosa do mundo.

— Por que eu não consigo ficar brava com você? — acaricio o peito sob o robe macio.

— Por que eu sou irresistível — Neil beija meus lábios e faz carinho em minhas nádegas — É por que você me ama.

Sinto minha calcinha ficar úmida e o velho conhecido formigamento entre minhas pernas. O rubor toma conta de meu rosto, minhas bochechas queimam.

Neil desliza a mão por dentro de minha saia e me toca através da calcinha úmida.

— Você quer foder? — sussurra ele, em meu ouvido.

— Neil... — gemo alto, caindo em seus braços como manteiga derretida.

— Eu também quero — ele sussurra começando a tirar minhas roupas — Vou fazer isso à noite toda — tremo quando ele desliza a calcinha por minhas pernas. Você está um pouco tensa. Acho que um banho resolve isso.

Ele desliza as mãos pelas minhas costas causando arrepios. Solto um gritinho de excitação quando ele me pega no colo e me carrega até o banheiro. Neil coloca-me no chão e me olha de cima a baixo como se avaliasse sua presa.

— Rápido e intenso no chuveiro? — ele indaga tirando o robe, ficando maravilhosamente nu a minha frente — Ou lento e apaixonado na banheira?

— Rápido e depois lento — digo tensa. Passo a língua pelos lábios como se tivesse diante de um banquete. Por que eu tenho que escolher uma das opções se eu posso ter às duas?

Ele faz o biquinho mais sexy que eu já vi e me agarra pelos braços.

— Você pediu por isso!

Seus lábios tomam posse dos meus em um beijo furioso, ele me conduz para dentro do box, sem me soltar um único segundo. Neil geme entre meus lábios e

eu me afasto dele tocando seu lábio inchado.

— Doeu?

Ele puxa minhas mãos e leva até seu membro rijo e grosso.

— É única coisa que vai doer se eu não tiver você... — ele desliza minha mãe pela extensão de seu pênis

Eu não consigo lutar contra o poder que ele exerce sobre mim. Tudo nele me deixa alucinada. Seu aroma, seu toque, sua voz. A forma como minha pele arde contra a dele. Acaricio o membro encantada, deliciada com a forma que ele endurece ainda mais sob meu toque.

— Pare! — Neil apoia-se contra a parede e liga o chuveiro — Por mais que eu ame suas mãos de seda, se me tocar assim por mais um minuto, eu não vou resistir.

— Pensei que quisesse rápido? — provoco-o.

— Não dessa maneira.

Ele me puxa para o jato de água quente que escorre pelo meu corpo, enquanto ele me observa com olhar faminto. Neil coloca uma pequena quantidade de sabonete em suas mãos e esfrega em meus seios. Apoio à mão contra a parede do box, tento manter-me em pé enquanto ele incita os meus mamilos com os dedos, com os lábios em seguida. Sinto minhas pernas vacilarem, ele me puxa contra ele, pressionando minhas costas contra seu peito forte.

Neil passa sabão sobre cada centímetro sensível de meu corpo, eu me contorço, tento manter-me em pé, é uma tarefa muito difícil. Lentamente, às mãos trabalharam para baixo de meu ventre, mergulhando para o vinco na parte superior das minhas coxas. A doce fricção em meu clitóris é suave, deliciosa.

— Neil... — agarro-me em seu braço, tento controlar as sensações que me dominam.

Ele beija meu pescoço, morde meu ombro, continuando a me acariciar sem cessar. Um grito se perde em meus lábios, não é um grito de dor, mas de prazer. Espasmos tomam conta de mim, desabo em seus braços.

Ele prende-me contra à parede, me pega pela cintura, encaixa minhas pernas na cintura dele. Ofego quando seu membro pressiona contra minha abertura, suspiro quando ele desliza para dentro de mim, possuindo-me completamente, em uma investida forte e profunda. O som que ele emite é tão erótico que seria o suficiente para me levar a plenitude. O jeito que ele me ama com o seu corpo, beijando, tocando, proporcionando-me prazer de maneiras infinitas, deixa-me fora de mim. Novamente a tensão volta a construir em meu interior. Tão rápido e quente que me vejo entrando em erupção a qualquer momento.

— Neil...

Ele ofega, eu gemo. Ele investe, eu contorço. Ele toma, eu dou. Dentro e fora,

indo e vindo, de forma alucinante.

— Você é tão gostosa meu anjo — ele estoca mais fundo, morde meus lábios — Inferno, eu poderia ficar aqui para sempre. Dentro de você — volta a investir com mais força e mais rápido — Bem fundo.

Alucinada por suas palavras eu me remexo contra ele, puxo-o com os meus pés, solto um grito enlouquecido, um orgasmo alucinante me invade. É tão forte e intenso que temo perder os sentidos. Minhas paredes vaginais pulsando fortemente em torno dele.

— Ohhh... Jenny! — ele solta um gemido profundo de satisfação tão pleno quando seu grito no clímax.

Alguns segundos, minutos, horas depois, eu já não tenho controle sobre o tempo, ele desliza minhas pernas bambas até o chão e me sustenta entre seu corpo e a parede. Apoio minha testa em seu peito enquanto esperamos nossa respiração se normalizar.

Neil desliga o chuveiro e me olha com olhar safado.

— Agora, lento e apaixonado?

Merda! Se ele for mais apaixonado que isso nós não sairemos vivos desse banheiro.

≈≈≈

Acordo com o corpo levemente dolorido. Após uma ducha rápida desço para o café com estômago queimando de fome. A noite anterior foi intensa, como a maioria das vezes. Eu me pergunto até quando nossa vida será assim? Pela sua fome e desejo eu acredito que por muito tempo. Não há como negar que isso me deixa plenamente satisfeita e feliz.

— Está com fome não é bebê? — acaricio a barriga com carinho.

Encontro Neil na sala com um jornal na mão e gritando ao telefone. Não sei quem está do outro lado da linha, mas sinto pena do ser nesse momento.

— Eu não quero saber — diz ele, ríspido — Consiga com que esse jornal faça uma retratação. Ainda hoje!

Ele desliga o celular e joga-o em cima da mesa.

— O que aconteceu? — pergunto preocupada.

Neil atira o jornal em cima de uma cadeira e volta a se sentar-se à mesa do café.

— Nada com que deva se preocupar.

Se ele diz que eu não devo me preocupar é porque devo me preocupar. Ignorando seu olhar, vou em direção ao jornal.

A manchete faz com que eu arregale os olhos com surpresa. Anexado à matéria há uma foto minha e de Konrad no shopping em um abraço duvidoso. A

mesma foto que havia sido enviada para Neil alguns dias atrás.

La Bella e seus dois amores.

Parece que o Sr. Durant não tem a mesma inteligência para mulheres como tem para os negócios. A jovem até então, desconhecida Srta. Connor, recentemente noiva do magnata Neil Durant, foi motivo de um desentendimento no dia anterior. A mesma parece indecisa entre subir ao altar ou se entregar a uma nova paixão com famoso fotógrafo de Nova York. Parece que a jovem não é completamente estúpida quanto aparenta, já que se assegurou de uma boa pensão com o velho truque da barriga. Em todo caso, nossa redação fica contente em informar ao magnata, que há milhares de jovens dispostas a curar seu coração partido, caso ela decida por outro. Milhares de cartas chegam a nós...

Jogo o jornal em cima da mesa, incapaz de continuar lendo tanta mentira. Sento-me na cadeira onde o jornal esteve há alguns instantes, procurando assimilar as palavras que acabei de ler.

— Quanta porcaria — sussurro revoltada — Como podem ser tão nojentos?

— Eu sinto muito — Neil parece inconformado.

— Por quê? Nada disso é culpa sua. São apenas mentiras de um jornal idiota.

— Que eu não vou aceitar — diz ele, categoricamente.

Eu sei que não, mas eu não vou me envolver nisso. Como dizem por ai, quanto mais se mexe na merda mais ela fede. Neil está muito mais acostumado a lidar com isso do que eu, então deixarei que resolva isso. Afinal, Sophia fora capa de revistas e manchetes como essa muitas vezes. A única coisa que me irrita é que no meu caso é injustamente.

— O que temos para o café — mudo de assunto. Olho para mesa tentando agir com a maior naturalidade possível. O dia anterior já foi difícil o suficiente para que eu o encha como uma nova crise — Estou morrendo de fome.

Neil me encara com as sobrancelhas arqueadas, os olhos negros parecem se divertir com minha reação.

— Você nunca deixa de me surpreender Jennifer.

— Isso é ótimo. Seria péssimo ter que conviver com uma pessoa tão previsível.

≈≈≈

É véspera de ano novo, estou na sala coberta de uma variedade de cores e modelos de vestidos de festas. Seguro um vestido branco e outro da cor prata, tentando me decidir, qual a melhor opção para a festa dada por Neil para os funcionários de sua companhia.

— Saia do clichê e escolha algo mais alegre.

— Paige! — grito e salto do sofá ao encarar a mulher parada na porta — O que faz aqui?

— Richard me contou o que aconteceu e eu quis voltar.

— Mas como ele soube?

— Bem... — ela parece receosa — Você é o assunto nos sites de fofoca. Richard ligou para Liam que nos contou o que aconteceu. Inclusive sobre a caixa macabra. Por que não me disse? Teria voltado imediatamente.

— Não queria estragar sua lua de mel com aquilo.

Apenas a lembrança faz com que meu sangue congele.

— Pelo amor de Deus Jenny — diz ela, magoada — Acho que somos mais do que amigas.

— Não fique brava comigo. Não queria preocupar você à toa — murmuro envergonhada — E não havia nada que pudesse fazer.

— Ai é que você se engana — Paige senta-se no braço do sofá — Poderia dar uma boa surra naquela vadia da Sophia. E espetar todos aqueles alfinetes na cara dela.

— Paige! Ver Neil na delegacia foi suficiente para mim.

— Pois eu iria só pelo prazer de furar a cara de rato dela. Essa mulher precisa de uma lição.

— Esqueça a louca da Sophia e me ajude a escolher um vestido.

Paige mexe nas caixas no chão até encontrar um modelo que a deixe satisfeita.

— Eu gosto desse azul. Combina com seus olhos.

O vestido é realmente lindo. Um modelo longo com um profundo decote em V na cor azul cor do céu.

— Não é um pouco justo demais na cintura? — pergunto incerta — Acha que já dá para notar minha barriga?

— Se eu não tivesse visto o teste, jamais desconfiaria — diz Paige ao olhar para meu ventre — Parece mais magra.

— É o que o Neil diz.

— E o seu médico? — pergunta ela, preocupada.

—Que é normal nos primeiros meses — murmuro — Você vai a festa não é?

Depois das últimas fofocas me sentirei mais confortável se Paige estiver comigo. Será mais fácil suportar os olhares acusadores.

— Eu não perderia isso por nada.

— Senti tanto a sua falta Paige — digo abraçando-a.

— Desculpe querida, mas eu não senti tanta falta de você, não — diz ela, sorrindo — Eu tive um homem lindo me ocupando o tempo todo.

— Paige! —dou um murro em seu braço — Idiota.

— Certo, vá para Itália com seu futuro marido e me conte se pensou em mim.

Caímos na risada. É bom tê-la de volta. Paige sempre é capaz de me colocar para cima.

≈≈≈

A noite começa melhor do que esperava. Neil faz um lindo discurso de abertura e agradecimento. Anuncia que todos receberão um bônus referente aos lucros alcançados durante o ano e o salão lotado o ovaciona animadamente.

Fui apresentada a mais pessoas do que serei capaz de lembrar no dia seguinte. Para minha surpresa, estão mais interessados em atrair a atenção de Neil do que serem grosseiros comigo.

Os homens são simpáticos e algumas mulheres o devoram descaradamente. Isso não me incomoda mais, não posso culpá-las, afinal ele é um homem lindo e fascinante. Contanto que elas não o toquem, estará tudo bem para mim.

Caminhamos para nossa mesa onde Peter, Liam, Richard e Paige conversam animadamente.

Penélope passa por nossa mesa meia hora depois para se certificar de que tudo está indo bem. Neil pede que ela relaxe e aproveite a festa como todo mundo. Eu tento convencê-la a sentar em nossa mesa, mas ela prefere ficar mais afastada com as amigas do trabalho.

— Você sabe mesmo animar uma festa Neil — Evan sócio de Neil na companhia de aviação se aproxima de nossa mesa, acompanhado de sua irmã detestável — Sinto, mas não podermos ficar por muito tempo. Passei apenas para cumprimentá-lo.

— Você é sempre bem-vindo Evan — diz Neil, com sinceridade.

— Fiquei sabendo que recuperou a memória — Milla sorri para ele — Isso é uma boa notícia.

— Sim — o brilho nas profundezas dos olhos negros, dizia que ele ainda não a perdoou pelas mentiras que disse a mim — Eu me lembro de exatamente de tudo.

Percebo pela palidez no rosto dela que entendeu o recado, mas isso não a impediu de me lançar um olhar de ódio, embora eu esteja trêmula de raiva por dentro, sustento seu olhar de forma tranquila.

— Nós precisamos ir — Evan sorri desconfortável. Creio que deve ter percebido que trazer a irmã com ele não havia sido uma boa ideia.

— Feliz ano novo — digo a ele com sinceridade.

— Para vocês também. Até logo.

Evan conduz Milla pela multidão, diz algo em seu ouvido, pela forma que ela tenta se desvencilhar dele não é uma coisa agradável. Fico feliz que ele tente

colocar o mínimo de juízo na cabeça dela. Alguém naquela família parece ser razoável.

A festa está a pico. Grande parte dos convidados está na pista de dança que está sendo animada por um DJ conhecido. Estou rindo até as lágrimas ao observar Paige dançar como louca enquanto Richard tenta afastar qualquer homem um pouco mais afoito de perto dela.

Uma cena próxima à pista desvia minha atenção. Adam e Penélope parecem estar em uma discussão fervorosa. Alguns minutos depois a vejo correr para o banheiro aos prantos.

— Aonde vai? — Neil puxa minha mão assim que me levanto.

— Preciso ir ao toalete.

— Volte logo — ele olha para relógio em seu pulso — Faltam vinte minutos para o próximo ano. Eu quero iniciá-lo com você.

Saio apressada, cumprimento pelo caminho algumas pessoas que eu já havia esquecido os nomes. A maioria era simpática, outras apenas queriam agradar a namorada do chefe.

Há três mulheres fazendo a maquiagem em frente ao espelho amplo e duas portas fechadas. Finjo retocar o batom enquanto aguardo uma das portas abrir e Penélope sair de lá.

Uma senhora gordinha sai de uma delas, vem até a pia lavar as mãos, e volta para festa com sua amiga em seguida.

O ambiente fica vazio em seguida com exceção da última porta ainda fechada.

— Penélope? — bato na porta levemente à espera de resposta.

Nada!

— Penélope! — bato com mais força dessa vez — Sei que está ai, se não abrir eu vou pedir que Neil entre aqui e arrombe essa porta.

Estou seriamente preocupada com ela, poderia ter desmaiado, estar inconsciente lá dentro. Ela e o bebê podem estar correndo algum perigo. Estou prestes a procurar ajuda quando ouço o clique da porta, vejo Penélope sair ainda muito abalada.

— Você está bem? — pergunto, preocupada.

— Eu vou ficar — diz ela, chorosa — Não se preocupe.

Ela passa por mim.

— Você contou para o Adam? — impeço-a de sair — Contou sobre o bebê?

— Não sei do que está falando...

— Você pode mentir o quanto quiser — retruco nervosa — A menos que pretenda tirar esse bebê não é algo que se consiga esconder por muito tempo.

— Eu jamais faria isso! — diz Penélope, indignada, levando a mão à barriga

em seguida.

Em instantes ela percebe que revelou o que tem se empenhado em esconder durante dias. Sua mão vai à boca e seus olhos ficam marejados.

— Ah, Jenny não conte a ele.

— Não vou fazer isso, é algo que só diz respeito a vocês dois — digo, frustrada — Mas, Adam tem o direito de saber Penélope.

— Eu vou contar.

Não sei por que, mas eu não senti segurança em sua voz, não vi sinceridade em seu olhar. A coisa está mais complicada do que imaginei.

— Eu espero que sim. Um pai tem o direito de saber sobre seu filho, pense nisso.

— Eu sei — ela sussurra, baixinho.

— Vamos voltar para festa?

— Eu estou um pouco cansada — murmura — Se não se importar eu vou para casa.

Como vejo que seu estado emocional está muito abalado, o que não é bom ela e para seu bebê eu resolvo concordar.

— Eu vou pedir que o motorista a leve.

— Não é preciso — ela recusa de imediato — Posso pegar um táxi.

— Não seja teimosa — insisto enquanto saímos de volta para o barulho — Será quase impossível conseguir um táxi...

— Que bom que encontrei você Pê — uma jovem com uniforme do buffet vem em nossa direção — Temos que sair voando daqui.

A jovem baixinha e muito bonita me interrompe. Ela parece nervosa e acalorada demais.

— Você não tem que terminar seu turno Julianne? — pergunta Penélope, intrigada.

A jovem olha para trás novamente como se esperasse que um fantasma aparecesse.

— Não creio que vão me pagar de qualquer forma. Vamos Pê. Eu explico mais tarde.

Sem entender nada eu vejo a tal Julianne arrastar Penélope ainda mais confusa que eu até a saída.

Bem eu não tenho tempo para pensar sobre isso. Faltam cinco minutos para virada do ano e Neil deve estar querendo me matar.

— Onde ela está?

Liam aparece em minha frente como se todos os guerreiros do Apocalipse estivessem em seu encalce.

— Penélope?

— Não! — ele procura algo acima da minha cabeça — Aquela pequena pestinha. Ela jogou uma taça de vinho em meu terno. Sabe o que isso significa?

Eu não sei o que isso significa, mas eu nunca vi Liam tão irritado como agora.

— De quem está falando? — pergunto curiosa.

— Não tenho tempo para explicações — Liam passa apressado por mim — Feliz ano novo!

— Feliz ano novo para você também! — grito de volta para ele — Maluco!

Definitivamente essa é uma das noites mais estranhas da minha vida.

Capítulo 20

É a última prova do vestido, tenho que dizer que eu não pensei que pudesse estar tão nervosa como agora. A ideia de que em dois dias deixarei de ser a Srta. Connor e passarei a ser Sra. Durant me deixa em êxtase e assustada ao mesmo tempo. Encaro o espelho e a mulher que vejo refletida nele, em nada se parece com a jovem mulher que ocupou minha mente durante tanto tempo. Já não sou mais a jovem inocente cheia de traumas e medos. Agora há em mim uma mulher adulta, segura, feliz. Em breve esposa e mãe.

Tantas mudanças em um único ano. Foram tantos caminhos que me trouxeram até aqui, mas se o resultado for esse: estar ao lado do homem que amo, da minha nova família e dos amigos queridos, valeu a pena. Valeu a pena cada lágrima, cada momento de dor e desespero.

— Você já está chorando? — Paige segura minhas mãos — Imagine o que fará no casamento.

— É a gravidez — digo, tímida.

— Você está tão linda Jenny — diz Paige, em uma voz emocionada, encarando-me de cima a baixo — Você parece uma pintura. Eu diria como uma santa

— Francamente Paige, santa é a última coisa que eu me sinto — dou risada diante de sua comparação. Depois da noite anterior, a última coisa que eu penso sobre mim mesma é santidade — Mas, o vestido é realmente muito lindo não é?

— Se o Neil já não fosse apaixonado por você ficaria agora.

Ainda custo a acreditar em todas as coisas que estão acontecendo em minha vida. Abençoaremos nossa união na presença de nossos amigos e familiares, dentro de alguns meses teremos em nossos braços o fruto dessa união.

De volta para casa e após deixar Paige em seu apartamento, percebo que o caminho que Calvin está seguindo é completamente diferente do que costumamos fazer.

— Esse não é o caminho para casa Calvin — digo, confusa — Para aonde nós vamos?

— Sinto, mas eu não posso dizer senhorita — ele me encara através do retrovisor. Percebo um brilho divertido em seus olhos.

Paramos em frente a um prédio refinado. Na fachada há um elegante logotipo das empresas Durant, em prata.

— Durant Plaza? — pergunto a Calvin assim que ele abre a porta para que eu saia.

— Não se lembra?

Estamos no fim de tarde e o entra e sai do hotel é constante. Pessoas indo, vindo, todos os tipos e humor. Jovens amigas com sacolas de compras, empresários com suas pastas nas mãos, uma mãe correndo atrás de seus filhos, entre outros.

— Por aqui senhorita — Calvin me guia até o elevador privativo.

Ainda não faço ideia do que posso estar fazendo ali, mas com certeza fora ideia de Neil. O que ele está reservando para nós dois é uma completa incógnita para mim. Há muito tempo que não usamos a suíte do hotel, na verdade, desde que voltei a enxergar e que ele havia sofrido aquele terrível acidente.

Entramos no elevador e minha ansiedade é cada vez mais intensa.

— Suíte 102 — murmura Calvin assim que eu saio. Antes que eu possa perguntar o que está acontecendo, Calvin volta a sorrir para mim e as portas se fecham.

Não tenho outra opção a não ser seguir para o apartamento indicado. Ironicamente me sinto como “Alice no país das maravilhas”, a diferença é que meu coelho branco havia dado no pé.

Paro na suíte indicada e leio o bilhete escrito em uma grafia masculina e elegante.

Entre e siga o caminho das rosas.

Abro a porta lentamente, a imagem que vejo me deixa paralisada, inegavelmente abalada. Não posso acreditar que ele havia feito isso.

O caminho está coberto de pétalas de rosas brancas e vermelhas. O aroma floral predomina em todo o ambiente. Meus olhos vagueiam da mesa de jantar até o sofá de couro branco. No quarto há mais pétalas de rosas e a cama está coberta delas.

Do lado esquerdo encostado na parede de vidro, está o homem mais lindo e perfeito que já vi, que pertence a mim, assim como sou dele.

Calça jeans escuro, camiseta branca que realçam os músculos dos braços e peito, cabelos úmidos jogados para trás, olhar predador e um sorriso...

Ah, o sorriso! O mesmo sorriso que sempre me deixa de pernas bambas.

— Por que tudo isso? — pergunto emocionada.

— Porque você merece — diz ele encabulado — E porque quis mantê-la longe das ideias da sua amiga maluca querendo nos afastar, como no dia do casamento dela.

— O noivo não deve ver a noiva só no dia do casamento? — provoco-o alisando seu peito.

— A partir de hoje não há um único dia que eu queira ficar longe de você. E não vou permitir que ninguém mais nos separe, nem mesmo a louca da Paige.

Embora soe de forma um pouco ou talvez muito possessiva de encarar as coisas, é exatamente como me sinto também. Meu desejo é poder compartilhar todos os momentos, as descobertas do dia a dia com ele, sempre. Até mesmo nossas brigas são interessantes e pós briga ainda mais emocionante. Eu o amo mais que qualquer pessoa no mundo e cada dia mais.

— Aqui tudo começou — Neil se aproxima de mim a passos lentos — Eu a fiz minha pela primeira vez...

Seu olhar abrasador faz com que meu coração dispare no peito.

— Eu lhe entreguei os papéis do divórcio... Daqui você saíra para ser minha esposa, mãe do meu filho, minha amiga e amante, para sempre.

Suas mãos grandes e quentes emolduram meu rosto. Com o dedo ele afasta uma mexa de cabelo dos meus olhos.

- Eu amo você Jen.

Emocionada, é o mínimo que eu posso dizer sobre mim nesse momento. Suas palavras tocam fundo em meu coração. Não são palavras ensaiadas, mas vindas diretas do seu coração, que por todo esse tempo só fez me amar, mesmo sendo tola e muitas vezes não fazendo jus a esse amor.

— Jen? — pergunto dando-me conta do diminutivo de meu nome.

— Todos a chamam de Jenny, mas eu gosto do seu nome, Jennifer é um nome lindo. Mas eu queria algo único, algo especial, algo que pertencesse somente a mim, há mais ninguém. Então, para algumas pessoas você é Jennifer, Jenny, mas para mim apenas Jen. Minha linda e corajosa Jen.

As lágrimas descem por meu rosto de forma abundante.

— Devo presumir que são de felicidade — ele acaricia minhas bochechas secando os rastros de lágrimas.

— Você é a única pessoa no mundo que faz com que eu chore de felicidade. Eu também o amo muito. E vou amar por toda minha vida e além dela.

Nós nos beijamos apaixonadamente, com a pressa dos amantes, nos despimos sem desviar os olhos um do outro. Já totalmente nus, Neil me deita na cama repleta de rosas perfumadas e macias. Seu corpo cobre o meu esfregando-se em mim, nossas peles ardendo uma pela outra.

— Você é a coisa mais incrível que aconteceu na minha vida — Neil sussurra e me toma com paixão.

E recebo-o com volúpia e todo amor que há em mim.

≈≈≈

O espelho do quarto reflete uma jovem esguia, absurdamente linda em seu

vestido branco de cetim. O longo véu de rendas finas arrasta-se pelo chão, completando a imagem austera.

Tento não entrar em pânico com o que virá a seguir. Iremos dar o passo mais importante de nossas vidas, milhares de dúvidas tornam a girar por minha cabeça.

Não há dúvidas de quanto o amo e de que tomei a decisão certa, mas serei capaz de fazê-lo feliz como Neil merece? Conseguirei ser uma boa mãe para Anne e esse bebê que irá nascer? Apenas meu amor, pois é tudo que tenho a oferecer será suficiente para fazê-los tão feliz como eu sou agora?

— Eu pensei que seria impossível você ficar mais bonita, mas estava errada — Paige murmura ao me entregar o buque. — Está muito linda.

— Obrigada Paige — murmuro, emocionada — Por tudo.

Não falo apenas dos preparativos do casamento, mas de toda a amizade e apoio durante esses quase três anos de amizade e companheirismo. Três anos que parecem vinte, que com certeza durará mais que isso. Passamos por tantas coisas juntas, muitas lágrimas, tristezas e alegrias. Parece que a conheço a muitas gerações.

— Não seja boba — ela entende o que estou falando — Somos irmãs e comparada a mim nos dias que antecederam meu casamento, você foi um anjo.

Kevin abre a porta, fica paralisado entre o quarto e vão da porta. Seus olhos ficam marejados, vejo uma forte emoção em seu rosto.

— Meu Deus! — ele caminha até mim com passos vacilantes — Está tão linda Jenny. Se nossos pais pudessem vê-la nesse momento eles ficariam orgulhosos.

Esse é um vazio que eu nunca vou poder preencher, a falta que meus pais fazem nesse momento é muito grande. Eu gostaria muito de poder ver minha mãe no altar e ser levado até Neil pelo meu pai, mas embora nada disso seja possível, eu sinto a presença deles de alguma forma. E para sempre eles estarão em meu coração.

— De algum jeito eles estão olhando por você — diz Paige, emocionada — Agora vamos começar esse casamento antes que o noivo tenha um ataque em pleno altar. Se você pudesse ver como ele está nervoso.

Saio do quarto de braços dados com Kevin. Paige segue atrás segurado a calda e o véu do vestido. Anne nos espera perto da porta, lindamente comportada e perfeita em seu vestido branco. Antes de nos prepararmos para atravessar a porta ela segura minhas mãos e me encara com o rostinho ansioso.

— Eu queria perguntar uma coisa...

— Claro minha querida — sorrio para ela — O que é?

Anne olha para baixo e morde os lábios de modo receoso. Percebo que ela

está em um conflito interno.

— Anne... — ergo seu rosto e olho dentro de seus olhos — Não há nada que não possa me dizer.

— É que... — Anne coça o nariz de forma nervosa.

— Fale querida — insisto carinhosamente.

— Como você vai se casar com meu pai. E vou ter um irmãozinho... — seus dedos apertam os meus — Eu posso chamar você de mamãe, Jenny?

Eu havia prometido a mim mesma que não choraria hoje, que seria um dia apenas para sorrisos e muita festa, mas não posso segurar a onda de emoção que me invade agora. Levo a mão a rosto e tento controlar os soluços que sacodem meu corpo.

— Desculpe — Anne me abraça pela cintura — Não queria que ficasse triste.

— Minha querida — digo, ainda sufocada pelas lágrimas — Você me fez a pessoa mais feliz hoje.

Ajoelho-me para ficar na altura de seu rosto.

— Jenny o vestido! — diz Paige, em uma voz embargada de emoção.

Eu não ligo para o vestido. Eu poderia estar ajoelhando em uma poça de lama que isso não me importaria.

— Eu a amo como minha filha há muito tempo Anne. Nada me faz mais feliz do que me chamar de mamãe. Eu te amo minha filha.

— Também amo você mamãe.

Nós nos abraçamos fortemente, ficamos assim por alguns minutos. Presas em nosso pequeno mundo de mãe e filha. Esse é um momento nosso e especial para nós duas.

— Aconteceu alguma coisa?

Adam aparece à porta tirando-nos da nossa bola de cristal.

— Eu juro que se não sair agora Jenny, aquele maluco virá até aqui e a arrastará pelos cabelos!

Anne e eu rimos do comentário dele, Paige seca minhas lágrimas com um lenço, agradece a Deus pela maquiagem ser à prova d’água e me ajuda a levantar.

A decoração é simples como desejei, mas está a coisa mais linda que já vi na vida. Tudo decorado em tons de branco e prata. O altar está posicionado frente para o imenso lago. O tapete vermelho divide os bancos com os convidados. Apenas amigos íntimos e pessoas que torcem por nossa felicidade.

Vejo cada rosto com imensa alegria e felicidade. No altar Liam, Richard, Peter e Adam, nossos amigos e padrinhos com seus respectivos pares.

A marcha nupcial começa a tocar assim que piso no tapete. Meus olhos se conectam aos de Neil. A emoção e amor que vejo em seus olhos são tão intensos

quanto os que refletem nos meus.

As dúvidas já não existem mais. Eu o amo, vou lutar para fazê-lo feliz em todos os dias de nossas vidas.

Toco minha barriga e fico encantada por nosso bebê, assim como Anne estarem presentes em um momento tão especial como esse. Nossos filhos, além de nosso amor é o elo que nos fortalece a cada dia, tenho certeza que nós quatro seremos imensamente felizes.

— Me mantenha em pé Kevin — sussurro, enquanto caminhamos pelo tapete.

Ele sorri para mim e caminhamos ao som da marcha nupcial. As diversas emoções que me dominam deixam minhas pernas bambas, temo perder os sentidos e estragar o momento. O buquê de lírios do vale e jacintos treme levemente em minhas mãos.

O sorriso largo e confiante dele no altar renovam minhas energias e confiança. Tudo o que me importa é chegar até ele e estar em seus braços novamente. Antes que eu suba ao altar Neil vem de encontro a mim. Agradece Kevin e dá um beijo casto em minha testa.

O sacerdote inicia a cerimônia de casamento, uma imensa paz toma conta de mim. Os dedos dele entrelaçados aos meus transmitem toda segurança que preciso.

— Então peço que me deem a grande satisfação de viverem em harmonia, tendo um mesmo amor, sendo unidos de alma e mente — o sacerdote segue em suas considerações finais antes dos votos — Neil Thomas Durant aceita Jennifer Linton Connor como sua mulher?

— Sim. Por toda a vida — Neil desliza a aliança pelo meu dedo. Noto que seus dedos tremem levemente e ao encontrar seus olhos percebo que estão úmidos, com lágrimas contidas.

— Jennifer Linton Connor aceita Neil Thomas Durant como seu marido?

— Sim. Por toda minha vida — sussurro, deslizando a aliança dourada por seu dedo, também com as mãos trêmulas e novamente com o rosto banhado de lágrimas.

— De acordo com a vontade que ambos acabam de afirmar, perante mim e todos os presentes, pelo poder que compete a mim, perante a igreja e em nome de nosso Senhor, vos receberdes por marido e mulher.

Em seguida fazemos o que todos os casais apaixonados e recém-casados fazem, nos beijamos. Após assinarmos os papéis, tirarmos algumas fotos com os padrinhos, seguimos até a nossa mesa para iniciarmos a festa e os discursos de casamento.

Assim que todos estão instalados e desfrutando de suas bebidas, Neil pede um minuto de atenção e começa o discurso.

— Eu não sou muito bom com as palavras, mas minha noiva, quero dizer mulher... — ele lança um sorriso tímido para nossos amigos, em seguida seus olhos encontram os meus. Há tanto amor e luz dentro deles que me sinto transbordando de felicidade.

— Jennifer você disse que gostaria que fôssemos espontâneos em nossas palavras, nada de frases feitas ou poemas decorados, mas que viessem de nossos corações...

Ele respira fundo agora sem desviar o olhar de mim.

— Obrigado — Neil segura minha mão esquerda, beija o anel em meu dedo — Obrigado por trazer tanta luz e calor para minha vida. Antes de você eu não sabia o que era amar de verdade. Nunca me importei em abdicar dos meus desejos pela felicidade de outra pessoa. Eu nunca aceitei não como resposta, mas você me fez ouvir tantos nãos, mas do que ouvi durante toda minha vida.

Algumas pessoas riem e eu sinto meus olhos pesados novamente. Eu nem sei como ainda consigo ter tantas lágrimas saindo de mim.

— Eu nunca me senti perdido antes, mas também nunca me senti tão em casa como me sinto hoje. Nunca me senti tão amado e jamais vou amar uma mulher como eu amo você. Obrigada por me dar seu amor. Por me dar uma família, mesmo eu não merecendo nada disso. Você é minha luz, meu amor, meu tudo.

Nesse momento eu já nem consigo respirar, estou quase me afogando em tantas lágrimas.

— Eu amo você — ele finaliza beijando meus lábios — Para sempre.

O que eu posso dizer que supere tudo isso? Foi com certeza à declaração mais linda que já recebi e Neil já havia feito milhares de declarações lindíssimas em todo nosso relacionamento.

— Meu marido... — respiro fundo — Amar você é algo tão natural como respirar. Mas amá-lo como eu amo...

Beijo seu dedo anelar.

— Amar você é algo indescritível. E esse amor cresce mais a cada dia. Obrigada por trazer luz aos meus olhos, para que eu possa todos os dias observar o amor refletido nos seus. Obrigada por me dar o presente mais precioso de todos...

Coloco sua mão em meu ventre e com a outra chamo Anne até nós.

— Por me presentear com essa garotinha linda e uma das razões da minha vida. Você me deu uma família e eu apenas o meu amor. Amo vocês. Para sempre.

Os aplausos são estridentes e há gritos e assovios de todos os lados.

Os discursos dos padrinhos também foram muito emocionantes e divertidos. Cada um expressou de forma simples mais sincera todo amor e torcida por nossa

felicidade. Eles sabem o quanto lutamos para chegar até aqui e suas bençõe são muito importantes para nós.

Já estamos no finalzinho da tarde e está quase anoitecendo. Os convidados estão se divertindo muito e a pista de dança está cheia.

Há muita comida e bebida por todos os lados. O serviço de buffet é perfeito, inclusive acho que vi a mesma garota da festa de ano novo servindo algumas mesas. Neil me puxa para pista de dança e me esqueço da jovem completamente.

— Feliz Sra. Durant?

— Seria impossível estar mais feliz — encosto a cabeça em seu peito e me deixo embalar ao ritmo da música.

I Don't Want To Miss A Thing de Aerosmith está tocando nesse momento.

Eu poderia ficar acordado só para ouvir você respirar. Ver o seu rosto sorrindo enquanto você dorme. Enquanto você está longe e sonhando.

Eu poderia passar minha vida nessa doce redenção. Eu poderia me perder neste momento para sempre. Todo momento que eu passo com você. É um momento precioso.

Ele canta baixinho em meu ouvido e me sinto inebriada por seu amor.

Não quero fechar meus olhos. Não quero pegar no sono. Porque eu sentiria a sua falta, baby. E eu não quero perder nada.

Porque mesmo quando eu sonho com você. O sonho mais doce nunca vai ser suficiente. E eu ainda sentiria a sua falta, baby. E eu não quero perder nada.

A música não poderia ser mais perfeita.

Deitado perto de você. Sentindo o seu coração bater. E imaginando o que você está sonhando. Imaginando se sou eu quem você está vendo.

Então beijo seus olhos e agradeço a Deus por estarmos juntos. Eu só quero ficar com você. Neste momento para sempre, para todo o sempre.

Tudo que sei é que, a cada dia eu sou seduzida por ele e estou cada vez mais apaixonada.

Não quero perder um sorriso. Não quero perder um beijo. Bom, eu só quero ficar com você. Aqui com você, apenas assim.

Eu só quero te abraçar forte. Sentir seu coração perto do meu. E ficar aqui neste momento. Por todo o resto dos tempos

E que assim seja! Eu faço uma prece internamente, enquanto sua voz rouca continua a sussurrar a melodia em meu ouvido. O mundo deixou de existir, há apenas nós dois e o amor que sentimos.

Estamos prontos para partimos em lua de mel quando encontro com Lilian assim que saímos de casa.

— Foi um casamento lindo — murmura ela para mim.

— Obrigada — sorrio para ela — Fico feliz que tenham vindo.

Olho para frente e observo Neil conversando com o pai. Parece haver muito carinho e cumplicidade entre eles dois. Fico feliz que pelo menos com o Sr. Durant ele tenha encontrado um pouco de amor e carinho.

— Você sabe que se quiser fazer parte de nossa família, suas atitudes terão que mudar não é?

Lilian encara o chão enquanto pondera minhas palavras. Apesar de ainda não ter esquecido tudo o que ela havia feito a mim e principalmente a Neil, eu decidi ter uma convivência pacífica com ela.

— Eu não fui sempre assim Jenny — murmura, magoada — Um dia você entenderá, mas farei o que for preciso para que essa volte a ser uma família feliz novamente.

— Eu sei que fará.

Então eu faço algo que surpreendeu tanto a mim quanto ela, abraço-a. Neil me encara com olhar atônito, que é substituído por um brilho de felicidade. Embora ele não fale muito sobre isso, sei que a mãe é uma pessoa fundamental na vida dele, mãe é sempre mãe.

A festa continuará por muitas horas, mas nós nos despedimos de todos em uma chuva de arroz e gritos de felicidades.

Anne ficará com Paige por hoje e partirá com os avós no dia seguinte, onde ficará durante às próximas duas semanas em que estaremos em lua de mel.

O destino ainda é desconhecido para mim, mas tenho certeza que será em um lugar lindo e romântico. Mal conseguimos manter nossas mãos afastadas um do outro, no caminho até o aeroporto.

— Ainda não vai me contar aonde vamos?

— É uma surpresa — ele beija meu rosto — Relaxe e aproveite.

Cruzo os braços e finjo estar emburrada. Ele suga meus lábios desfazendo o bico que eu havia formado.

— Sabia que foi um sacrifício fazer as malas? Nem sei se eu trouxe roupas apropriadas.

— Não precisa se preocupar, compraremos tudo o que for necessário, confie em mim.

Confiar nele? Eu havia entregado minha vida em suas mãos, irei com ele aos confins do mundo se for preciso, desde que ele esteja comigo.

A única coisa que me deixa desconfortável é ainda usar o vestido de noiva, mas Neil havia insistido tanto para que ficasse com ele, para que pudesse ter o prazer de tirá-lo, foi tão insistente que atendi a esse pedido.

— As pessoas acharão que sou uma mulher maluca em andar pelo saguão com um vestido de noiva.

— Entraremos por uma ala privativa — ele beija minha mão — E o que as pessoas pensam não importa.

Subimos as escadas que dá acesso ao enorme avião particular, cumprimentamos os tripulantes do voo e entramos. Ninguém parece abismado com minha vestimenta. Seguimos para uma suíte nos fundos do compartimento. Há um quarto todo branco com vários travesseiros de plumas espalhado pela cama. Ao lado da cama há um balde prata com uma garrafa de champanhe e duas taças de cristal.

Sento-me na cama, aguardo enquanto ele estoura a champanhe e serve as duas taças.

— É sem álcool — ele sorri me entregando a taça.

— Sempre pensa em tudo? — pergunto antes dar o primeiro gole. Apesar de não conter álcool a champanhe é deliciosa.

— As melhores coisas estão nos pequenos detalhes — diz ele, pegando a taça de minha mão — E... Eu prometi amar e cuidar de você por todos os dias da minha vida, lembra-se?

Como poderia esquecer? Foram os votos mais lindo que eu já presenciei.

Neil se levanta, deposita as taças no balcão e puxa-me para seus braços. Nossos olhos presos um no outro, desfrutando de todo amor que há refletido neles.

Ele vira-me de costas para ele, seus lábios deslizam por meu pescoço. Lentamente ele desabotoa o vestido de noiva, deposita um beijo suave em minhas costas a cada botão desfeito, deixando um rastro de beijos por minhas costas.

— Já fez amor nas alturas Sra. Durant? — murmura ele, antes de beijar a curva de minha cintura.

— Você já me levou até lá muitas vezes — sussurro ao sentir seus lábios cálidos.

— Hoje eu a levarei até a lua ou mais além.

O vestido cai aos meus pés, em instantes ele me livra do lingerie rendado, em poucos minutos estou nua em frente a ele.

— Linda! — sussurra Neil, desfazendo o penteado em meus cabelos, eles caem livres e em ondas por minhas costas — Amo os seus cabelos, desde a primeira vez que o vi.

— E amo você antes mesmo de vê-lo.

Sinto seu olhar queimar sobre minha pele, incendiando-a ainda mais. Ele afasta-se um pouco de mim para tirar os sapatos, roupas e, em seguida, sua peça intima.

Suspiro ao vê-lo completamente nu diante de mim. Seu membro rijo

apontando em minha direção. Minha boca saliva em expectativa, mordo os lábios para conter um gemido.

Neil pega-me no colo e deita-me na cama. Suas mãos acariciando meu corpo, aumentando o meu desejo. Já não consigo raciocinar ou pensar em nada mais que não seja nele, então, enlaço seu pescoço com os braços e meus lábios o devoram.

Ergo os quadris quando seus dedos tocam a parte úmida entre minhas coxas. Eu preciso mais dele, mais de suas mãos por todas as partes de meu corpo. Cada fibra minha implora por seu toque, seus beijos, ele por completo.

Seus lábios tocam meus seios, beijando-os, sugando e incitando-os cada vez mais. Nesse ponto estou entre a insanidade e o delírio.

— Neil — sussurro quando ele toca meu clitóris sensível. A forma como ele conhece meu corpo, sabe o momento certo e onde me tocar deixa-me impressionada, ensandecida.

Acaricio suas nádegas com a palma das mãos e puxo-o ainda mais contra mim. Sinto uma necessidade inexplicável de que ele me possua, que me faça dele exatamente como eu me sinto, ao mesmo tempo em que meu corpo arde de desejo.

Ele me beija, sua língua indo fundo exatamente da forma que desejo ser possuída, com fome, paixão, loucura. Retribuo o beijo com a mesma voracidade enquanto abraço-o, esfrego meu corpo contra ele de forma desesperada, consumida pela paixão.

Sinto seu membro invadir-me de forma lenta e deliciosa. Seus olhos conectados aos meus enquanto em seu rosto há uma expressão de pleno prazer. Meu coração palpita de forma ensurdecedora, estou sendo consumida pela paixão que arde por minha pele como labaredas de fogo. Ele morde meu pescoço e eu estremeço, contorço-me, gemo, grito até que seus lábios cobrem os meus novamente, silenciando-me com um beijo.

Noto o suor escorrendo pelo rosto dele enquanto ele tenta manter o controle. Continua a se movimentar devagar dentro de mim. Embora eu sinta que sua intenção seja prolongar nosso prazer eu quero ir além.

— Mais... — eu gemo desesperada. A forma que ele entra e sai de mim, cada vez mais profundo, deixa-me atordoada. A urgência rasgando-me ao meio enquanto me agarro a ele com a certeza de que estaremos ligados para sempre — Mais forte!

Neil acelera as investidas, intensas, profundas. Seus dedos voltam a tocar meu clitóris e eu choro com a intensidade do prazer. Meus olhos se fecham automaticamente para saborear a sensação que se intensifica.

— Olhe para mim — Neil fica imóvel, segura meu queixo com a outra mão

de forma exigente — Quero vê-la gozar.

Abro os olhos com dificuldade, encontro seu olhar desfocado de prazer. Seus dedos continuam circular meu clitóris de forma suave. Ele se move mais rápido, mais fundo, cada vez mais fundo e forte, seus quadris se movendo em um ritmo constante.

— Neil! — o gemido escapa de meus lábios — Neil...

Eu grito seu nome insistentemente, de forma desvairada, perdida em um mundo de sensações. Prendo-me a ele movimentando-me em seu ritmo, conectados um ao outro.

— Porra baby! — grita ele, tomando-me mais fundo, cada vez mais e mais fundo dentro de mim — Jennifer.

O sexo entre nós sempre foi incrível, mas nesse momento é incrível do tipo que faz o mundo tremer. E ele fez o que havia prometido, me levou além das alturas.

Assim que sobrevoamos a Torre Eiffel encaro-o com os olhos arregalados de surpresa.

— Paris?

— Paris, champanhe... — ele me entrega uma taça com o liquido borbulhante — E tudo o que temos direito.

Eu não resisto e beijo-o com intensidade. Sempre que conversamos sobre lugares que um dia gostaria de ver a França estava no topo da lista. Eu já deveria ter imaginado que o nosso destino seria esse. Por sorte Paige que provavelmente estava envolvida nisso havia me ajudado a preparar a mala, colocou tudo o que precisaria.

Chegamos a um magnífico hotel, meus olhos brilham como os de uma criança. O hotel é clássico, com as cores vermelho e dourado predominando. A recepcionista nos atende com muita simpatia e entrega a chave magnética.

O quarto é lindo e está todo decorado para uma noite de núpcias. A ampla janela nos dá uma visão maravilhosa da cidade e da torre Eiffel ao fundo. Há champanhe descansando em um balde de gelo, há varias pétalas de rosas pela cama, o lençol está arrumado em forma de coração, tudo parece perfeito. Estou vivendo em um conto de fadas e desejo nunca mais sair dele.

≈≈≈

Os dias seguintes foram os mais românticos e divertidos de toda a minha vida. Paris é uma cidade turística, mas também muito romântica e, maravilhosa para uma lua de mel, não tem como não se apaixonar por ela. Neil me levou a todos os lugares que sonhei conhecer.

Visitamos a torre Eiffel, almoçamos no restaurante da torre, do famoso chef Alain Ducasse onde experimentei umas das melhores comidas da minha vida.

Nós fomos ao Museu Rodin, algumas das esculturas mais famosas de Rodin, como O Pensador estão espalhadas por um lindo jardim, com cadeiras espreguiçadeiras no fim do jardim, perfeito para sentar, namorar, apreciar o lindo cenário e ainda por cima conhecer as obras deste famoso artista. Ficamos ali por algum tempo aconchegados e perdidos em nosso mundo particular.

Eu me apaixonei pelo Jardin du Luxembourg o mais romântico da cidade, com um lago central projetado no século 17, com lindas alamedas e muitas árvores. Andamos de mãos dadas pelo cenário perfeito. Sempre que podíamos parávamos para nos beijarmos e trocarmos carinhos.

Fizemos piquenique à beira do Rio Sena em frente à torre Eiffel, exatamente como os parisienses fazem nos dias de sol, além de claro, passear de barco pelo rio, finalizamos com um fantástico e maravilhoso jantar.

Estamos dançando agarradinhos próximo à popa do navio ao som de um Jazz romântico e o brilho do luar.

— Está absurdamente linda nesse vestido e é quase impossível conseguir ignorar os olhares de cobiça em direção a você — murmura ele, emburrado.

— O que importa é que só tenho olhos para você — digo alisando seu ombro. Meu menino ciumento, se somente conseguisse imaginar o quanto o amo, saberia que jamais deveria se sentir inseguro — E não pense que não notei todas essas mulheres suspirando a sua volta.

— A única mulher que eu vejo está em meus braços — sussurra ele em meu ouvido — E não vejo a hora em que ela esteja nua em minha cama.

— E é lá que ela quer estar.

No dia seguinte fizemos um passeio por Montmartre, foi um dos meus dias favoritos, seguimos o roteiro à risca, me encantei com a Igreja Sacre Coeur, mas também com as ruas residenciais e as plantações de uvas.

Visitamos a loja Belle de Jour, que vende frascos de perfume e borrifadores. Comprei perfumes para mim, um perfume para Paige e outro para Anne. Eu gostaria de ter passado mais tempo na loja, mas Neil se sentiu mal com a infinidade de perfumes e fragrâncias. Os enjoos causados pela gravidez haviam diminuído consideravelmente, mas não havia nos abandonado completamente e isso o deixa um pouco irritado. Para sua paz de espírito, saio da loja assim que a vendedora me entrega os pacotes.

Nos dias seguintes fomos a ópera. No outro assistimos a um show de Moulin Rouge. Os dias foram maravilhosos e as noites perfeitas. Sempre regados a muito amor e romantismo. Fiz questão de comprar presentes para todas as

pessoas que amo, até mesmo Lilian havia entrado na lista.

Voltar para casa foi ao mesmo tempo animador e pesaroso. Voltaríamos à vida cotidiana, a fantasia dos últimos dias ficará apenas na memória. No entanto, estou morrendo de saudade de Anne, embora tenhamos nos falado todos os dias por telefone quero voltar para casa.

— Mãezinha!

Anne corre até nós assim que atravessa a porta. Ainda fico abalada com a forma carinhosa que passamos a nos tratar. A carência que ela teve de uma mãe presente é visível, sinto-me agraciada por poder proporcionar todo esse carinho a ela.

— Senti saudades querida — seguro-a forte contra mim.

— Será que há um lugarzinho para mim ai entre as duas? — Neil pergunta fazendo bico.

— Sempre!

Puxo-o para o meio de nós duas, fazemos um sanduiche com ele. Em meio a nossos risos a porta é aberta novamente, Lilian para no batente, encarando-nos com curiosidade.

— O que estão fazendo? — diz ela, com olhar divertido — Saiam desse frio e entrem! O quarto de vocês já está preparado.

Estou surpresa com o convite e ainda receosa se devo aceitar ou não.

— Bem... — tento encontrar as palavras certas — Estou um pouco cansada da viagem, gostaria de chegar a nossa casa o quanto antes.

— Por isso mesmo ficarão aqui essa noite — Lilian insiste me puxando para dentro da casa — Não é bom nem para você e nem para o bebê viajarem de um lado para o outro em tão pouco tempo.

Sem me dar alternativa para mudar de ideia, ela me conduz para uma sala ampla e aconchegante. Nada ali reluz dinheiro, mas para minha surpresa assemelha-se a um ambiente familiar e aconchegante. Anthony está em uma poltrona perto da lareira, abre um sorriso quando nos vê.

— Como vai senhor Durant?

Sento no sofá ao lado dele. Anthony segura minha mão e leva até os lábios. Agora entendo de onde Neil tirou todo esse lado galanteador.

— Feliz em vê-la — ele diz, quase sem dificuldade. O tratamento está fazendo muito bem a ele, espero que em breve ele possa abandonar a cadeira de rodas e correr pela casa atrás do novo neto ou neta.

A noite foi tranquila, bem mais prazerosa do que pensei. Lilian é uma mulher muito inteligente e mais divertida do que havia imaginado. Eu percebo que está se esforçando em criar um ambiente amistoso para mim e aprecio isso.

Embora desde o natal nós não houvéssemos tocado no assunto, a questão

sobre o passado ainda paira em minha cabeça. Eu não sei se Lilian procura o momento propício para isso, ou se havia decido recomeçar do zero como eu havia feito. Ignoro a questão por um tempo, resolvo apreciar o restante da noite.

Lilian ficou muito feliz com o lenço que compramos para ela. E Anthony amou o relógio antigo que Neil deu a ele. De todos Anne é a mais animada com os presentes.

Voltamos para casa no domingo à tarde. Lilian insistiu para que ficássemos mais um pouco, mas eu quero voltar à normalidade.

≈≈≈

Fevereiro inicia com um dia muito frio e uma pequena nevasca inesperada nos mantém presos em casa.

O dia do meu aniversário se aproxima, ouço burburinhos por todos os lados. Eu sei que Neil, Anne e Paige estão aprontando alguma coisa, mas como não quero ser uma desmancha prazeres, finjo ignorar tudo isso.

No dia, Kevin me leva até uma instituição onde ele está trabalhando como voluntário. Se não fosse por sua animação ao me apresentar as pessoas e jovens que frequentam ali, juraria que isso faz parte do plano para me manter fora de casa.

— O que você faz é muito bonito Kevin — digo a ele assim que entramos no carro de volta para casa — Eu gostaria de voltar mais vezes.

— Esses jovens apenas precisam de uma nova chance e alguém que os oriente — ele balança os ombros — Já estive no mesmo lado que eles. Acho que é o mínimo que posso fazer. E eles adorariam que você voltasse.

— Eu voltarei — prometo.

Pensando bem, acho que será uma ótima forma de ocupar minha mente, além de ficar em casa me empanturrando de sorvete e chocolate.

Ao chegarmos a casa noto a moto de Richard e o carro de Liam estacionado na garagem. Em outro momento estaria em pânico com todos eles reunidos em casa, sem aviso prévio, mas eu já imagino o que está acontecendo lá dentro.

— Eles são péssimos em planejar uma festa surpresa — murmuro para Kevin.

Kevin dá gargalhadas e me ajuda a sair do carro.

— Desconfiou o tempo todo não foi?

— O abrigo fazia parte do plano?

— Não — Kevin segura meus ombros com firmeza — Eu realmente sou um novo homem. E queria compartilhar isso com você.

— É o melhor presente que poderia me dar — abraço-o forte.

Entramos em seguida, tento fazer a melhor cara de surpresa, após os gritos de feliz aniversário. Todos os nossos amigos estão aqui, incluindo Lilian e Anthony.

Há um rapaz e a jovem misteriosa Juliane fazendo o serviço de buffet. É cômico ver Liam seguindo a jovem de um lado a outro enquanto ela finge ignorá-lo. Gostaria de poder sondá-la, saber o está acontecendo entre eles, mas Neil me mantém o tempo todo em seus braços, paparicando-me a cada segundo.

Estamos em uma discussão acalorada entre Paige e Richard sobre iniciar uma família em breve, quando Liam surge segurando a mão de Juliane.

— Richard me empresta a sua moto?

— Agora? — pergunta ele — E como acha que vou embora?

Richard olha de um para outro tentando desvendar o que está acontecendo. Eu percebo que a jovem parece apreensiva, alguma coisa está acontecendo e a curiosidade está me matando. Não é certo fazer isso com uma mulher grávida, onde os hormônios estão explodindo o tempo todo.

— Use o meu carro — Liam pega a chave em seu bolso e entrega a ele — Por favor!

Richard olha para Paige que balança os ombros. Ela está tão curiosa quanto eu.

Volto a olhar para jovem e vejo-a olhando para o chão, com expressão constrangida.

— Está bem — Richard entrega a chave para ele — Mas tenha cuidado.

Liam revira os olhos como um adolescente que recebe orientações dos pais ao pegar o carro pela primeira vez, em seguida arrasta a garota para fora como se fugissem da polícia.

— Eu acho que a Natalie nojenta dançou de vez! — Paige comemora fazendo a dança da vitória.

Embora o pensamento pareça mesquinho, eu também danço internamente. Liam é um dos nossos amigos mais queridos, desejo que ele seja feliz, é visível para qualquer um que ao lado de Natalie isso jamais irá acontecer. A mulher é uma verdadeira bruxa insensível. Espero que Juliane o faça muito feliz, caso contrário ela encontrará duas amigas ávidas para devorar lhe o fígado.

Capítulo 21

É minha primeira consulta médica após a viagem de lua de mel, estou no fim do primeiro trimestre de gravidez. Preferi me encontrar com Neil no escritório com a esperança de encontrar Penélope e conferir a que pé anda a relação dela com Adam, novamente fico decepcionada com sua ausência, ela havia tirado aquela semana de folga.

— Deseja água ou café Sra. Durant? — Aline pergunta solicita.

— Apenas água.

A jovem caminha até o carrinho e serve um copo d'água.

— Você sabe quando Penélope retorna?

— Talvez na próxima segunda, se ela voltar... — Aline balança os ombros e corre para atender o telefone que resolve tocar justo nesse momento.

O caos que se instala no escritório me impede de me aprofundar no assunto. O que está acontecendo para que ela pense em abandonar o emprego? Neil me falou ela ama o trabalho e havia se dedicado muito durante os dois anos em que esteve ali como sua assistente.

— O manterei informado caso haja uma nova informação — ouço Peter dizer assim que ele e Neil saem do escritório — Olá Jenny.

— Como vai Peter?

Os dois se despedem com a promessa de uma nova noite de pôquer para os garotos e isso quer dizer dia de festa para as meninas.

Apesar deles tentarem disfarçar, consigo captar a tensão no ar. Alguma coisa está acontecendo. Por que ele e Peter não querem que eu saiba?

Neil dá as últimas instruções para Aline e me guia até os elevadores.

— Então... — viro-me para ele, encarando-o assim que as portas se fecham — Pode falar.

Observo uma sombra atravessar o rosto bem esculpido de Neil. A dúvida entre me revelar ou não o que incomoda, paira em seu semblante por alguns segundos.

— Não pode me deixar de fora Neil! — insisto — Pode ser perigoso para mim.

Certo! Eu estou jogando sujo, mas no fundo ele sabe que minha teoria é coerente. Não posso ficar na escuridão, se há algum perigo eminente, preciso saber exatamente onde estamos pisando.

— Willian Hardy não resistiu aos ferimentos.

Apoio-me contra a parede gelada do elevador, tento processar essa nova informação da melhor forma possível.

— Ele está morto? — balbucio, tentando controlar o tremor em meu corpo.

Willian Hardy havia sido baleado em seu estabelecimento, há algumas semanas lutava por sua vida em uma cama de UTI. Ele era nossa única esperança de conseguir identificar o tal mascarado. Outra vez, estamos caminhando às cegas. Por mais que desconfiemos do envolvimento de Sophia e Konrad não há nada que posso ligá-los a isso.

— Peter está à procura da jovem que chantageou a Sophia. Talvez ele consiga arrancar algo dela...

— Chantagem?

— Eu não contei na época... — diz ele, suavemente — Mas Sophia me procurou a alguns meses, pedindo-me cem mil dólares.

— Cem mil dólares! — grito, exatamente no momento em que as portas do elevador se abrem, dois homens com pastas nas mãos, encaram-me como se eu fosse louca.

— Sr. Durant — eles cumprimentam Neil assim que saímos, apressam-se para entrar no elevador quando Neil lança a eles um olhar duro.

Caminhamos até a saída, a notícia rodopiando na minha cabeça. Encontramos Calvin aguardando-nos no lado de fora do prédio.

— Por que ela queria cem mil dólares Neil? — retomo o assunto assim que nos acomodamos no carro — Quer dizer... Ela é milionária, por que você teve que dar dinheiro a ela?

— Correção! Os pais de Sophia são milionários, ela não.

— Não é a mesma coisa?

— Não, não é. Sophia deixou de contar com o dinheiro dos pais bem antes de nos casarmos. Os pais dela são bem conservadores. O estilo de vida de Sophia não os agrada muito. Um dos motivos de ter me casado com ela, foi o fato de sua família tê-la deixado à própria sorte quando ficou grávida, o resto você já sabe.

— Mas cem mil dólares é muito dinheiro.

Neil sorri suavemente.

— É uma questão de ponto de vista. Nem todas as pessoas têm tanto medo de gastar dinheiro como você.

— Apenas não gosto de gastá-lo desnecessariamente — defendo-me.

Uma coisa é aproveitar todas as facilidades que o dinheiro pode comprar, outra é esbanjar dinheiro apenas pela necessidade se sentir superior às outras pessoas.

É claro que me sinto confortável, tranquila, em não ter que me preocupar com

coisas como aluguel, contas e plano de saúde, mas isso não quer dizer que vá passar à tarde num shopping estourando o cartão de crédito do meu marido. A felicidade para mim se baseia nas pessoas a minha volta e não nas coisas que posso comprar.

— De qualquer forma por que ela precisava de tanto dinheiro?

— Peter descobriu que essa mulher tinha fotos íntimas de Sophia... — ele diz, enfadado.

— Devem ser fotos um tanto reveladoras para valer tanto. E o que essa mulher tem a ver com tudo isso?

— De acordo com ela, as fotos originais estão nas mãos desse mascarado, ela foi apenas uma ponte.

— Isso não faz sentido — murmuro, frustrada — Por que Sophia chantagearia a si mesma? Onde está essa mulher?

— Peter a perdeu de vista dois dias antes de Willian ser baleado.

— Ela está morta? — digo, com voz estridente.

— Não. Creio que não.

— Como você sabe?

— Ela tem um filho de dez anos. A última notícia que Peter teve sobre ela, foi que deixou o filho com a irmã em Los Angeles, há algumas semanas.

— Acha que está fugindo?

— Provavelmente.

— Não acha que deveríamos ir a polícia? Temos um óbito e uma fugitiva.

— E acusá-los de que? Temos apenas suposições.

— Mas um homem está morto e uma mulher desaparecida — insisto — A polícia não pode ignorar isso.

— Eles os chamariam para uma investigação, mas sem prova não há nada o que fazer.

Ele parece frustrado. É irritante observar esses dois saírem ilesos disso tudo.

— A polícia acredita que foi um assalto. E quanto à mulher chegarão à conclusão que está em algum lugar gastando meu dinheiro, a família não prestou queixa do desaparecimento, não temos nada que os incrimine — Neil continua — Não quero que se preocupe com isso Jennifer. Peter já está cuidando do caso.

Ele segura minhas mãos gélidas e esfregam nas suas transmitindo calor. Eu gostaria de manter minha mente longe de tudo isso, afinal Peter é um profissional e sabe o que está fazendo, mas tudo isso me deixa aterrorizada. Quem quer que seja esse mascarado não está para brincadeira, algo me diz que esse silêncio é apenas momentâneo.

— Você promete que irá tomar cuidado? — abraço-o forte com os olhos marejados.

— Preocupe-se apenas em ficar bem — Neil alisa meus cabelos — Fique bem e eu estarei também.

É a única coisa que me resta a fazer. Além, de rezar para que nada de mal abale nossa paz e tranquilidade.

≈≈≈

— Meus parabéns pelo casamento — a Dra. Moore sorri para nós assim que entra na sala de exames — Eu gostaria de ter ido, mas houve um parto de emergência.

— Por esse motivo eu a perdoo — sorrio de volta para ela.

— Como anda os enjoos Neil?

— Acho que deveria perguntar a minha mulher — responde ele mal humorado.

Nós duas rimos da reação abrupta dele. Para um homem cheio de si e másculo como ele, esse é um assunto um tanto delicado.

— Certo — Dra. Moore murmura e volta a me encarar — Como está se sentindo?

— Os enjoos são menos frequentes, agora só pela manhã, mas meu apetite que está redobrado, como tudo o que há pela frente. Isso é normal?

— Sim, mas você não ganhou muito peso — ela me olha de cima a baixo e avalia a ficha em sua mão — Ganhou apenas um quilo.

— Isso é grave? — Neil senta em uma cadeira ao lado da maca onde estou, segura minha mão com força.

— Não — ela sorri para nos acalmar — É natural perder um pouco de peso no início da gestação. Estão prontos para ouvir o coração do bebê?

— Prontíssimos! — responde Neil, todo orgulhoso.

A médica passa o gel gelado em meu ventre levemente proeminente. O som alto e constante invade a sala, meu coração derrete no peito. Ouvir o coraçãozinho do bebê é coisa mais emocionante da minha vida. Eu pensei que o dia de meu casamento foi o momento mais memorável, mas nada se compara a isso. Neil leva minha mão até seus lábios e sinto algo úmido entre meus dedos. A emoção que vejo em seu rosto me deixa desestruturada.

— Olha o que temos aqui — a médica volta a nos encarar com um olhar admirado.

— O que foi? — Neil pergunta apertando meus dedos.

— São dois bebês.

— Dois? — apoio-me na cama e fixo olhar na tela — Tem certeza?

— Sim — ela contorna a tela com uma espécie de caneta — Veja o segundo aqui bem escondidinho. Isso explica seu apetite. Será que há mais algum?

—Sério? — pergunto espantada.

—Não — a médica ri — São apenas dois.

Dois bebês! Vou ser mãe de dois lindos bebês, isso me deixa radiante e apavorada.

Depois de tantas lutas e sofrimento essa é a melhor notícia de nossas vidas.

— Você tem certeza? — insisto para médica com um sorriso de orelha a orelha.

— Absoluta — ela imprime uma foto e entrega a mim — Para o álbum de fotos. Há casos de gêmeos na família?

Deslizo o dedo pela imagem como se fosse à coisa mais preciosa da minha vida.

— Sim — respondo um pouco desconfortável — Neil teve um irmão gêmeo.

Não é um bom momento para lembrarmos de Nathan, mas respondo caso a informação seja importante.

— Olha querido — estendo a foto a ele — Não são lindos?

Somente agora me dou conta de que ele permaneceu calado o tempo todo. Neil olha para imagem como se elas pegassem fogo em minhas mãos. Observo-o se levantar abruptamente e caminhar até a porta.

— Espero você lá fora — diz ele, antes de sair em disparada.

Isso não me soa bem. O que aconteceu para que ele haja de forma tão indiferente e fria?

— Não se preocupe Jenny — a Dra. Moore sorri para mim — Alguns homens demoram mais para se adaptar a uma notícia como essa.

— Espero que seja só isso — respiro fundo, sinto meus olhos encherem de lágrimas.

Termino de me vestir e caminho apressadamente até a saída. Algo está acontecendo com ele e preciso confrontá-lo, saber o que está acontecendo. Há dez minutos Neil estava radiante para ouvir o coração do bebê, agora ele parece completamente transtornado. Chego à calçada e vejo-o conversando com Calvin. Seu olhar de dor em minha direção é mais do que posso suportar.

— Calvin a levará de volta para casa — diz ele, afastando-se do carro, desviando os olhos dos meus — Tenho algumas coisas para resolver.

— Espere! — alcanço-o e agarro seu braço — Precisamos conversar.

— Eu não posso fazer isso agora — Neil puxa o braço como se meu toque o machucasse — Vá para casa.

— Mas Neil...

— Inferno Jennifer! — ele sibila, com a voz trêmula — Será que uma vez na vida pode fazer o que eu peço?

As palavras secas, a forma como ele fala comigo, magoam-me

profundamente. A lógica me diz para deixa-lo ir, mas meu coração grita outra coisa.

Para o inferno com a lógica!

Ele não pode simplesmente partir, deixar-me com a mente dando voltas e um coração partido.

— Neil... — murmuro — Por favor.

— Desculpe — diz ele com tristeza antes de partir e me deixar plantada na rua com o coração sangrando.

O dia mais importante de minha vida havia se transformado em um pesadelo.

— Senhora? — Calvin me encara preocupado.

Primeiro eu relutei, em seguida e aos soluços apoio-me nele, chorando copiosamente.

— Tudo ficará bem senhora.

Balanço a cabeça em concordância, apesar da tensão crescente em meu peito, tento me acalmar da melhor forma possível.

— Obrigada — pego o lenço que ele me estende, ainda trêmula — Vamos para casa.

Afasto-me dele e entro no carro. O caminho de volta para casa é solitário e triste, a dor em meu peito é imensurável.

Anne e Geórgia ficaram radiantes com a notícia sobre os gêmeos, embora, eu queira compartilhar com elas sobre isso, dou uma desculpa qualquer e subo para o meu quarto.

Tomo um longo banho de banheira, tento relaxar os músculos tensos, por mais que tudo isso me deixe deprimida tenho que me manter calma para o bem de meus bebês. Não vou me permitir ter uma crise histérica agora. Com certeza Neil terá uma explicação plausível para isso. Eu não tenho dúvida de seu amor por mim, se ele precisa de tempo para assimilar tudo isso, é exatamente o que farei.

Saio da banheira um pouco mais calma, visto o roupão dele, inalando o perfume. É como se isso o trouxesse para perto de mim. Deito na cama, apenas para um breve cochilo, antes que eu perceba caio em um sono profundo.

O sonho é turbulento e cheio desespero. Ouço os gritos desesperados de bebês, subo uma imensa escadaria branca em curva, a escada parece não ter fim, o choro é cada vez mais aloto, desesperado, por mais que eu suba sempre volto ao início. Finalmente eu chego ao topo da escada, entro em um quarto branco. Deparo-me com um berço, o silêncio predomina. Aproximo-me do berço, encontro-o vazio. Reviro às cobertas em busca do bebê, mas não há nada ali. O desespero toma conta de mim, o quarto branco me sufoca.

— Jenny!

Sinto alguém sacudir o meu ombro, gradativamente sou levada para longe desse pesadelo.

— Você está bem?

Vejo Geórgia encarando-me com preocupação. Sento-me na cama, tento me orientar.

— Estou bem — tranquilizo-a — Foi apenas um sonho.

— Eu trouxe o seu jantar — ela aponta para o carrinho ao lado da cama.

Olho para a janela, já escureceu. Dormi mais tempo do que pretendia.

— Que horas são Geórgia? — pergunto ainda um pouco desorientada — Neil já voltou?

— São oito horas. O Sr. Durant ainda não voltou.

A resposta volta a me deixar apreensiva. Raramente ele voltava para casa depois das oito, claro que hoje é um dia atípico, mas isso não me preocupa menos.

— Anne já jantou?

— Sim. Está vendo um filme com Claire.

— Obrigada — murmuro — Você já pode ir.

— Você está bem? — Geórgia insiste — O Sr. Durant e você não brigaram não é?

Balanço os braços, incerta se aquilo havia sido uma briga ou não, se foi eu nem mesmo sei o motivo.

— Acho que não.

— Esses jovens estão cada vez mais complicados... — Geórgia sai do quarto reclamando.

Contenho a minha vontade de berrar e chorar a noite inteira. Gostaria de arrancar cada fio de cabelo dele. Será que não entende o quanto está me abalando com isso? Pisco várias vezes tentando enxergar através das lágrimas. Vasculho o carrinho sem o mínimo interesse, engulo a comida lentamente, embora não esteja com a mínima fome, sei que preciso me alimentar melhor, agora que sei que são dois bebês, meus cuidados devem ser redobrados.

Quando sinto que me comi o suficiente arrasto o carrinho até o elevador, levo-o para cozinha.

Geórgia me lança outro sermão sobre fazer esforço físico. Retruco com ela que não sou uma inválida e em seguida arrependo-me por ter sido grosseira. Nunca sou grossa ou ríspida com os funcionários, mas hoje estou com o emocional em frangalhos. Peço desculpas a Geórgia que parece não ter ficado ofendida. Vou para sala fazer companhia a Anne e Claire. Tento me concentrar no filme e na conversa da menina, mas vez ou outra minha mente viaja a quilômetros dali. Assim que Anne pega no sono, ajudo Claire a colocá-la na

cama.

Volto para o quarto, tento me concentrar em um livro. Desisto meia hora depois cansada e frustrada. O relógio no celular mostra-me que passa das nove horas. Sem pensar duas vezes, ligo para Neil com o coração pulando em meu peito. A ligação cai na caixa postal, meu temor aumenta. Seleciono o número em minha agenda e aguardo ansiosamente.

— Jenny? — ouço uma voz abafada do outro lado.

— Peter? Neil está com você?

— Não. Um momento — noto o som ficar distante enquanto ele fala com alguém. Um protesto de voz feminina soa ao fundo — Não o vi hoje. Aconteceu alguma coisa?

— Nós... — como posso explicar isso a ele — Bem, nós discutimos, ele ainda não voltou para casa.

— Quer que eu vá até ai?

— Quero — murmuro — Quer dizer não. Você poderia encontrá-lo?

— Claro que sim. Farei isso imediatamente, se não conseguir localizá-lo irei até ai tudo bem?

— Obrigada Peter.

Caminho até a janela, fico admirando à noite. Tenho medo de que algo tenha acontecido a ele. Talvez eu tenha demorado tempo demais em pedir ajuda. Quinze minutos depois meu telefone toca e praticamente voo até a cama.

— Você o encontrou?

— Sim.

Alívio e apreensão invade meu peito.

— Onde ele está?

— Rua Lincoln 207 — diz ele divertido.

Lincoln 207? Mas esse é o nosso endereço. Não acredito que Peter possa brincar com algo tão sério.

— Você tem certeza?

— Absoluta — ele resmunga, ofendido — Está no escritório e chegou há exatamente vinte minutos.

— Como você sabe?

Neil havia saído sozinho, sem a presença dos seguranças, então é praticamente impossível eles terem passado aquela informação.

— Tem um dispositivo de rastreamento no celular dele. Posso encontrá-lo a qualquer momento.

Essa informação me deixa abismada. Para um homem acostumado a manter o controle sobre sua vida e das pessoas ao redor dele, essa é uma resposta inusitada.

— Neil sabe sobre isso?

— O próprio desenvolveu o aplicativo — Peter informa — Ele é um homem importante Jenny, a segurança vem antes de tudo.

Sempre que penso nisso meu sangue congela. Já não basta o maldito mascarado há sempre a possibilidade de alguma tentativa de sequestro sobre ele.

— Há algo parecido em meu telefone?

O silêncio do outro lado me dá a resposta que preciso.

— Pensei que ele havia falado sobre isso.

— Não — murmuro, tranquila — Mas eu entendo.

— Precisa de mim para algo mais?

— Não. Obrigada Peter.

Visto o roupão de Neil novamente e desço até o escritório. O fato de saber que está em casa, em segurança, tranquiliza-me um pouco. Aproximo-me da porta entreaberta. Neil está sentado em sua cadeira no escritório, a cabeça apoiada sobre a mesa e há um copo inclinado em sua mão. A cena é de cortar o coração, sinto-me dilacerada em pensar no que pode estar deixando meu menino tão aflito.

Entro, coloco-me ao seu lado, aliso seu cabelo com ternura. Ele levanta a cabeça e olha dentro de meus olhos. O desespero que vejo nele apunhala meu peito.

— Faça-me esquecer Jen... — sussurra ele para mim.

Eu sei o que ele precisa, tudo que quero é apagar a dor que vejo em seus olhos. Livro-me do roupão ficando apenas de camisola preta de cetim. Sento-me em seu colo e beijo-o com fervor, seu gosto está misturado ao de uísque.

Neil geme e o beijo incendeia meu corpo. Envolvo seu pescoço com as mãos e puxo-o para uma profunda exploração em seus lábios. Serpenteio em seu colo, solto um gemido de prazer ao sentir seu membro duro contra mim, tocando-me e levando a loucura. Suas mãos pousam em minha cintura puxando-me para mais perto dele, com a mesma fome e energia que ele sempre exigiu.

Desfaço o nó de sua gravata e jogo-a longe. Com os dedos trêmulos abro os botões de sua camisa, deixo um rastro de beijos em seu peito. Ansiosamente desafivelo o cinto, jogo-o próximo à gravata no chão.

Seus dedos gentis deslizam a fina alça de minha camisola e tocam meus seios, acariciando-os. Um som enrouquecido escapa de meus lábios, enfrento seu olhar apaixonado com desejo. O brilho da paixão substitui o de dor que eu havia visto antes.

Neil inclina-se em minha direção, leva os lábios até meu seio, minhas mãos agarram seus cabelos, arqueio as costas desfrutando do prazer que é sentir seus lábios acariciando-me. Escorrego as mãos até as calças dele deixando seu

membro saltar livre. Ele geme ao meu toque, mordisca meu mamilo suavemente, enquanto sua mão trabalha no outro seio.

Instigada pelo desejo ardendo em meu corpo, ajoelho-me, toco seu pênis com a ponta da língua. Umedeço os lábios, deslizo a língua pela glande densa. Ele dá um pequeno salto ao meu toque e agarra meus cabelos. Eu amo dar prazer a ele, tanto quanto ele gosta de dar a mim.

Introduzo seu pênis lentamente dentro da minha boca. Inicialmente apenas degustando, adaptando-o a mim. Agarro-me em suas pernas e começo acelerar os movimentos. Neil afasta os cabelos que caem livremente em meu rosto em prende-os em um rabo de cavalo com as mãos.

Ele conduz meus movimentos puxando ou pressionando minha cabeça contra seu membro, cada vez que tomo-o mais profundo, ele contorce-se na cadeira e curva-se em direção a mim.

— Isso bebê! — ele grita, desnorteado — Porra Jennifer, sua boca me deixa enlouquecido.

Desvariada por suas palavras eu acelero os movimentos, arrancando gemidos desesperados de sua garganta.

— Eu adoro isso! — ele me puxa para seus braços — Mas eu quero você.

Vejo jogar tudo o que há pelo caminho no chão e me deita sobre a madeira fria. Suas mãos passeiam pelo meu corpo sob a camisola, seu olhar me incendia ainda mais. Suas mãos agarram a barra do tecido, até a altura de meu pescoço. Ele envolve a camisola em meu rosto e cai de boca em meus seios.

Já fiz amor às cegas com ele antes, mas era diferente, eu realmente não via. Agora a cena é mais intensa e erótica. Eu sei como seu rosto fica quando nos amamos e conheço o brilho de seus olhos quando ele alcança o prazer. Imaginar tudo isso é angustiante e sexy ao mesmo tempo.

Seus lábios impiedosos desfrutam de meus seios, minha vagina implora por alivio. Ele me toca ali e quando ele acaricia o centro do meu prazer eu grito. Meu clitóris está mais do que sensível, a cada toque, sinto-me derreter de prazer.

— Neil! — eu imploro sem nenhum tipo de pudor — Eu preciso...

A frase morre em minha garganta quando sinto seu membro tomando-me. Cruzo as penas ao redor de sua cintura e puxo-o ainda mais para mim. Suas mãos prendem minha cintura e ele me toma com avidez. Nunca o vi tão intenso e desesperado como hoje, como se quisesse absorver cada parte de meu corpo. A posse é selvagem. Sinto-me preenchida, amada, completa. Seus movimentos dentro de mim agora são mais lentos. O orgasmo vai construindo pelo meu corpo, ondas e ondas de prazer me invadem. Deparo-me com seu rosto transfigurado de prazer e seu olhar ardente, fecho os olhos e me entrego a tudo o que ele tem a oferecer.

Aos poucos e após um dos melhores orgasmos de minha vida, meu coração vai voltando aos batimentos normais.

— Desculpe-me — ele encosta a testa na minha.

— Não diga nada — sussurro, abraçando-me a ele.

Sinto seu corpo ficar tenso, ao passo que algo umedece meus ombros.

≈≈≈

— Ei? — deslizo o dedo por suas lágrimas silenciosas — O que está acontecendo?

Neil afasta-se de mim e fica de costas. Ele não é do tipo que gosta de demonstrar fraqueza. Toco suas costas largas e sinto-o tremer.

— Eu gostaria de poder lidar com isso, mas eu não posso.

A dor que sinto em suas palavras me incomoda.

— Ver o passado se repetir em volta dos meus filhos irá me destruir.

Aos poucos a compreensão cai sobre mim. Neil teme que nossos bebês sejam como ele e Nathan? É a coisa mais absurda que já ouvi.

— Sabe que isso é um ridículo não é?

— Você não entende? — ele vira-se em minha direção — Está no sangue...

— Ah! — grito liberando toda frustração que guardei em meu peito durante o dia — Eu não acredito que um homem tão inteligente pense um absurdo como esse!

— Não é um absurdo! — murmura irritado — Há uma enorme possibilidade de que isso aconteça, ver meus filhos agindo como Nathan e eu vai nos destruir.

Meu Deus, Neil acredita fielmente no que está dizendo. Como posso colocar em sua cabeça que tudo isso é bobagem.

— Nathan foi responsável por suas escolhas. Você é responsável por suas escolhas. Não tem nada a ver com genética.

— Como você sabe?

— Porque você é uma pessoa maravilhosa — respiro fundo para segurar as lágrimas — Porque Anne é uma pessoa maravilhosa, porque eu vou garantir que nossos filhos sejam educados e amados para serem pessoas de bem. Eles serão amados, tratados da mesma maneira. Simples assim.

— Você tem certeza? — a pergunta soa de forma vacilante.

Eu tenho gana de abrir a cabeça dele para colocar um pouco de juízo lá dentro.

— Sim! — levanto-me da mesa e me cubro com o roupão. Pela segunda vez naquele dia ele havia estragado um momento perfeito e eu nem posso ficar brava com ele, está sofrendo tanto quanto eu.

— Tire Nathan de nossas vidas definitivamente — murmuro para ele — Ou

lide com isso. Caso contrário nós iremos embora.

Vejo seu olhar de pânico, mas permaneço firme.

— Não vou deixar essas crianças sofrerem com suas neuroses, sinto muito.

Antes de ser sua mulher, por mais que o ame eu sou mãe, meus filhos sempre virão em primeiro lugar, por mais que eu sofra com isso. Saio da sala e corro até o quarto. Não consigo acreditar que ele havia feito do nosso dia um inferno por causa de alguém tão desprezível como Nathan, o pior de tudo, comparou meus filhos com ele. Isso é o que mais me fere. Deito na cama, pego livro que havia tentado ler antes, apenas para ter algo em minhas mãos dormentes e avidas por esbofetear a cara dele. Alguns minutos depois vestindo apenas a calça jeans desabotoada Neil ajoelha-se na cama em frente a mim.

— Não pode fazer isso! — diz ele.

— O que? — pergunto sem desviar os olhos do livro.

— Se vai fingir ler essa droga pelo menos faça da forma correta.

Ele toma o livro que estava de ponta cabeça e joga ao pé da cama. Sinto meu rosto arder de vergonha, por ser pega em minha pequena mentira.

— Por quê? Por que acha que não irei embora?

— Se você for já sabe o que acontece.

Se ele vier com a conversa fiada de folhetim de, eu tomo meus filhos de você, bato com livro em sua cabeça até que não reste uma página.

— E o que acontece? — pergunto, irritada.

— Eu não existo — Neil murmura, emocionado — Eu não existo sem você comigo.

Merda de homem! Ele sabe dizer a coisa certa, no mento certo, para me desestabilizar. Eu não tenho como argumentar contra isso e à reciproca é verdadeira. Na verdade, minha ameaça havia sido um blefe desde o início, eu encontraria um jeito de resolvermos isso.

—Você é um idiota — resmungo.

—Um idiota que a ama muito — diz ele, submisso —Perdoe-me por estragar seu dia.

O que eu posso dizer. Já o havia perdoa muito antes disso. Jogo-me em seus braços e voltamos a nos perder um nos braços do outro.

≈≈≈

Um mês depois corro de um lado a outro pelo jardim, atenta a todos os detalhes em volta da festinha de aniversário de Anne. A festa está no auge com crianças correndo por todos os lados.

— Claire você ligou para o mágico como pedi? — pergunto assim que a encontro no jardim.

— Ele estará aqui em dez minutos Jenny.

— Ótimo.

Volto para dentro e inspeciono a cozinha novamente. Geórgia e mais duas ajudantes estão eufóricas em torno das badejas e todas as comidas espalhadas pela mesa. Embora eu tenha contratado um serviço de buffet o trabalho não havia diminuído.

— Tudo bem por aqui Geórgia? — faço questão de pegar um avental em uma cadeira para ajudá-las de alguma forma.

— Deixe isso ai! — ela arranca o tecido de minhas mãos e me empurra para fora da cozinha — Vá se divertir.

Saio da cozinha sorrindo. Neil e Richard entram em casa no exato momento que dois garotinhos com máscaras de super-heróis passam correndo por eles quase os derrubando.

— Será sempre assim? — Neil me pergunta espantado.

Abraço-o e deposito um beijo em seu rosto.

— Duas vezes por ano ou mais — beijo o outro lado — Pelo menos pelos próximos dois anos.

Já estou no quarto mês de gravidez e a barriga já se faz visível.

— Eu acho que terei muitos compromissos de trabalho então.

— Não se atreva! —bato em seus ombros e encaro-o com olhar ameaçador.

— Jesus Cristo! — Peter entra na sala apoiando-se nas paredes — São pequenas terroristas.

Duas garotinhas com arquinhos de borboletas entram na sala correndo.

— Faz de novo tio Peter!

Elas gritam e pulam ao redor dele arrastando-o para fora. Fico impressionada como os homens ficam perdidos quando lidam com as crianças, principalmente os que não são pais.

— Esse ficou traumatizado para o resto da vida — Richard ri descontroladamente.

— Espere até ter os seus — Neil provoca-o.

Eu me sinto completa. Minha família é tudo para mim e estar com eles em momentos como hoje é maravilhoso. Anne entra sorridente com uma flor na mão, abraça minha cintura e me olha com rostinho feliz.

— Obrigada mamãe. Essa foi a primeira e melhor festa da minha vida.

— Primeira? — encaro Neil com olhar acusador.

Como ele pode deixar uma data como essa em branco. Ainda mais para uma garota tão especial como essa? As melhores lembranças que tenho da infância são as festas de aniversário, nenhuma se compara a de Anne, mas foram momentos maravilhosos com amigos e minha família.

— Bem... — ela murmura, culpada — Na verdade houve outras, mas apenas com meu pai e meus avós. Nunca teve crianças, palhaços e nem mágicos. Só um bolinho mixuruca.

— Anne! — Neil a repreende — Sua avó sempre fez tudo com muito carinho.

— Eu sei papai — ela se desculpa — Mas essa melhor de todas. Até o chato do Thomas veio e ele me deu essa flor do jardim.

— Verdade? — pergunto, encantada.

— Tia Paige disse que quando um garoto dá rosas a uma garota ele está interessado nela e...

— Paige não sabe de nada! — Neil a interrompe, zangado — Tire essas ideias da cabeça!

— Mas você deu rosas para mamãe e agora estão casados.

Anne o desafia em sua lógica infantil. Neil afasta-se de mim e vai em direção ao jardim.

— Aonde você vai? — pergunto, alarmada.

— Ter uma conversinha com esse Thomas — diz ele antes de atravessar a porta.

— Eu sinto pena dele — digo, com um suspiro.

— Fique tranquila Jenny — Richard me conforta — Neil nunca machucaria uma criança.

— Quem disse que estou preocupada com o Thomas — respondo, rindo.

≈≈≈

Duas semanas depois Paige e eu estamos no shopping, acabei de sair de uma loja de decoração de bebês e escolhi o quarto mais lindo de toda loja. Preferi cores neutras por não saber ainda o sexo. Daqui a duas semanas faremos o exame e essa ansiedade terá fim. Neil prefere surpresa, mas estou ansiosa demais para esperar os últimos cinco meses de gestação.

Ao passarmos em frente a uma loja de roupas infantis arrasto Paige para dentro. Já havia comprado e ganhado muitas roupinhas, mas quem resiste a uma loja como essa?

— Olha que lindo Paige?

Mostro um vestido rosa e branco com os dizeres: *Demorei, mas nasci linda.*

— Essa já vai ter a autoestima lá em cima — ela ri — Mas é muito fofo.

Meus braços já estão empilhados de roupinhas quando Paige se afasta para ir ao banheiro.

— Vejam só se não é ratinha? Gostou do presente que eu lhe dei querida?

Ódio não é um sentimento bom, mas nesse momento é a única coisa que eu sinto.

Capítulo 22

— Fique longe de mim.

Olho em torno da loja, não está muito cheia a essa hora da manhã, mas as poucas pessoas que estão ali, além das vendedoras, poderiam me ajudar caso essa maluca resolva me atacar.

— Ainda não me disse se gostou do presente? Sabe nem um telefonema em agradecimento. Isso não foi gentil de sua parte.

— Você é ridícula!

Eu não preciso da confissão dela para saber que havia me enviado a caixa macabra, faz o seu gênero, muito bem.

Ainda são vivas em minha mente as lembranças do dia que havia me atacado no restaurante. Os tapas e puxões de cabelos que recebi quando era praticamente inofensiva, ainda me fazem tremer de raiva.

Você nunca ficará com ele. Antes disso eu o mato. A ameaça em tom gélido, atormentaram-me por vários dias. Ao ponto de querer fugir apenas para protegê-lo dessa louca com instintos assassinos.

— Eu não tenho medo de você! — digo, enfaticamente — E o que você faz aqui Sophia? O que quer de mim? Já não fez o suficiente? Aceite de uma vez que nada será capaz de nos separar!

Ela se aproxima de mim como uma felina pronta para o ataque, ela que não se atreva, estou pronta para mostrar todas as garras que tenho também. Já estou cansada de todas as maldades e loucuras dessa mulher.

— Respondendo a sua primeira pergunta... — ela me encara com um sorriso cínico — Eu também vim comprar roupas para meu bebê — Não acha que Neil ficará feliz em saber que será pai de outro bebê? E a segunda... Quero que saia do meu caminho!

— O que?

Essa mulher é mais maluca do que imaginei. Não há probabilidade alguma de que ela esteja grávida muito menos de um filho de meu marido.

— Você está louca? — afasto-me dela o máximo possível, pois agora realmente tenho medo do que essa louca possa fazer.

— Foi exatamente o que Neil disse quando fizemos amor — ela acaricia o ventre liso — Que estávamos loucos...

— Você não está grávida! E Neil não tocou em você. Tente outra coisa, pois esse jogo não cola comigo. O que andou bebendo?

— Não me provoque ratinha! — suas unhas agarram meus braços e rasgam minha pele.

— Solte-me! — solto um gemido de dor e empurro-a para longe. Sophia apoia-se em uma arara de roupas e me encara com olhar ensandecido — Não volte a tocar em mim.

— Acho que vou reformular a proposta daquele dia — murmura — Acho que vou matar você e ficar com o Neil. Minha única dúvida é deixo ou não esse ratinho nascer?

Seu olhar para minha barriga é de total desprezo como se eu tivesse alguma doença contagiosa.

— Não fale dos meus filhos sua louca!

Agarro-o pelos cabelos com uma força que jamais imaginei existir em mim.

— Senhoras!

Duas vendedoras colocam-se entre nós duas e a muito custo me afastam dela.

— É mais de um? — ela me encara as gargalhadas — Quem disse que o raio não cai duas vezes no mesmo lugar? Será muito divertido cuidar desses ratinhos. E se forem como o pai... Ou melhor, o tio, será muito divertido.

Maldita filha da puta!

— Estou avisando Sophia.. — tento me desprender da jovem que me segura pelos braços — Eu juro que eu mato você!

Ela me encara com um fingido olhar de pânico e olha para as pessoas a nossa volta.

— Vocês a ouviram? Essa mulher está me ameaçando.

— Não seja cínica!

— Senhora, por favor — a jovem assustada tenta me manter presa a ela — Fique calma.

Lágrimas de raiva e frustração queimam meus olhos, mas não vou permitir demonstrar fraqueza a essa mulher.

É tudo o que ela quer de mim. Ainda não entendo qual o seu jogo. Com certeza é me enlouquecer. Eu suportei e suportarei cada frase maldosa e venenosa da parte dela, mas em se tratando de meus filhos eu sou capaz de qualquer coisa.

— O que está acontecendo aqui?

Paige se coloca ao meu lado e me afasta da vendedora receosa.

— Acho que deve levar sua amiga para casa — a jovem diz ainda um pouco

assustada — Ela está muito nervosa.

— Com certeza foi essa cobra venenosa — Paige inclina a cabeça em direção a Sophia. Sua cara de inocente pode convencer a todos menos a nós duas — Se não estivesse preocupada com Jenny daria exatamente o que você merece.

— Outra ameaça? — ela diz cínica.

— Foda-se Sophia! — Paige grita para ela — Vamos Jenny ou farei algo que me arrependerei.

Ignoro os olhares curiosos e repreendedores em nossa direção. Sophia havia armado um verdadeiro espetáculo e para minha infelicidade tinha saído como vítima. Louca dos infernos!

Dois seguranças aproximam-se de nós assim que saímos da loja.

— Aconteceu alguma coisa senhoras?

— Deveriam ter perguntado isso antes seus idiotas.

— Não desconte neles Paige — murmuro, cansada — Nós que pedimos que esperassem aqui fora.

Minhas pernas estão trêmulas e se Paige não estivesse me amparando já teria desabado há muito tempo.

— Sente-se aqui — Paige me conduz até um quiosque e eu desabo na cadeira mais próxima.

Alguns minutos depois ela retorna com uma garrafa de água.

— Beba — ela me encara preocupada — Você precisa. Está muito pálida.

— Ela ameaçou meus bebês... — começo a chorar dando vazão a todo estresse anterior.

— Fique calma querida — Paige me abraça apertado — Nenhum de nós permitirá isso.

O pavor ainda toma conta de mim. Não são simples ameaças. Eu sei que Sophia é capaz de tudo. Ela não ama a própria filha e nem consigo imaginar o que ela faria aos meus bebês.

Levo as minhas mãos a barriga ao sentir uma pequena contração. Sinto o suor frio em minha testa e algumas gotículas deslizam por meu rosto.

— Paige! — gemo para ela puxando sua mão — Leve-me ao hospital, por favor.

— O que você tem? — ela pula em volta de mim completamente desesperada — O que está sentindo Jenny?

— Está doendo muito — curvo-me para frente como se pudesse aplacar a dor.

— Espere aqui.

Ainda gemendo, abraçada a minha barriga sinto dois braços fortes erguendo-

me e apoiando em um peito largo.

— Não se preocupe Sra. Durant a levaremos ao hospital mais próximo.

Eu agradeço com um gemido e envolvo os braços em seu pescoço.

— Vou ligar para o Neil — Paige me avisa.

— Não! — praticamente grito — Não diga nada a ele. Não até sabermos o que está acontecendo.

— Mas Jenny...

— Por favor, Paige... — volto a gemer com outra contração e escondo minha cabeça no peito do segurança.

— Está bem. Vamos logo.

Eu não quero que Neil saiba de nada ainda. A lembrança do que havia feito com Konrad por causa da caixa, martela em minha cabeça. Não quero nem pensar no que ele faria com Sophia. Eu mesma, sinto uma necessidade inexplicável de estrangular aquela mulher.

O caminho até o hospital é carregado de tensão e incerteza. Tento aparentar a maior calma possível, mas a possibilidade de que eu possa perder os bebês está me deixando desesperada.

Por favor, Deus! Não permita que isso aconteça. Essas crianças já fazem parte de nossas vidas e só à possibilidade de perdê-las abalará não apenas a mim, mas toda nossa família.

— Vai dar tudo certo — Paige sorri para mim assim que uma enfermeira vem ao nosso encontro com uma cadeira de rodas.

Não sei se ela quer me convencer ou si mesma, no entanto, o pânico que vejo em seu rosto não está ajudando a me tranquilizar.

O médico, um jovem alto e moreno, atende-me prontamente, tenta me acalmar o máximo possível. Ele solicita alguns exames, me faz inúmeras perguntas. Antes de sair aplica um remédio para dor e um calmante. Os minutos se arrastam enquanto esperamos que ele retorne com alguma informação. As cólicas agora são quase imperceptíveis, ainda não sei se isso é bom ou ruim. Uma hora depois ele retorna com os exames em mãos e um sorriso tranquilo.

— Como estão meus bebês? — pergunto, ansiosa.

— Estão bem Sra. Durant — ele puxa uma cadeira e senta ao meu lado — Foi apenas um susto. Por sorte, não houve sangramento, isso diminuí as chances de um aborto.

Respiro fundo, fecho os olhos enquanto lágrimas de alivio escorrem por meu rosto.

— Vou deixá-la em observação pelas próximas oito horas — ele continua — Apenas por garantia, procure não se estressar muito daqui para frente, os riscos de aborto são grandes nesse estágio da gravidez.

— Pode deixar doutor — Paige murmura firme — Nós iremos garantir isso.

— Eu tenho mesmo que ficar aqui?

— Sim — ele levanta-se e volta a encarar a Paige com certo interesse — Se ela precisar de algo não excite em me chamar.

— Farei isso com certeza — Paige responde sem notar o olhar apreciativo do médico.

Ainda bem que Richard não está aqui. Ter que lidar com um homem enlouquecido e outro ciumento seria demais para mim.

— Vou avisar o Neil — diz Paige ao vasculhar a bolsa em busca do celular.

— Está bem.

Eu não tenho alternativa a não ser esperar. Não tenho como esconder isso dele por oito horas seguidas. Só peço a Deus que ele fique tranquilo.

Os remédios começam a fazer efeito e sinto meus olhos pesarem. Sinto minha consciência começar a me abandonar enquanto uma estranha paz me conduz ao sono.

≈≈≈

Abro os olhos e me deparo com Neil encostado a parede, olhando-me com expressão endurecida.

— Como se sente? — sua voz calma me assusta mais do que se estivesse gritando.

O Neil controlado e frio é muito mais perigoso do que o passional que estou acostumado a lidar.

— Estou bem — murmuro, quando na verdade, a palavra mentirosa pisca em minha testa como um outdoor em neon.

— Eu tenho suportado tudo, mas eu juro que vou acabar matando aquela mulher.

Há um momento na vida que a gente cansa e sei que ele já está além de seu limite.

— Não diga isso — estendo minhas mãos para ele — Pense em sua família.

— É em vocês que eu estou pensando.

— Vamos embora daqui! — digo, desesperada — Vamos para um lugar bem longe! Longe de tudo isso.

— Acha que fugir é o melhor caminho? — diz Neil afagando meu rosto com

carinho.

Encaramo-nos por alguns minutos. Suas mãos ainda em meu rosto transmitindo todo calor e segurança que preciso.

— Eu não sei — murmuro, insegura — Só não quero fica aqui. Vamos para Paris ou qualquer outra cidade, bem longe. Qualquer lugar onde...

— Ei... — ele pressiona meus lábios com dedo me aquietando — Se é isso o quer é o que farei.

Não desejo pressioná-lo, mas talvez um tempo longe nos ajude a superar. Ou sinto que acabarei enlouquecendo.

— Está bem. Se for isso o quer — ele sorri para mim — Dê-me um tempo para resolver algumas coisas no trabalho, iremos para qualquer lugar que escolher.

Sacudo a cabeça em concordância, minha expressão de ansiedade é substituída pelo alívio que suas palavras me trazem.

≈≈≈

Os dias seguintes foram maçantes, não me permitiram sair da cama, de casa então, nem pensar. Curiosamente sempre havia alguém em casa todos os dias. Quando não era Paige era o Kevin, Liam, Peter, até mesmo Adam havia passado em casa com a desculpa de precisar me mostrar alguns apartamentos para comprar.

— Não há nada que possamos fazer contra ela? — pergunto quando ele se junta a mim no sofá.

Ele desvia os olhos da pasta com documentos e me encara introspectivo.

— Deveriam ter seguido com o pedido de restrição quando era tempo — ele me repreende — Talvez, tivessem evitado tudo isso.

— Eu tive receio por Anne — defendo-me — Sophia é a mãe dela.

— Sophia nunca foi uma mãe para ela Jenny — sua voz é fria — Você tem sido, acho que isso é o que importa para ela. As crianças encaram as coisas bem diferentes dos adultos.

— Ainda há tempo para tomarmos essa medida — diz ele — O histórico de Sophia é longo o suficiente.

— Só não quero que isso magoe Anne.

— Farei o possível para que isso não aconteça — murmura — Venha, tenho algumas fotos para você avaliar.

Passamos o resto da tarde vendo casas e apartamentos que atendessem as necessidades da família. Todos muito bonitos e em bairros tranquilos e seguros.

≈≈≈

— Tem certeza que você quer saber? — Neil arqueia as sobrancelhas.

— Absoluta — murmuro — Eu preciso. Chega de surpresas para mim.

Estamos no consultório da Dra. Moore, para o exame de ultrassom. Já estou com quase seis meses e não suporto mais a ansiedade para saber o sexo dos bebês. Eu juro que tentei esperar como ele queria, mas é mais forte que eu.

— Sempre ansiosa não é?

— Eu sou mulher. O que você queria?

A porta é aberta e a médica entra na sala.

— Estão ansiosos?

— Sim.

— Não — Neil responde ao mesmo tempo que eu.

Nós dois rimos divertidos da nossa sintonia em discordar do mesmo assunto. A médica encara-nos intrigada e eu explico tudo a ela.

— Não tem ao menos um palpite Sr. Durant?

— Acho que são meninas — murmura ele — Lindas como a mãe.

— Com todo respeito — a médica se inclina para mim cochichando — Tem como não se apaixonar por esse homem?

Eu volto a rir, muito. A frase é mais para provocá-lo do que para me causar ciúmes.

— Eu sei... — arregalo os olhos de forma cômica — Ele é tão...

— Continuem a conversar como se eu não estivesse aqui — diz ele contrariado — Eu não me importo.

— Sr. Durant, falar sobre você seria meu passatempo preferido do dia — ela verifica o aparelho para o exame — Mas, eu tenho muitas mamães para serem atendidas hoje.

Observo-o ficar vermelho como um pimentão e engulo outro sorriso. A médica confirma se está tudo certo e inicia o exame. Neil prende minha mão nas suas, enquanto olhamos para a tela em expectativa.

— Vejam que lindos meninos nós temos aqui — ela informa, sorrindo.

— São meninos? — murmuro, emocionada — Tem certeza?

— Sim, olhe — ela contorna a tela — E são bem exibidos. Geralmente algum deles ficam de pernas fechadas, mas esses querem agradar a mamãe.

— Eu sabia desde o início — digo, orgulhosa.

— Eu acredito — Dra. Moore imprime uma foto e entrega a mim — O sexto sentido materno é impressionante.

Neil está inclinado para frente os olhos fixos na tela, seu rosto perfeito a centímetros do meu.

— Está feliz? — pergunto, preocupada que sua reação seja parecida com a consulta anterior.

— Eu não poderia estar mais feliz — ele desvia os olhos da tela e encara os meus — Somos a maioria agora.

Estou perdida! Em todos os sentidos.

≈≈≈

Dois meses após, todos os preparativos para mudança estão prontos. Neil já havia providenciado um confortável apartamento e até mesmo uma escola para Anne. Essa parte foi a mais difícil; convencê-la a ficar longe de seus amiguinhos.

— Eu não acredito que vocês vão embora — diz Paige, chorosa.

Em uma semana estaremos começando uma vida nova, a única coisa a me magoar é a saudade que terei de Paige.

— Poderá me visitar sempre que puder — digo, chorosa.

Estamos encaixotando as coisas mais importantes, o resto ficará por conta da equipe de mudança.

— Não é a mesma coisa Jenny — murmura — Paris é tão longe — Eu gostaria de ir junto. Por que eu fui me casar?!

— Paige... — repreendo. É mais do que óbvio como ela é apaixonada por Richard — Não dificulte as coisas. Sabe que preciso ir.

— Você tem razão — ela me abraça — Mas em breve a visitaremos, quero estar presente quando meus afilhados nascerem.

— Ai de vocês se não estiverem lá — sorrio para ela.

— Já parou para pensar que eles serão franceses? — Paige leva à mão a testa de forma dramática — Meu Deus, quem segurará esses meninos?

— Se forem como o pai, que Deus me ajude.

— E como Anne tem lidado com a mudança?

— Está um pouco chateada por ter que ir para uma escola nova. Eu já pensei em desistir por causa disso. A adaptação para ela será mais difícil, mas Neill permanece firme. Creio que quer me afastar daqui tanto quanto eu quero ir embora.

— Ela pode ficar comigo se quiser, pelo menos até as férias escolares.

— Agradeço a oferta Paige, mas com seu curso na faculdade será muito corrido para você.

— Eu posso adiar...

— Nem pense nisso. Eu estou mudando minha vida. Já basta afetar toda minha família — murmuro frustrada — Além disso, quero minha filha perto de mim.

— Quem diria... — ela sorri para mim — Jenny, a mamãe ganso.

— Idiota — mostro a língua para ela.

— Falando em Anne, já não deveria ter chegado?

Olho para relógio em meu pulso, me espanto com o adiantar das horas.

— Ela foi ao museu em um passeio da escola. Chegará um pouco mais tarde.

Continuamos a empacotar as coisas e conversar coisas mais amenas, qualquer coisa que nos ajudasse a esquecer sobre à mudança para a França. Não há porque nos torturarmos antes do tempo.

Meia hora depois, após insistir muito com Paige de que eu ficaria bem, ela volta para casa. Já estou tão acostumada com a superproteção deles, que já nem me importo mais com tantos exageros em volta de mim e dos bebês.

O telefone em cima da mesinha toca tirando-me de meus devaneios e me apresso para atendê-lo.

— Olá querida.

Sento-me na cama, minhas pernas bambas são incapazes de me sustentar.

— O que você quer? — pergunto com a voz trêmula — Como conseguiu esse número?

— Acha que Neil é o único que consegue descobrir as coisas? Dinheiro... Poder, um bom especialista são as chaves para tudo.

— Deixe-me em paz — digo, prestes a desligar.

— Não desligue! Há uma pessoa que gostaria de falar com você.

— Mamãe... — a voz da pequena soa chorosa — Por favor...

Anne?

Não! Anne está na escola. Teriam ligado se algo tivesse acontecido à ela.

— Anne!

— Ela está um pouco agitada, sabe... Eu odeio crianças birrentas.

—Não a machuque! — murmuro, nervosa — O que você quer?

Faz-se um longo silêncio do outro lado da linha.

— Se a quer de volta venha buscá-la...

Eu já não raciocínio com clareza. O desespero me domina, a única coisa que consigo fazer, é ouvir a voz apavorada de Anne ecoando em minha cabeça.

Capítulo 23

Pense com clareza Jennifer, minha mente orienta. Avisariam da escola se tivesse acontecido alguma coisa, não é? E não há dúvida de que isso seja apenas mais uma das armadilhas de Sophia.

— Eu sei que está mentindo — digo a ela, tenho a impressão que irei sufocar a qualquer momento — Anne está...

— Em uma excursão na escola, estava exatamente no Museu de História Natural, com seus amiguinhos e um garoto muito chato chamado Thomas.

— Está mentindo Sophia! — grito desesperada — Teriam me avisado da escola.

Um sorriso diabólico ecoa do outro lado da linha. O som é capaz de fazer meus ossos congelarem.

— Eu sou a mãe dela, embora você insista em esquecer isso — diz ela irritada — Eu apenas avisei que a madrasta estava no hospital novamente. Anne ficou tão nervosa, que quis vir comigo imediatamente.

Eu não tenho como argumentar contra isso. Sophia nunca se interessou pela menina, portanto, nós nunca deixamos um aviso contra ela na escola. E devido aos últimos acontecimentos, tanto Paige como Kevin, já haviam buscado Anne na escola nos dias de folga da babá. Não seria estranho verem-na por ali. Se Anne confirmou que ela era sua mãe, não haveria motivo para não entregá-la, ainda mais se Sophia tiver inventado alguma mentira sobre a minha gravidez.

— O que você quer? — pergunto, vencida.

A possibilidade de que ela tenha machucado Anne de alguma forma enlouquece-me.

— Eu quero que venha até meu apartamento — diz ela calmamente — Temos muitas coisas a serem resolvidas. E venha sozinha.

— Como acha que vou fazer isso? — murmuro angustiada — Graças a você, há seguranças por todos os lados.

— Você não é idiota! — ela berra e o telefone fica mudo novamente.

— Não, por favor... — ouço novamente a voz apavorada de Anne.

— Pare com isso! — as lágrimas estão surgindo em meio ao meu desespero crescente, tento reprimi-las e ficar calma de algum jeito — Por favor, pare!

— Essa garota é muito chata, eu não a aguento mais— sua voz demonstra diversão — Haverá um carro esperando você do lado de fora. Venha sozinha.

— Está bem, mas não a machuque — murmuro — Eu preciso de tempo.

Rapidamente tento calcular quanto tempo Neil levará para chegar aqui. Ele saberia o que fazer melhor do que eu.

— Não banque a espertinha comigo — diz ela, como se lesse minha mente — Quero que venha sozinha ou sabe o que vai acontecer à garota. Eu nunca gostei dela mesmo.

— Não faça nada a ela, Sophia!

— Então não tente me enganar. Há câmeras de vigilância em meu prédio, saberei se vier com alguém. Você tem quinze minutos, ou entra naquele carro ou irá ver o que acontece, não estou brincando.

— Eu vou...

A ligação é encerrada, tenho uma bomba relógio em minhas mãos e não sei o que fazer com ela. É claro, que se eu for ao encontro dela às chances que saia de lá em segurança são mínimas. Por outro lado, Sophia é louca o suficiente para machucar Anne, talvez de uma forma irreversível. Mas, eu também preciso pensar nos bebês em meu ventre.

O que eu faço, meu Deus?

A pergunta martela em minha mente. O tempo corre e as possibilidades não aparecem. Olho para tela do celular em minha mão e observo a foto de fundo.

Neil e Anne beijando minha barriga enquanto sustento um sorriso radiante. Nesse momento, eu sei o que fazer.

≈≈≈

Coloco um casaco por cima do meu vestido de gestante, desço as escadas com a maior naturalidade possível. Encontro Geórgia na cozinha olhando um livro de receitas.

— Eu vou até o jardim Geórgia — coloco um sorriso fingido no rosto — Se alguém me procurar, estarei lá.

— Sim querida, mas não fique muito tempo lá fora — ela sorri sem me encarar, para o meu alívio. Seria difícil esconder a angústia em meu peito — Está um pouco frio lá fora, até pensei em fazer uma sopa para o jantar.

— Seria maravilhoso.

Há dois seguranças parados lá fora, os mesmos que sempre me acompanham quando saio de casa.

— Olá Teddy — cumprimento-os — Nicholas.

— Boa tarde senhora — Nicholas, o mais sério dos dois vem em minha direção — Pretende sair?

— Não eu, eu... — vacilo — Tem umas caixas pesadas demais lá em cima, Paige não conseguiu trazer aqui para baixo. E vocês sabem que se eu fizer isso o

Neil ficaria maluco.

— Deseja nossa ajuda? — Teddy me pergunta solícito.

— Eu agradeceria muito.

— Certo — Nicholas vira-se para Teddy — Você carrega as caixas e eu continuo em guarda.

Droga isso não estava nos planos, tenho que dar um jeito nisso, já que eu não tenho tempo para um plano B.

— Você não pode ajudá-lo? — pergunto, ansiosa — São apenas duas caixas e quanto mais rápido forem, mais rápido voltam para seus postos.

Eles encaram um ao outro, parecem ponderar.

— Estarei no jardim — lanço um dos melhores sorrisos — A não ser que as rosas me ataquem, nada poderá acontecer.

— Está certo — Nicholas responde, rapidamente — Não saia de vista e não hesite em nos chamar.

Assim que eles atravessam a porta, corro até a saída o mais rápido que posso. Os quinze minutos haviam passado, temo que o carro não esteja mais me aguardando.

Para meu alívio, há um carro preto parado perto da casa, os vidros escuros me impedem de ver seu interior. Entro rapidamente, não consigo identificar quem está no volante, o painel está erguido. Assim que entro, as portas são travadas imediatamente, anulando qualquer possibilidade de minha de fuga. O que me faz acreditar que a pessoa no volante sabe exatamente o que está fazendo, no mínimo é cumplice de Sophia. Seria Konrad lá dentro?

O caminho até o apartamento é como um borrão. Eu tenho aquela estranha sensação de que estou em uma dimensão diferente. O carro parece dar voltas e voltas antes de chegar ao seu destino. Acredito que queira despistar caso alguém esteja nos seguindo. Se ao menos o idiota soubesse que isso não seria necessário, o dispositivo em meu celular avisará para aonde estou indo. Assim que Neil fosse comunicado sobre minha ausência, não hesitará em me rastrear pelo telefone. Essa é a única certeza que me impede a sucumbir ao desespero. Eu preciso apenas ter a cabeça fria, garantir que Anne e eu fiquemos em segurança o maior tempo possível e, rezar para que a ajuda apareça o mais rápido possível.

Após o que me pareceu uma eternidade, eu me vejo parada em frente ao prédio elegante, a decisão de ter ido até ali já não me parece sensata como antes. Eu não tenho condições alguma de lidar com uma mulher como Sophia.

O celular volta a tocar e eu pulo sobressaltada. Dou alguns passos para trás, minha vontade de sair correndo dali é imensa. A emoção e razão brigam dentro de mim o tempo todo.

— Tarde demais para fugir — ela diz — Agora suba.

— Eu sei não o número do apartamento.

— Apartamento 76 — Sophia fala com impaciência — O porteiro a deixará entrar e Jenny...

— Sim.

— Não faça nenhuma idiotice. Anne que pagará por isso!

O telefone silencia outra vez.

Nunca senti tanto medo como agora, minha pele nunca esteve tão fria e meu coração nunca bateu tão acelerado em meu peito.

Eu fiz a pior idiotice da minha vida, talvez não haja retorno. Devagar e muito lentamente eu me arrasto até a entrada. O senhor na portaria me cumprimenta com a cabeça, abre a porta para que eu passe, olho para trás pela última vez. O carro está parado no mesmo lugar, como se me impulsionasse para dentro do prédio. Eu sigo em frente.

Passo pelo hall e vou direto para o elevador. Antes que eu entre, um jovem casal passa por mim e o homem segura o elevador. Agradeço com um sorriso longe de ser verdadeiro e espero que as portas fechem. Seleciono o andar do apartamento, inclino a cabeça para trás apoiando-a contra parede fria do elevador. A cada novo andar, minha angústia e desespero aumentam.

O elevador faz sua viagem rapidamente e às portas se abrem, sigo por um caminho desconhecido, paro diante do número 76.

A soma dos dois números me vem à mente.

Treze! Como um agouro. Antes que eu bata, a porta é aberta. Sophia encara-me com um sorriso cínico no rosto.

— Entre ratinha — murmura puxando-me para dentro. Sua mão em meu braço é fria, pegajosa, como uma serpente, causando-me asco e estremecimento. Olho ao redor em busca de Anne, não a vejo em parte alguma da sala elegante.

— Onde está Anne?

— Você quer um café ou uma água? — ela caminha até o bar e serve-se do que imagino ser uísque — Ofereceria a você, mas acho que não seria certo, não é? Essa é uma das coisas insuportáveis da gravidez, não podemos fazer nada de divertido... Hum — ela dá um longo gole na bebida — Na verdade, isso nunca me importou.

— Onde está a Anne? — pergunto novamente.

— Por que não olha dentro da banheira? — ela indica um corredor e senta-se no sofá calmamente.

— Não!

Meu grito estridente ecoa por toda sala, se não por todo o apartamento. Corro pelo corredor, vou abrindo todas as portas à minha frente. A cena é horripilante demais, sequer para eu conseguir imaginar. Se Sophia tiver causado algum mal a

Anne, uma de nós duas não sairá viva desse apartamento.

Verifico todos os cômodos e cada canto. Para meu alívio, Anne não está em parte alguma.

— Ela não está aqui — acuso-a assim que volto à sala.

Sophia está sentada regiamente em uma poltrona, de pernas cruzadas enquanto traga um cigarro.

— Ela não está — murmura — Na verdade nunca esteve.

Observo-a apagar o cigarro em um cinzeiro e se levantar com olhos fixos em mim. Inspiro fundo, tento não perder a capacidade de respirar.

— Onde ela está?

Sophia caminha novamente até o bar e se serve de outra dose. A capacidade que ela tem em me deixar irritada e com desejos assassinos é impressionante. Nenhuma outra pessoa consegue arrancar o que há de pior em mim como ela.

— Se fosse uma boa mãe, saberia que está em casa e feliz — ela levanta o copo como se fizesse um brinde — Mas, você não é uma boa mãe ou não arriscaria a vida de seus preciosos filhos vindo até aqui.

— Você não me deu escolha Sophia — sussurro, com a voz trêmula — Eu ouvi a voz dela.

— Sempre temos escolhas — ela pega o celular em cima do balcão e o som da voz de Anne ecoa na sala — Adoro as coisas que esses aparelhos conseguem fazer. Eu só precisei do momento certo. Uma distração da professora, só em me ver a garota ficou em pânico. Deveria ter visto a cena, digna de Oscar.

Ao passo que suas palavras vão penetrando em minha mente, tudo vai fazendo sentido. Anne nunca esteve aqui, por isso, não houve contato da escola. Tudo não havia passado de um plano ridiculamente óbvio de me atrair até aqui. E eu caí, como uma imbecil.

— Eu vou embora — olho em direção à saída, o caminho até a porta nunca me pareceu tão longo.

— Sente-se!

— Não!

Ela dá as costas para mim e caminha até o sofá, afasta uma almofada e vislumbro um brilho metálico em suas mãos.

— Sente-se — Sophia gesticula com a ponta da faca apontada para mim — Vamos conversar um pouco.

Caminho com as pernas bambas até o sofá de couro próximo à, ela, a bolsa presa firmemente contra meu peito. A essa altura, tanto Neil como Peter devem estar cientes de meu desaparecimento, seria questão de minutos para aparecerem aqui. A única coisa que preciso fazer e me manter calma, em segurança, digo a mim mesma. Se Sophia quer conversar faríamos exatamente isso.

— Como posso ter certeza que Anne está bem?

Tento ganhar tempo.

— Por que se estivesse comigo, já a teria afogado na banheira, como quis fazer quando era um bebê — diz ela, como se isso não fosse algo completamente macabro — Neil contou sobre isso?

Ao observar meu rosto pálido, ela solta um sorriso de deboche.

— Ele não disse — ela senta ao meu lado alisando a ponta da faca — Claro que na época eu aleguei depressão, mas na verdade se ele tivesse chegado cinco minutos atrasado, apenas cinco minutos depois...

Afasto-me dela alguns centímetros, encaro-a com olhar horrorizado.

— As pessoas acham que é louca, mas eu vejo que vai muito além — murmuro, consternada — Você é uma psicopata fria e cruel.

Com a ponta da faca desenha uma linha em meu rosto. Um sorriso distorcido se forma em seus lábios, em seus olhos há um brilho alienado.

— Vou aceitar isso como um elogio — a faca desliza pelo meu queixo e para em meu pescoço — Sabe, você é bem mais resistente do que ela, e um tanto mais irritante também. Eu não sei o que Nathan viu naquela sonsa e o que Neil encontrou em você.

Dou-me conta de que a sonsa que ela se refere é Samantha, embora o medo me consuma, não posso evitar querer saber o que havia acontecido realmente.

— Samantha nunca amou o Nathan — digo, com cautela.

— Mas ele a amava — diz ela, com olhar ao que me parece infeliz — Ou achava que sim. Depois de tudo que fiz por ele, desgraçado! Todas ás loucuras que fiz e nada foi suficiente. Eu nunca consegui alcançá-lo.

A faca volta a deslizar pelo meu corpo, dessa vez parando em meu peito.

— Eu entreguei a ela, alguns bilhetes que Neil havia escrito para mim. Sua irmãzinha, acreditava que éramos *amigas* e que Neil a amava, *tola*. Por outro lado, eu convenci o Nathan que ela estava jogando com os dois, isso o deixou enlouquecido — ela faz uma pausa, revivendo os momentos — Ele sempre odiou o Neil, por ser mais inteligente, pelas pessoas gostarem dele gratuitamente. As garotas gostavam de ir para cama com Nathan, mas era por Neil que elas se apaixonavam, exceto eu. O ridículo, é que era exatamente isso que o fazia sentir repúdio por mim, eu o amava. E Nathan se atraía por aquilo que ele não poderia ter, ou melhor, aquilo que o irmão conquistava, mesmo que indiretamente.

Aquela cena de “Uma noite de verão”, é assustadora. Esse ciclo amoroso entre eles me parece nada menos do que demente. Com Samantha e Neil vítimas de mentes tão perversas.

— Assim como você, foi muito fácil atraí-la naquele dia. Eu disse que Neil a

esperava no quarto dele, que iria se declarar a ela — Sophia sorri, desenhando um coração com a ponta da faca em meu peito — Ela era tão estúpida quanto você. E só tive que dizer a Nathan que ela iria entregar ao Neil o que sempre recusou a ele. Eu a fiz ter pânico de Nathan. Samantha preferia ver o diabo em pessoa do que ficar perto dele. Por outro lado, exaltei todas as qualidades desnecessárias de Neil. Para uma garota pobre, é fácil se apaixonar pelo garoto bonito, rico e com jeito de príncipe encantado.

As palavras me causam calafrios, como uma pessoa consegue ser tão fria ao ponto de manipular os sentimentos de outras pessoas.

— Eu ainda tenho a fita daquele dia. Você estava lá não é? Escondida atrás da cortina, apenas observando-os. Por que não gritou ou a socorreu? Você não é tão diferente de nós pelo jeito.

A imagem daquele dia vem a minha cabeça, imagens que por muito tempo tentei esquecer. Que por muito tempo me fizeram ter pesadelos terríveis e que quase me separaram do homem da minha vida.

Eu nunca acreditei muito em Samantha sobre seu namorado secreto, então, quando ela me disse que ele se declararia para ela naquele dia, eu implorei para que eu estivesse presente.

Esconder-me atrás da cortina foi apenas uma peraltice de duas adolescentes encantadas por um mundo de fantasia. A cena que veria diante de mim jamais passou pela minha cabeça. O medo e receio de que ele fizesse o mesmo comigo foi o que fez-me ficar calada, observando a cena. E essa culpa me acompanha até hoje.

— Que tal assistir um pouco — murmura ela — Acho que vai gostar das cenas.

— Não! — levanto-me angustiada. Por nada no mundo vou presenciar aquilo de novo.

— Fique quieta!

O tapa em meu rosto foi tão forte que desabado no sofá novamente, a presilha que prendia meus cabelos se abre, e eles caem em uma cascata em meu rosto.

Ouço-a ligar o aparelho e sons angustiados de minha irmã fazem-me fechar os olhos.

— Olha para tela! — Sophia aperta meu queixo, obrigando-me a olhar para frente.

As lembranças que tive nem se comparam as imagens horripilantes diante de mim. Presenciar tudo de novo é mais do que posso suportar.

—Por favor! — soluço —Pare com isso!

— Deixa de ser nojenta — ela levanta-se do sofá empolgada — Eu já vi inúmeras vezes...

— Você é doente — murmuro enojada. Minha única vontade é desaparecer dali. Não há mais nada que eu queira saber daquele passado imundo — Eu não quero ouvir — meu corpo e minha mente já estão entorpecidos com as imagens cruéis.

— Isso não me importa — ela suspira — Tudo é culpa de vocês. Nathan a viu também e ficou encantado. Samantha era bonita, mas você? Como ele dizia mesmo? — ela leva a faca para ponta de seus lábios — Ah, sim, parecia um anjo, dizia que seria estonteante e ainda mais linda que ela. Mas antes teríamos que nos livrar de Samantha, ela seria um empecilho. Então, algumas ameaças aqui um pouco de pressão psicológica ali e voilà, ela não resistiu.

Eu não consigo evitar que as lágrimas deslizem por meu rosto. Nunca consegui compreender exatamente o que havia feito Sam dar cabo a própria vida, mas agora entendo. Todas as coisas horríveis que fizeram a ela e o mais chocante disso tudo, é saber que Nathan havia direcionado seus desejos doentios a mim, mesmo inconscientemente ele havia desejado algo que pertencia ao irmão. Dou graças a Deus que ele esteja morto ou não sei o que teria acontecido comigo.

— Novamente uma de vocês no meu caminho — ela diz, rispidamente — Até pensei em treiná-la, mas você foi mais esperta não é? Você o matou!

— Aquilo foi um acidente!

Como ela chegou a uma conclusão tão estúpida como aquela? Eu nem mesmo estava ao volante. Essa dedução é tão louca como ela.

— Isso é o que você diz — ela me encara com ódio — Eu sei que provocou aquilo. Seu irmão não cansava de repetir isso o tempo todo. Que você deixou-o transtornado.

— O que quer Sophia?

Já não sou capaz de assimilar mais nada. Sua mente é doentia, incapaz de raciocinar com clareza. Ela havia criado um mundo em volta dela e nada conseguiria mudar isso.

— Vai me matar? — pergunto com a voz vacilante.

— Matar você seria pouco — ela ri — Quando soube que havia ficado cega, fiquei imensamente feliz. E quando seus malditos pais enviaram aquela carta pedindo ajuda, não tive receio de esconder. Iria dar uma pequena quantidade de dinheiro para que eles não nos procurassem novamente, mas o destino contribuiu ao meu favor. Por que foi ressurgir em nossas vidas? Tudo isso é culpa sua! — seu olhar alienado me faz tremer — Eu quero que sofra, sofra como eu sofri!

A faca está tão rente ao meu corpo que tenho medo até de respirar.

— Eu já tinha tudo planejado — sussurra ela, como louca — Neil e eu teríamos outro filho. Depois, eu daria um jeito na aleijada. Mas você destruiu

tudo, de novo.

Sophia levanta-se e caminha de um lugar a outro, ensandecida em suas palavras. Levanto-me vagorosamente e caminho de costa até a porta.

— Mas, as coisas mudaram, eu tive que refazer meus planos, já que eu não podia tê-lo, ninguém mais teria e eu ainda ficaria com sua fortuna. Nós planejamos tudo, mas o desgraçado não morreu. E quando perdeu a memória voltamos com o plano de dar fim a você. Novamente não deu certo, nada que fazemos dá certo. Isso está deixando-o irritado.

Quem está ficando irritado? Quem ajuda-a em tudo isso?

— De quem está falando Sophia?

Ela volta o olhar em minha direção. Sua cabeça inclinada para o lado como se refletisse sobre minha pergunta.

— Você não vai saber, não ainda — ela olha para porta e para mim ao mesmo tempo, como se conscientizasse de minhas intenções. Enfurecidamente ela caminha até mim, arrastando-me pelos cabelos — Eu disse para ficar sentada! Não me faça adiantar os planos e arrancar esses ratinhos do seu ventre.

— Não! — eu grito desesperada agarrando seus pulsos.

Ela é maior do que eu, mas eu tenho a força de uma leoa que quer proteger seus filhotes. Sophia agarra mais forte meus cabelos e a dor é quase insuportável. Cravo as unhas em sua pele e ela solta um rosnado de dor. Aproveitando-me de sua distração momentânea cravo os dentes em sua mão e a faca cai.

— Maldita! — Sophia se afasta sacudindo a mão.

Pego a faca caída aos meus pés e aponto em direção a ela. Farei tudo para proteger meus bebês, inclusive feri-la se for necessário.

— Afaste-se de mim — digo, com a voz trêmula.

— Você me machucou — sussurra ela irritada.

Além do roxo que começa formar em sua mão, há um filete de sangue escorrendo por seu braço, provavelmente havia se cortado enquanto brigávamos pela faca. Caminho de costas até a porta sem nunca desviar os olhos dela.

— Não se aproxime de mim ou qualquer um da minha família novamente — sibilo para ela — Se é capaz de fazer coisas terríveis por prazer, eu também sou para defender quem eu amo.

— Muito heroico — ela volta sentar-se como se nada houvesse acontecido — Pena que seja estúpido.

— Há uma medida de proteção contra você e de alguma forma nós a faremos pagar por tudo que fez. Sua máscara está caindo Sophia.

— Acha mesmo que acabou? Terá uma bela surpresa.

— Você é apenas uma louca que provavelmente encontrou outro louco pelo caminho. Nós iremos embora, não poderá fazer mais nada contra gente.

Eu sinto pena dela, pena pela mulher que havia se tornado ou o que sempre foi. Seca, vazia, fria e sem amor.

Minha vida poderia ter acabado ali, mas eu vivi plenamente, amei com todas as minhas forças e igualmente fui amada.

Alcanço a porta, está destrancada. Pego as chaves na porta, lanço a faca o mais longe possível na sala. Saio rapidamente, tranco a porta, jogo a chave perto do elevador.

Minhas pernas me obedecem automaticamente enquanto meu coração bate acelerado. Droga! Havia esquecido a bolsa e celular dentro do apartamento dela, mas de maneira alguma voltarei lá para buscá-los.

Saio do prédio apressadamente e caminho pelas ruas desnorteada e sem direção. Encontro uma cabine telefônica, mal consigo enxergar as teclas em meio às lágrimas que escorrem por meu rosto. Espero a ligação a cobrar ser finalizada, tentando controlar o desespero.

— Residência Durant...

— Geórgia?

— Jenny? — ela parece desesperada — Meu Deus Jenny onde está? Neil chegou há dez minutos e está alucinado.

— Ele sabe onde estou?

— Eu não sei, está tentando localizar o Peter. Onde você está?

Olho para uma placa na rua e passo o endereço a ela.

— Jennifer?

Assim que ouço a voz dele meu pranto fica desesperado.

Preciso de seus braços protetores em volta de mim, garantindo que nada irá me tocar ou fazer mau.

— Fique onde está!

É a última coisa que ouço antes de desabar completamente. Encolho em um canto da cabine, deixo a onda de dor esvair-se de meu corpo. Os bebês escolhem esse momento para se mexerem, respiro aliviada por estarem bem.

— Calma meus queridos — abraço-me a barriga — Papai está vindo buscar a gente.

Não sei quanto tempo permaneci encolhida ali, perdida em mim mesma, mas ouvi sua voz e encontrar seu olhar em minha direção ao erguer a cabeça, foi o suficiente para me levar de volta ao paraíso. Eu fiz a única coisa sensata naquele dia... Joguei-me em seus braços.

— Anjo?

≈≈≈

Ando pelo parapeito e atravesso as janelas como já havia feito muitas vezes durante aqueles meses. Entro no apartamento sorrateiramente como um gatuno, encontro-a sentada no sofá, gemendo como uma garotinha.

— Aquela cadela me machucou.

Eu não me importo com o que Jennifer fez a Sophia, eu mesmo já senti muita vontade de estrangulá-la com minhas as próprias mãos.

— Como foram as coisas?

— Deixei-a muito assustada como pediu — ela ri com prazer.

Acaricio seu rosto com gentileza, como sempre faço, mas por dentro sinto um desprezo indescritível.

— Não se preocupe, você receberá exatamente o que precisa. Exatamente o que merece.

Eu volto a sorrir para ela. Seu rosto se modificou. Como se pudesse ver em meus olhos que os planos haviam mudado. Na verdade, segue exatamente como previ.

Capítulo 24

Seus braços me predem ao redor de seu corpo com firmeza e delicadeza, me acalentando enquanto choro baixinho em seu peito. A cabine telefônica é pequena demais para nos acomodar, mas eu poderia ficar ali para sempre, me sentindo segura. No entanto, a agitação em meu ventre me alerta que os gêmeos não estão de acordo com isso. Neil afaga meu ventre com uma mão enquanto a outra continua acariciando meus cabelos.

— Hei, papai está aqui — diz ele, suavemente, como mágica eles aquietam, haviam reconhecido a voz do pai.

Não é a primeira vez que isso acontece, durante o último mês, até mesmo ameacei deixá-lo cuidar sozinho dos gêmeos quando nascessem, exatamente por esse motivo. Sempre que eles ouviam a voz do pai ficavam quietos como se estivessem apreciando o som de sua voz. E quando ele passa tempo demais longe de casa, meu ventre fica o dia todo agitado. Acalmando apenas quando ele chegava. Isso gerou muitas brincadeiras e até mesmo um pouco de ciúmes de minha parte, dos dois lados.

— O que aconteceu Jen? — Neil ergue meu queixo com os dedos e me obriga a encará-lo — Por que fugiu?

Ouvi-lo me chamar pelo apelido carinhoso como vinha fazendo nas últimas semanas, traz um mar de lágrimas aos meus olhos.

— Leve-me... Para... Casa — digo entre soluços — Por favor!

Ele me conduz para fora, assim que alcançamos a calçada me pega em seu colo e carrega-me até o carro. Dylan me encara com olhar preocupado, corre para abrir a porta. Eles trocam algumas palavras sobre meu estado e Neil entra rapidamente me colocando em seu colo.

Não trocamos uma única palavra durante o percurso, apenas meus soluços sentidos são ouvidos, enquanto ele me nina para me acalmar. Ainda estou em choque com o que aconteceu e tudo me parece irreal, como se tivesse estado presa a um terrível pesadelo.

Aos poucos, meus soluços transformam-se em suspiros, sinto as costas de sua mão deslizando suavemente por meu rosto me acalmando, minhas pálpebras pouco a pouco ficam pesadas e fecham.

Desperto algum tempo depois sobressaltada, dou-me conta que já estamos em casa. Não sei quanto tempo dormi ou se tive algum sonho. Estamos nos últimos lances de escada e Neil me carrega presa ao seu corpo, como se não pesasse mais que uma pluma.

— Anne!

Tento descer de seu colo quando passamos pela porta do quarto dela, mas ele continua até alcançarmos o nosso quarto.

— Preciso vê-la — insisto quando ele me coloca no chão.

— Anne está bem Jennifer — ele me encara desconfiado — Vou cuidar de vocês primeiro. Além disso, Anne ficaria assustada se a visse assim.

Solto um gemido angustiado, deixo-o me guiar até o banheiro. Devo estar em um estado lamentável.

— Fique aqui — ele me senta em um banquinho estofado e começa a preparar a banheira.

Fico parada observando-o cuidar de tudo nos mínimos detalhes, desde checar a temperatura da agua até em selecionar os sais de banho, tudo com graça e velocidade. Sua masculinidade, mesclado aos gestos suaves são encantadores e excitantes ao mesmo tempo. Mesmo sob tensão, meu corpo é capaz de captar o magnetismo que irradia dele, atraindo-me como um imã.

Ele volta para mim, coloca-me de pé e começa a despir-me lentamente.

— Neil... — eu gemo. Apoio-me nele quando se ajoelha para tirar minha calcinha deixando-me nua.

— Agora não bebê — ele desliza as mãos por minhas pernas — Agora eu vou cuidar de você.

Apenas balanço a cabeça em concordância. É claro que estou excitada, nunca fui capaz de ser imune a ele, mas estou exausta também. Todo meu corpo está dolorido de tensão.

Ele observa as marcas em meu corpo, que começam a ficar roxas. Apesar do toque suave de seus dedos, noto um brilho furioso em seus olhos.

— Quem fez isso? — ele sibila entre dentes.

Eu não quero falar sobre isso agora, aliás, não sei se quero falar em qualquer momento. Eu tenho um medo terrível de sua reação. Então, eu não vou contar, não agora. Em alguns dias, estaremos bem longe daqui, bem longe de Sophia e todas as suas maldades. E vou me assegurar que ele não faça nenhuma loucura por minha causa, jamais me perdoaria se isso acontecesse.

— Não importa — seguro suas mãos entre meu rosto e beijo a palma com suavidade.

Seus lábios tocam os meus de forma gentil. Aos poucos, o beijo vai se acalmando. Ele pega-me em seu colo e coloca-me dentro da banheira. Coloca uma pequena quantidade de shampoo nas palmas das mãos e começa a lavar meus cabelos. A massagem suave me faz soltar alguns gemidos de prazer. Noto um sorriso travesso em seu rosto diante de minhas reações a seu toque. Após banhar-me com cuidado ele tira-me da água morna e me enrola em um robe.

Voltamos para o quarto, ele deposita-me na cama com suavidade e delicadeza.

— O que aconteceu? — Neil acaricia meu pulso e a marca arroxeada em volta dele — Quem fez isso?

— Foi um assalto — minto sem conseguir encarar seus olhos.

Ele levanta meu rosto obrigando-me a enfrentá-lo. Seu olhar inquisidor me colocando contra parede. Ele não acredita em uma única palavra minha, mas não importa o quanto ele insista, não vou mandá-lo para a toca do lobo. Não falarei nada até que estejamos a quilômetros daqui, longe de tudo e de todos. Houve atitudes impensadas demais por hoje.

O celular em seu bolso toca e ele pede um minuto. Fico agradecida pela interrupção. É muito difícil conseguir esconder qualquer coisa de seus olhos observadores. Neil é muito bom em ler as pessoas, mas comigo ele vai além.

— Peter está hospitalizado — informa assim que desliga.

— Como assim? — sento-me sobre os joelhos e volto a encará-lo — O que aconteceu?

— Foi atropelado quando saía do escritório — diz ele, com um semblante preocupado.

— Como ele está?

— Ainda não sei — encara-me por alguns minutos. Está em dúvida entre socorrer o amigo e me deixar sozinha novamente.

— Vá! — murmuro, sentindo-me culpada. Se eu não tivesse agido como uma imbecil ele não estaria nesse dilema — Não vou a lugar algum. Eu juro!

Um suspiro angustiado sai de seu peito, enquanto ele caminha até mim novamente. Seus lábios tomam posse dos meus de forma desesperada. Abraço-me a ele e beijo-o com sofreguidão. Alguns segundos depois ele se afasta de mim com um gemido frustrado.

— Não faça nenhuma besteira Jennifer — sussurra com a testa colada na minha.

— Não vou — sussurro de volta — Eu prometo.

Dá-me um último beijo e caminha até a porta.

— Neil — chamo-o antes que atravesse a porta. Ele vira-se em minha direção com olhar preocupado — Mande-me notícias.

— Ligarei assim que puder — ele sorri.

— Amo você — sorrio de volta.

— Também amo vocês anjo — ele pisca antes de sair.

Deito-me na cama e abraço um travesseiro, derretida por suas palavras. É Fodidamente lindo quando ele inclui os bebês em suas declarações. Isso sempre me deixa emocionada.

≈≈≈

— Mamãe!

Anne corre para meus braços assim que eu entro. Abraça-me tão apertado que chego a sentir um pouco de falta de ar.

— Você está bem? — ela me encara ressabiada.

— Estou sim — sento em sua cama, faço um gesto para que ela sente ao meu lado — Você está bem?

Eu não sei o que Sophia fez ou disse a ela, mas percebo que esconde algo de mim.

— Estou — ela encara o chão.

— Eu sei sobre Sophia — acaricio seu rostinho — Não precisa ter medo.

Anne olha-me com certa desconfiança.

— Ela me disse que me levaria embora se eu contasse sobre isso.

— Ninguém irá levar você — aperto sua mão — Confie em mim. Seu pai e eu não permitiremos.

— Ela esteve no museu hoje — Anne deita em meu colo e eu acaricio seus cabelos, incentivando-a a continuar — Disse que estava no médico e que eu tinha que ir com ela, mas eu não quis. Então ela quis me obrigar, a professora apareceu e então ela foi embora. Eu fiquei com medo...

— Tudo bem querida — murmuro baixinho — Nada de mal vai acontecer, eu prometo.

— Eu não gosto dela, mamãe — Anne pula ao redor de mim e me abraça — Eu tenho medo dela.

— Ela é sua mãe Anne — digo carinhosamente. Por mais que Sophia seja uma cadela eu não posso colocar Anne contra ela. Como mãe eu não posso fazer isso. Embora eu jamais vá deixar minha filha sozinha com aquela maluca novamente.

— Você é minha mamãe! — ela insiste teimosa — Eu não gosto dela!

Eu não vou insistir no assunto, o ódio, o amor, são sentimentos que se cultiva e Sophia havia plantado apenas dor e medo em Anne. A culpa é totalmente dela. Não há nada que eu possa fazer contra isso.

— Está bem — murmuro — Vamos esquecer esse assunto.

Após ajudá-la com o resto do dever auxilio-a com o banho e vamos para sala. Anne se ocupa com seus desenhos. Tento me distrair com a televisão, mas a cada minuto meus olhos fixam no telefone à espera de alguma notícia. Já faz mais de duas horas que Neil havia saído e não entrou em contato para qualquer informação.

Dez minutos depois o telefone toca, fazendo-me saltar do sofá assustada.

— O que aconteceu com seu telefone? — Neil pergunta impaciente — Estou ligando à uma hora.

— Eu... Ah... Eu perdi — titubeio ao responder — Como está o Peter?

Mudo de assunto prontamente, antes que ele queira se aprofundar no assunto e exigir uma resposta sincera.

— Ele quebrou uma costela, mas está fora de perigo — o telefone fica mudo e ouço sua voz ao fundo — Estou indo para casa. Quando eu chegar nós conversaremos.

— Está bem — murmuro — Diga a Peter que mandei um beijo, que amanhã irei visitá-lo.

— Eu direi — diz ele, antes de desligar.

Nenhum eu te amo ou algo parecido? Droga, as coisas estão realmente feias para meu lado. Talvez eu já nem precise omitir nada dele. Também, já nem sei por que resolvi esconder a verdade. Com certeza sua reação seria pior se ele soubesse por outra pessoa, além disso.

Às vezes tenho vontade de bater minha cabeça contra parede, com tanta estupidez de minha parte. Sempre agindo com as emoções, colocando nossas vidas em risco. E se eu estivesse no lugar de Neil ficaria furiosa por me esconder algo tão importante.

≈≈≈

Estou uma pilha de nervos esperando-o chegar. Quando ele entra, vai direto para o bar, não me encara ou fala comigo. Não sei se precisa de tempo para se acalmar ou se busca uma maneira de me pressionar.

— Vai me falar a verdade ou vai continuar mentindo? — pergunta ele ainda de costas para mim, enquanto prepara sua bebida.

— Sobre o que? — embora eu esteja decidida a contar tudo a ele, o medo de sua reação ainda me ronda.

— Por que foi ao apartamento de Sophia, quando lhe pedi milhares de vezes que ficasse longe dela?

Neil bate com o copo com tanta força sobre o balcão, que fico surpresa de não tê-lo quebrado.

— Eu não podia...

— Porra Jennifer! — caminha até mim com olhar furioso — Aquela filha da puta poderia tê-la matado! E meus filhos? Você não se importa?

— São meus filhos também! — resmungo num fio de voz.

Como vou conseguir explicar que eu fiz tudo por desespero, por amor a Anne. Que em outro caso, eu jamais faria algo tão estúpido assim?

— Ela disse que estava com a Anne — tento me justificar, somente agora

percebo como fui estúpida e idiota — Eu tive medo que a machucasse. Sophia me garantiu que faria isso.

— Levei o celular — continuo apressadamente — Peter me disse que havia um rastreador. Minha esperança era que me encontrassem logo. Só queria ganhar tempo, mas as coisas foram se complicando...

— Mais um motivo para não ter ido, ou pelo menos, ter me avisado. Por mais que eu tenha falhado com você todas às vezes que deveria tê-la protegido... — é notório o desespero em seu rosto ao falar comigo — morreria antes que Sophia causasse mal a vocês.

Neil fecha os olhos e respira fundo, então os abre novamente. A raiva some, em seu lugar há um olhar que eu não consigo identificar, não gosto desse brilho em seus olhos. Puta merda!

Vejo-o praguejar alguma coisa em tom baixo. Ele pega o paletó que havia colocado em cima de uma cadeira quando chegou e caminha em direção à porta

— Aonde você vai? — digo com uma voz esganiçada. Minhas pernas trêmulas, nem mesmo me permitem levantar da poltrona onde estou — O que vai fazer?

— Vou resolver isso de uma vez por todas — diz ele, de costas para mim, o corpo tenso em uma postura rígida.

— Neil! Neil! — grito para porta fechada que ele bateu antes de sair.

É como se eu tivesse o coração na boca. Era isso que eu quis evitar o tempo todo. Por que ninguém entende isso? Praticamente voo até o telefone e vasculho a agenda. Com Peter hospitalizado Adam é o único que pode me socorrer.

— Adam! — grito ao ouvir sua voz do outro lado da linha — Ajude-me, por favor!

— Fique calma. É alguma coisa com os bebês? O que você está sentindo?

— Precisa me ajudar — respiro fundo — Neil foi atrás de Sophia. Ele vai matá-la. Impeça-o, por favor!

O silêncio enlouquecedor se instala do outro lado da linha.

— Adam?

— O que diabos ele foi fazer atrás dela? — murmura.

— Não posso explicar agora. Faça alguma coisa eu suplico.

— Eu vou atrás dele — Adam sussurra antes de desligar.

Volto para poltrona, enrolo-me em mim mesma, minha vontade é ir atrás deles. Ficar aqui esperando por notícias, está minando toda sanidade que resta em mim. A espera é longa e a cada badalada do relógio, sinto-me mais desesperada. Geórgia vem até mim e fala alguma coisa sobre o jantar, eu nem sei o que eu respondi.

Quase duas horas depois, eu paro de olhar para o relógio e decido ir atrás

deles. O desespero já transborda de meu peito, não há maneira alguma de que eu fique aqui, imaginando que as coisas absurdas possam estar acontecendo. Meus instintos me dizem que devo estar lá ao lado dele, impedindo-o de cometer qualquer loucura na qual nos arrependeremos eternamente.

— Aonde você vai? — Geórgia me interpela antes que eu alcance a porta.

— Eu vou encontrá-los — informo-a seguindo meu caminho.

— Ah não! — ela corre até a porta, parando a minha frente — Não vai a lugar algum. O senhor Durant deixou isso bem claro. Nem eu, nem os seguranças lá fora, permitiremos que saia novamente...

— Está me dizendo que estou presa em minha própria casa? — interrompo-a irritada — Se o problema é minha segurança eu irei com eles.

— Não irá com ou sem eles — decreta Geórgia — O que pensa que está fazendo? Acabou de passar por uma experiência traumática e já quer fazer outra loucura? Pense nesses bebês. Está com quase com oito meses Jenny. Pare de agir irresponsavelmente.

— Mas eu tenho medo... — meu corpo treme e as lágrimas banham meu rosto — Ele vai matá-la.

— Vai coisa nenhuma. Não diga tolices menina — diz ela baixinho e me abraça forte — Conheço aquele menino há muito tempo. Se quisesse matá-la já teria feito isso. Oportunidades não lhe faltaram. Neil não fez isso por Anne, agora não fará por você. Tenha mais fé nele querida.

No fundo eu sei que ela tem razão. Se Neil não havia matado Sophia naquele hotel, não faria isso agora, mesmo estando com muita raiva, mas muitas coisas poderiam acontecer, ela é louca o suficiente para ameaçá-lo com uma faca, como havia feito comigo. Neil não teria alternativa, além de ter que se defender. Muitas coisas poderiam acontecer e são essas possibilidades que me deixam maluca.

— O que está acontecendo aqui?

Ouço sua voz atrás de mim, corro para seus braços. Tateio todo seu corpo em busca de qualquer marca ou ferimento.

— Ei, estou bem — diz ele me abraçando — Fique calma.

Eu respiro fundo, sinto seu perfume, me sinto mais calma. É uma sensação estranha, mas me sinto em casa quando estou em seus braços não importa onde esteja. Só me sinto em paz ao seu lado.

— Está tudo bem? — pergunto em um sussurro — O que aconteceu? O que fez com Sophia?

Sinto seu corpo enrijecer. Eu levanto a cabeça para encontrar seus olhos e noto que ele parece indeciso sobre o que dizer.

— Eu preciso de um drinque — diz Adam, surgindo atrás dele.

Não me passa despercebido o olhar entre eles. O clima está tenso, alguma coisa aconteceu no tempo em que estiveram fora. Aliás, voltaram muito antes do que eu esperava.

— Neil...

O medo turvou minha visão por alguns instantes. O que eles estão tentando esconder de mim?

— Por que não se senta? — diz ele, calmamente.

— Não quero me sentar! — falo com teimosia — Quero saber o que está acontecendo.

— Fale de uma vez — Adam caminha até mim, o copo já quase vazio em sua mão — Ela irá saber de qualquer forma. Não tem por que protelar isso.

— Eu sei — admiti Neil — Você tem que permanecer tranquila. Pense nos bebês.

Ele pousa a mão em meu ventre, que nesse momento, parece estar em festa de tanto que os garotos se mexem. Com certeza estão inquietos devido a minha agitação e nervosismo. Caminho até uma cadeira, apenas por uma questão de precaução. Se Neil está apreensivo em me dizer o que está acontecendo é porque é grave.

— Certo — encaro-o apreensiva — O que aconteceu?

Ele não me responde. Eu espero, e nada. Olho de um a outro, encaro Adam. Ele não diz nada.

— Neil! — resmungo agoniada.

— Sophia está morta! — responde finalmente com raiva — Alguém a matou.

Eu tomei a decisão certa ao me sentar ou eu teria desabado, literalmente. Ainda surpresa com o que ele disse. Fecho os olhos por alguns instantes tentando me manter consciente. As vozes suaves agora estão próximas a mim.

— Neil é o principal suspeito — ouço o tom acusatório de Adam.

Essas palavras soam irreais aos meus ouvidos. Abro os olhos com um grande esforço. O rosto de Neil a centímetros do meu.

— O que? — minha mente tem dificuldade de assimilar o que ele diz.

O que eu mais temi havia se tornado realidade? Isso não pode estar acontecendo. Nós não merecemos isso.

Capítulo 25

Eu não vou mentir, muitas vezes desejei que Sophia morresse, para que nos deixasse em paz de uma vez por todas, mas uma coisa é pensar sobre isso em um momento de raiva e desespero, outra, é viver essa realidade.

— Isso é um absurdo — encaro-o furiosa. É certo que Neil saiu daqui furioso, que já estava saturado de todas ás loucuras daquela doente, mas recuso-me a acreditar que ele tenha feito algo à ela — Neil não faria isso.

— Eu não disse que ele a matou Jenny — diz Adam, passando a mão nos cabelos em um gesto nervoso — Eu disse que ele será obviamente um dos principais suspeitos.

Gemo diante da possibilidade. Em pensar que em questão de dias estaríamos longe de tudo isso. Parece que nossa vida anda sempre em círculos, nunca saímos do mesmo lugar.

— Não se preocupe — Neil segura minhas mãos frias — Tudo vai se resolver, logo estaremos longe daqui.

— Eu não aconselharia a viajar tão cedo — diz Adam.

— Por que não? —balbucio angustiada, parece que meu coração irá sair pela boca a qualquer momento — Neil não fez nada, você sabe disso Adam. Deve haver alguma maneira de provar isso.

— Farei de tudo — anuiu Adam — Por enquanto, evitem a imprensa e qualquer tipo de declaração. Não saiam do país até as coisas serem esclarecidas, isso seria como uma confissão. Também, tentem manter Anne longe de tudo isso.

Aquiesço com a cabeça, somente agora consciente de que ainda não havia perguntado como Sophia havia morrido. Alguém a matou, mas como e por quê?

— Como Sophia morreu? — dou voz ao meu pensamento

Eles voltam a olhar um para o outro, como sempre fazem quando querem me poupar de algo ou esconder alguma coisa.

— Eu vou saber de uma forma ou de outra — olho para Neil com firmeza — Essa mania de vocês é irritante. Eu não sou uma taça de cristal. Acho melhor que eu saiba por vocês.

— Eu não sei muito bem — Neil começa receoso — Eu nem ao menos a vi. Quando cheguei ao prédio, o circo já estava armado. Parece que a empregada encontrou o corpo em uma poça de sangue. Um policial disse que Sophia foi esfaqueada muitas vezes.

As últimas palavras me deixam perplexa e enjoada. Sophia havia sido golpeada até morte. Seria a faca que eu... Isso é um absurdo, e eu não posso nem mesmo levar isso em consideração. Mas há a possibilidade não há?

— Estava errado Adam! Virão atrás de mim — levanto-me mais rápido do que desejei, tudo fica turvo ao meu redor.

Neil me ampara, gemo ao sentir uma contração em meu ventre. Não! Não! Não! Por favor, meu Deus!

— Sente-se! — diz Neil, olhando-me com preocupação — Fique calma, isso não vai acontecer. Ninguém sabe sobre isso e assim que deve ser.

— Que porra que está acontecendo aqui? — diz Adam, furioso — O que eu não estou sabendo?

— Nada importante Adam — murmura Neil.

— Eu estive no apartamento de Sophia essa tarde — respondo a Adam, decidindo fazer a coisa certa dessa vez.

— Jennifer! — Neil me interrompe com frustração.

— Eu tenho que falar — respiro fundo ao sentir uma nova contração — É importante Neil.

— Tudo bem — diz ele vencido — Apenas Adam saberá sobre isso, ninguém mais.

Eu não sei o que ele quer dizer, mas entendo a gravidade da situação. Entendo suas intenções ao tentar me proteger, mas não acho que isso seja possível, não mais.

— O que foi fazer lá Jennifer? — Adam me encara insatisfeito.

Tento me ajeitar no sofá da melhor forma possível, enquanto faço massagens no ventre.

— Geórgia! — grita Neil em direção a cozinha, seus olhos arregalados de preocupação — Ligue para Dra. Moore e peça que venha imediatamente.

— Sim senhor — responde Geórgia antes de sair correndo.

Inspiro e expiro algumas vezes antes de encará-lo, com olhar de reprovação.

— Não precisava chamar a médica...

— Não? — Neil grita para mim — Está praticamente dando a luz nesse sofá e ainda falta mais de um mês. O que eu tenho que fazer é levá-la para o hospital imediatamente.

— Já está passando — falo, respirando fundo.

O desespero que noto em seu rosto me deixa nervosa. Eu não quero ir para o hospital, não agora. Não é teimosia de minha parte, mas não gosto de hospitais. Os piores momentos da minha eu vivi ali. Até mesmo estava insistindo com ele

em um parto caseiro. É obvio, que ele não havia concordado, só o fato de me imaginar em casa dando à luz a esses bebês, o fazia suar frio. Então, para evitar um trauma da parte dele, havia concordado em um parto no hospital, com todos os médicos, equipamentos e enfermeiras que ele desejasse, mas só iria quando fosse estritamente necessário, somente quando eu praticamente estivesse tendo aqueles bebês dentro do carro, a caminho do hospital. O que não o agradou também. Por Neil, eu me internaria duas semanas antes e esperaria a hora chegar.

— Eu prefiro ouvir isso da médica — insiste ele.

Não vou discutir, também desejo ouvir que tudo está bem com meus bebês.

— Jenny, se você está bem, poderia continuar a me dizer o que aconteceu?

Neil caminha até a porta fechando-a, em seguida senta-se ao meu lado, começa a massagear minha coluna e em volta da cintura.

— Sophia me ligou dizendo que estava com a Anne. No começo eu não acreditei, Anne estava na escola, então... — minha voz falha e sinto um nó na garganta. A lembrança de tudo o que aconteceu ainda me perturba muito — Eu ouvi a voz da Anne no telefone...

— Sophia disse que iria machucá-la — respiro fundo — Você sabe que ela era capaz de tudo, Neil — viro-me em direção a ele — Eu tive tanto medo...

Ele me acolhe em seu peito e me despedaço em seus braços.

— Pode chorar querida — sussurra ele entre meus cabelos — Chore se lhe faz bem.

Eu me aperto contra ele, querendo fundir-me em seu corpo.

— Eu me lembrei do que Peter disse sobre o meu celular naquele dia na delegacia — continuo com a voz fraca — Eu tinha certeza que você iria atrás de mim...

— Deveria ter nos avisado Jenny — diz Adam.

— Eu sei... — sento-me de frente a Neil e seguro seu rosto — Eu tinha certeza que me encontraria. Mas, não podia arriscar que ela machucasse a Anne. Perdoe-me...

Solto um soluço angustiado e Neil segura meu rosto entre suas mãos. Às lágrimas contidas nos olhos negros partem meu coração deixando-me desolada.

— Eu sei — diz Neil — Talvez eu fizesse a mesma coisa. Não posso condená-la.

— O que mais aconteceu lá? — pergunta Adam.

— Eu cheguei e Anne não estava lá. Sophia queria apenas me atrair até ali. Nós discutimos e ela me atacou com uma faca...

— Porra! — grita Neil, segurando meu braço com tanta força que sinto que

irá quebrá-lo a qualquer momento — Por que não me disse isso?

— Eu ia contar — ignoro a dor de seus dedos em minha pele — Quando chegássemos à Paris. Eu contaria tudo.

— Continue Jenny — Adam encara Neil com firmeza e me incentiva com impaciência.

— Nós duas brigamos eu... Eu... — sussurro baixinho — Acho que a machuquei, eu não me recordo muito bem, foi tudo tão rápido. Eu peguei a faca para afastá-la de mim, depois eu saí correndo. Só queria sair dali o quanto antes.

O silêncio perturbador toma conta do ambiente.

— Você trouxe a faca? — Adam caminha até a mim — Você trouxe a maldita faca?

— Não! — aperto-me contra o peito de Neil — Joguei no apartamento e saí correndo.

Adam, esfrega o rosto algumas vezes e anda de um lugar a outro na sala. Ele resmunga algumas palavras incompreensíveis.

— Isso não é bom — diz ele — Se você foi à única pessoa a vê-la com vida...

— Eu não a matei Adam! — o desespero toma conta de mim — Como pode pensar isso?

Uma contração, agora mais forte faz-me encolher. Eu sei que todas as evidências apontam para mim, mas não consigo acreditar que ele pense que eu tenha feito algo tão monstruoso.

— Só estou pensando com racionalidade — diz ele — É o meu trabalho.

Neil se coloca de pé e nos encara com olhar determinado, as mãos na cintura enquanto caminha pela sala.

— Só nós três sabemos disso, ninguém mais precisa saber que Jenny esteve lá hoje.

— Não seja ridículo Neil — Adam encara-o abismado — O porteiro deve tê-la visto ou alguém do prédio. Uma mulher grávida não passa assim, despercebida!

— Então dê um jeito nisso! —grita ele furioso — Pague o que ele quiser...

— Nem todas as pessoas são corruptíveis — alerta Adam — Acho melhor pensarmos em uma linha de defesa segura...

— Foda-se Adam!

Agarro seu braço com toda força possível, pois tenho a impressão que ele irá agredir o amigo a qualquer momento. Neil está se sentindo ameaçado, o ataque lhe parece a melhor defesa.

— Adam tem razão — tento trazer sua atenção para mim — Mesmo que esse

homem fique calado não irá adiantar.

Ele esquadrilha meu rosto com olhar intenso e inquisidor.

— O que você quer dizer? Contou a alguém?

Meu equilíbrio está por um fio. O que vou dizer anulará qualquer esperança que ainda possa existir.

— Minhas digitais estão na faca, minha bolsa e o celular ficaram no apartamento de Sophia — murmuro — Cedo ou tarde saberão que estive ali.

— Inferno! — ele geme, angustiado.

Uma batida na porta nos interrompe. Neil caminha até ela e abre apenas uma fresta.

— Sim Geórgia.

— Sr. Durant a Dra. Moore já está aqui.

— Peça que ela entre em dois minutos.

— Sim senhor.

Observo-o encostar contra porta e nos encarar com olhar tempestuoso.

— Conversamos depois — murmura ele — Pense em alguma coisa, e rápido Adam.

Outra batida soa, e Neil abre a porta para que a médica entre.

— Meu Deus! — ela nos encara com expressão abismada — Está uma loucura lá fora. Nunca vi tantos repórteres na minha vida.

Eu tento manter a expressão tranquila, mas diante do que ela me diz, sinto que vou entrar em pânico a qualquer momento.

— Como está querida? — ela caminha em direção a mim, inconsciente do ar carregado na sala — Não ligue para o que dizem do seu marido na televisão. As pessoas adoram fazer um espetáculo sobre a vida dos outros.

— O que dizem sobre mim? — Neil a segura pelo braço com firmeza.

— Bobagens senhor Durant — ela esquiva-se dele — Não levem isso em conta. Deixe-me examinar minha paciente.

Para minha frustração Neil e Adam vão para o canto sala. Tento responder todas as perguntas da médica, mas minha atenção está focada nos dois. Aparentemente Adam não gosta do que Neil está dizendo.

— Foram apenas contrações involuntárias — a médica chama minha atenção — Mas deve ter cuidado.

— Eu terei — sussurro sem desviar os olhos deles.

— Não deve ser fácil com essas acusações sobre seu marido — ela parece pesarosa — Mas com certeza, verão que é apenas um engano.

Eu gostaria de correr até a TV mais próxima para saber o que está

acontecendo, mas não sei se terei estrutura.

— O que dizem? — pergunto a ela, desviando meu olhar de Neil pela primeira vez.

— Não ligue para isso querida...

— Por favor! — insisto — Conte-me, eu vou saber de qualquer jeito.

— Bem... — a médica olha para Neil que está ao telefone em uma conversa acalorada com alguém — Dizem que ele matou a ex-mulher.

— Isso não é verdade! — dou um soco na almofada ao meu lado — Não é!

Adam olha em minha direção, Neil me encara com olhar interrogativo. Dou um sorriso fraco para eles indicando que está tudo bem.

— Eu sei que não é — diz ela, entregando-me um frasco com comprimidos — Tome até que essas contrações passem. Tente ficar em repouso e evite aborrecimentos com a TV, tudo bem?

Balanço a cabeça em concordância e tomo um dos comprimidos que ela me entrega.

— Está tudo bem? — Neil pergunta a médica assim que ela começa a guardar suas coisas.

— Está sim — ela responde com um sorriso sincero — Um pouco de descanso, procurem evitar maiores aborrecimentos e tudo ficará bem.

— Há algum problema se ela for viajar?

Encaro-o perplexa, Adam disse que se viajássemos agora será como dar um tiro no próprio pé. Então, o que exatamente Neil está planejando?

— Bem eu... — balbucia a médica incerta.

— Não agora, claro — Neil sorri para a médica, senta ao meu lado alisando meu braço. Se eu não o conhecesse tão bem, jamais desconfiaria de suas reais intenções — Mas você sabe que viajaríamos em algumas semanas, então...

— Ah sim, eu me lembro — ela sorri de volta — Acho que não há problema. Faça com que ela se cuide e quando isso tudo passar podem viajar, com certeza.

— Obrigada doutora — Neil a acompanha até a porta e escuta as últimas instruções.

Olho para Adam, mas ele desvia os olhos de mim, percebo que ele está mais do que aborrecido.

— O que está acontecendo? — pergunto assim que Neil aproxima-se de nós.

— Seu passaporte não estava na bolsa, certo?

— Não, mas...

— Ainda bem, mas de qualquer forma, acho que ele não terá utilidade no momento — murmura — Ainda temos algumas horas, pegarei tudo o que for

preciso...

— Neil, não faça isso! — Adam interpõe-se em seu caminho — Só irá piorar as coisas. As empresas serão atingidas e...

— Danem-se minhas empresas, já discutimos sobre isso Adam! Porra! — ele interrompe e aponta em minha direção — Olhe para ela! Acha que vai suportar tudo isso? Acha que eu vou suportar vê-la mofando em uma prisão? Eu já estive lá e eu garanto a você, Jennifer não vai sobreviver a isso. Não posso e não vou ver meus filhos nascerem em uma cela suja. Vamos embora e está decidido!

As palavras dele caem sobre mim como um míssil. Eu poderia e enfrentaria muitas coisas: as acusações, as críticas e os olhares de julgamento.

Mas eu não suportaria o momento em que me trancassem em uma cela e consequentemente tirassem meus filhos dos meus braços.

Um grito horrorizado ecoa na sala e dou-me conta que ele veio de mim. A dor que esse pensamento me causou é tão profunda que sinto meus ossos arderem.

Eu farei o que for preciso, mas ninguém, exatamente ninguém vai tirar os meus filhos de mim. Nunca.

Eu não fiz nada, independente do que as pessoas pensem ou julguem. Meu único crime, foi amar incondicionalmente, desde a primeira vez em que nós nos tocamos, naquela noite fria e escura. É incrível, que nos momentos em que você pensa que irá desabar, é justamente nessa hora que encontra forças para lutar por quem ama. É isso que eu vou fazer, não importa o que aconteça, nem o que eu precise fazer para garantir isso.

— Eu farei o que quiser — murmuro abraçando-me a Neil — Irei onde quiser, mas não deixe que tirem meus filhos de mim.

— Ninguém fará isso — ele murmura abraçando-me forte — Eu não permitirei.

Eu não tenho dúvidas.

— Está pronta? — Neil me encara firme.

Eu sei o que ele está me perguntando e não há reticencias quanto a isso. Um dia eu já fui proibida, fui seduzida e agora eu sei que serei protegida por ele. Contra tudo, todos, sempre!

—*Sim!*

Uma espiada em
Por você eu faço tudo,
Terceiro livro da série New York

Prólogo

Pensilvânia dois anos antes...

Odeio despedidas!

Passei a vida inteira me despedindo das pessoas que amo. Aos sete anos, senti pela primeira vez a dor da separação, quando minha mãe me deixou aos berros num orfanato aqui mesmo no estado da Pensilvânia, onde cresci e vivo até os dias de hoje. Com quatorze anos, vi minha melhor amiga Savana ser adotada por um casal sem filhos e logo depois se mudar para Carolina do Norte. Aos dezoito, fui obrigada a deixar o orfanato e dar adeus às boas pessoas que havia conhecido ali e, única família que tive.

Hoje terei que dizer adeus novamente. Dessa vez para meu querido e rabugento chefe Harry. Ainda me lembro do primeiro dia que o conheci. Uma semana após sair do orfanato ainda sem rumo ou direção, sem saber o que fazer da vida e com o que restava dos dólares de auxílio fornecido pelo governo para que me mantivesse nos primeiros meses.

Naquele dia, já havia andado por toda cidade procurando um pensionato que estivesse dentro do meu pequeno orçamento. Dormir para sempre em um mísero quarto de motel, estava fora de cogitação. Encontrar um emprego também não estava sendo nada fácil, sem experiência e nada, é quase impossível. Vivemos dias muito difíceis. Mas, para minha sorte, naquele fim de tarde eu vi a placa em que Harry oferecia um emprego de garçonete e por uma quantidade aceitável, hospedagem em um quartinho em cima da lanchonete.

E foi aqui que passei os meus últimos quatro anos, antes da lanchonete falir e ser tomada pelo banco. Hoje é o último dia de trabalho da equipe que consistia no dono, o rabugento Harry, o cozinheiro e eu.

Ninguém quis admitir que estivesse realmente triste. Embora Harry fosse um rabugento que reclama da vida vinte e quatro horas por dia, também é a pessoa com coração mais doce que já conheci. Na verdade, desconfio que seu jeito rabugento seja uma forma de camuflar seu coração de manteiga. Assim como meu jeito explosivo. Ah, tenho péssimo hábito de falar o que penso, sem medir consequências, mas isso você notará mais à frente.

— Paige! — o grito ecoa do pequeno escritório atrás da cozinha — Anda

logo garota, eu não tenho o dia todo.

Dou risada, tiro o avental pela última vez e me encaminho para o escritório. Tenho ouvido essa frase nos últimos quatro anos.

— O que você quer? — respondo tentando conter o riso, nosso tratamento parece agressivo para outras pessoas, mas para nós é como se fosse um jogo. Após muitas e muitas brigas, nós dois aprendemos a nos dar bem. Confesso que foi difícil dosar seu jeito ranzinza com minha boca impertinente. Eu sou daquelas que não leva desaforo para casa. Não mesmo!

— Pegue esse maldito envelope em cima da mesa — ele aponta para o papel pardo em cima da sua desorganizada mesa, enquanto finge olhar algumas correspondências — Vai ficar parada aí o dia todo?

— O que é isso? — estou surpresa com as notas que vejo lá dentro.

— Depois de ganhar tantas gorjetas nos últimos anos, pensei que soubesse o que é dinheiro? — ele resmunga.

Na verdade, ele está sendo irônico. As poucas pessoas que passam por ali são pão duras demais para deixar alguma gorjeta. Aliás, estamos surpresos pela lanchonete não ter falido antes. Harry é péssimo com números e eu também não pude ajudar muito. O que eu gostava era decoração. Foi daí que surgira meu sonho em ser arquiteta. John acha que sonho demais e que devo me contentar apenas em ter um teto. Às vezes acho que ele tem razão, mas o que é a vida sem sonhar?

— Mas você me pagou ontem — afasto esse último pensamento e devolvo o envelope a ele.

— Considere isso como um bônus — Harry sacode as mãos como se me dispensasse — Agora saia.

— Tem certeza? — pergunto, emocionada — Não vai fazer falta?

— Eu não abri vaga para contadora, garota — ele pigarra, limpando a garganta — Agora saia!

Balanço a cabeça e me viro para porta. Nós combinamos sem lágrimas e sem despedidas. Mas a verdade é que estou arrasada. Outra vez alguém que eu amo está indo embora. Sem me importar com o que me dirá, corro até ele abraçando-o.

— Vou sentir sua falta, Harry.

— Por que você não vem comigo criança? Dakota do Norte é bom lugar para se viver.

— E me amontar na casa da sua filha com marido e os dois filhos? — pergunto, enrugando a testa — não acho que sua filha ficaria feliz com a

situação. Além disso, tenho o John.

— Não sei o que viu nesse sem vergonha? E se já não bastasse isso, há àquela garota.

O sem vergonha, é meu namorado John, conheci-o aqui mesmo na lanchonete, pouco mais de um ano. Loiro, musculoso, olhos azuis e jeito de bad boy. Aquela garota, é Mary Ane, uma antiga colega de quarto do orfanato que eu havia reencontrado. Apareceu há um pouco mais de um mês. Harry não gosta da jovem loira voluptuosa, com suas roupas curtas e insinuantes. Desempregada e sem ter para onde ir, havia me procurado. Não pude recusar ajudá-la. Sei muito bem como é ser sozinha no mundo.

— Não entendo por que não gosta dele e por que têm tanta implicância com Mary Ane?

— Esse rapaz não serve para você, criança. E essa garota... Hum, não gosto nada dela.

— John só precisa de uma chance na vida e Mary Ane de uma mão. Eu me lembro de que se não tivesse me ajudado, no início, nem sei o que eu teria feito.

— Você é uma boa moça Paige, é diferente — Harry alisa meu cabelo — Eu espero que não se decepcione. Se precisar de mim, você sabe onde me encontrar.

—Obrigada Harry — sinto as lágrimas voltarem ao meu rosto.

— Agora vá. Preciso fechar tudo.

Saio dessa vez sem olhar para trás. Sei que um dia voltaremos a nos ver. Talvez, no próximo verão. Sim, até lá já terei um novo emprego. Irei guardar esse dinheiro para viagem, se John souber desse dinheiro irá querer gastá-lo com besteiras, conheço bem suas futilidades e falta de juízo. Pergunto-me quando ele irá crescer.

Deixei parte do pagamento que Harry havia feito no dia anterior, com John, para que ele pagasse hoje o aluguel desse mês. O restante eu guardei na gaveta da cômoda, depositarei no banco no dia seguinte. Agora seremos três desempregados naquele apartamento. Isso me preocupa. Teríamos que viver modestamente até que um de nós arrumássemos um emprego. E apesar do Harry ter sido generoso, o dinheiro que havia me dado não duraria para sempre.

Subo os dois lances da escada com desanimo e tentando não sentir pena de mim mesma. Abro a porta, fico surpresa em encontrar a casa em silêncio. Aparentemente não há ninguém em casa. Talvez tenham ido procurar emprego.

Acendo a luz e fico totalmente abismada com o que vejo.

Vazio!

O apartamento está completamente vazio. Corro para o quarto e tenho a

mesma surpresa. Não há nada, absolutamente nada. Minha cabeça dá voltas e mais voltas. Sento-me no chão e tento controlar a vertigem que me domina.

O que está acontecendo? Onde estão John, Mary Ane e todas as coisas? Não que houvesse muito, quando vim para cá havia apenas uma cama e uma TV, eu trouxe todos os outros móveis. Todos os que comprei nos últimos quatro anos.

Corro até o apartamento do síndico no andar superior. Com certeza ele sabe de alguma coisa. Bato na porta com força, minhas pernas estão trêmulas e minha respiração irregular.

— Ah, tomou vergonha na cara e apareceu? — Craig perguntou, assim que abriu à porta.

— Minha casa está vazia — respondi, ainda tremendo — Onde está o John e o que você fez com nossas coisas?

— Eu? — ele abre a boca parecendo abismado — Não fiz nada. Seu namorado e a loira saíram em um caminhão há meia hora e levaram tudo. Aliás, espero que tenha vindo pagar o aluguel como eles disseram que você faria.

Eles haviam partido? Levaram minhas coisas? O dinheiro do aluguel?

Todas essas informações giram em minha cabeça. A náusea volta a tomar conta de mim com força total e antes que eu possa me conter, tudo que estava em meu estômago sai pela minha boca. Em poucos segundos, tudo vai parar nos sapatos de Craig.

— Que droga! — ele grita com cara de nojo.

— Foram embora? — pergunto, ainda incrédula — Juntos?

— Foi o que eu vi — ele dá de ombros — Agora, pague o aluguel!

Limpo os lábios com as costas da mão, enquanto lágrimas inundam meus olhos. Isso não está acontecendo. Não poderiam fazer isso comigo.

O dinheiro? Além de todas as minhas coisas, levaram o dinheiro do aluguel e pouco que havia sobrado. *Levaram tudo*.

Ira e dor tomam conta de mim. As pessoas sempre iam embora, mas nunca de forma tão leviana e cruel. Minha mãe havia desistido de mim quando eu era pequena, mas pelas poucas lembranças que eu tenho do passado, foi para meu bem. Savana havia partido, porém foi para o bem dela. Harry também vai embora, mas ele não teve outra escolha.

John e Mary Ane me enganaram da pior e mais cruel forma possível. Não haviam levado apenas o dinheiro. Haviam roubado toda minha fé no amor e nas pessoas.

— Então vai me pagar ou não? — Craig encarava-me com raiva— Acho bom fazer isso ou chamarei a polícia.

— Desculpe Craig — murmuro, consternada.

Aperto minha bolsa com força. Não tenho nada, apenas os dois mil dólares de bônus. Daria para pagar o aluguel, mas o que faria depois? Sem casa, sem emprego.

Faço a única coisa que me vem à cabeça. Eu corro. Ouço os gritos furiosos de Craig atrás de mim. Eu não ligo, tudo que quero é sair dali e esquecer. Um dia eu pagaria a minha dívida com ele.

Ainda desnorteada, faço sinal para o primeiro ônibus que vejo. Sento-me no último banco e deixo que as emoções tomem conta de mim. Sentindo-me traída e enganada, juro nunca mais confiar em ninguém novamente.

Capítulo 1

Viagens são cansativas e estressantes. Principalmente as viagens de trabalho. Mas como engenheiro e vice-presidente da Construtora Delaney, eu não tenho escolha. Além disso, o único que poderia me substituir em imprevistos em torno de um grande projeto como a qual estive focado nos últimos dias, é o presidente da companhia, nesse caso meu irmão mais velho Charles. Que nesse momento, está em lua de mel na Itália com a mais nova Sra. Delaney.

Minha cunhada Britney é tudo o que uma socialite precisa ser; linda, fútil e rica. Pelo menos, sabemos que o dinheiro não foi um dos motivos para esse casamento. Ela é muito rica e vem de uma família tão tradicional quanto a minha. Sangue nobre, como diz minha mãe. Que, aliás, sente orgulho por nossa família ser uma das poucas que ainda não foram manchadas com casamentos indecentes. Não lhe importa que em sua maioria tenham sido casamentos arranjados, frustrados, marcados por tragédias e infelizes.

Tudo isso não me importa, na verdade nunca importou. Charles e eu fomos criados para assumir os negócios da família, casar com moças de classe e gerar herdeiros. E assim continuaríamos esse ciclo aborrecido.

Nesse momento, como vice-presidente e bom filho, eu assumi as responsabilidades da empresa como presidente interino. E como tal, minha vida tem sido um verdadeiro inferno, nas últimas duas semanas. Compromissos e mais compromissos. Agora consigo entender porque Charles parece uma bomba relógio prestes a estourar a qualquer minuto. Não que minha vida como vice-presidente seja fácil, mas as decisões finais não estavam em minhas mãos. Agora as pessoas esperam minha opinião para tudo. Além disso, minha noiva Patrice, está cada dia mais frustrada e irritada com minhas ausências. Um fato interessante, pois se há alguém que consegue ser mais controlado que eu, esse alguém é Patrice.

O que posso fazer se nós estamos em meio em um dos mais importantes projetos da empresa? Um dos maiores e mais luxuosos complexos hoteleiros em Dubai, cidade que hoje é o furacão do mundo. Foram investidos US$ 9 bilhões de dólares para torná-lo a construção particular mais cara do mundo. Com 1,9 bilhão de metros quadrados de área, o Delaney Center é um complexo de hotéis, residências e centro comercial sem precedentes. Um inovador e elegante projeto

totalmente desenhado e idealizado por mim, que por si só já exige muito da minha presença a cada avanço. Um alto custo e muito investimento. Frustra-me que Patrice não consiga entender isso.

Com sorte, os problemas que haviam surgido foram resolvidos antes do que imaginei. Agora estou sentado neste taxi enfrentando o trânsito de Nova Iorque dois dias antes do previsto.

Estou a caminho do apartamento de Patrice, passei em casa apenas para deixar a mala e tomar um banho. Pretendo surpreendê-la hoje, com o tão esperado pedido de casamento. Charles voltará em duas semanas e acredito que não há mais motivos para continuar adiando.

Já nos conhecemos há muito tempo. Apesar da última semana, posso contar nos dedos quantas vezes brigamos ou discutimos em quase três anos de relacionamento. Nós dois nos conhecemos por intermédio da minha mãe. Patrice é filha de sua amiga de colégio, que havia casado com um aristocrata francês e fora morar na França. A mãe dela, havia ficado viúva e as duas resolveram voltar para os Estados Unidos. Para minha mãe, Patrice é a candidata perfeita para mim. Linda, loira, cheia de classe e rica. E os dois últimos quesitos é o que realmente importam para minha mãe. Então, para sua felicidade e minha paz de espirito, após sairmos algumas vezes, logo ficamos comprometidos.

Não que eu seja filhinho da mamãe, visto que todas as outras mulheres com quem convivo são iguais ou parecidas com minha mãe e Patrice. Então, eu não me importei em seguir com esse relacionamento. Afinal, mulheres são todas iguais em qualquer parte do mundo. Uma boa conta bancária e elas fariam tudo o que você deseja. Pelo menos, Patrice é bonita, discreta e não fala muito.

O sexo entre nós também é comum como nossas vidas. É muito bom, mas nada fenomenal como o que vemos em filmes e em livros. Aliás, não entendo a mania das pessoas em romantizar essas coisas. Até gostaria de experimentar algumas coisas, mas sempre que tento, Patrice fica horrorizada. Por isso foquei-me no básico, afinal, sexo é uma forma de aliviarmos as tensões do corpo através do prazer.

Meus amigos costumam dizer que sou frio, certinho e controlado demais para apreciar uma boa foda. Mas o que eles entendem sobre isso?

Neil, é casado com uma bruxa descontrolada que faz da vida dele e da filha, um inferno. Peter, é um solteiro convicto que pula de cama em cama antes que possa piscar os olhos. Adam, só pensa em trabalho vinte e quatro horas por dia. Seu irmão, Liam, é o único que se salva, está noivo de uma das modelos mais famosas do país, embora eu ache que seja ainda mais fria e fútil que todas as

mulheres que conheço.

Então, nenhum deles tem moral o suficiente para questionar como vivo minha vida. Que mal há em saber o que se quer da vida? Romantismo é para tolos. A vida é pratica e como tal, eu a vivo.

Antes que eu perceba, o taxi para em frente ao apartamento de luxo no bairro de Manhattan. Dispensei o motorista pelo fim de semana, já que não era previsto que eu voltasse até segunda-feira. Não quis interromper sua folga apenas por que meus planos foram alterados. Bill é um excelente motorista e como tal, merece esses três dias de folga que dei a ele.

Pago o taxista e deixo troco como gorjeta. O homem fica visivelmente feliz e se oferece para esperar até que eu saia, com certeza pensando na gorjeta seguinte. Agradeço à oferta e dispenso-o. Pretendo passar a noite aqui como sempre faço quando venho para o apartamento de Patrice.

Digito o código de segurança e entro no prédio.

— Boa noite — cumprimento o porteiro e percebo que não é o mesmo de sempre.

— Boa noite senhor.

Vou para os elevadores e espero que ele chegue.

— É o novo porteiro? — pergunto, enquanto aguardo.

— Não senhor. Juarez precisou ver a esposa que está tendo bebê, vou substituí-lo por hoje — ele me responde.

— Bom trabalho — respondo e entro assim que as portas do elevador se abrem.

A notícia sobre Juarez me faz lembrar que Patrice e eu nunca conversamos sobre isso. É uma coisa estranha, já que estamos juntos há quase três anos e noivos a mais de um. Creio que hoje seja a noite ideal para conversarmos sobre filhos. Pretendo ter dois filhos no mínimo. Charles e eu, apesar de termos personalidades diferentes, sempre fomos muito unidos na infância. O que nos ajudou a suportar a educação rígida e ausência que tivemos de nossos pais. Tenho certeza que Patrice não se oporá a isso. Sua infância foi mais solitária do que a minha. Não é algo que me choca, todas as pessoas que conheço em nosso meio, cresceram assim, entre colégios internos e acampamentos de férias, claro que sempre há suas exceções, mas essas são pouquíssimas.

O elevador para no sétimo andar. Espero as portas abrirem e saio para o corredor com seus bonitos vasos de plantas. Esse é um dos melhores prédios da cidade, além de bastante caro e elegante. Passo pelas portas com números dourados que identificam os apartamentos e paro no apartamento vinte e oito.

Procuro as chaves em meu bolso e abro a porta, enquanto pergunto-me onde iremos morar? Embora esse apartamento seja glamoroso, é feminino demais para mim. Todo decorado em tons de branco, cinza e lilás. Além disso, gosto do meu, que é confortável e fica nos arredores da empresa, isso me poupa tempo para ir e voltar da empresa, o que, em uma cidade tão movimentada como Nova Iorque, é primordial.

Entro e tropeço em alguma coisa, olho para baixo e vejo que são sapatos femininos e tênis esportivo da Nike. O que esse tênis masculino está fazendo aqui? Vou para sala e encontro um vestido amarelo no chão, o sutiã jogado no sofá e uma garrafa de vinho com taças vazias, na mesa de centro.

Não posso acreditar no que eu vejo. Aquilo não pode ser o que estou imaginando. O sangue gela em minhas veias e, pela primeira vez, sinto que posso perder o controle.

Vou para o quarto no fim do corredor. Paro automaticamente ao ouvir os sons vindos de dentro. A porta está entreaberta e tenho uma visão parcial do que está acontecendo.

— Isso James, com força! Assim...

QUE PORRA É ESSA?

Minha noiva de quatro, sendo fodida por outro homem, enquanto grita como uma vadia.

— Isso gata — ouço-o gemer — Empina esse rabinho pra mim, vai.

Por dez segundos eu observo a cena sem poder acreditar no que acontece ali dentro. Meu sangue que antes estivera congelado, agora queima nas veias.

— Patrice! — urro com fúria.

— Richard! — Patrice me encara com surpresa, atreves do espelho no closet — Richard o que está fazendo aqui?!

— O porteiro não avisou que ele estava subindo — diz o homem a qual ela chamou de James — Ele sempre avisa.

Sem conseguir raciocinar direito, arranco o homem de cima da cama e desfiro um soco em seu rosto. Vejo o sangue jorrar por seu nariz, enquanto ele me encara com expressão de choque. Aqueles dois filhos da puta estavam rindo as minhas custas há muito mais tempo?

— Richard, não é o que está pensando — Patrice se enrola no lençol e vem em minha direção — Eu posso explicar.

Sério?! Não é o que estou pensando? Ela usará isso mesmo? Que tipo de idiota manipulável acha que eu sou? Cacete!

— Dane-se vagabunda! — grito, dando-lhe as costas.

Não estou disposto a dar atenção a nenhum dos dois. Pego essa puta fodendo com outro homem como uma gata no cio e ela me vem com *não é o que estou vendo*. Preciso sair daqui antes que minha vontade de matar os dois, prevaleça à minha razão.

Três anos! Três anos desperdiçados com uma ordinária a qual eu pensava ser uma verdadeira dama. Três anos fazendo planos, criando expectativas de uma vida juntos. Em pensar que hoje a pediria em casamento e até marcaríamos uma data. Como fui idiota e imbecil.

— Richard, espere! — ouço sua voz estridente atrás de mim — Ouça-me.

— Não tenho nada para ouvir Patrice — viro-me para ela com olhar de desprezo — Aliás, nunca mais quero ver sua cara na minha frente.

— Não é o que pensa — Patrice começa a chorar — Ele me seduziu.

Sinceramente, tenho vontade de rir. A sua capacidade ilimitada de me tachar de imbecil é risível. Será que pareço ser tão estúpido assim?

— Acho que isso explica tudo — suspiro e me aproximo dela — Ele a seduziu?

— Sim — ela balança a cabeça.

— Acha mesmo... — seguro seus cabelos e puxo-os para trás com força — Acha mesmo que acredito que seja uma pobre inocente, e que cairia nessa desculpa ridícula?

Empurro-a para longe de mim, sinto-me como se me contaminasse. Vejo-a bater as costas contra parede e cair de quatro a minha frente. Respiro fundo e saio, embora ela mereça uma surra, não sou covarde e não bato em mulheres, mesmo que seja uma vagabunda ordinária.

— Richard! — saio ignorando seus gritos, ferozes. Que se foda. Cadela!

Minha vontade é voltar e dar uma lição nos dois. Minha cabeça ferve e meu estômago está embrulhado, tenho nojo de tudo que presenciei ali.

No entanto, em vez de me sentir com coração partido, eu tenho raiva. A ira correndo por minhas veias, veloz, quente. Não pela traição, mas por me sentir um idiota o tempo todo. Há quanto tempo eles vinham tendo um caso? De acordo com o sujeito, o porteiro a alertava quando eu subia. Nos últimos meses fui pouco a sua casa. Geralmente dormíamos na minha e nas últimas semanas, nem isso. Lembro que a última vez que nos vimos foi antes de viajar. Havia aparecido para levá-la para jantar, para compensá-la após uma discussão. Notei que parecia nervosa assim que entrei, mas achei que ainda estava chateada com minha viagem. Quando na verdade a vagabunda estava encobrindo o amante. Agora entendo porque insistiu em irmos para meu apartamento após o jantar, em

vez de irmos para o seu, queria encobrir as pistas. *Filha da puta, maldita*.

Por isso o porteiro passou a ser tão comunicativo, sempre falando de sua esposa grávida e seus dois outros filhos. Não sou uma dessas pessoas ricas e esnobe que julga as pessoas pelo que têm, sempre o ouvia com simpatia e atenção. Grande tolo eu fui.

No entanto, por incrível que pareça, me sinto aliviado em ter descoberto tudo essa noite, seria muito pior descobrir seu comportamento desprezível se estivéssemos casados e com filhos.

Saio do prédio com pressa, agora me arrependo de ter dispensado o motorista. Após alguns minutos frustrantes, consigo um taxi, entro e passo o endereço. Enquanto o carro entra em movimento e costura pelo engarrafamento, penso em tudo o que aconteceu. A raiva transformando-se em ódio. A vida toda eu fiz o que as pessoas esperavam de mim. A criança educada, o estudante brilhante, o filho perfeito e o noivo fiel. Tudo isso para quê?

Juro que não será mais assim. De agora em diante, farei o que quero, quando e com quem quiser. Que minha família e vida, até então perfeitas, vão para o inferno. Peter tem razão, o que preciso é de uma boa foda. E farei isso com todas as mulheres disponíveis dessa maldita cidade.

****

O taxista estaciona na frente da casa dos meus pais. Com assombro, noto que devo ter passado o endereço sem perceber. Olho para o relógio em meu pulso e vejo que já passam das nove. Sem vontade de atravessar toda cidade novamente e ir para meu apartamento, resolvo entrar e dormir por aqui mesmo.

Pago o taxista e digito o código de segurança. Os portões abrem e entro rapidamente. Observo a enorme mansão branca diante de mim. Vivi aqui até ir para faculdade. Atravesso o imenso jardim e entro pelas portas dos fundos. Por sorte, a porta ainda está aberta, provavelmente a governanta está organizando tudo antes de se recolher para sua casa, nos fundos da propriedade.

Entro na imensa sala de estar e vou para o bar. Faço uma dose dupla de uísque e bebo em um só gole. A bebida imediatamente queima em meu estômago. Faço outra dose e ouço uma voz atrás de mim.

— Descontando a raiva na bebida, como seu pai? — minha mãe fala, atrás de mim.

— Hoje acho que sim — respondo, dando de ombros.

Não quero falar no assunto. Os acontecimentos de hoje foram fodidos o suficiente para que eu tenha que adicionar meu pai e seus problemas com a

bebida.

— Patrice me contou o que aconteceu? — minha mãe senta no sofá próximo a mim e me encara com naturalidade — Acho que está sendo dramático demais, não acha?

Dramático? A porra da minha noiva me chifra e minha mãe acha que estou sendo dramático?

— Eu realmente estou ouvindo isso? — pergunto, abismado. Sempre fiquei surpreso com minha mãe e sua atitude fria, mas dessa vez ela se superou — A vagabunda me trai e eu sou dramático?

— Vai me dizer que você também não a traía — ela sorri, ironicamente.

— Claro que não, porra! — grito batendo o copo sobre o balcão. Ela parece surpresa com o que eu disse.

— De qualquer forma, um dia fará isso — volta a ter um semblante indiferente — Espero que se lembre desse dia. Devem ignorar isso e seguirem em frente. Essas coisas acontecem...

— Está me dizendo para perdoá-la, mamãe? — estou cada vez mais abismado.

— Francamente, vocês homens, acham que podem tudo e nós mulheres não podemos ter nossos deslizes — ela resmunga — Esqueça isso e continuem a vida.

— Patrice vem me traindo a mais de um mês pelo que sei, mamãe, como pode me pedir que esqueça isso? — falo furiosamente — Não foi apenas um deslize.

— Isso acontece Richard, além disso, você não vinha dando tanta atenção a ela.

— Eu estava cuidando da maldita empresa. *Hoje*, iria pedi-la em casamento. E o que acontece? — digo, frustrado — Pego-a na cama com outro!

Então minha noiva me trai e a culpa ainda é minha, por não ter dado devida atenção a ela.

— Vá dormir, Richard — minha mãe suspira — Amanhã estará mais calmo e pensará com clareza. Patrice cometeu um erro, mas não deve pagar a vida toda por isso. Seu pai também me traiu antes e depois do casamento.

Esfrego o rosto desanimado. É exatamente por esse motivo que sempre fui fiel a Patrice, não queria um casamento como os dos meus pais. Sei que grande parte da frieza de mamãe deve ter sido causada pela infidelidade dele e seu vício no álcool.

— Sinceramente, não posso ouvir mais nada — caminho até a porta, com raiva.

— Aonde você vai? — noto tom de preocupação em sua voz, mas ignoro. Alguns segundos atrás eu precisei que ela fosse uma boa mãe, e ela não foi.

— Acho que não importa.

Vou para garagem e entro no antigo conversível de Charles. Ando pela cidade sem rumo. Ainda estou irritado com que minha mãe me disse. O que será que corre em suas veias? Ela seria a última pessoa no mundo que deveria pedir que eu perdoasse Patrice.

Nesse momento, meu telefone toca. Embora não tenha vontade de falar com ninguém, atendo sem tirar o olhar da estrada. Pode ser algo importante, deixo meu lado racional falar por mim, mais uma vez.

— Alô.

— Richard?

— Neil? — pergunto confuso. O que ele queria?

— Sua mãe me ligou, disse que haviam discutido e que saiu de casa com raiva. Você está bem?

— É complicado explicar — murmuro.

— Escuta, Anne foi para casa dos meus pais — me diz. — Por que não compra algumas pizzas no caminho e vem para cá, tomamos umas cervejas e conversamos.

Estou divido entre aceitar ou me enfiar em um bar e beber até cair. Porém, se há alguém que conseguiria me entender, esse alguém é o Neil. Tinha uma mãe tão complicada quanto a minha. Além de Sophia, que eu acho ser uma cadela.

— Tudo bem, eu estou indo — respondo, desligando em seguida.

Duas horas depois e muitas cervejas, termino de relatar tudo o que havia acontecido. Apesar de me ouvir com atenção, ele não me parece chocado e nem me olha com ar de piedade.

— Em partes sua mãe tem razão...

— O que? — interrompo-o chocado — Também acredita que devo perdoá-la?

— Não — ele murmura — Apenas se quiser, mas as pessoas cometem erros, Richard. Eu tenho os meus. E olha você ficaria chocado se soubesse. Mas também temos que assumi-los e aceitar as consequências de nossas ações. Se você deseja pôr um fim a essa relação, faça-o. Patrice que conviva com o que fez.

Dou um longo gole na cerveja. Tento refletir sobre o que ele diz. Sim, as pessoas erram, mas deslealdade é algo que não aceito. Patrice sempre foi cheia de frescuras na cama comigo e no entanto, parecia uma meretriz com aquele cretino.

— Também não sou o mais indicado para dar conselhos, veja o meu casamento — ele encolhe os ombros e continua — Se é que posso chamar de casamento. Cada um tem sua própria vida. Seus casos.

— Sim, mas foi um acordo entre vocês dois. Não houve traição. Estão juntos por Anne.

— Eu estou com ela por Anne. Ela por capricho ou sei lá o que — ele suspira — Cada vez que Sophia interrompe o tratamento e agride Anne é um tipo de traição para mim — Neil se queixa — Depende do ponto de vista.

Até hoje não entendo seu casamento com Sophia. Apesar de eu conhecê-lo há quatro anos, e bem depois de seu casamento, não consigo entender por que ainda mantem esse casamento, no mínimo, ridículo.

— Por que não tira umas férias? Viaje para pensar um pouco — ele propõe.

— Acabei de voltar de viagem — murmuro, seco — A última coisa que quero é fazer outra. Além disso, Charles só voltará em duas semanas.

— Dane-se seu irmão! — diz ele, irritado — Ele que encurte a viagem. Tenho uma cabana em Vermont, vá para lá e descanse, volte quando toda essa merda em torno de você tenha passado.

— Não posso fazer isso com Charles — respondo — Mas aceito a oferta para daqui a duas semanas.

— Você quem sabe — ele termina sua cerveja — Vou deixá-lo sozinho para que pense. Sabe onde é o quarto de hóspedes.

Agradeço sua oferta e sensibilidade em me deixar sozinho com meus pensamentos. Foi bom conversar com alguém que consegue entender toda essa sujeira, sem críticas e julgamentos. Neil é um cara legal, merece ser feliz, bem longe de Sophia e todas as mulheres ordinárias que existem por aí. Afinal de contas, no fundo são todas iguais. Todas são falsas e dissimuladas.

É obvio que não me tornarei um celibatário frustrado, ainda sou muito jovem para isso. Pelo contrário, a partir de agora viverei para o prazer. O meu, é claro.

Entorno os últimos goles de cerveja e vou para o quarto de hóspedes com esse pensamento em mente. Nada de ideias tolas como casamento e família. Filhos? Não. Charles está aí para isso, dar continuidade a família. Como minha mãe deseja. Chega de ser o cachorrinho. Agora só quero diversão. Afinal das contas, Patrice havia me feito um favor! O homem controlado e metódico, deu lugar a um bad boy ávido por novas aventuras.

Autora

Elizabeth Bezerra, taurina, nascida em São Paulo. Leitora, sonhadora, sentimental. Já se aventurou no mundo das fanfics, após a resposta carinhosa dos leitores decidiu transformar o sonho em realidade. Ama viajar e conhecer novas pessoas, pessoalmente ou através das redes sociais.
Saiba um pouco mais sobre a autora em seu blog: Meus livros – Meus Romances
Ou participe do grupo no facebook
https://www.facebook.com/groups/meuslivrosmeusromaces/